

DANIELLE STEEL



UM LONGO CAMINHO PARA CASA





UM LONGO CAMINHO PARA CASA

The Long Road Home

Danielle Steel

Copyright © 1998 by Danielle Steel
Título original: The Long Road Home
ISBN: 850105304X
Tradução de Raquel Zampile

Record
2000

Versão ePub: AZ

Sinopse

Aos sete anos de idade, Gabriella Harrison se sente um estorvo na vida dos pais. Ela acredita, segundo lhe dizem, que é a culpada pelo rancor da mãe e pelo fracasso de seu pai ao tentar protegê-la. Seu mundo é uma mistura confusa de terror, traição e dor. E seus familiares, na vida aristocrática que levam, não conhecem limites nem respeito por ninguém. Depois do fracasso do casamento deles e seu abandono para ser criada num convento, o único refúgio da menina é o que ela escreve. Quando resolve se tornar freira, uma grande reviravolta está prestes a acontecer. Gabriella se envolve com um padre e se vê novamente numa situação de conflito e sofrimento.

Após uma terrível tragédia que os envolve, a jovem vai para Nova York e, como única forma de se sentir definitivamente liberta dos traumas e problemas que a assombram, decide encarar o passado de frente.

Às crianças que morreram, tanto aquelas de que tomamos conhecimento, quanto as de que deveríamos tomar. E às que sobreviveram e conseguiram sair daquele lugar horrível onde tinham a consciência de que suas vidas e suas almas estavam em perigo constante... os filhos de uma guerra que, mais do que qualquer outra, deveria nos fazer chorar.

Que possamos nos tornar sábios e bravos o bastante para protegê-las. Que nenhuma outra criança venha a morrer por omissão de nosso amor, nossa coragem e nossa misericórdia.

E para Tom, que me deu coragem suficiente para dizer essas coisas.

*De todo meu coração
e com todo meu amor.
d. s.*

CAPÍTULO 1

Um relógio tiquetaqueava ruidosamente no corredor, enquanto Gabriella Harrison permanecia em silêncio, na escuridão absoluta do closet repleto de casacos pesados, que arranhavam seu rosto quando ela comprimia o corpo magro de seis anos o mais que podia entre eles. Ela tropeçou num par de botas de inverno da mãe, ao tentar ir mais para o fundo do closet. Sabia que ali ninguém a encontraria. Já se escondera antes nesse lugar, que sempre fora um bom esconderijo, onde nunca pensavam em procurá-la, principalmente agora, no auge do verão nova-iorquino.

O ar era asfíxiante ali; os olhos arregalados no escuro, a menina esperava, mal ousando respirar, enquanto ouvia passos abafados aproximando-se a distância. O ruído áspero dos saltos da mãe retumbou ao passar diante da porta, como um trem expresso cruzando estrondosamente a cidade; ela quase podia sentir com alívio o ar soprar seu rosto, dentro do *closet* abarrotado. Gabriella permitiu-se respirar novamente, por um breve instante, e então tornou a prender o fôlego, como se até mesmo o som de sua respiração pudesse atrair a atenção da mãe. Já aos seis anos, ela sabia que a mãe tinha poderes sobrenaturais. Que podia encontrá-la em qualquer lugar, quase como se fosse capaz de detectar seu cheiro, a atração da mãe ao filho inevitável, fatal, os olhos profundos e castanho-escuros capazes de tudo ver, tudo saber. Gabriella sabia que, independente de onde se escondesse, a mãe acabaria por encontrá-la. Mas se escondia assim mesmo, pelo menos tinha de tentar, para escapar da mãe.

Gabriella era pequena para sua idade, o tamanho e o peso abaixo da média, e tinha um quê de duende, com imensos olhos azuis e os cachos louros e macios. As pessoas que não a conheciam bem diziam que parecia um anjinho. Tinha um ar assustado a maior parte do tempo, como um anjo que houvesse caído na Terra, sem saber o que esperar daqui. Nada do que havia encontrado em seus breves seis anos de vida era o que poderiam lhe ter prometido no céu.

Os saltos dos sapatos da mãe tornaram a passar por ali matraqueando, pisando o chão com mais força dessa vez. Gabriella soube instintivamente que a busca havia se intensificado. O *closet* de seu próprio quarto a essa altura já estaria revirado, assim como também o armário debaixo das escadas, atrás da cozinha, o alpendre fora da casa, no jardim. Moravam numa casa estreita no East Side, com um jardim pequeno e bem-cuidado. A mãe odiava o trabalho de jardinagem, mas um japonês vinha duas vezes por semana para aparar as plantas, cortar o pequeno trecho de grama e manter o jardim em ordem. Mais do que qualquer outra coisa, a mãe odiava bagunça, odiava barulho, odiava sujeira, odiava mentiras, odiava cachorros e, acima de tudo, Gabriella tinha motivos para suspeitar, odiava crianças. As crianças mentiam, dizia a mãe, faziam barulho e estavam sempre sujas. A toda hora, ela mandava que Gabriella não se sujasse, que ficasse em seu quarto e que não incomodasse ninguém. A menina não tinha permissão para ouvir rádio ou brincar com lápis de cores, pois, quando o fazia, sempre deixava tudo sujo da tinta dos lápis.

Certa vez, tinha estragado seu melhor vestido. Isso fora quando o pai estava longe de casa, num lugar chamado Coréia. Ele ficara dois anos por lá e voltara no ano anterior. Ainda tinha um uniforme num canto do fundo do armário, Gabriella vira uma vez, quando estava se escondendo. Os botões eram brilhantes e lustrosos, e o tecido arranhava. Nunca vira o pai vestido com ele. Seu pai era um homem alto e magro, e bonito, com olhos da mesma cor dos seus, cabelos louros, também como os seus, só um pouquinho mais escuros. E, em sua volta da guerra, pensou que ele parecia o Príncipe Encantado da história da Cinderela. A mãe parecia-se com a rainha de alguns dos livros de história que Gabriella lia. Era bonita e elegante, mas estava sempre zangada. Coisinhas pequenas importunavam-na muito, como a maneira de Gabriella comer, principalmente quando espalhava migalhas por toda parte ou derrubava um copo. Uma vez, derramara suco no vestido da mãe. Fizera muitas coisas nesses anos que não deveria fazer.

Lembrava-se de todas elas, sabia o que eram e esforçava-se para não repeti-las, mas não podia evitar. Não queria aborrecer ninguém, não queria que a mãe ficasse zangada com ela. Não era de propósito

que se sujava, deixava as coisas caírem no chão ou esquecia o chapéu na escola. Eram acidentes, ela sempre explicava, os olhos imensos implorando misericórdia à mãe. Mas, por mais que se esforçasse, por algum motivo as coisas erradas sempre aconteciam.

Os saltos altos e finos tornaram a passar pelo closet, desta vez mais devagar, e Gabriella sabia o que isso significava. A busca estava chegando ao fim. Restava o último dos esconderijos, e agora era apenas uma questão de tempo antes que a mãe a encontrasse. A criança com os olhos imensos pensou em entregar-se, às vezes a mãe lhe dizia que não teria sido punida se tivesse tido coragem bastante para fazê-lo. Na maioria das vezes, porém, ela não tinha. Tentara aquilo uma ou duas vezes, mas era sempre tarde demais, dizia a mãe; se tivesse confessado antes, teria sido diferente. Teria tudo sido diferente se Gabriella se comportasse adequadamente, se respondesse quando lhe falavam, ou não falasse quando não lhe dirigiam a palavra, se mantivesse seu quarto limpo, se não empurrasse a comida para lá e para cá no prato, fazendo com que as ervilhas caíssem pelas bordas e deixando manchas de gordura na mesa.

Se ao menos Gabriella pudesse aprender a se comportar, responder apenas quando lhe falassem e não arranhar os sapatos no jardim. A lista de suas falhas e transgressões era interminável. Ela sabia muito bem o quanto era horrível, o quanto fora má durante toda a vida, o quanto eles a amariam se ela apenas fizesse o que lhe mandavam; e sabia também que não a amavam por causa dos constantes desgostos que lhes causava. Era uma criança má, tinha consciência, uma triste decepção para os pais, e isso a afligia muitíssimo. Saber disso era o fardo esmagador que vinha carregando por toda a sua curta existência. Teria feito qualquer coisa para mudar isso, para conquistar o amor e a aprovação deles, mas até agora nada fizera além de desapontá-los. A mãe deixava isso bem claro para ela o tempo todo. E o preço que Gabriella pagava era o lembrete constante de suas falhas.

Os passos agora pararam diante da porta do closet, e, durante um breve momento, fez-se um interminável silêncio antes que a porta se abrisse de supetão. A luz filtrou-se por entre as roupas, penetrando as entranhas do armário, onde Gabriella se escondia, e ela fechou os olhos,

como para se proteger contra a claridade. Era uma fresta mínima de luz estendendo-se em sua direção, através dos casacos, mas para Gabriella parecia a luz radiante da vulnerabilidade. Podia sentir o perfume forte da mãe no ar e pressentir sua proximidade.

O farfalhar da saia que a mãe usava era como um ruído de advertência para Gabriella, e então, lentamente, os casacos foram afastados, deixando à mostra o fundo do closet. E por um longo e silencioso momento, os olhos de Gabriella encontraram-se com os da mãe. Não houve qualquer som, nenhuma palavra trocada entre elas. Gabriella sabia que era melhor não explicar, pedir desculpas ou mesmo chorar. Seus olhos já enormes pareceram ficar maiores do que o rosto, enquanto via a fúria inevitável crescer nos olhos da mãe. Então, com um gesto único e sobre-humano, a mão da mãe investiu em sua direção, agarrou-a por um dos braços, levantou-a do chão e puxou-a para a frente com tamanha velocidade, que o ar pareceu deixar os pulmões de Gabriella com um pequeno silvo, enquanto ela aterrissava, vacilante, de pé, perto da mãe.

E, num instante, veio o primeiro golpe, jogando-a ao chão com tamanha força que deixou a criança sem fôlego. Não se ouviu gemido de dor, nenhum som em absoluto, quando a mãe golpeou com força o alto de sua cabeça, tornando-a puxá-la com uma das mãos, para pô-la de pé novamente, e esbofeteá-la com toda a força com a outra mão. Para Gabriella, o som do tapa foi ensurdecedor.

— Você está se escondendo outra vez — gritou a mulher alta e magra para Gabriella.

Ela quase chegava a ser bonita, e poderia mesmo sê-lo, se houvesse algo diferente em seus olhos, outra coisa que não fosse a fúria desenfreada estampada em seu rosto. Seus cabelos escuros e compridos estavam presos num coque frouxo. Era elegante e graciosa, e tinha uma silhueta adorável. O vestido que usava era bem cortado, uma peça cara de seda azul-marinho. E, nos dedos, usava dois pesados anéis de safira, que, nesse momento, tinham deixado sua marca no rosto de Gabriella, como já haviam feito antes.

Havia um pequeno corte na cabeça da menina e marcas de um vermelho vivo onde seu rosto fora esbofeteado, um vergão produzido por um dos anéis já visível na bochecha. Eloise Harrison bateu na orelha direita da menina e então a sacudiu, segurando-a pelos braços, gritando diante de seu rosto minúsculo e devastado.

— Você está sempre se escondendo! Sempre nos causando problemas! Está com medo do que agora, sua menina mimada? O que foi que você fez? Fez alguma coisa errada, não foi? É claro que fez... por que outro motivo estaria se escondendo no closet?

— Eu não fiz nada... eu juro... — As palavras mal passavam de um sussurro, enquanto Gabriella arfava, lutando para respirar. Os golpes pareciam tirar-lhe todo o ar, roubar toda a vida de sua alma, enquanto ela olhava para a mãe, implorando, os olhos cheios de lágrimas. — Me desculpe, mamãe... Me desculpe...

— Não, não desculpo... Porque você nunca se arrepende de verdade, não é? Você me deixa enlouquecida o tempo todo, fazendo coisas estúpidas como se esconder... O que você espera de nós... sua infeliz? Meu Deus, não posso acreditar no que eu e seu pai temos de aturar... — Então empurrou a criança para longe dela, e Gabriella deslizou sobre o piso bem encerado, indo parar a alguma distância, mas não longe o bastante, e um sapato de camurça azul e salto alto chutou com fúria cega a coxa pequena e magra que tremia. Os hematomas maiores ficavam sempre nas pernas e braços, no corpo, onde não podiam ser vistos pelos outros. O dano causado ao rosto sempre desaparecia em algumas horas. Era como se a mãe soubesse instintivamente onde aplicar os golpes. Afinal, tinha prática bastante para isso. Vinha fazendo aquilo havia anos. Praticamente toda a vida de Gabriella.

Não houve remorso ou palavras de consolo para a menina caída aos seus pés. Nenhum esforço para se desculpar ou para tranquilizá-la. Gabriella sabia que, se se levantasse rápido demais, poderia despertar a fúria da mãe novamente, assim ficou ali esperando por um longo tempo, a cabeça baixa, o rosto encharcado pelas lágrimas silenciosas, ainda se encolhendo devido aos golpes recebidos. Gabriella sabia que

erguer o rosto manchado pelas lágrimas para a mãe só a deixaria mais furiosa, assim manteve os olhos voltados para o chão, como se pudesse desaparecer, ficando ali deitada para sempre.

— Levante-se... o que está esperando? — As palavras agressivas, seguidas por outro puxão no braço e um último golpe na lateral da cabeça. — Meu Deus, Gabriella... eu odeio você... sua menina patética... olhe como você é nojenta... está toda suja... olhe a sua cara! — De repente, sem mais nem menos, duas manchas de sujeira haviam aparecido, misturadas às lágrimas, no rosto angelical.

Qualquer um com um mínimo de humanidade teria sido tomado por intensa agonia vendo-a assim, mas não sua mãe. Eloise Harrison era uma criatura de outro mundo, e tudo menos o que se poderia chamar de mãe. Abandonada pelos pais ainda muito pequena, mandada para morar com uma tia em Minnesota, vivera num mundo frio e solitário com a tia solteira, que mal lhe dirigia a palavra e que, na maior parte do tempo, a obrigava a carregar lenha ou limpar a neve com uma pá nos invernos rigorosos. Estavam em plena Depressão então, seus pais haviam perdido quase todo o dinheiro que tinham e foram para a Europa viver do pouco que lhes restava. Não havia lugar para Eloise em seu mundo, ou em seus corações. Havia perdido o filho, irmão de Eloise, devido à difteria, e nenhum dos dois sentia grande afeição pela filha. Eloise ficara com a tia em Minnesota até completar dezoito anos, quando então voltara a Nova York para morar com primos. Reencontrara John Harrison aos vinte anos e casara-se com ele dois anos depois. Conhecera-o em criança, quando era amigo de seu irmão. E os pais dele haviam sido mais felizes do que os dela. Sua fortuna permanecera intacta durante a Depressão. Bem-nascido, bem-criado, bem-educado, embora sem grande ambição ou força de caráter, John arranjara um emprego num banco e reencontrara Eloise pouco depois. Ficara imediatamente deslumbrado com sua beleza.

Eloise era bonita então, e jovem, uma beldade, podia-se dizer, e havia nela uma certa frieza que o deixava enlouquecido. Ele pedia, implorava, cortejava, desejava desesperadamente casar-se com ela, e quanto mais insistia, mais arredia ela se mostrava. Foram necessários praticamente dois anos para que a convencesse a tornar-se sua mulher.

John quisera filhos quase que de imediato, comprara uma linda casa para ela, e tinha tanto orgulho dela que quase explodia de satisfação sempre que a apresentava a alguém. Mas levou mais dois anos para convencê-la a ter um bebê. Ela sempre dizia que precisava de mais tempo. E, embora nunca houvesse dito isso abertamente, ter filhos não era o que de fato queria. Sua própria infância fora tão desagradável que não se sentia particularmente atraída pela ideia de ter filhos. Mas aquilo significava tanto para John, que ela acabou cedendo. E arrependeu-se quase imediatamente depois.

Teve uma gravidez difícil, com enjoos violentos até perto do fim, e o parto foi um horror que ela soube que nunca mais se repetiria e de que ela sempre se lembraria. Na mente de Eloise, apesar da adorável trouxinha cor-de-rosa que puseram em seus braços no dia seguinte, aquilo simplesmente não valia a pena. E desde o início aborrecia-a ver quanta atenção John dedicava ao bebê. Era o tipo de paixão que ele um dia tivera por ela e, de repente, o marido só parecia pensar em Gabriella... se ela estava agasalhada o bastante... se não estava com frio... se comera... se alguém trocara a fralda da menina... se Eloise vira o quanto era doce o seu sorriso... Ele pensava que era impressionante o quanto ela se parecia com a mãe dele. Só de ouvi-lo, Eloise tinha vontade de gritar todas as vezes em que via a filha.

Rapidamente ela voltou às suas próprias atividades, indo às compras, aos chás vespertinos e aos almoços com as amigas. E, mais do que nunca, ela queria sair todas as noites. Não tinha absolutamente qualquer interesse no bebê. Ela admitiu para várias das mulheres com as quais jogava bridge nas tardes de quarta-feira que considerava a criança incrivelmente entediante e bastante repulsiva. E a forma como ela falava sempre as divertia. Ela era tão franca, que as outras mulheres achavam engraçado. Na realidade, ela mostrava-se menos maternal do que nunca.

John, porém, estava convencido de que ela aos poucos iria se acostumar. Algumas pessoas simplesmente não tinham jeito com bebês, dizia ele a si mesmo sempre que a via com Gabriella. Ela ainda era muito jovem, estava com vinte e quatro anos, e era muito bonita. Ele tinha certeza de que, quando o bebê começasse a fazer mais gracinhas,

rapidamente conquistaria a mãe. Mas esse dia nunca chegou, não para Eloise, ou para Gabriella. Na verdade, quando Gabriella começou a engatinhar por toda parte, puxando as coisas, ficando de pé junto à mesinha de centro e atirando os cinzeiros no chão, quase enlouqueceu a mãe.

— Meu Deus... olhe a bagunça que essa criança faz... Está sempre derrubando e quebrando as coisas, e tem sempre alguma coisa nela suja...

— Ela é só um bebê, El... — dizia ele delicadamente, tomando Gabriella nos braços e abraçando-a, e então colando os lábios à barriga da filha, fazendo um ruído que a divertia.

— Pare com isso, que coisa mais nojenta! — repreendia-o Eloise, severamente, olhando-o com repulsa.

Ao contrário de John, Eloise quase nunca tocava a filha. Uma babá que tiveram no início compreendera tudo rapidamente e partilhara suas conclusões com o pai da menina. Ela disse que Eloise tinha ciúmes da filha. Aquilo pareceu ridículo a John, mas, com o tempo, ele começou a ter dúvidas. Todas as vezes em que falava com a menina, ou a colocava no colo, Eloise ficava zangada. E quando Gabriella estava com dois anos, Eloise batia em suas mãozinhas todas as vezes em que as estendia para tocar alguma coisa na sala de visitas ou no quarto dos pais. Ela achava que Gabriella deveria ficar restrita ao seu quarto e expressava essa sua opinião.

— Não podemos trancá-la lá em cima — objetava John quando a encontrava em seu quarto, sempre que chegava em casa depois do trabalho.

— Ela destrói tudo — respondia Eloise, como sempre parecendo zangada.

Mas ficou ainda mais furiosa quando John fez um comentário sobre como o cabelo de Gabriella era bonito; e seus cachinhos, adoráveis. Foi no dia seguinte que Gabriella cortou os cabelos pela primeira vez. Eloise levou-a ao salão com a babá e, quando retornaram, os cachinhos haviam desaparecido. E quando John expressou sua

surpresa, Eloise explicou que cortar o cabelo era bom para a saúde da menina.

A rivalidade começou a tornar-se séria quando Gabriella aprendeu a falar frases e corria pelo corredor, soltando gritinhos para ver o pai. Pressentindo o perigo próximo, em geral ela passava ao largo da mãe. Eloise mal conseguia se conter enquanto observava John brincar com a menina, e quando ele finalmente começou a criticá-la pelo pouco tempo que passava com a filha, um abismo começou a crescer entre Eloise e o marido. Estava cansada de ouvi-lo queixar-se com ela por causa do bebê. Em sua opinião, aquela era uma atitude pouco masculina e, honestamente, repugnante.

A primeira surra de Gabriella aconteceu quando ela estava com três anos, numa manhã em que acidentalmente a menina derrubou um prato da mesa do café da manhã, quebrando-o. Eloise estava sentada pouco à vontade ao lado dela, tomando seu café. E, sem hesitar, no instante em que o prato caiu, ela estendeu o braço e esbofeteou a menina.

— Nunca mais faça isso... entendeu? — Gabriella ficara simplesmente fitando-a, os olhos cheios de lágrimas, o rostinho uma máscara de choque e mágoa. — Você está me ouvindo? — tornou a gritar para a menina. A essa altura, os cachinhos já haviam reaparecido, e os imensos olhos azuis fitavam a mãe, confusos. — Me responda!

— Desculpe, mamãe... — John acabara de entrar na sala e via o que estava acontecendo com incredulidade, mas estava tão chocado que nada fez para impedir. Receava interferir e tornar as coisas ainda piores.

Ele nunca vira Eloise tão furiosa. Três anos de raiva, ciúme e frustrações vinham à tona como um vulcão que havia muito ameaçasse entrar em erupção.

— Se fizer isso de novo, Gabriella, vou dar uma surra em você! — disse Eloise de modo ameaçador, sacudindo a criança pelos braços até os dentes dela começarem a bater. — Você é uma menina muito, muito má, e ninguém gosta de crianças más. — Gabriella olhou do rosto da mãe, tomado pela fúria, para o pai de pé junto à porta, mas este nada

disse. Teve medo de dizer. E, assim que Eloise percebeu sua presença, tomou a criança nos braços e levou-a de volta para o quarto, deixando-a lá, sem o café da manhã. Deu-lhe um tapa com força no traseiro antes de sair. Gabriella estava deitada na cama, soluçando, quando a mãe saiu para voltar à mesa do café.

— Não era preciso fazer aquilo — disse John, baixinho, quando Eloise veio tomar mais uma xícara de café.

Ele percebeu que suas mãos estavam trêmulas e que ela ainda parecia zangada.

— Se eu não fizer isso, você um dia acabará com uma delinquente juvenil nas mãos. Disciplina é uma coisa boa para as crianças.

— Os pais de John haviam sido bons para ele, que ainda estava perplexo diante da reação de Eloise. Mas ele também tinha consciência de que a filha a deixava extremamente nervosa. Eloise nunca mais fora a mesma depois do nascimento de Gabriella e atualmente estava sempre aborrecida com ele por causa de alguma coisa. Suas esperanças de ter uma família grande e feliz tinham desaparecido havia muito.

— Não sei o que ela fez para aborrecê-la, mas não pode ter sido assim tão terrível — disse ele, com calma.

— Ela jogou um prato no chão de propósito e o quebrou. Não vou aturar pirraça! — replicou Eloise, com aspereza.

— Talvez tenha sido um acidente — disse ele, tentando apaziguar, mas conseguindo apenas piorar a situação. Nada havia que pudesse dizer em defesa da filha. Eloise simplesmente não queria ouvir.

— Disciplinar Gabriella é meu dever — afirmou Eloise, entredentes.

— Eu não lhe digo como dirigir o escritório — acrescentou, e então deixou a mesa.

Dentro de seis meses, "disciplinar" Gabriella tornou-se uma tarefa de tempo integral para a mãe. Havia sempre um novo crime que a menina cometera que exigia um bofetão, uma surra ou uma sessão de palmadas: brincar no jardim e sujar os joelhos na grama, brincar com o gato do vizinho e arranhar os braços ou sujar o vestido; cair na rua e

ferir os joelhos e sujar todo o vestido e as meias de sangue fora uma ofensa particularmente abominável, que lhe custara a surra mais séria até ali, pouco antes de seu quarto aniversário.

John sabia dos castigos físicos e muitas vezes os presenciava, mas achava que nada havia que ele pudesse fazer para impedir Eloise, e até mesmo consolar a menina depois tornava as coisas piores, e então era mais simples aceitar as explicações de Eloise sobre as razões por que ela tinha de bater, esbofetear ou surrar a filha. No fim, ele chegou à conclusão de que era melhor nada dizer e tentava não pensar no que estava acontecendo a Gabriella. Tentava dizer a si mesmo que talvez Eloise estivesse certa. Ele não sabia. Talvez uma rígida disciplina fosse boa para as crianças, se era o que ela dizia.

Seus pais haviam morrido num acidente de automóvel, e não havia ninguém com quem ele pudesse falar, ninguém a quem ousasse contar o que Eloise fazia com a filha. Gabriella certamente era uma criança exemplar; ela mal falava, limpava a mesa cuidadosamente, dobrava as roupas com cuidado em seu quarto, fazia tudo que lhe mandavam e nunca respondia com insolência à mãe. Talvez Eloise tivesse *razão*. Os resultados eram com certeza impressionantes. E quando ela se sentava à mesa das refeições com os pais, os olhos pareciam imensos em seu rosto e ela permanecia em completo silêncio. Era lamentável apenas que o pai viesse a confundir pavor com boas maneiras.

Mas aos olhos menos generosos de Eloise, Gabriella estava sempre muito aquém da perfeição. Havia sempre um motivo a mais para repreendê-la, puni-la ou uma nova razão para lhe dar umas "palmadas". As surras passaram a ser mais longas e mais frequentes, os bofetões pareciam pontuar cada troca de palavras entre elas, os safanões, os socos, os tapas sonoros em todas as partes de seu corpo.

Havia ocasiões em que John temia que Eloise pudesse machucar Gabriella seriamente, mas ele guardava para si mesmo os comentários sobre o modo como a mulher estava criando a filha. Para ele, parecia que a cautela era a melhor atitude; então John se empenhava ao máximo em convencer a si mesmo de que o que ela estava fazendo não

era errado, tomando cuidado para nunca ver os hematomas. Segundo Eloise, a criança caía com frequência, e era tão desajeitada que não podiam deixá-la andar de bicicleta ou aprender a andar de patins. As privações que a mãe lhe impunha eram obviamente para protegê-la, os hematomas um sinal de que ela era de fato tão desastrada quanto Eloise dizia.

Por ocasião de seu sexto aniversário, as surras de Gabriella haviam se tornado um hábito para todos eles. John as evitava, Gabriella as esperava, e Eloise claramente sentia *prazer* com elas. Se alguém tivesse lhe dito isso, ela teria se sentido ultrajada. Aquilo era para o próprio bem da menina, alegava ela. Era "necessário". Evitava que ela se tornasse ainda mais mimada do que já era, Eloise teria explicado. E a própria Gabriella sabia o quanto ela era má de verdade. Se não fosse má, a mãe não precisaria bater nela... se não fosse má, o pai não deixaria a mãe surrá-la... se não fosse má, eles a amariam. Mas Gabriella sabia, mais do que ninguém, o quanto ela era imprestável, o quão terríveis eram seus crimes. Sabia de tudo isso porque sua mãe lhe dizia.

E, caída no chão naquela tarde de verão, quando a mãe a obrigou a levantar-se, puxando-a por um braço, e a esbofeteou mais uma vez antes de mandá-la para o próprio quarto, ela viu o pai observando-as da porta. Ela sabia que ele assistira ao espancamento e nada fizera a respeito, como sempre. Os olhos dele pareciam pesarosos quando Gabriella passou por ele, mas ele nada disse. Não estendeu os braços para consolá-la, não tentou tocá-la, simplesmente desviou os olhos, recusando-se a ver a expressão nos olhos da filha, incapaz de suportá-la por mais tempo.

— Vá para o seu quarto e fique lá! — As palavras da mãe retiniam nos ouvidos de Gabriella, enquanto esta percorria de mansinho o corredor, apalpando o rosto com os dedinhos trêmulos. Ela sabia que agora era uma menina grande, sabia que as coisas que fazia que deixavam a mãe tão zangada eram horríveis de verdade, e quando entrou furtivamente no quarto e fechou a porta, um soluço escapou de seus lábios, e ela correu para a cama e agarrou-se à boneca. Era o único brinquedo que lhe permitiam ter, a boneca que a avó, mãe de seu pai, lhe dera antes de morrer. Tinha olhos azuis e cílios grandes, e lindos

cabelos louros, e Gabriella a amava de coração. O nome da boneca era Meredith e era a única aliada da menina. Gabriella a abraçava apertado agora, embalando-a, sentada na cama, perguntando-se por que a mãe lhe batia com tanta força... por que ela, Gabriella, era assim tão terrível... e tudo de que podia se lembrar nesse momento era do olhar do pai quando ela passara por ele. Parecia decepcionado, como se tivesse esperado que ela fosse melhor do que era de fato, aquele pequeno monstro que a mãe a acusava de ser. E Gabriella acreditava naquilo. Fazia tudo errado, e sabia disso. Ela se esforçava muito, mas não havia como agradar-lhes... não havia como impedir o inevitável... nenhuma saída para escapar.

E, sentada ali, segurando a boneca, soube no fundo de sua alma que aquilo nunca teria fim. Ela nunca seria boa o bastante, nunca iria conquistá-los. Durante toda sua vida soubera que eles não a amavam, e estava havia muito convencida de que não merecia ser amada. Não merecia coisa alguma além da dor que a mãe lhe infligia. Sabia disso, mas ainda assim se perguntava por que tinha de doer tanto... por que a mãe estava sempre tão zangada com ela... o que ela fizera para que eles a odiassem... E, ali deitada, chorando em silêncio, o que sabia era que não havia respostas e que ninguém poderia salvá-la disso tudo. Nem mesmo seu pai. Tudo que tinha no mundo era Meredith, sua única amiga, sua boneca. Não tinha avós, tias ou tios, amigos ou primos. Não tinha permissão para brincar com outras crianças. Provavelmente por ser tão má. Certamente não iriam gostar mesmo dela.

Ninguém iria. Quem poderia gostar dela, se nem mesmo seus pais gostavam, se ela era tão má?... Sabia que não podia contar a ninguém o que eles faziam com ela, pois isso só iria provar o quanto ela era má, e quando perguntavam na escola o que havia acontecido com ela, ela sempre dizia que caíra da escada ou que tropeçara no cachorro, embora não tivessem cachorro. Mas ela sabia que esse era um segredo que tinha de guardar, pois, caso contrário, as pessoas saberiam o quanto ela era horrível, e Gabriella não queria que ninguém soubesse disso.

A culpa não era de seus pais, ela também sabia disso. Era sua, por ser tão má, por cometer tantos erros, por deixar a mãe tão zangada. Era tudo culpa sua. E, deitada ali na cama, pensando em tudo isso, podia

ouvir as vozes dos dois. Como sempre acontecia, eles estavam gritando, e ela sabia que isso também era culpa sua. Às vezes, depois da mãe puni-la, ela ouvia o pai gritando com a mãe, como estava fazendo agora.

Não conseguia entender o que diziam, mas provavelmente era sobre ela... sua culpa com certeza... ela era até mesmo pior do que eles diziam. Ela fazia os dois brigarem. Fazia com que ficassem com raiva um do outro. Ela fazia todos infelizes, quase tão infelizes quanto ela própria. Gabriella chorou até dormir, quando a noite caía, sem jantar, e, enquanto mergulhava no sono, sentindo o rosto doer e a coxa latejar no ponto onde a mãe a chutara, tentou pensar em outros lugares, em outras coisas... um jardim... ou um parque... com pessoas felizes... e crianças rindo enquanto brincavam... todos brincavam e queriam que ela brincasse com eles... uma mulher alta e bonita vinha em sua direção, estendia os braços para ela e lhe dizia que a amava... Era a sensação mais maravilhosa do mundo e, enquanto pensava nisso, tudo o mais em sua vida desapareceu, e ela mergulhou no sono, abraçada à boneca.

— Você não tem medo de que um dia desses acabe por matá-la? — perguntou John incisivamente à mulher, que lhe dirigiu um olhar ao mesmo tempo divertido e desdenhoso.

Ele já havia bebido mais do que uns poucos drinques quando parou diante dela, olhando-a, oscilando levemente. O hábito de beber começara mais ou menos na mesma ocasião em que as surras. Era mais fácil do que tentar encontrar uma explicação para estas ou para o comportamento de Eloise. A bebida amenizava e chegava a tornar uma situação intolerável quase suportável para ele, ainda que não para Gabriella.

— Talvez ela não acabe uma bêbada como você, se eu enfiar um pouco de juízo naquela cabeça. Isso irá poupá-la de muito sofrimento mais tarde.

— Eloise estava sentada calmamente no sofá, olhando-o com desprezo, enquanto ele se servia de mais um Martini.

— O mais doentio disso tudo é que acho que você acredita mesmo nisso.

— Está insinuando que sou muito dura com ela? — perguntou Eloise, visivelmente furiosa por estar sendo questionada.

— Muito dura? Muito dura? Você já deu uma boa olhada nas marcas no corpo dela? Como é que você acha que ela as consegue?

— Não seja ridículo tentando me culpar por isso. Ela cai de cara no chão o tempo todo. — Eloise acendeu um cigarro e recostou-se no sofá, observando-o beber o Martini.

— Eloise, é comigo que está falando. Quem você está querendo enganar aqui? Sei o que você sente por ela... e ela também... pobrezinha, não merece isso.

— Nem eu tampouco. Você tem ideia do que sou obrigada a suportar? Ela é um monstrinho debaixo daqueles cachos, com aqueles olhos azuis grandes e inocentes, pelos quais você é apaixonado.

Ele olhou para ela como se um véu que cobrisse seus olhos tivesse sido erguido, arrebatado pela força do álcool em seu organismo.

— Você tem ciúmes dela, não é, El? Essa é a *razão* disso tudo, não é mesmo? Puro ciúme. Você tem ciúme de sua própria filha.

— Você está bêbado. — Ela descartou o comentário com um movimento do cigarro, não querendo ouvir o que ele dizia.

— Estou certo, e você sabe disso. Você está doente. Eu só lamento por ela, que nós a tenhamos tido. Ela não merece uma vida como essa que nós lhe damos... que você lhe dá... — Ele não assumia qualquer responsabilidade pela crueldade da mulher e tinha grande orgulho pelo fato de nunca ter encostado a mão em Gabriella com o intuito de puni-la. Mas tampouco fazia alguma coisa para protegê-la.

— Se está tentando fazer com que eu me sinta culpada em relação a ela, não perca o seu tempo. Eu não me sinto. Sei o que estou fazendo.

— Sabe mesmo? Você a espanca brutalmente quase todos os dias. É isso o que imaginava para ela? — Ele parecia horrorizado ao esvaziar o copo, sentindo os efeitos de seu quarto Martini. Às vezes era preciso ainda mais para apagar a lembrança das coisas que a mulher fazia.

— Ela não é uma criança fácil, John. Precisa que lhe ensinem a lição.

— Bem, você já fez isso, El. Tenho certeza de que ela vai sempre se lembrar das lições que ensinamos. — Seus olhos começaram a embaciar-se ao pronunciar aquelas palavras.

— Espero que sim. As crianças não precisam de muito paparico. Isso não é bom para elas. Ela também sabe que estou certa. Nunca discute comigo quando eu a castigo. Sabe que merece.

— Ela tem medo demais para argumentar, e você sabe disso. Provavelmente ela tem medo de que você a mate se ela disser alguma coisa ou tentar resistir.

— Você fala como se eu fosse um monstro assassino, pelo amor de Deus. — Ela cruzou as pernas bem-torneadas, mas já fazia muitos anos agora que ele não se sentia mais atraído por ela. Ver o que ela estava impondo à filha deles o fizera começar a odiá-la, mas não o suficiente para tentar impedi-la, nem para separar-se dela. Ele não tinha coragem para isso, e estava lentamente começando a odiar-se também por esse motivo.

— Devíamos mandá-la logo para um internato, simplesmente para tirá-la daqui, para mandá-la para longe de nós dois. Ela merece isso.

— Merece uma educação adequada de nossa parte antes disso.

— É assim que você chama isso? "Educação"? Você viu a marca no rosto dela quando foi para a cama hoje?

— Já terá desaparecido pela manhã — retrucou Eloise, tranquilamente.

Ele sabia que isso provavelmente era verdade, mas detestava ter de admiti-lo. Eloise parecia sempre saber a intensidade certa de força a usar para que os hematomas nunca aparecessem nas áreas expostas do corpo de Gabriella. As marcas nas partes superiores dos braços e das pernas, porém, eram outra história. Eloise era uma expert.

— Você é uma megera doente — foi tudo que conseguiu dizer para a mulher ao deixar a sala e dirigir-se, vacilante, para o quarto.

Era isso o que ela era, mas parecia não haver coisa alguma que ele pudesse fazer a respeito. Ele parou diante da porta aberta do quarto da filha, a caminho do seu, e fitou a escuridão. Não havia sinal de vida ali, nenhum som, e a cama parecia vazia, mas quando entrou devagarzinho no quarto e olhou mais de perto, viu um pequeno volume no pé da cama e soube que era Gabriella. Ela sempre dormia daquela forma, escondida na parte inferior da cama, para que a mãe pensasse que não estava ali se fosse procurá-la. As lágrimas afluíram aos seus olhos, enquanto olhava para a massa pequena de terror e de abuso físico que mal se via e que era sua filha. Sequer ousou ajeitar sua cabecinha no travesseiro vazio.

Isso só serviria para expô-la outra vez à raiva de Eloise, caso esta viesse vê-la. Ele deixou-a ali, solitária, isolada e aparentemente esquecida, fez meia-volta e dirigiu-se ao próprio quarto, assombrado diante das injustiças da vida, da desumanidade que sucedia à sua filha, e ainda assim ele sabia, enquanto se afastava, sabia que nada havia que pudesse fazer para salvá-la. Ao seu modo, ele era tão impotente diante da mulher quanto Gabriella. E odiava a si mesmo por isso.

CAPÍTULO 2

Os convidados começaram a chegar pouco depois das oito horas na casa da Rua 69 Leste. Estavam lá alguns colunáveis, um príncipe russo acompanhado por uma jovem inglesa e todas as mulheres com quem Eloise normalmente jogava bridge. O diretor do banco em que John Harrison trabalhava também estava lá com a mulher. Os garçons, de black-tie, serviam champanhe em bandejas de prata, enquanto os convidados iam chegando. Gabriella os observava, escondida, sentada no topo da escada.

Ela adorava ficar olhando as visitas quando os pais davam festas. A mãe estava muito bonita com o vestido preto de cetim; e o pai, elegante e charmoso no smoking bem cortado. Os vestidos das mulheres cintilavam quando elas entravam no vestíbulo e as joias brilhavam sob a luz das velas quando apanhavam as taças de champanhe e pareciam deslizar para onde estavam as vozes e a música. Eloise e John adoravam dar festas. Faziam-no com menor frequência agora, mas ainda recebiam com fartura, de tempos em tempos. Gabriella adorava ver os convidados chegando e, depois, deitar-se na cama ouvindo a música.

Era setembro, o começo da temporada social de Nova York. Gabriella tinha acabado de completar sete anos. Não havia nenhum motivo especial para a festa daquela noite, apenas uma reunião com os amigos, alguns dos quais Gabriella reconhecia enquanto espiava. Havia uns poucos de quem tinha sempre gostado e que eram bons para ela nas raras ocasiões em que a viam. Ela quase nunca era apresentada aos amigos dos pais, raramente era vista e jamais lhe dispensavam muita atenção. Ela simplesmente ficava lá, escondida na parte de cima da casa, quase esquecida. Eloise não achava que as crianças devessem ser vistas em eventos sociais, e a existência de Gabriella em suas vidas podia ser qualquer coisa, exceto importante para ela. Vez ou outra, uma das amigas perguntava pela menina, principalmente durante os jogos de bridge, e ela descartava as indagações com um gesto gracioso da mão, como um inseto incômodo que cruzasse seu caminho e pudesse ser

rapidamente enxotado. Não havia fotografias de Gabriella na casa, embora houvesse muitas de Eloise e John, em molduras de prata. Nunca tiravam fotografias da menina. Registrar sua infância não era de nenhum interesse para eles.

Gabriella sorriu ao ver uma mulher loura muito bonita chegando ao vestíbulo lá embaixo. Marianne Marks usava um vestido de chiffon branco que parecia flutuar quando ela andava, conversando com o marido. Aquela era uma das amigas mais chegadas de seus pais, e o marido trabalhava com John. Marianne usava um colar de diamantes, que brilhava em seu pescoço, e as mãos moviam-se graciosamente ao pegar a taça de champanhe de um dos garçons. Então, como se pressentisse algo, olhou para cima e parou quando viu Gabriella. O rosto da mulher pareceu iluminar-se e, com o brilho das velas do candelabro, era quase como se tivesse uma auréola. Nesse momento Gabriella percebeu que aquele fulgor vinha de uma fina tiara de diamantes. Para Gabriella, Marianne parecia a rainha de um conto de fadas.

— Gabriella! O que você está fazendo aí em cima? — Sua voz era suave e cálida, e ela dirigiu-lhe um amplo sorriso, acenando para a criança escondida no último degrau da escada, com a camisola rosa de flanela.

— Shhh... — Gabriella pôs um dedo sobre os lábios, com uma expressão preocupada. Se soubessem que ela estava ali, ficaria em apuros.

— Ah... — Marianne Marks entendeu de imediato, ou pensou ter entendido, e subiu rapidamente para ir vê-la. Usava sandálias de salto alto de cetim branco, mas não fez qualquer barulho. O marido esperava lá embaixo, sorrindo, observando a mulher e a linda criança que agora cochichava, enquanto Marianne a abraçava.

— O que está fazendo aqui em cima? Vendo os convidados chegarem?

— A senhora está tão bonita! — exclamou Gabriella, fascinada, enquanto balançava a cabeça afirmativamente, respondendo à pergunta da mulher.

Marianne Marks era tudo o que sua mãe não era. Bonita e agradável, tinha olhos grandes e azuis como os de Gabriella e um sorriso que iluminava tudo à sua volta. Parecia um ser encantado para a menina, que muitas vezes não podia deixar de se perguntar por que não tinha uma mãe como ela. Marianne era mais ou menos da mesma idade de sua mãe e parecia sempre triste quando dizia que não tinha filhos. Talvez tivesse havido um erro, talvez Gabriella tivesse sido destinada a uma mulher como aquela e tivesse ido parar com seus pais por engano... Talvez porque fosse tão má e precisasse de castigo. Ela não conseguia imaginar Marianne castigando alguém. Era tão boa e gentil, e parecia sempre tão feliz, especialmente nesse momento em que se inclinava para beijar Gabriella, que pôde sentir-lhe o perfume suave e delicioso. Gabriella odiava o perfume da mãe.

— Você não pode descer um pouco? — perguntou Marianne, querendo tomar Gabriella nos braços e levá-la lá para baixo. Havia alguma coisa na menina que parecia sempre tocá-la e apoderar-se de seu coração. Tudo na garotinha despertava em Marianne o desejo de amá-la e protegê-la. Ela não sabia por que se sentia dessa maneira, mas Gabriella era uma dessas almas raras e frágeis que enternecia as pessoas, e Marianne experimentava essa sensação agora, enquanto segurava a mão pequena e fria, os dedos incrivelmente delicados. O aperto era firme e quase suplicante.

— Não, não... Eu não posso descer... Mamãe ficaria brava comigo. Eu devia estar na cama — sussurrou ela. Sabia qual era a penalidade por sair da cama e desobedecer às ordens; ainda assim, não conseguia resistir à tentação de espiar as pessoas chegando às festas. E, vez ou outra, havia uma gratificação como esta. — É uma coroa de verdade? — Marianne parecia a Fada Madrinha da Cinderela, e Robert Marks, esperando pacientemente pela mulher ao pé da escada, estava muito charmoso.

— O nome disso é tiara — Marianne deu uma risadinha. Gabriella era obrigada a chamá-la de tia Marianne ou de sra. Marks. Havia castigos rigorosos se chamasse os amigos dos pais, ou qualquer outro adulto, pelo primeiro nome, e ela sabia disso. — Não é uma bobagem? Era da minha avó.

— Ela era uma rainha? — perguntou Gabriella, séria, com aqueles olhos imensos e inteligentes que sempre tocavam o coração de Marianne Marks de uma maneira que esta não entendia muito bem, mas que sentia intensamente.

— Não, era apenas uma senhora engraçada de Boston. Mas ela esteve com a rainha da Inglaterra uma vez. Foi quando usou isto. Eu achei que seria divertido usá-la esta noite. — E, enquanto explicava, desprendeu a tiara cuidadosamente dos cabelos louros penteados com elegância e, com um único gesto, colocou-a graciosamente sobre os cachos também louros de Gabriella. — Agora você parece uma princesinha.

— Pareço? — Gabriella sentia-se horrorizada com aquela possibilidade. Como é que uma pessoa má como ela podia se parecer com uma princesa?

— Venha... Vou mostrar a você — sussurrou a mulher loura e bonita, pegando a mão da menina e atravessando o corredor do andar de cima até chegar a um espelho grande e antigo. Quando Gabriella olhou para a imagem refletida com olhos arregalados, sobressaltou-se com o que viu: a mulher bonita a seu lado, olhando-a com um sorriso terno, e a pequena e elegante coroa de diamantes tremeluzindo no alto de sua própria cabeça, enquanto Marianne a segurava.

— Ah... é tão bonito... e a senhora também... — Era um dos momentos mais encantados de sua curta vida, um momento que se imprimia para sempre em seu coração, enquanto as duas permaneciam ali. Por que essa mulher era sempre boa para ela? Como podia? Por que ela e a mãe eram tão diferentes? Para Gabriella, esse era um mistério para o qual não havia explicação, embora soubesse, havia anos, que jamais fizera qualquer coisa para merecer uma mãe como essa.

— Você é uma garotinha muito especial — disse Marianne, suavemente, ao se inclinar para lhe dar outro beijo; em seguida desprendeu a tiara delicadamente da cabeça da menina e tornou a colocá-la na sua, dando uma última olhada no espelho. — Seus pais têm muita sorte.

Mas os olhos de Gabriella tornaram-se desesperadamente tristes com aquelas palavras. Se Marianne soubesse como Gabriella era má, jamais diria uma coisa dessas. Ela sabia que a mãe poderia contar uma história bem diferente à mulher, e que o faria.

— Acho melhor eu descer agora. O pobre do Robert está me esperando.

Gabriella fez que sim com a cabeça, circunspecta, ainda maravilhada com o que Marianne havia feito: o beijo, a tiara, o toque suave, as palavras doces. Sabia que se lembraria daquilo tudo para o resto de sua vida. Para ela, era um presente que significava mais do que a mulher podia saber ou suspeitar.

— Eu gostaria de morar com a senhora. — Gabriella deixou as palavras escaparem enquanto segurava a mão da mulher e as duas dirigiam-se lentamente ao topo da escada.

Marianne achou estranho que a menina dissesse aquilo e não podia imaginar o que a levava a dizer tais palavras.

— Eu também — disse, de maneira suave, odiando ter de soltar a mão da criança, sentindo um aperto no coração e vendo algo de tão doloroso nos olhos dela que a afligia fisicamente. — Mas seu papai e sua mamãe iam ficar muito tristes se você não estivesse aqui para fazê-los felizes.

— Não iam, não — disse Gabriella com inocência, o que fez Marianne olhá-la demoradamente, imaginando se a menina tinha feito alguma coisa errada naquele dia, ou se havia levado uma bronca dos pais. Para ela, em sua ingenuidade, era praticamente impossível que alguém brigasse com uma criança daquelas.

— Eu vou voltar e acenar para você daqui a pouquinho. Posso vir aqui em cima até o seu quarto? — Prometer-lhe alguma coisa parecia o único jeito de deixá-la, de aliviar sua própria consciência por deixar aqueles olhos, aquela aparência de súplica que pesava agora em seu coração. Mas Gabriella sacudiu a cabeça com gravidade.

— A senhora não pode vir me ver — disse, séria. O preço a ser pago seria quase insuportável, caso a mãe viesse a descobrir. Eloise

detestava quando suas amigas falavam com Gabriella. Seria ainda pior se descobrisse que alguém tinha ido lá em cima para vê-la. Gabriella sabia que a mãe a culparia por incomodar os convidados e que sua fúria não conheceria limites. — Eles não vão deixar.

— Vou ver se consigo dar uma escapulida mais tarde... — prometeu Marianne, começando a descer os degraus, e então mandou-lhe um beijo sobre o ombro elegante. O vestido parecia novamente flutuar ao seu redor, à medida que ela se movia. Marianne parou no meio da escada e olhou para a criança que a observava. — Vou voltar, Gabriella... Eu juro... — E então, sentindo no peito algo estranho e desconfortável que não compreendia muito bem, desceu o resto do caminho correndo para o marido.

Ele bebia a segunda taça de champanhe e conversava com um conde polonês muito atraente, cujos olhos se iluminaram imediatamente ao avistar Marianne. Ele beijou-lhe as mãos, e Gabriella ficou observando-os. Vê-los conversando, rindo e depois dirigindo-se lentamente para junto dos outros convidados era como assistir a uma dança.

Gabriella queria descer as escadas correndo e grudar-se àquela mulher, para, nela, encontrar segurança e proteção. E, pressentindo os olhos da criança ainda fixos sobre si, Marianne olhou para cima uma última vez e acenou, enquanto desaparecia de braços dados com o marido, enquanto o conde, dizendo algo engraçado, arrancava dela uma risada límpida.

Gabriella fechou os olhos ao ouvi-la e encostou a cabeça no corrimão por uns instantes, lembrando e sonhando. Ainda podia ver a pequena tiara em sua própria cabeça e sentir o olhar da mulher e o seu perfume delicioso. Mais de uma hora se passou antes que os últimos convidados chegassem, e Gabriella, sentada em silêncio, ainda os observava.

Nenhuma outra pessoa a avistou ou mesmo olhou para cima. Chegavam, sorrindo e conversando, deixavam seus agasalhos, pegavam o champanhe e se dirigiam ao interior da casa, indo encontrar-se com seus pais e os outros convidados. Havia mais de cem pessoas ali, e ela

sabia que a mãe jamais viria saber como ela estava. Supunha que a menina estivesse na cama, como deveria. Em nenhum momento passou pela cabeça dos pais que ela pudesse estar espiando as pessoas que chegavam e sendo má, como de costume, desobedecendo às ordens.

— Não saia da cama e não se mexa... nem mesmo respire - tinham sido as últimas palavras da mãe. Mas a sedução da magia lá embaixo havia sido mais forte. Ela gostaria de poder ir até lá e comer alguma coisa.

Quando os últimos convidados chegaram, já estava morrendo de fome e sabia que havia muita comida na cozinha: tortinhas e bolos, chocolates e biscoitos. Tinha visto um presunto enorme ser preparado naquela tarde e também rosbife e peru. Havia caviar, como sempre, embora ela não gostasse. Tinha provado uma vez, mas o gosto de peixe era muito acentuado, e, de qualquer maneira, a mãe não queria que ela comesse. Estava proibida de tocá-lo, assim como em tudo o mais que era servido nas festas.

Entretanto, adoraria provar um dos bolinhos. Havia bombas, tortinhas de morango e mil folhas, seus preferidos. Todos estavam tão ocupados aquela noite, que ninguém se lembrou de lhe dar o jantar. E ela sabia que era melhor não pedir nada à mãe quando esta estava se aprontando para uma festa. Eloise tinha ficado horas no quarto, passando um longo tempo na banheira, fazendo o cabelo e a maquiagem. Não tivera tempo para pensar na filha, e Gabriella sabia que era melhor assim. Sabia o que aconteceria caso pedisse alguma coisa. A mãe estava sempre com os nervos à flor da pele antes de uma de suas festas.

Gabriella podia ouvir a música tocando mais alto agora. As pessoas dançavam no fundo do salão, e a sala de jantar, a de visitas e a biblioteca estavam abarrotadas de gente. Podia ouvi-los rindo e conversando e aguardou um longo tempo, na esperança de ver Marianne novamente, mas ela não voltou, e a menina sabia que não tinha o direito de esperar. Provavelmente havia se esquecido.

Gabriella ainda estava sentada lá, torcendo para vê-la pela última vez, quando a mãe passou rapidamente no corredor lá de baixo, procurando alguma coisa, e imediatamente sentiu a presença da filha. Sem hesitar por um momento que fosse, olhou para o candelabro e, então, além deste, para o topo da escada, onde Gabriella estava sentada de camisola rosa. A menina prendeu a respiração na mesma hora. Levantou-se de supetão, descalça, e recuou, tropeçando no último degrau e caindo sentada sobre o magro traseiro. A expressão no rosto da mãe lhe disse de imediato o que estava por vir.

Sem qualquer som ou palavra, Eloise subiu as escadas como se tivesse pés alados, uma mensageira do diabo. Usava um vestido de seda preto, justo no corpo, que revelava sua silhueta espetacular e brilhava como os cabelos escuros, presos num coque apertado. Tinha longos brincos pendentes de diamantes e um belo colar, também de diamantes. Mas, assim como o vestido e as joias de Marianne pareciam deixá-la mais serena, cercá-la com uma aura de luz e suavidade, o que a mãe usava acentuava-lhe a aspereza e tornava sua aparência verdadeiramente assustadora.

— O que é que você está fazendo aqui? — Ela cuspiu as palavras num sussurro maligno. — Eu disse para não sair do seu quarto.

— Desculpe, eu só... — Não havia desculpas para o que havia feito. Menos ainda por ter atraído Marianne Marks só para vê-la... e pior ainda, experimentar a tiara... Se a mãe soubesse daquilo... Mas felizmente não sabia.

— Não minta para mim, Gabriella — disse, agarrando o braço da menina com tanta força que a circulação foi imediatamente interrompida e, quase ao mesmo tempo, a carne começou a formigar. — Não fale nada! — ordenou, entredentes, enquanto a arrastava pelo corredor, sem ser vista pelas pessoas que usufruíam de sua hospitalidade lá embaixo. Tivesse alguém presenciado o que acontecia ali, teria ficado chocado, sem palavras. E, embora soubesse disso, continuou sussurrando de forma perversa para a criança: — Não dê um pio, seu monstro... ou arranque seu braço fora. E Gabriella tinha certeza absoluta de que o faria mesmo.

Não duvidou por um momento sequer. Aos sete anos, tinha aprendido muitas lições sobre a mãe e sabia que toda tortura prometida era geralmente cumprida. Era uma das coisas de que se podia ter certeza em relação a Eloise.

Os pés da menina iam literalmente suspensos no ar, à medida que a mãe a levava para o quarto, quase a arrastando, e o resto do corpinho oscilava, enquanto tentava correr ao lado da mulher, para não irritá-la ainda mais. A porta estava aberta, e Eloise jogou Gabriella lá dentro. A criança caiu com um baque surdo, torcendo o tornozelo, mas sabia que era melhor não fazer barulho, deitada no chão do quarto escuro.

— Agora fique aqui! Está me entendendo? Não quero ver você fora desse quarto novamente, está claro? — Se me desobedecer dessa vez, Gabriella, eu juro que vai se arrepender. Ninguém quer ver você lá... ninguém gosta de você... as pessoas não estão nem aí se está sentada no topo da escada, como uma coitadinha, uma órfã patética. Você é só uma criança, deve ficar no seu quarto, onde não precisem olhar para você. Está escutando? — Na escuridão, apenas o silêncio. Gabriella estava deitada, chorando baixinho da dor no tornozelo e no braço, mas era muito esperta e orgulhosa para reclamar com a mãe. — Responda! — A voz vibrou na escuridão do quarto, e Gabriella temeu que a mãe fosse se aproximar para dar a mensagem de forma ainda mais sucinta.

— Desculpa, mamãe — sussurrou.

— Pare de choramingar e vá para a cama, que é o seu lugar.- disse Eloise e bateu a porta. Ainda tinha o semblante carregado por causa do incidente ao precipitar-se para as escadas e, então, enquanto descia apressada, seu rosto pareceu transformar-se e a lembrança de Gabriella, ou do que fizera com ela, havia desaparecido por completo quando Eloise chegou ao vestíbulo. Três dos convidados estavam ali, vestindo seus casacos, e ela beijou cada um deles afetuosamente ao saírem, voltando em seguida para a sala de visitas a fim de conversar e dançar com os demais. Era como se Gabriella jamais tivesse existido. Para ela, não existia mesmo. Gabriella nada significava.

Marianne Marks pediu para que dessem um beijo na menina por ela, quando estava de partida.

— Prometi que iria vê-la antes de ir embora, mas a essa altura ela já deve estar dormindo — disse, arrependendo-se ao ver a mãe da criança franzir a testa e parecer sobressaltada.

— Espero que sim! — replicou Eloise, asperamente. — Você a viu hoje? — perguntou, quase distraída, parecendo surpresa, mas não necessariamente preocupada com o fato.

— Vi — confessou a bela mulher, envergonhada, esquecendo-se do que Gabriella falara em relação a não ter permissão para ver os convidados, e não dando muita atenção àquilo. Quem poderia se *zangar* com um anjinho daqueles? Mas havia muita coisa que Marianne não sabia sobre a mãe da criança. — Ela é tão adorável. Estava sentada no topo da escada quando chegamos, na camisolinha rosa mais encantadora que já vi. Subi para dar-lhe um beijo e conversamos por alguns minutos.

— Sinto muito — disse Eloise, parecendo um tanto irritada. — Ela não devia ter feito isso — disse, desculpando-se, como se a menina os tivesse ofendido de maneira aterradora e, aos olhos de Eloise, tinha mesmo. Havia exposto sua presença, o que era um pecado imperdoável para a mãe; mas Marianne Marks não podia imaginar.

— Foi minha culpa. Não pude resistir a ela, com aqueles olhos imensos. Queria ver minha tiara.

— Espero que você não tenha deixado que ela a tocasse. Alguma coisa nos olhos de Eloise disse a Marianne para não falar mais nada e, ao deixarem a casa dos Harrison naquela noite, Marianne comentou o fato com Robert.

— Ela é extremamente dura com a criança, não acha, Bob? Pelo modo como agiu, era como se a menina pudesse me roubar a tiara, se eu tivesse deixado.

— Ela só deve ser muito conservadora em relação a crianças. Provavelmente estava com medo de que Gabriella tivesse incomodado você.

— Como é que ela poderia? — perguntou Marianne, inocentemente, enquanto eram levados para casa pelo motorista. — É a coisinha mais doce que já vi... tão séria e linda. Ela tem os olhos mais tristes... — E então, desejosa: — Queria que tivéssemos uma garotinha como ela.

— Eu sei — disse ele, acariciando-lhe a mão e desviando o olhar do rosto decepcionado da mulher. Sabia o que significava para ela o fato de em nove anos de casamento não terem conseguido ter um filho. Mas era algo que tinham de aceitar agora. — Ela é dura com John também — afirmou Marianne depois de uns momentos de silêncio, quando pensava nos filhos que jamais teriam e na garotinha linda com a qual havia conversado naquela noite.

— Quem? — Aquela altura Robert tinha a cabeça em outras coisas. Tivera um dia cansativo no escritório e já pensava no seguinte. Havia tirado os Harrison e os comentários da mulher sobre a filha deles do pensamento.

— Eloise. — Marianne o trouxe de volta à noite em questão, e ele fez que sim com a cabeça. — John dançou várias vezes com aquela garota inglesa que o príncipe Orlovsky trouxe, e acho que Eloise estava prestes a matá-lo.

Robert Marks sorriu da avaliação que a mulher fazia da situação.

— Quer dizer então que você não ligaria se eu dançasse com ela? — Ele levantou uma sobrancelha, e Marianne riu. — A roupa da mulher mal lhe cobria o corpo. — Ela estava usando um vestido de cetim cor de carne que se ajustava ao corpo como uma segunda pele, não deixando nenhum trabalho à imaginação. Estava maravilhosa, e John Harrison certamente a achara muito interessante. Quem não achara?

— Acho que não posso censurar Eloise — admitiu Marianne, envergonhada. E então, aparentemente sem malícia, voltou os grandes olhos azuis para o marido: — Você a achou bonita?

Mas ele sabia que era melhor não dizer, e riu vigorosamente. Naquele momento chegaram em casa, na Rua 79 Leste.

— Não vou cair nessa, sra. Marianne! Eu a achei horrorosa, uma verdadeira bruxa. Além disso, com um corpo horrível daquele jeito, nunca deveria ter se atrevido a usar aquele vestido. Não sei onde Orlovsky estava com a cabeça quando resolveu levá-la! — Os dois riram da maneira como ele tentava se desvencilhar da pergunta da mulher, mas ambos sabiam que ela era de uma beleza admirável e bem mais do que levemente estimulante. Entretanto, Robert Marks jamais havia sentido interesse por outra mulher que não fosse sua linda esposa, e a ele não importava nem um pouco que ela não pudesse ter filhos. Ele a adorava.

Sua única vontade agora era levá-la para o quarto, no andar de cima. Não dava a mínima para a nova amante de Orlovsky. Entretanto, o mesmo não era verdade para John Harrison, que nesse momento travava uma discussão parecida, mas muito mais acalorada, no quarto com Eloise.

— Pelo amor de Deus, por que é que não tirou logo as roupas dela? — perguntou Eloise, com aspereza. Ele havia dançado repetidamente com a tão falada jovem inglesa de vestido de cetim cor de carne justíssimo, e suas danças apaixonadas não passaram despercebidas nem a Eloise, nem a Orlovsky.

— Minha nossa, Eloise, eu só estava sendo educado. Ela bebeu demais e não sabia o que estava fazendo.

— Muito conveniente para você — disse Eloise, com frieza. — Quando a alça do vestido escorregou, exibindo o seio, era por puro acaso que, naquela hora, você estivesse praticamente beijando a mulher. — Ela andava em círculos pelo quarto, fumando, e ambos haviam bebido bastante durante toda a noite.

— Eu não a estava beijando, e você sabe disso. A gente estava dançando.

— Vocês estavam quase fazendo amor, bem ali na pista de dança. Você me humilhou na frente de nossos amigos. — Para Eloise, ele precisava de castigo.

— Talvez, se você se interessasse em dormir comigo, eu não precisasse dançar daquela maneira com uma completa desconhecida.
— Não que ele ainda ligasse. Como poderia, depois de ver o que ela fazia com Gabriella? Estava próximo a Eloise, e ambos falavam alto, mas pelo menos dessa vez a menina não os ouvia. Dormia profundamente no quarto.

O último convidado havia saído às duas horas, e eram quase três agora, no momento em que os dois brigavam. Estavam discutindo desde o término da festa, e as palavras tornavam-se mais e mais coléricas, assim como seus ânimos.

— Você é nojento — disse Eloise, o mais perto dele que ousava chegar. Ambos pareciam enfurecidos, e a verdade é que ele adoraria ter roubado a garota de Vladimir Orlovsky, e talvez ainda o fizesse. Sua fidelidade e seus sentimentos para com Eloise haviam desaparecido anos atrás.

Cruel como era para a filha, e fria como era para ele, ela merecia aquilo, e ele não lhe devia nada.

— Você é um canalha; e ela, uma vagabunda! — disse Eloise, querendo humilhá-lo e feri-lo, mas sem conseguir.

Ele não ligava mais para o que ela pensava ou dizia. Odiava tudo o que lhe dizia respeito, e ela sabia.

— E você é uma megera, Eloise. Já não é mais segredo nenhum. Todo mundo sabe. Não há nesta cidade homem que valha alguma coisa e queira você. — Ela não respondeu com palavras desta vez, mas recuou um passo e esbofeteou-o o mais forte que pôde, quase com tanta força quanto a dispensada ao bater na filha.

— Não gaste sua energia. Eu não sou Gabriella — disse, dando-lhe um violento empurrão. Ela caiu de costas sobre uma cadeira, derrubando-a.

Ainda estava se levantando quando John saiu do quarto, batendo a porta. Ele não olhou para trás, não ligava e, por um momento de loucura, quase torceu para que a tivesse machucado. Ela merecia. Infligira tanta dor a ele e à filhinha, que merecia um pouco de volta.

Ele não sabia para onde iria naquela noite e não se importava. A essa altura, a inglesa estaria na cama com Orlovsky, e ele não poderia procurá-la, embora soubesse o endereço. Mas havia muitas outras garotas para as quais ligava de tempos em tempos, profissionais que usava, mulheres casadas que ficavam felizes por passarem uma tarde com ele, ou solteiras que se iludiam, achando que um dia ele deixaria Eloise, e não ligavam para a quantidade de álcool que consumia em sua presença. Muitas mulheres estavam dispostas a ir para a cama com ele, e John tirava vantagem delas sempre que dispunha de tempo. Jamais hesitava em se agarrar à oportunidade de traí-la. Por que deveria?

Desceu as escadas voando e chamou um táxi. Quando entrou no carro para ir embora dali, Eloise dirigiu-se mancando para a janela, com apenas um sapato, e olhou para ele. Não havia dor em seus olhos, nem arrependimento pelo que dissera ou pelo que se passara. Só havia raiva e ódio em seu semblante. Ela ferira o lábio na queda e estava furiosa com ele. Tão furiosa, que a raiva precisava ser manifestada e havia somente um lugar onde poderia fazê-lo. Com um olhar desumano, tirou o outro sapato e lançou-o longe, saindo do quarto com passos silenciosos.

Tudo o que sentia por ele, ou não sentia, estava em seus olhos no momento em que atravessava o corredor, dirigindo-se àquela porta familiar. E tudo o que sabia, ao entrar no quarto escuro, era que queria machucá-lo. Com um único gesto, acendeu as luzes para que pudesse ver o que estava fazendo e arrancou os cobertores da pequena cama. A aparência de que não havia ninguém ali não a deteve. Sabia que ela estava sempre lá, escondendo-se, má, nociva e repugnante como o pai. Era tão nojenta quanto ele, e Eloise odiou-a com cada centímetro do seu ser, ao descobrir aquela forma pequena e cor-de-rosa, enroscada como uma bolinha na parte inferior da cama, agarrada à boneca... a maldita boneca que a mãe dele lhe dera e à qual estava sempre grudada... Eloise estava tomada de uma fúria cega ao pegá-la e batê-la contra a parede, quebrando-lhe a cabeça. Gabriella acordou num clarão ofuscante e viu o que ela fazia.

— Não, mamãe, não! A Meredith não!... Não... Mamãe, por favor... — Gabriella soluçava, enquanto a mãe destruí a boneca que ela amara

por tantos anos; em seguida, Eloise virou-se para a filha com um ódio alucinado e começou a espancá-la.

— É só uma porcaria de boneca... E você é uma menina mimada e má... Arrastou Marianne até aqui em cima só para vê-la, não foi? E o que foi que você disse a ela?... Chorou para ela ver?... Contou a ela sobre isso? Falou que é isso que você merece? Que você é podre? Sua megera... Que você é uma vagabunda? E que eu e seu pai odiamos você por nos causar tantos problemas?... Contou a ela que precisamos punir você por ser tão má conosco? Contou? Contou? CONTOU? — Mas Gabriella não podia mais responder. Os soluços foram abafados pelos gritos, enquanto a mãe a golpeava mais uma vez e outra e ainda mais uma. No começo, com o corpo da boneca que chamara de Meredith e, depois, com o punho, batendo no peito, no corpo, nas costelas, dando pancadas, cortando-a, pegando os cabelos e quase arrancando-os da cabecinha, esbofeteando-a até que não conseguisse mais retomar o fôlego. Os golpes eram incessantes e não tinham fim, mais brutais do que se podia acreditar. Toda a raiva que sentia da criança e de John, a humilhação que sofrera naquela noite, quando ele fora atrás da garota inglesa, era descontada na criança, que não fazia ideia do que tinha feito para merecer aquilo, embora soubesse que, em alguma parte de si mesma, era tão má que certamente merecia o ódio da mãe.

Gabriella estava quase inconsciente quando a mãe a deixou naquela noite. Havia sangue na cama, e era como se uma faca a cortasse cada vez que tentava respirar. Nenhuma delas sabia, mas duas de suas costelas estavam quebradas. Não podia respirar ou mover-se, e precisava urinar desesperadamente, mas sabia que, se o fizesse na cama, a mãe a mataria de fato. Os destroços da boneca desapareceram. A mãe os havia levado e jogado no lixo ao sair do quarto, exausta e um tanto saciada. A fúria em relação a John cederia. Tinha alimentado o monstro que havia dentro de si. Havia comido Gabriella em seu lugar, devorado, mastigado e cuspid o que dela restava. Havia sangue emplastrado nos cabelos da menina, que continuava deitada, e os hematomas que apresentaria no dia seguinte seriam os piores que já tivera. Era a primeira vez que a mãe realmente lhe quebrava ossos, e

Gabriella estava apavorada, mas jamais duvidou de que aquela não seria a última.

Deitada na cama, era incapaz de chorar depois que a mãe saiu: doía demais. Em vez disso, tremia violentamente. Estava desesperada de frio, e todo o corpinho sacudia. Os lábios estavam inchados, a cabeça doía, doía cada centímetro do corpo, mas o pior era a dor seca que sentia todas as vezes que tentava respirar e não conseguia. Pensou que talvez fosse morrer naquela noite e torceu para que assim fosse. Não tinha *razão* nenhuma para viver. A boneca estava morta. E sabia que um dia teria a mesma sina, nas mãos da mãe. Era só uma questão de tempo.

Eloise dormiu com o vestido preto de cetim, cansada demais para tirá-lo. E Gabriella, deitada no próprio sangue, esperava que o anjo da morte viesse chamá-la. Tentou pensar em Marianne e nos momentos partilhados com ela naquela noite, mas não conseguia, não podia pensar em nada. Sentia tanta dor e odiava a mãe de tal maneira... O ódio que sentia era maior que tudo. Quase tornava a dor suportável. E, naquele exato momento, enquanto estava deitada na cama, o pai se aconchegava nos braços de uma bela prostituta italiana que conhecia muito bem, no Lower East Side. Gabriella não fazia ideia de onde ele se encontrava, nem Eloise, mas isso já não importava para nenhuma das duas. Eloise disse a si mesma que não queria saber onde ele estava, queria que fosse no inferno e, com ela, era onde ele realmente estava. E Gabriella sabia que, onde quer que estivesse, jamais a salvaria. Estava sozinha no mundo: sem salvadores, amigos ou mesmo sua boneca. Não tinha nada. Nem ninguém. Deitada ali naquela noite, incapaz de se mover, finalmente urinou na cama, tendo certeza absoluta de que, quando a mãe descobrisse pela manhã, iria matá-la. Ficou pensando nisso, desejando-o, imaginando como seria o fim, quanto mais iria doer... ou talvez não fosse doer nada... e, pensando assim, desejando a morte em sua vida, mergulhou numa escuridão misericordiosa.

CAPÍTULO 3

A porta da frente fechou-se sem ruído na casa da Rua 69, pouco depois das oito horas da manhã, no dia seguinte à festa. John Harrison subiu as escadas em silêncio e parou por um segundo em frente ao quarto de Gabriella, sabendo que provavelmente ela já estaria acordada. Quando olhou para dentro do quarto, porém, viu que ela não se mexia. Os olhos estavam fechados e ela deitada por cima dos lençóis, o que era raro; mas ele achou aquilo um bom sinal. Em vez de se esconder junto aos pés da cama, estava deitada à vontade. Era mais do que provável que aquilo significasse que a mãe não a incomodara na noite anterior. Com certeza Eloise estava cansada demais depois que ele saiu e, de qualquer maneira, tinha bebido demais para perder tempo com Gabriella. Ao menos daquela vez a criança não tinha sido punida pelos pecados do pai. Bem, pelo menos foi o que ele pensou, enquanto atravessava o corredor em direção ao próprio quarto.

Eloise ainda dormia com o vestido de noite e o colar de diamantes. Os brincos estavam soltos na cama, e ela dormia em sono tão profundo que não se mexeu quando ele se deitou ao seu lado. John a conhecia bem demais para saber que, ao acordar, ela pouco falaria sobre sua saída impetuosa. Raramente falava. Ela o trataria com frieza e distância por um ou dois dias, mas, uma vez terminada a briga, esta jamais era mencionada outra vez. Eloise simplesmente a usava contra ele, sem palavras.

Assim como John tinha previsto, Eloise acordou às dez, virando-se preguiçosamente na cama, e, quando se viu desperta por completo, olhou para ele, nem um pouco surpresa ao vê-lo ali ao seu lado. John ainda estava adormecido, tentando recuperar a noite de sono que tinha perdido no apartamento do Lower East Side. Frequentava um bom número de lugares como aquele. Eloise não fazia ideia aonde ele havia ido depois de deixá-la. Tinha suas desconfianças, mas jamais perguntaria a ele.

Ela não lhe dirigiu a palavra ao se levantar. Deixou as joias na penteadeira e seguiu devagar para o banheiro. Lembrava-se perfeitamente de tudo o que se passara na noite anterior, especialmente do que tinha acontecido depois da partida dele, mas não havia nada de extraordinário naquilo, nada que merecesse comentários. Ela nada tinha para dizer ao marido.

Gabriella ainda estava no quarto quando Eloise desceu para preparar o café da manhã. A empregada tinha ficado para ajudar o pessoal do serviço de bufê com a limpeza, na noite anterior, e hoje estava de folga, pois era domingo. Ela era uma mulher calada e discreta, que trabalhava havia anos para eles. Não gostava de Eloise, mas a tratava com civilidade, e Eloise gostava dela porque não se metia onde não era chamada. Embora consigo mesma desaprovasse a maneira pela qual Eloise disciplinava a menina, ela nunca interferia.

Eloise ligou a cafeteira, sentou-se à mesa do café da manhã e pegou o jornal. Estava lendo e tomando café numa xícara de porcelana de Limoges quando John finalmente chegou e perguntou pela filha.

— Onde está Gabriella? Ainda na cama?

— Foi uma noite longa para ela — disse Eloise, com frieza, sem tirar os olhos do jornal.

— Será que devo acordá-la? — Eloise não disse nada, dando de ombros como resposta. Ele serviu-se de um pouco de café, pegou o caderno de negócios do Times, que Eloise nunca tocava, e leu por uma meia hora antes de comentar novamente sobre a ausência da menina. — Acha que ela está doente? — Parecia preocupado. Embora devesse imaginar, não lhe passava pela cabeça o que havia se passado durante a noite. Não percebia que a mulher sempre descontava na criança o fato de ele sair de casa altas horas da madrugada depois de uma discussão. Deveria ter desconfiado de imediato, mas, como sempre, não queria saber de fato. Eram quase onze horas quando foi procurá-la no segundo andar.

Encontrou-a trocando a roupa de cama, movendo-se cuidadosamente, como alguém que estivesse com muita dor, mas, ainda assim, ele parecia não ver o que tinha ocorrido.

— Você está bem, querida?

Os olhos da menina encheram-se com as lágrimas não derramadas enquanto fazia que sim com a cabeça. Estivera pensando em Meredith, a boneca, e sentia-se como se alguém tivesse morrido na noite passada. E tinha mesmo. Não apenas a boneca, mas ela também. Tinha sido a pior surra dada pela mãe. E extinguiu qualquer sombra de esperança que ainda pudesse ter de sobreviver naquela casa. Não tinha mais expectativas nesse sentido. Sabia que era só uma questão de tempo antes que a mãe a destruísse por completo. Não tinha mais ilusões, nem sonhos, absolutamente nada, apenas a dor inacreditável nas costelas e a lembrança da boneca sendo arremessada contra a parede, exatamente como ela sabia que a mãe gostaria de fazer com ela, mas ainda não tinha ousado.

— Posso ajudar? — Ele se ofereceu para, com ela, colocar a coberta de volta sobre a cama, mas a menina sacudiu a cabeça. Sabia muito bem o que diria a mãe se os encontrasse assim. Iria acusá-la de ficar choramingando para o pai, de manipulá-lo ou de tentar colocá-lo contra ela. — Você não quer descer para tomar o café da manhã? — A verdade era que não queria ver a mãe. Não tinha mais fome, talvez jamais viesse a ter. Não se importava se nunca mais comesse e, cada vez que respirava, era como se um fogo a atravessasse e alguém girasse uma faca no meio das suas costelas. Não podia imaginar-se descendo as escadas ou sentando-se perto da mãe à mesa do café, quanto mais comendo.

— Está tudo bem, papai. Não estou com fome. — Os olhos estavam imensos e mais tristes que de costume. Ele disse a si mesmo que provavelmente ela estava muito cansada. Recusava-se a ver a dificuldade com que andava, o local onde os cabelos ainda estavam grudados pelo sangue, o lábio que apresentava mais do que uma ligeira inchação. Ele inventava histórias da carochinha para justificar tudo aquilo e as contava a si mesmo, como vinha fazendo desde o início.

— Vamos lá. Eu faço umas panquecas para você. — Como se tivesse que compensá-la por alguma coisa. como se soubesse de tudo,

coisa que ele negaria de pés juntos. Se permitisse a si mesmo pensar em tudo o que Eloise fizera com ela, iria se sentir culpado demais.

Entrou no quarto com passos lentos e viu que Gabriella vestia um suéter por cima do vestido. Aquele era geralmente o sinal de que os bracinhos finos haviam sido machucados demais para serem expostos. Era um sinal que sempre reconhecia, mas jamais admitia. Mesmo aos sete anos, Gabriella sabia que precisava cobrir-se para não ofendê-los, principalmente a mãe, com os sinais visíveis da sua "maldade". O pai não perguntou se ela estava com frio ou por que usava o agasalho. Às vezes, na praia, usava um suéter, uma camisa de mangas compridas ou um xale, pela mesma *razão*. E ninguém dizia nada, simplesmente deixavam-na agir assim. Era um voto silencioso, um acordo tácito entre eles.

— Onde está Meredith? — perguntou ele, correndo os olhos pelo quarto e dando-se conta de que a boneca não se encontrava ali. Ela estava sempre à mão no quarto de Gabriella, mas dessa vez não a viu.

— Ela foi embora — disse a menina, olhando para o chão, tentando não chorar novamente e pensando no barulho da cabeça da boneca sendo batida de encontro à parede e destruída pela mãe. Sabia que jamais se esqueceria daquele som, que nunca perdoaria a mãe por aquela visão. Meredith tinha sido o seu bebê.

— O que isso quer dizer? — perguntou, inocentemente, e, então, recuando quase de imediato, decidiu-se por não levar o assunto adiante.

— Desça e coma alguma coisa, querida. Ainda temos uma hora antes de ir para a igreja. Dá tempo de sobra para tomar o café da manhã — disse, alegremente, e, em seguida, desceu às pressas, aliviado por se livrar da intensidade daqueles olhos, das profundezas daquela angústia. Sabia agora que alguma coisa tinha acontecido durante sua ausência, mas não queria perguntar nem saber os detalhes. Hoje não era diferente de qualquer outro dia. Ele nunca queria ver o que se passava, se não fosse obrigado a vê-lo. E, ainda assim, nada fazia a respeito.

Gabriella arrastou-se pelas escadas sem fazer barulho, descendo um degrau de cada vez, ofegante, agarrando-se ao corrimão. O

tornozelo doía, e também os braços, a cabeça, e parecia que, não apenas duas, mas todas as costelas estavam quebradas. Sentia-se enjoada por causa da dor no momento em que se sentou em silêncio à mesa do café. Tinha colocado os lençóis no saco de roupas sujas, depois de lavar algumas partes do corpo com todo cuidado, e trocado a roupa de cama, e pensou que talvez a mãe não descobrisse o "acidente" da noite anterior. Ela esperava que não, com todas as suas forças.

— Você está atrasada — disse a mãe, sem levantar os olhos do jornal.

— Desculpe, mamãe — sussurrou Gabriella. Falar doía de maneira absurda, mas sabia o que aconteceria caso não respondesse.

— Se estiver com fome, sirva-se de um copo de leite e faça uma torrada.

A menina hesitou, sem querer levantar-se novamente, mas, sem dizer palavra, o pai foi preparar o café para ela. Tão logo a mãe se deu conta do fato, olhou para ele com irritação.

— Está sempre mimando esta menina. Por que é que você faz isso? — Olhava-o incisivamente, aborrecida com acontecimentos que nada tinham a ver com a preparação do café da manhã da filha. Mas, na verdade, Eloise odiava quando ele fazia qualquer coisa pela menina ou lhe dedicava algum gesto de gentileza.

— Hoje é domingo. — Como se aquilo respondesse à pergunta. — Você quer outra xícara de café?

— Não, obrigada — respondeu Eloise, bruscamente. — Tenho que me arrumar para a igreja daqui a pouco. E você também. — Olhou com raiva para Gabriella.

Mas só pensar em mudar de roupa novamente, em tirar o suéter e as roupas de novo, quase fez a menina chorar.

— Quero que ponha o vestido rosa com bordado de casinha de abelha e o suéter que faz conjunto com ele. — As instruções eram claras, como seria o castigo caso não as seguisse. — Fique no seu quarto até estarmos prontos para sair. E não vá se emporcalhar, como sempre, nesse meio tempo.

Gabriella balançou a cabeça e deixou a mesa em silêncio uns instantes mais tarde, sem o café da manhã. Ela sabia que hoje levaria mais tempo do que de costume para obedecer às ordens da mãe. O pai assistia a tudo sem dizer uma só palavra. Havia uma cumplicidade de silêncio entre eles.

Gabriella tornou a subir as escadas lentamente, com mais dificuldade do que quando desceu, mas enfim conseguiu chegar ao quarto e procurou, no closet, o vestido que a mãe a mandara usar. Encontrou-o com facilidade, mas vesti-lo foi outra história. Levou praticamente uma hora inteira para tirar as roupas e entrar no vestido, enquanto estremecia de agonia e enxugava as lágrimas que escorriam em abundância. O suéter foi o último golpe numa manhã já deplorável. Mas Gabriella estava pronta, à espera, quando o pai veio lhe dizer que era hora de ir, e o seguiu pelas escadas, com os sapatinhos de verniz preto e meias brancas, o vestido rosa e o suéter que fazia conjunto com ele. Como sempre, parecia um anjinho.

— Meu Deus, você penteou os cabelos com garfo e faca? perguntou a mãe com raiva, no momento em que a viu. Não conseguira levantar os braços para pentear os cabelos naquela manhã e, ingenuamente, esperou que a mãe não fosse perceber.

— Esqueci — foi a única coisa que lhe ocorreu responder; pelo menos a mãe não poderia dizer que estava mentindo. E pelo menos não fingiu que tinha penteado.

— Volte já lá em cima, penteie os cabelos, e ponha a fita rosa de cetim. — Os olhos de Gabriella encheram-se de lágrimas com a ordem e, pelo menos dessa vez, o pai veio em seu auxílio. Tirou um pente do bolso do paletó e, em vez de lhe entregar, passou-o ele mesmo pelos cachos sedosos. Em menos de um minuto ela estava apresentável. O sangue nos cabelos havia secado àquela altura e ele fingiu não vê-lo.

— Ela não precisa da fita. — Foi tudo o que disse à mulher, enquanto Gabriella o olhava, agradecida.

Com o terno escuro, a camisa branca e a gravata vermelha e azul, estava mais elegante do que nunca. A mãe vestia um tailleur de lã cinza, com uma pele em torno do pescoço, um chapéu preto pequeno e gracioso com véu, e luvas de pelica brancas, que, como sempre, pareciam imaculadas. Usava lindos sapatos de camurça pretos e levava uma bolsa de mão também preta de couro de crocodilo. Parecia uma modelo de revista, Gabriella sabia, embora, como de costume, parecesse tão zangada. Mas daquela vez Eloise decidiu não discutir com John por causa da fita. Simplesmente não valia a pena.

Estavam quase atrasados para a igreja, mas conseguiram chegar em cima da hora, de táxi, e sentaram-se em um dos bancos, com Gabriella no meio. A menina soube imediatamente o que aquilo significava. Todas as vezes que não gostava do modo como a filha se comportava, ou se ela se movia um milímetro que fosse no banco, a mãe apertava-lhe a perna ou o braço até deixar ali uma marca, ou a beliscava por baixo do vestido.

Gabriella sentou-se o mais imóvel que pôde, mal se mexendo nesse dia, e respirando com dificuldade, devido à dor que sentia nas costelas. Passou a maior parte da missa atordoada, em agonia. A mãe manteve os olhos fechados por quase todo o tempo, parecendo rezar em absoluta concentração. Vez ou outra, abria-os para olhar Gabriella. Mas hoje, felizmente, todas as vezes que o fez, Gabriella estava sentada quieta, prendendo a respiração para que as costelas não doessem ainda mais.

Depois, ela seguiu-os, deixando a igreja, diante da qual se juntaram às pessoas que conheciam e conversaram com os amigos. Muita gente comentou sobre a beleza de Gabriella, mas a mãe ignorava tanto os elogios quanto a menina. E todas as vezes em que era apresentada a algum novo conhecido ou encontrava alguém que já conhecia, Gabriella tinha de apertar a mão da pessoa e fazer uma mesura. Não era uma façanha pequena, haja vista os danos da noite anterior, mas, sabendo que não tinha escolha, ela a cumpria.

— Que criança perfeita! — comentou alguém com John, que concordou, enquanto Eloise pareceu não ouvir o que disseram.

Perfeição era exatamente o que esperava dela. E Gabriella fazia o máximo para corresponder, embora hoje não estivesse sendo nada fácil.

Parecia que horas haviam se passado antes de eles se afastarem da igreja e se dirigirem ao Plaza para almoçar. Havia música e elegantes bandejas de prata com pequenos sanduíches. O pai pediu para ela um chocolate quente, que chegou acompanhado de um pote inteiro de creme chantilly. Os olhos de Gabriella arregalaram-se, deliciados, mas Eloise pegou o pote e o colocou do outro lado da mesa.

— Você não precisa disso, Gabriella. Não é bom para a saúde. Não há no mundo coisa mais feia do que criança gorda. — Ela não corria o menor perigo de engordar, como os três sabiam. Parecia mais uma das crianças famintas da Hungria de que tanto ouvia falar quando não terminava o jantar. Entretanto, não pôde provar o chantilly, e ela sabia melhor do que ninguém que era porque não merecia. Tinha feito a mãe perder o controle na noite anterior. Em sua cabeça não havia dúvidas de que os danos da noite passada eram provavelmente culpa sua, por menos que entendesse o motivo.

Ficaram no Plaza até a tardinha, cumprimentando os amigos e observando os estranhos. Era um lugar divertido para se ir almoçar, e, em circunstâncias normais, Gabriella teria se divertido, mas hoje não pôde. Sentia muita dor e ficou aliviada quando por fim se prepararam para ir para casa. O pai tinha ido buscar um táxi, e Gabriella ficou um pouco para trás, andando com lentidão e observando a mãe, que atravessava o saguão com elegância. As cabeças voltavam-se para ela quando passava, como sempre acontecia, e Gabriella olhava para ela com espanto e ódio mudo. Se era tão bonita, por que não podia ser também bondosa? Era um daqueles mistérios para os quais Gabriella sabia não haver resposta. E quando saía do hotel, pensando a respeito, tropeçou num breve instante e, acidentalmente, pisou de leve na parte da frente do sapato de camurça preto da mãe. Gabriella estremeceu por dentro ao fazê-lo, mas a reação da mãe foi ainda mais rápida. Ela parou abruptamente onde estava, olhou para Gabriella com desprezo e apontou para o sapato, ultrajada.

— Limpe — disse, rosnando num tom abafado que parecia a voz do demônio, ao menos para Gabriella.

A mãe apontava para o sapato com tal arrogância, que deixaria chocado qualquer um que a ouvisse, mas, como era de costume, ninguém parecia notar.

— Desculpe, mamãe — Seus olhos eram lagoas profundas de tristeza e desolação.

— Dê um jeito nisso — disse a mãe, com rispidez, mas Gabriella não tinha nada com que limpar a camurça preta, à exceção dos dedos, e começou a esfregá-los freneticamente a fim de eliminar a mancha ofensiva de poeira.

Pensou em usar o vestido, mas isso faria a mãe ficar ainda mais irada... ou o suéter... Tinha de haver algo, mas não havia. Não tinha um único lenço à disposição, ou mesmo um pedaço de pano. Então Gabriella fez o melhor que pôde com os dedinhos ágeis. Num exame mais acurado, parecia que a mancha sumira, mas Eloise recusou-se a acreditar quando Gabriella disse isso. Ela fez com que a menina esfregasse repetidamente o sapato, ajoelhada na calçada, diante do hotel.

— Nunca mais faça isso. Está me entendendo? — disse ríspidamente para Gabriella, enquanto a menina agradecia em oração silenciosa por ter conseguido remover a mancha. Se não tivesse conseguido, com certeza haveria outra surra. Ou talvez ainda houvesse. Faltava ainda muito para o dia acabar.

Tomaram um táxi de volta para casa, e a dor intensa de Gabriella piorava a cada momento. Ela estava branca como uma folha de papel, e as mãozinhas tremiam no momento em que as cruzou em silêncio, esperando que a mãe não as visse até chegar em casa. No entanto, por alguma *razão*, Eloise estava bem-humorada, para variar, e, embora não fosse gentil com a filha, considerando-se a cena da noite anterior, tratava o marido com surpreendente civilidade. Não pediu desculpas por nada. Nunca o fazia. Para ela, não precisava fazer isso. Em sua cabeça, a briga da noite passada tinha sido culpa exclusiva dele e nada por que ela precisasse desculpar-se ou justificar-se.

Mandou Gabriella para o quarto assim que puseram os pés dentro de casa. Detestava encontrá-la andando pela casa sem nenhuma *razão* aparente. Preferia-a confinada a um espaço pequeno, sentada numa cadeira em seu quarto, mantendo-se longe de problemas. E era exatamente isso o que a menina pretendia fazer. Não queria provocá-la ainda mais.

Então, foi para o quarto e lá ficou. Não tinha nada para fazer, mas também sentia tanta dor que, de qualquer maneira, não poderia ter feito coisa alguma, caso tivessem lhe pedido. Sentada no quarto, entretanto, não podia deixar de pensar em Meredith, a boneca que fora destruída na noite anterior. Sentia profundamente a sua falta. Meredith tinha sido sua única amiga, sua confidente, sua alma gêmea. Agora, não tinha ninguém. Ainda pensava nela quando ouviu risos no corredor, do lado de fora do quarto, e ficou surpresa ao se dar conta de que estava ouvindo as vozes dos pais.

A mãe raramente ria de alguma coisa, mas nesse instante em que Gabriella a ouviu, parecia quase a risada de uma menina. As vozes acabaram desaparecendo, e Gabriella ouviu a porta do quarto deles bater com força. Ela não tinha ideia do que faziam lá dentro e se perguntou se não estariam brigando. Mas não parecia que fosse isso. Pareciam felizes, rindo. Durante muito tempo, Gabriella ficou ali sentada, esperando. Uma hora teriam que voltar, pelo menos para lhe dar comida.

Mas quando a tarde chegou ao fim, ainda não tinham aparecido, e ela sabia que não havia nada que pudesse fazer. Não podia bater à porta deles ou chamá-los. Nem mesmo podia pedir que lhe explicassem por que a estavam ignorando ou por que a tinham deixado à sua própria mercê, esquecendo-se de lhe dar o jantar.

Acabaram não indo vê-la naquela noite. Tinham estabelecido uma espécie de paz temporária e a estavam consumando alegremente na privacidade do quarto. Eloise o perdoara pela noite anterior, o que era raro, e John ficou tão surpreso com isso, e ela estava linda de tal maneira naquele dia, que se sentiu atraído por ela. Isso, somado ao fato de que bebera bastante durante o almoço no Plaza, ajudou a enternecê-

lo para uma mulher que em geral detestava. Por algum motivo, ambos estavam extraordinariamente bem-humorados. Mas nem uma pequena parte desses sentimentos afetuosos recém-descobertos estendia-se à filha. John sabia que essa paz era temporária, assim como Eloise, mas de qualquer maneira era agradável, independente da duração que tivesse. E a mulher decidiu não desperdiçar nem um minuto do tempo que desfrutavam na cama dando-se ao trabalho de ir alimentar a filha.

Gabriella sabia que podia ir lá embaixo. Ainda havia sobras da noite passada, mas não fazia ideia do que podia lhe acontecer se tocasse na comida. Era melhor ficar ali no quarto e esperar. Não podiam demorar tanto assim. Afinal, estavam apenas conversando com a porta fechada. Mas quando viu dar sete horas, oito, por fim nove, e ainda dez, ficou claro que haviam se esquecido dela. Foi então para a cama, agradecida por nada particularmente desagradável ter-lhe acontecido no dia que terminava. No entanto, ainda poderia acontecer, como na noite anterior, caso o pai irritasse a mãe, ou a abandonasse, saindo sozinho, como fazia com frequência, independente de ela merecer ou não. Tudo era possível, e Gabriella teria de pagar o preço por todas as fraquezas e falhas dele. Dessa vez, porém, nada aconteceu. Ele não foi a lugar algum, os pombinhos permaneceram no quarto, e Gabriella finalmente dormiu, sem jantar.

CAPÍTULO 4

Aos nove anos, tendo sobrevivido ao comportamento inconcebível dos pais por mais dois, Gabriella encontrara refúgio num mundo onde ocasionalmente podia fugir deles. Escrevia poemas, histórias e cartas a amigos imaginários. Havia começado a criar um mundo onde, pelo menos por uma ou duas horas, os pais e as torturas por eles infligidas pareciam desaparecer. Ela escrevia sobre pessoas felizes vivendo em lugares bonitos, onde coisas maravilhosas aconteciam. Jamais sobre sua família ou as coisas que a mãe ainda fazia com ela sempre que tinha vontade. Escrever era sua única fuga, o único meio de sobrevivência.

Era uma trégua num mundo cruel, embora aparentemente confortável. Gabriella sabia melhor do que ninguém que nem o lugar onde morava nem o tamanho da conta bancária do pai ou a distinção das famílias de seus pais protegiam-na do tipo de realidade que constituía o pesadelo de outras pessoas. A elegância da mãe, as joias que usava e as roupas bonitas penduradas no seu próprio closet nada significavam para Gabriella. Ela conhecia o sentido da vida melhor do que a maioria das pessoas, e também as amargas contradições da sua própria vida. Muito cedo Gabriella compreendera o que era importante e o que não era. O amor representava tudo para ela. Sonhava com ele e, sobre ele, pensava e escrevia. O amor era o que lhe havia escapado completamente na vida.

As pessoas ainda faziam comentários sobre como era bonita, bem-comportada e impecável, como nunca era malcriada, respondia aos pais ou os desafiava. Assim como os professores, os amigos dos pais comentavam sobre o cabelo adorável, os imensos olhos azuis e o pouco que ela falava. Suas notas eram excelentes e, embora os professores lamentassem o fato de Gabriella expressar-se pouco durante as aulas, e só responder quando forçada, estava mais adiantada do que a maioria das crianças da sua idade.

Lia constantemente, e cedo adquiriu o gosto pela leitura. Assim como a escrita precoce, os livros que lia transportavam-na para outro

mundo, a anos-luz do seu. Adorava ler e, agora, quando a mãe queria atormentá-la, jogava os livros fora e tomava dela os lápis e o papel. Era sempre rápida em descobrir o que mais importava à menina e, então, em obstruir todos os seus caminhos de fuga. Mas, quando isso acontecia, Gabriella perdia-se em pensamentos, sonhando. Pelo menos no que era de fato mais importante, não podiam mais atingi-la, embora não se dessem conta disso. E, por motivos que ela mesma desconhecia, Gabriella instintivamente sabia agora que era uma sobrevivente.

Eloise frequentemente fazia Gabriella ajudar na cozinha, limpando, lavando os pratos ou lustrando a prataria. Reclamava que a menina ainda era insuportavelmente mimada e que era sua obrigação fazer-se útil em algum lugar da casa. Gabriella lavava a própria roupa, trocava a roupa de cama, limpava o quarto, além de tomar banho e vestir-se sozinha. A ela não era permitido que ficasse ociosa por um momento sequer, ao contrário das outras crianças de sua idade, que tinham permissão para brincar no quintal ou em seus quartos, e ganhavam livros e brinquedos para se distrair. Sua vida ainda era uma luta constante pela sobrevivência e, conforme crescia, o preço que tinha de pagar aumentava, e as regras do jogo mudavam diariamente. Sua habilidade estava em decifrar as ameaças da mãe, determinar seu humor do momento e empenhar-se sempre para não aborrecê-la, fazendo todo o possível para não se expor à sua fúria.

As surras ainda eram frequentes, mas agora Gabriella passava mais tempo na escola, o que era uma bênção, pois a deixava longe de casa mais horas todos os dias. E, inevitavelmente, à medida que crescia, os pecados que era acusada de cometer tornavam-se mais sérios. Esquecer de fazer a lição de casa, perder peças de roupa, quebrar um prato quando lavava a louça na cozinha. Gabriella sabia que era melhor não inventar desculpas para seus crimes. Simplesmente se preparava para o que viesse. No colégio, era perita em esconder os hematomas das professoras e das poucas crianças com quem brincava. Vivia isolada na maior parte do tempo. Não poderia mesmo ver as outras crianças depois das aulas; a mãe jamais permitiria que alguma delas a visitasse. Para Eloise, já era ruim o bastante ter Gabriella em seu caminho, destruindo a casa. Não tinha a menor intenção de convidar outras

crianças para ajudar a menina na façanha. Aguentar uma já era bastante inconveniente. Outra, seria uma tortura inconcebível para ela.

Durante os três anos em que frequentava a escola, somente duas vezes os professores observaram algo estranho com Gabriella. Uma vez, quando pulava corda no recreio, o uniforme descobriu a coxa da menina, revelando os hematomas estorrecedores na perna. Quando perguntada sobre o que acontecera, ela disse que caíra da bicicleta no jardim de casa e, depois de se compadecerem em relação à gravidade do hematoma e à dor que ela devia ter sentido com a queda, todos esqueceram o assunto. A segunda vez foi no começo do ano vigente. Gabriella tinha os braços violentamente machucados e um dos pulsos torcido. O rosto, como quase sempre, estava intocado, e os olhos mostravam-se inocentes, enquanto ela explicava uma queda horrível do cavalo durante o fim de semana. A menina foi dispensada de fazer o dever de casa até que o pulso melhorasse, mas não podia explicar isso à mãe, ao chegar em casa à noite; então, fez os exercícios assim mesmo, e pela manhã os apresentou no colégio.

O pai continuava não se envolvendo, como sempre. Nos últimos dois anos, parecia passar a maior parte do tempo fora. Viajava a serviço do banco, e Gabriella sabia que alguma coisa desafortunada havia acontecido entre seus pais, embora nunca tivesse ficado claro para ela quando isso acontecera ou o que era. Nos últimos seis meses, entretanto, eles dormiam em quartos separados, e a mãe parecia mais zangada do que nunca quando o pai estava em casa. Ultimamente Eloise vinha saindo com frequência à noite, sozinha. Vestia-se e deixava Gabriella por sua própria conta quando partia com os amigos. A menina não tinha certeza se o pai sabia daquilo, já que passava tanto tempo fora e a mãe ficava em casa sempre que ele estava na cidade. Porém estava claro que a atmosfera entre os dois havia se deteriorado. Eloise fazia comentários rudes sobre ele e não parecia mais hesitar em insultá-lo, estivesse Gabriella presente ou não. A maioria dos comentários era sobre outras mulheres, a quem chamava de piranhas ou vagabundas. Dizia que ele estava "de caso", uma expressão que Gabriella ouvia bastante, mas que não entendia bem o que significava e jamais ousou perguntar. O pai nunca respondia à mãe quando ela falava

essas coisas, mas andava bebendo muito mais. E, quando respondia, acabava saindo de casa, e Eloise ia descontar na filha.

Gabriella ainda dormia na parte inferior da cama; no entanto, era mais por hábito do que por algum êxito que tivesse obtido em convencer a mãe de que não estava ali. Eloise sempre sabia onde encontrá-la. Gabriella nem perdia tempo em se esconder agora. Simplesmente enfrentava o que lhe era reservado, tentando encarar tudo com coragem. Sabia que sua única missão na vida era sobreviver.

Também sabia que, de alguma maneira, ela devia ter causado a frieza que havia entre os dois e, embora a mãe nunca mencionasse seu nome quando brigava com o pai, sabia que, de um jeito ou de outro, era culpada por tudo o que se passava entre eles. Com frequência a mãe dizia que todos os seus problemas se deviam a Gabriella, e esta agora aceitava isso, além das surras, como sua sina.

Por ocasião do Natal, era como se o pai já não morasse mais lá. Era raro que viesse para casa, e quando vinha, Eloise era tomada de uma fúria incontrolável. Parecia, se é que isso era possível, mais furiosa do que nunca. Havia agora um nome que sempre jogava na cara dele. Gritava com John a respeito de "uma vadia" ou da "piranha com quem você está tendo um caso". O nome era Bárbara, Gabriella sabia, mas não fazia ideia de quem era a mulher. Não se lembrava de ter conhecido nenhuma amiga deles com aquele nome. Não entendia o que estava se passando, mas o pai estava se tornando ainda mais distante e parecia não querer saber de mais nada que dissesse respeito a Eloise. Ele mal falava com a filha, e na maior parte do tempo que passava em casa, estava bêbado.

Até Gabriella percebia, e ele já não se esforçava para esconder seu estado. Na véspera do Natal Eloise não saiu do quarto. John tinha saído no dia anterior e só voltou bem tarde aquela noite. Nesse ano não houve árvore, nem luzinhas, nem enfeites. Não havia presentes para Gabriella ou para nenhum dos dois. A única ceia de Natal para Gabriella foi o sanduíche de presunto que ela mesma fez. Pensou em preparar alguma coisa para a mãe, mas teve medo de bater à porta ou lembrar à mãe sua presença. Era mais sensato ficar sozinha, fora do seu caminho. Sabia o

quanto ela estava furiosa porque o pai não se achava presente, principalmente num dia como aquele. Gabriella estava com nove anos então e era mais fácil entender o que tinha acontecido, embora os motivos do ódio mútuo dos pais não estivessem inteiramente claros.

Tinha alguma coisa a ver com a tal Bárbara e, com certeza, com ela própria. Sempre tinha, segundo a mãe. Gabriella sabia disso muito bem. Quando ele chegou tarde na noite de Natal, a briga que tiveram não se limitou ao quarto do casal. Perseguiram-se pela casa, gritando, jogando coisas um no outro e derrubando objetos pelo chão. O pai dizia que já não aguentava mais, e a mãe, que mataria ambos. Ela lhe deu um tapa, e ele bateu na mulher pela primeira vez. Instintivamente, Gabriella soube que, uma vez terminada a briga, era ela quem sentiria o impacto daquele golpe. Pela primeira vez em um longo tempo, a menina desejou ter um esconderijo seguro, um lugar onde encontrasse proteção ou pessoas a quem pudesse recorrer. Entretanto, não havia ninguém, e tudo o que podia fazer era esperar e ver o que aconteceria. Havia anos que sabia não existirem defensores ou salvadores em sua precária vida.

O pai acabou saindo, e então a mãe a encontrou. Tudo foi muito previsível quando ela caiu sobre a filha como um enorme e furioso pássaro preto. Seus cabelos estavam soltos e esvoaçavam atrás dela. Os punhos eram vigorosos e implacáveis. Gabriella sentiu uma dor aguda no ouvido direito logo no primeiro golpe, uma pancada na cabeça e uma série de outras no peito, e dessa vez a mãe apanhou um castiçal e golpeou com ele uma das pernas da menina. Gabriella tinha certeza de que ela acabaria por acertá-la no rosto ou na cabeça com a peça, mas, por um milagre, isso não aconteceu. E, passado o choque dos primeiros minutos, não teve mais consciência de coisa alguma. Eloise estava dominada por uma fúria maior do que qualquer outra que já houvesse experimentado na vida, e Gabriella soube que o que fizesse nesse momento, o que dissesse, poderia custar-lhe a vida.

A menina nada fez para evitar os golpes que choveram sobre ela naquela noite. Apenas esperou, como sempre, que a tempestade se acalmasse. Quando esta finalmente cedeu, e a mãe a deixou caída no chão do quarto, Gabriella não pôde nem mesmo engatinhar até a cama. Ficou ali deitada, oscilando entre a consciência e as trevas, surpresa ao

descobrir que nada doía. Não sentia nada dessa vez, e durante toda a noite, viu o que pareciam halos de luz ao seu redor. Uma vez pensou ter ouvido vozes, mas não conseguiu entender o que diziam. Era manhã quando percebeu que alguém de verdade falava com ela. A voz era familiar, mas, assim como as da noite anterior, não conseguia distinguir o que dizia. Nem chegou a se dar conta de que era seu pai. Não viu suas lágrimas nem ouviu o arquejo de horror que ele deixou escapar quando viu o que Eloise fizera a ela.

Gabriella estava deitada em uma poça de sangue, o cabelo emplastrado grudado à cabeça, os olhos embaciados e desfocados uma ferida apavorante na parte interna de uma das pernas. Ele quis chamar uma ambulância, mas teve medo. Em vez disso, sem nem mesmo esperar para falar com Eloise, envolveu a filha num cobertor e saiu em disparada para chamar um táxi.

Quando chegou ao hospital, não tinha sequer certeza de que ela ainda estava respirando, mas correu e a deitou numa maca *vazia*, pedindo ajuda entre lágrimas e explicando que ela havia caído da escada. Era uma história quase admissível, levando-se em conta a extensão dos ferimentos, e ninguém questionou o que ele dizia. Colocaram uma máscara de oxigênio sobre o rosto pálido da menina e apressaram-se em levá-la, rodeada de enfermeiros com expressões preocupadas, enquanto John os observava sem acreditar.

Ele ficou sentado lá por várias horas, parecendo desorientado, até que às quatro da tarde vieram assegurá-lo de que a filha de fato sobreviveria. Sofrera um traumatismo craniano, além de ter três costelas quebradas, um tímpano rompido e uma ferida séria na perna. Mas os médicos haviam suturado as feridas, enfaixado as costelas e tinham certeza de que, depois de uns dias no hospital, ela estaria recuperada dos ferimentos mais graves. Perguntaram-lhe quanto tempo ele achava que havia passado desde a queda da filha até o momento em que a tinha encontrado, e ele disse que acreditava que várias horas houvessem transcorrido, embora admitisse não ter certeza de quando ela "caíra". John não contou a eles que não estava em casa.

— Ela vai ficar bem — garantiu-lhe um jovem médico interno, e as enfermeiras prometeram cuidar muito bem dela.

John deu uma espiada na filha, mas ela estava dormindo e, sem ir vê-la outra vez, foi embora. Sentia-se atordoado no táxi voltando para casa, incerto sobre o que dizer. Não fazia a menor ideia de como deter Eloise, como pôr um basta naquilo, como fazer qualquer coisa, a não ser fugir.

Ao menos Gabriella estava em boas mãos agora. Parecia mesmo um milagre que tivesse sobrevivido à surra da noite anterior. Entrou na casa numa ansiedade esmagadora e ficou aliviado ao descobrir, quando subiu, que Eloise não se encontrava lá. Não tinha ideia de onde ela pudesse estar, mas já não ligava. Foi à biblioteca e serviu-se de uma bebida forte e, então, sentou-se para esperar, sem saber ao certo o que diria para a mulher quando a visse afinal. O que poderia dizer a ela? Eloise não era humana. Era um animal, um ser de outra galáxia, uma máquina que destruía tudo o que tocava. Perguntava-se agora como podia tê-la amado ou tido a ilusão de que ela poderia ser uma esposa para ele e uma mãe para a filha. Agora não queria nada além de afastar-se dela o mais que pudesse. Queria estar com Bárbara naquela noite, mas não ousou. Sabia que era preciso esperar por Eloise, para confrontá-la, mesmo que fosse apenas por esta última vez. Tinha de fazer isso agora.

Ela chegou em casa pouco depois da meia-noite, num vestido azul-escuro, e, ao olhar para ela, tudo o que pôde pensar é que se parecia com uma rainha malvada. A Rainha das Trevas. E, vendo o estado em que ele se encontrava, escarrapachado no sofá da biblioteca, Eloise olhou-o com absoluto desprezo.

— Quanta gentileza em vir fazer uma visita, John — disse ela, com um desprezo gelado na voz, que não lhe escapou, mesmo estando bêbado. — Você está muito bem. A que devo essa honra? Bárbara está viajando? Ou está atendendo a um outro cliente?

Entrou lentamente no aposento, balançando uma bolsinha de contas na mão. Ele estava ciente da vontade enlouquecedora de jogar a bebida em sua cara ou de bater nela, mas se conteve. Sabia que,

independentemente do que falasse ou fizesse com ela, desumana como era, jamais poderia machucá-la. Ela estava fora de seu alcance, em todos os sentidos.

— Sabe onde nossa filha está esta noite, Eloise? — Ele atropelava as palavras, mas agora sabia exatamente o que queria dizer. Enfim, tudo ficara claro como cristal para ele, depois de tantos anos. Só sentia muito por ter levado todo esse tempo para tomar uma atitude. Mas Bárbara finalmente lhe dera coragem. E o fato de ter encontrado Gabriella naquele estado só reforçara sua resolução.

— Tenho certeza de que você vai me dizer onde ela está, John. Deixou-a em algum lugar? Ou quem sabe a deu para alguém? - Parecia mais divertida do que preocupada, e agora era fácil ver o monstro que era Eloise. A única coisa que ele não conseguia entender era como se deixara enganar por tanto tempo. Tinha permitido isso, querendo acreditar que ela era outra pessoa, mas essa era outra história, algo que ele se sentia incapaz de enfrentar, mesmo agora.

— Gostaria que fosse isso, não é? Que eu a tivesse dado. Por que é que simplesmente não a deixamos num orfanato quando ela nasceu? Ou a abandonamos nos degraus de uma igreja qualquer? Você teria adorado, não é mesmo? E teria sido tão melhor para ela. — Ele lutava contra as lágrimas enquanto falava, lembrando-se da visão do corpinho de Gabriella prostrado sobre a maca. Sabia que era uma cena da qual jamais se esqueceria.

— Me poupe de suas teorias sentimentais, John. Ela está na casa de Bárbara? Você está pensando em sequestrá-la? Se é isso, sabe que vou ter de chamar a polícia. — Deixou a bolsa sobre a mesa e sentou-se com elegância numa cadeira diante dele.

Ainda era uma mulher bonita, mas completamente desprezível. Não tinha alma. Era um iceberg, e cruel além de qualquer medida. A mulher com quem estava agora era bem menos bonita, mas parecia gostar muito mais dele. Seus antepassados eram muito menos aristocráticos, mas ela o amava e tinha coração. E tudo que ele queria agora era esquecer Eloise e a vida que havia levado ao seu lado, e afastar-se dela o mais que pudesse.

Havia hesitado durante um ano por causa de Gabriella, mas, de qualquer forma, não podia ajudá-la agora, não tinha mais como deter esse monstro. Tudo o que podia fazer, estava certo, era salvar a si mesmo.

— Gabriella está no hospital — anunciou ele, ameaçador. Ela estava quase inconsciente quando a encontrei hoje de manhã. — Só de olhar para Eloise, ele tremia de ódio. Mesmo assim, alguma coisa nele ainda a temia. Sabia do que ela era capaz e temia perder o controle e matá-la. A única coisa que ela merecia era ser destruída.

— Que sorte que você veio para casa então, não é mesmo? Que bênção para ela! — replicou Eloise, com frieza.

— Ela podia ter morrido se eu não tivesse chegado. Teve um traumatismo craniano, costelas partidas... um tímpano rompido... — Mas era óbvio, pela cara da mulher, que ela não ligava. Aquilo não tinha a menor importância para ela. Eloise sentia tudo, menos culpa pelo que fizera à filha.

— Está esperando que eu chore? Ela teve o que merecia! - Ao acender o cigarro e fitá-lo, ela aparentava um controle absoluto e uma indiferença completa.

— Você é louca! — murmurou John, rouco, passando a mão nervosamente pelos cabelos. Estava sendo mais difícil do que ele imaginara. Com sua calma inabalável e crueldade sem culpa, ela era uma terrível oponente. E muito mais forte do que ele. Há muito tempo que John sabia disso.

— Eu não sou louca, John. Mas você está parecendo. Já se olhou no espelho? Parece um doido varrido. — Seus olhos apenas riam dele, que, de repente, sentiu vontade de chorar.

— Você podia ter matado Gabriella. — Os olhos dele estavam turvos enquanto falava, a voz rouca devido às próprias emoções.

— Mas não matei, matei? Talvez fosse o que eu devesse ter feito. A maior parte dos nossos problemas foram causados por ela. Se eu não gostasse tanto de você, não ficaria tão brava com ela. Nada disso estaria

acontecendo se ela não tivesse surgido entre nós, se você não tivesse ficado tão enfeitado por ela.

Observando-a, ficou claro para ele que a mulher acreditava de fato naquilo, que, em alguma parte deturpada de sua mente, ela se convencera de que a culpa era de Gabriella e que a filha merecia tudo o que tinham feito com ela. Seria impossível fazê-la ver a insanidade do que dizia, e agora ele sabia disso.

— Ela não tem nada a ver com o que aconteceu entre a gente, Eloise. Você é um monstro. O seu ciúme é insano, e você odeia aquela criança.

— Ponha a culpa em mim, pelo amor de Deus, e não nela. Odeie a mim, se for preciso, porque decepcionei você, porque fui infiel, porque não sou forte o suficiente para dar a você o que precisa... mas por favor... por favor... — Começou a chorar, implorando a ela que ouvisse a verdade daquelas palavras. — Não a culpe.

— Então não vê o que ela fez com a gente? Ela virou a sua cabeça completamente. Você me amava antes de ela nascer. Nós nos amávamos... agora olhe para a gente... — Pela primeira vez em anos havia lágrimas em seus olhos ao olhar para ele. — Foi ela quem fez isso... — Culpava Gabriella até pelo fato de ele estar apaixonado por outra mulher. Para Eloise, a menina era responsável por tudo.

— Você fez isso — acusou-a John, indiferente às lágrimas da mulher. — Eu deixei de amar você quando percebi o quanto a odiava, quando vi como a espancava... e ah, meu Deus, um dia ela vai nos odiar pelo que fizemos a ela.

— Mas é merecido. — Eloise retornou à atitude anterior, convencida da sabedoria de suas palavras. — Não me importo com o que fiz a ela. Essa criança me custou tudo... o casamento e nosso amor...

— Você a odiou desde o dia em que nasceu. Como é que pôde? — Naquela época eu já podia ver o que estava por vir.

— Você tem de parar, Eloise, antes que a mate — implorou ele. — Você precisa... Vai acabar passando o resto da vida na cadeia.

— Ela não vale a pena — disse, resoluta.

Havia pensado nisso antes e tomava cuidado de nunca ir longe demais, pelo seu próprio bem, não pelo da menina. Mas, na noite passada, perigosamente, chegara perto demais. Ele compreendia isso melhor do que ela. Tinha visto Gabriella no hospital e ouvido o que os médicos disseram. Felizmente, ninguém o havia acusado de surrar a menina. Teria sido inconcebível para eles, principalmente dadas suas boas maneiras, o nome respeitável e o endereço elegante. Fazer uma pergunta daquelas seria ofensivo e, mesmo que suspeitassem, e ele esperava que isso não acontecesse, as pessoas não ousariam acusá-lo de maus-tratos à filha.

— Não vou matá-la, John assegurou-lhe Eloise, mas era uma promessa *vazia*, vinda de uma mulher sem alma. — Eu não preciso. Ela sabe o que espero dela. Sabe a diferença entre o certo e o errado.

— O problema é que você não sabe.

— Eu estou cansada. — Com isso, ela se levantou. — E você está me aborrecendo. Vai dormir aqui ou vai voltar para a sua piranhazinha? E quando é que isso vai acabar?

Nunca, ele se prometeu. Nem num milhão de anos. Jamais voltaria para Eloise. Mas sabia que precisava ficar ali agora, para acalmá-la, até que a filha retornasse. Por mais que a odiasse, devia isto a Gabriella. Não podia desistir do resto de sua vida por ela, mas podia apaziguar as coisas pelo menos até ela chegar em casa.

— Vou subir já — afirmou ele, calmamente, servindo-se de um último copo.

Estava grato por terem quartos separados. Ficaria com medo de dormir no mesmo quarto que Eloise agora, temendo que ela o matasse. Saber do que a mulher era capaz apavorava-o. Havia alertado Bárbara a respeito e tentado avisá-la sobre o quanto Eloise era perigosa. Porém, ingenuamente, Bárbara insistia em dizer que não tinha medo. Não podia imaginar o monstro que era Eloise. Ninguém podia. Com exceção do marido e da filha, que sabiam bem demais.

— Imagino que vá dormir no seu quarto esta noite — disse ela, ao sair do aposento, e ele ficou olhando a cauda do vestido de noite

arrastando-se atrás dela.

Mas John não respondeu. Estava pensando outra vez em Gabriella e não tinha forças para dizer mais nada. Limitou-se a ficar observando Eloise, que subia lentamente as escadas.

Naquela noite, quando Gabriella acordou no hospital, não fazia ideia de onde estava. Tudo era branco e claro, e parecia muito simples. Havia sombras no teto, e uma pequena claridade vinha de um canto do quarto. Uma enfermeira de chapéu engomado olhava para ela e, tão logo os olhos da menina se abriram, a moça sorriu para ela. Era uma visão incomum para Gabriella. Os olhos da enfermeira pareciam bondosos.

— Eu estou no céu? — perguntou Gabriella, suavemente, convencida, e aliviada com a ideia, de que tinha morrido.

— Não, você está no Hospital São Mateus, Gabriella. E está tudo bem. Seu pai foi para casa ainda há pouco, mas disse que amanhã vem ver como você está.

Ela queria perguntar se a mãe ficara brava por ela estar ali e se precisava voltar para casa. Se não melhorasse nunca, poderia ficar?

Havia mil perguntas em sua cabeça, mas tinha medo de fazer qualquer coisa que não fosse assentir com a cabeça; e, quando fez isso, doeu. Muito.

— Tente não se mexer muito. — A enfermeira viu quando ela estremeceu.

Sabia que o traumatismo causava uma forte dor de cabeça à menina, e ainda havia sangue escorrendo do ouvido.

- Seu pai disse que você caiu da escada, e você é uma garotinha de sorte por ele tê-la encontrado. Vamos cuidar muito bem de você enquanto estiver aqui. — Apesar da dor, Gabriella balançou a cabeça novamente, agradecida, e fechou os olhos.

Ela chorou durante o sono depois disso, quando o turno mudara, e uma enfermeira mais velha veio cuidar dela por algumas horas, verificando os sinais vitais e trocando o curativo na ferida da perna. A

mulher olhou demoradamente o ferimento e, depois, tornou a fitar o rosto da menina.

Em sua cabeça havia perguntas que, ela sabia, não seriam respondidas, perguntas que deveriam ter sido feitas, mas que ninguém teria ousado fazer. Tinha visto ferimentos como aquele em crianças, mas estas em geral eram pobres. E, de qualquer forma, depois iam para casa, como esta também iria. Porém, quase sempre voltavam. A enfermeira perguntou-se se Gabriella também voltaria. Talvez tivessem se assustado o suficiente dessa vez e aquilo não fosse acontecer mais. Difícil dizer.

Gabriella teve períodos intermitentes de sono até a manhã e a maior parte do tempo durante os dias que se seguiram. O pai veio vê-la duas vezes e explicou para médicos e enfermeiros que a mãe não podia vir porque estava doente. Eles entenderam, compadeceram-se e congratularam-no pela filha. Era tão boazinha, tão doce, tão bem-comportada. Nunca causava problemas, nunca pedia nada, e estava sempre agradecida por qualquer coisa que Fizessem. Raramente falava alguma coisa. Apenas ficava deitada, observando, mas sorria sempre que via o pai. Ele veio buscá-la no dia de Ano-Novo e trouxe roupas para ela.

Gabriella deixou o hospital com um casaco azul-marinho, um vestido de lã cinza, meias brancas até os joelhos e sapatinhos vermelhos. Ele esquecera de trazer as luvas e o chapéu, e ela parecia muito pequena e pálida ao sair do hospital, depois de ter agradecido a todos por terem sido tão bons com ela. Antes da porta do elevador se fechar, ela sorriu e acenou. Todos concordaram que era uma garotinha muito boa e lamentaram que não houvesse mais como ela. Chegara a dizer na noite anterior que estava triste por ter de ir para casa.

— Essa é boa! — exclamou uma das enfermeiras com um sorriso, enquanto corria para cuidar de uma criança com coqueluche e de outra com queimaduras graves. Gabriella tornara-se a queridinha da enfermaria pediátrica, e os funcionários também lamentavam que ela fosse embora. Mas não tanto quanto ela própria. Odiava ter de deixar esse porto seguro e retornar à sua vida no inferno.

A mãe esperava por ela quando chegou em casa, a testa franzida de maneira sombria e os olhos cheios de acusação. Não fora vê-la no hospital e dissera repetidamente a John que todo aquele paparico era desnecessário, além de uma clara afronta. Ele não discutiu com a mulher, mas qualquer um podia ver como Gabriella estava pálida ao ser levada para casa pelo pai. E, por causa dos danos causados ao ouvido, a menina ainda vacilava um pouco ao andar.

— Ganhou todas as atenções que queria dos médicos e enfermeiros se fingindo de doente? — perguntou Eloise, asperamente, quando John tinha ido ao quarto da menina guardar as suas coisas e arrumar a cama para ela. O médico avisara que ela precisava descansar.

— Desculpe, mamãe.

— É bom mesmo que peça desculpas, menina mimada que só sabe reclamar — disse Eloise, fazendo meia-volta e desaparecendo. Gabriella jantou com os pais naquela noite e, previsivelmente, a refeição foi uma provação desagradável e silenciosa. Era claro que a mãe estava furiosa com ela, e o pai estava perdido num outro mundo. Já havia bebido muito quando se sentaram para comer. Gabriella derramou um pouco de água sobre a mesa, e suas mãos tremiam enquanto ela enxugava rapidamente.

— Suas maneiras à mesa não melhoraram nada nesta última semana. O que eles fizeram? Deram comida na sua boca? — perguntou Eloise, cruelmente, e Gabriella baixou os olhos, achando melhor não responder.

A menina não disse uma única palavra durante o jantar. E, assim que terminou a sobremesa, a mãe a mandou para o quarto. Gabriella podia pressentir que uma briga se armava e estava aliviada por sair dali. Foi para a cama imediatamente e, no escuro, escutou os pais discutirem. Não foi nenhuma surpresa, então, quando tarde da noite ouviu passos em seu quarto. Tinha certeza de que era a mãe e preparou-se para o que estava por vir. Desta vez, as cobertas foram retiradas lentamente e a menina contraiu todo o corpinho, apertando os olhos com força, à espera que o primeiro golpe a atingisse. Entretanto, após um longo tempo, aquele ainda não tinha vindo. Podia

sentir a presença de alguém em pé ali do lado, mas não sentia o perfume da mãe; não havia qualquer barulho, e nada acontecia. Depois de esperar por um momento interminável, não conseguiu mais suportar o suspense e abriu os olhos.

— Oi... Você estava dormindo?... — Era o pai que estava ali, sussurrando, e o único cheiro que sentia agora era o hálito de uísque. — Eu vim para dizer... para ver... se você está bem. — Ela fez que sim com a cabeça, confusa. Ele nunca entrava assim em seu quarto.

— Onde está mamãe?

— Dormindo. — Gabriella suspirou lentamente, aliviada pela notícia, embora ambos soubessem que não era preciso muito para acordá-la. — Eu só queria ver você... — Sentou-se com cuidado na cama. — Eu sinto muito... pelo hospital... e tudo o mais... Os enfermeiros disseram que você foi muito corajosa... — Mas ele conhecia melhor do que ninguém a coragem da filha, muito maior do que a dele.

— Eles foram bons — murmurou ela, fitando o rosto do pai no escuro. Podia vê-lo claramente agora, com o luar que entrava pela janela.

— Como está se sentindo?

— Bem... Meu ouvido ainda está doendo... Mas está tudo bem... — A dor de cabeça desaparecera havia dois dias, e as costelas ainda estavam enfaixadas; e assim ficariam pelas próximas duas semanas.

— Cuide-se, Gabriella... Seja sempre corajosa, você é muito forte. — Ela queria saber por que o pai estava dizendo aquelas coisas, o que estava de fato tentando dizer. E não podia deixar de se perguntar por que ele a achava forte. Não se sentia assim. Na maior parte do tempo só pensava em como era má.

Ele queria dizer que a amava, mas não sabia o que falar. E mesmo ele sabia que, se tivesse a amado de verdade, não teria deixado a mãe espancá-la até quase a morte. Mas Gabriella não fazia ideia do que se passava na cabeça do pai, que ficou ali olhando para ela por mais alguns momentos, então tornou a ajeitar as cobertas em torno dela e deixou o quarto, sem dizer mais nada.

Ele hesitou no vão da porta por uma fração de segundo, enquanto a menina o olhava, e então a fechou o mais suavemente que pôde. Nenhum deles queria acordar a mãe, e ele foi tão silencioso, que Gabriella sequer o ouviu se afastando na ponta dos pés. Depois disso, ela se escondeu novamente na cama e ainda estava dormindo, no dia seguinte, quando a mãe escancarou a porta do quarto, gritando com ela.

— Saia já daí! — urrou a voz familiar, fazendo Gabriella saltar da cama ainda meio dormindo.

Os movimentos bruscos trouxeram a dor de cabeça de volta, repercutiram nas costelas e fizeram-na cambalear um pouco, por conta dos danos no ouvido.

— Você sabia, sua putinha, não sabia? Ele lhe disse? Disse? — Ela sacudia a menina pelos braços, sem levar em consideração o lugar onde esta havia passado a última semana ou os ferimentos que a levaram para lá.

— Sabia de quê? Eu não sei de nada, mamãe... — De repente, tinha perdido a prática e, embora tentasse se conter, começou a chorar.

Pela cara da mãe, entendeu que algo terrível acontecera, mas não podia nem imaginar o que era. Pela primeira vez, pelo menos que Gabriella pudesse se lembrar, a mãe estava desgrenhada e desvairada.

— Sabe, sim... Ele lhe contou no hospital? É isso? E o que foi exatamente que ele disse? — Ela sacudia a menina com tanta violência, que Gabriella mal podia responder.

— Nada... ele não me disse nada... O que aconteceu com papai? — Talvez estivesse ferido ou alguma coisa lhe acontecera. Não conseguia imaginar, mas a mãe cuspiu as palavras em sua cara antes que pudesse repetir a pergunta.

— Ele foi embora, e você sabia. É culpa sua... Causou tanto problema para nós dois, que ele foi embora. Pensou que ele amasse você, não foi? Pois bem, não amava. Abandonou você, do mesmo modo que me abandonou. Ele não quer mais nenhuma de nós... sua putinha... Foi você que fez isso, sabia? Você! Ele foi embora porque odeia você, tanto quanto me odeia. — Essas palavras fizeram-se acompanhar de

um tapa sonoro no rosto de Gabriella. Ele foi embora por sua causa... e não tem mais ninguém para proteger você agora.

E, enquanto a mãe caía sobre ela violentamente, Gabriella começou a compreender. O pai as abandonara. Por isso viera ao seu quarto na noite passada. Tinha vindo vê-la pela última vez... tinha vindo dizer adeus... e agora se fora... e tudo o que lhe restava era isso. As agressões que nunca acabavam, as surras a que se resumia a sua vida. Na noite anterior ele falara para ela ser corajosa... que ela era forte.

Aquelas palavras eram tudo o que tinha agora e, ao lembrar-se delas, com os punhos da mãe golpeando-a com mais violência do que nunca, Gabriella tentou ser valente e não chorar, mas não conseguiu. Tudo o que lhe restara era esse pesadelo. A mãe dizia que o pai a odiava, mas ela sabia que era mentira. Ou não? Ele nunca a protegera, ajudara ou defendera. E agora, quaisquer que fossem suas razões, ele a havia abandonado. E tudo o que ela conseguia sentir, subindo à garganta como bílico, era o medo.

CAPÍTULO 5

O resto do ano, até que Gabriella completasse dez anos, foi um caleidoscópio de trevas, as imagens movendo-se e transformando-se, mas conservando sempre o mesmo tema, os horrores tendo sempre a mesma intensidade, independente do quanto variassem as cores. O pai sumiu de maneira efetiva, como se tivesse desaparecido da face da Terra, para nunca mais ser visto. Não telefonava, não mandava uma carta, não vinha vê-la, nem explicar como ou por que aquilo tinha acontecido, o que ele havia feito ou por quê. E no dia em que a mãe recebeu a primeira comunicação do advogado de John, ficou tão enfurecida que, como era de se prever, bateu na filha até que esta quase perdesse os sentidos. Foi só a sua própria exaustão que por fim a deteve. Nos dias que se seguiram, porém, Eloise não teve nenhuma misericórdia de Gabriella. Culpou-a por tudo, como vinha fazendo desde o nascimento da menina, e lhe disse que o pai a odiava tanto quanto a ela, Eloise. Que já não precisava dela porque a mulher com quem iria se casar tinha duas filhinhas que a haviam substituído.

— Elas não são como você — berrava a mãe, cheia de veneno, toda vez que mencionava as meninas, o que fazia em todas as oportunidades. — Elas são bonitas, boazinhas, bem-comportadas, e tudo o que você não é. E ele as ama — sussurrava com crueldade. E um dia, quando Gabriella ingenuamente tentou argumentar, defendendo os sentimentos que atribuía ao pai, mas dos quais já não tinha tanta certeza, por conta de sua deserção, a mãe pegou uma escova e sabão em pó e lavou a boca da menina até que a espuma lhe descesse pela garganta e ela vomitasse, tanto por causa do sabão quanto pelo gosto amargo de sua dor e de sua perda.

Sabia que o pai a amara, dizia a si mesma, ela sabia... ou achava... ou, talvez, apenas quisesse acreditar naquilo. Até que, finalmente, não sabia mais o que pensar. Gabriella passava a maior parte do tempo sozinha em casa, lendo ou escrevendo histórias. Escreveu algumas cartas ao pai, mas, como não sabia para onde enviá-las, rasgou-as e

jogou-as fora. Ele não deixara endereço, e todas as vezes em que tentou procurá-lo, quando a mãe não estava em casa, não conseguiu. Não ousaria pedir à mãe. Sabia onde o pai trabalhava quando foi embora, mas, quando telefonou para lá, informaram-lhe que ele deixara o banco e se mudara para Boston. Para Gabriella, era o mesmo que tivesse se mudado para outra galáxia. E, quando no seu décimo aniversário ele não a procurou, soube que o perdera para sempre.

Ainda sentia ondas de pânico, às vezes, quando pensava nisso, lembrando-se daquela última noite em seu quarto, quando haviam cochichado sob o luar. Havia tanta coisa que gostaria de ter-lhe dito... talvez se tivesse... se tivesse dito o quanto o amava, o pai tivesse ficado e não a tivesse trocado pelas menininhas de que a mãe falava... as duas que eram tão melhores do que ela e que agora tinham o amor de seu pai. Se tivesse se esforçado mais, ou tirado notas melhores na escola, embora dificilmente pudesse ter se saído melhor... ou quem sabe se não tivesse precisado ir para o hospital de vez em quando... se não tivesse feito a mãe odiar tanto os dois, talvez, então, ele tivesse ficado... Ou talvez ele estivesse morto e fosse tudo mentira da mãe.

Talvez tivesse sofrido um acidente, e ela não soubesse. Só de pensar naquilo sentia dificuldade de respirar... E se nunca mais o visse? E se acabasse se esquecendo de como ele era? Às vezes, ficava olhando fotografias dele. Havia duas sobre o piano e várias na biblioteca, mas quando um dia a mãe viu que ela as olhava, tirou todas dos retratos e rasgou-as em mil pedacinhos. Gabriella guardava uma fotografia antiga dele em seu quarto, tirada num verão em Easthampton, quando ela estava com cinco anos, mas a mãe descobriu aquela também e a jogou fora.

— Esqueça o seu pai. Ele não se importa com você. Por que perder seu tempo pensando nele? Ele agora não vai salvá-la — dizia, rindo da filha, ridicularizando-a, vendo os olhos de Gabriella encherem-se de lágrimas.

A única coisa que a atingia agora, com força maior do que os golpes da mãe, era saber que jamais veria o pai novamente, como a mãe lhe recordava a todo instante, e que ele nunca a amara. No começo foi

difícil acreditar, mas depois acabou admitindo que tinha de ser verdade. O silêncio dele só servia como confirmação. Mas, se ele a amava de fato, Gabriella sabia que um dia teria notícias dele. Tudo o que podia fazer era esperar.

Um ano depois da partida do pai, ela passou o Natal sozinha na casa da Rua 69. A mãe passou o dia com amigos e a noite com um homem da Califórnia. Ele era alto, moreno, atraente e não se parecia em nada com o pai. Falou com ela uma ou duas vezes, quando veio pegar a mãe para jantar fora, mas, quando isso aconteceu, Eloise deixou claro que não era necessário nem aconselhável que conversasse com a filha dela.

Gabriella era má, explicou para ele vagamente mais de uma vez, tão má, que ela relutava em lhe contar maiores detalhes. E ele logo compreendeu que ser amigo de Gabriella não era a melhor maneira de cair nas graças daquela mulher. Era mais sábio evitar a menina. Assim, depois de um tempo, não lhe dirigia mais a palavra.

Havia um desfile constante de homens que vinham buscar Eloise para sair. O da Califórnia, porém, era o visitante mais assíduo. Seu nome era Frank. Franklin Waterford. E tudo o que Gabriella sabia a respeito dele é que era de San Francisco e estava passando o inverno em Nova York. Não sabia exatamente por quê. Ele falava muito sobre a Califórnia com a mãe, dizendo o quanto ela iria adorar quando fosse lá. E então a mãe começou a falar em ir para Reno, passar seis semanas. Gabriella não fazia ideia de onde era tal lugar, ou por que a mãe queria ir para lá, e eles nunca explicavam nada a ela. Tudo o que sabia era o que escutava quando passavam pela porta de seu quarto, conversando animados, já de saída, ou nas vezes em que os ouvia na biblioteca tarde da noite, bebendo, rindo e conversando. Não podia deixar de se perguntar o que faria em relação à escola quando ela e a mãe fossem para Reno. Entretanto, não havia como perguntar a Eloise. Sabia que se perguntasse qualquer coisa a mãe ficaria furiosa.

Gabriella ia levando a sua vida, esperando notícias e explicações, verificando a correspondência todos os dias ao chegar do colégio, esperando encontrar uma carta do pai que lhe dissesse onde ele estava.

Mas não chegava nunca e, quando a mãe a viu revirando a correspondência um dia, o inevitável aconteceu. No entanto, ultimamente as surras eram menos vigorosas e um pouco menos frequentes. Eloise andava ocupada demais com sua própria vida para se preocupar com a "disciplina" de Gabriella. Na maior parte do tempo, limitava-se a dizer à menina que ela era um caso perdido. O pai afinal se dera conta disso, não era mesmo? E, quanto a ela, não podiam esperar que desperdiçasse a vida tentando dar um jeito na filha. Não valia o tempo que se perdia. Então, deixava a menina sozinha, por conta própria, e na maioria das vezes Gabriella tinha de preparar seu jantar, quando havia comida na casa, e era frequente que não houvesse.

Jeannie, a empregada, saía pontualmente às cinco horas da tarde e, sempre que achava que não seria descoberta, deixava alguma coisa para Gabriella no fogão. Mas, se demonstrava demasiada preocupação com a menina, se a "mimava" ou falava muito com ela, a criança pagava um preço alto, ela sabia. Então, fingia indiferença e se esforçava para não pensar no que acontecia com Gabriella depois que ia embora. A menina tinha os olhos mais tristes que já havia visto numa criança, e doía-lhe só de olhar para ela. Mas sabia melhor do que ninguém que não havia nada que pudesse fazer para ajudá-la. O pai desaparecera, deixando-a sozinha para viver sua sina com a mãe, e Eloise era um demônio. Mas, afinal de contas, Gabriella era sua filha. O que Jeannie podia fazer para ajudá-la, a não ser deixar um pouco de sopa no fogão ou colocar uma compressa de água fria num machucado que a criança dizia ter conseguido no pátio da escola. Entretanto, até mesmo Jeannie sabia que os hematomas obtidos nas brincadeiras da escola não surgiam naqueles lugares do corpo e naqueles tamanhos.

Um dia, havia uma marca de mão nas costas da menina, que parecia ter sido desenhada por alguém, e a empregada não teve a menor dificuldade em descobrir como fora parar ali. Às vezes, chegava a torcer para que a garotinha fugisse; estaria mais segura sozinha nas ruas do que com a mãe. Tudo o que tinha ali eram roupas quentes e um teto, mas não tinha calor, amor, mal tinha comida suficiente para sobreviver, e não havia ninguém no mundo para tomar conta dela. Mas Jeannie sabia que, se Gabriella fugisse, a polícia a traria de volta. Jamais

interfeririam entre mãe e filha, independente do que Eloise lhe fizesse. E Gabriella havia muito tinha compreendido isso. Sabia que os adultos não ajudavam. Não interferiam nem vinham montados num cavalo branco para salvá-la. Quase sempre fingiam nada ver, fechavam os olhos ou viravam as costas. Exatamente como seu pai.

No entanto, à medida que os meses se passavam e o inverno dava lugar à primavera, os acessos de raiva de Eloise pareciam ir se reduzindo à indiferença. Ela agora não se importava com o que Gabriella fazia, contanto que não tivesse de vê-la ou ouvi-la. Recentemente, a única vez em que bateu na menina foi quando alegou que Gabriella "fingia" não escutá-la. O "fingimento" devia-se ao simples fato de a audição de Gabriella não ser mais o que era antes. Parecia ouvir bem na maior parte do tempo, mas, de alguns ângulos, ou se havia outros ruídos no ambiente, não conseguia distinguir as palavras tão claramente como antes. Aquela era uma sequela de surras anteriores, e Gabriella nunca se queixava disso, embora às vezes a prejudicasse na escola. Porém, ninguém parecia notar, a não ser a mãe.

— Não me ignore, Gabriella! — gritava e caía sobre a menina como um espírito da morte, com os punhos em riste. Mas ultimamente Frank estava quase sempre presente e Eloise era cuidadosa perto dele. Nunca encostava a mão em Gabriella durante suas visitas, só quando estavam sozinhas ou quando Frank a desapontava de alguma maneira, fosse não aparecendo na hora marcada ou esquecendo-se de ligar, pelo que ela sempre culpava Gabriella.

— Ele detesta você, sua infeliz! É por sua causa que não veio esta noite!

A menina não duvidava disso por um momento sequer, perguntando-se o que aconteceria se ele parasse de vir. Mas, ao menos por enquanto, aquilo parecia improvável, embora ele comentasse que voltaria para San Francisco em abril. Gabriella percebia que isso deixava a mãe nervosa. E seu nervosismo se traduzia em algo bem mais perigoso para Gabriella.

Em março, todas as vezes em que ele vinha à casa, os dois fechavam a porta da biblioteca para conversar em particular ou então

subiam para o quarto da mãe e ficavam lá durante horas. Era difícil imaginar o que estavam fazendo; eram sempre muito silenciosos. Ele sorria para Gabriella ao passar por sua porta, mas nunca mais parou para conversar ou mesmo cumprimentá-la. Parecia entender que aquilo era proibido. A menina era tratada como uma leprosa na própria casa.

Em abril, como prometido, ele voltou para San Francisco. Entretanto, para surpresa de Gabriella, Eloise não se mostrava desolada. Na verdade, estava mais ocupada e feliz do que nunca. Raramente falava com a filha, o que era uma bênção. E parecia estar tomando várias providências. Passava muito tempo ao telefone, falando com as amigas, e sempre baixava a voz quando Gabriella se aproximava, como se estivesse contando segredos. Mas, de qualquer maneira, Gabriella não podia ouvi-los.

Três semanas depois de Frank ter partido, ela começou a arrastar as malas para fora do porão, pedindo ajuda a Jeannie para levá-las para cima. Eloise parecia estar colocando nas malas todas as suas coisas, e Gabriella perguntava-se quando a mãe a mandaria fazer as suas. Passaram-se vários dias antes que Eloise, finalmente, dissesse à menina que arrumasse a sua mala.

— Para onde vamos? — perguntou Gabriella com um interesse acautelado.

Era raro que fizesse uma pergunta, mas não tinha certeza sobre que tipo de roupas levar e não queria enfurecer a mãe colocando peças erradas na mala.

— Eu vou para Reno — respondeu Eloise, simplesmente, o que não dizia nada a Gabriella.

Não ousou perguntar onde era esse lugar ou por quanto tempo ficariam lá, e rezou para acertar na escolha das roupas que levaria. Dirigiu-se lentamente para o quarto e começou a fazer a mala, não podendo deixar de se perguntar se Frank estaria lá quando chegassem. Ela nem sabia se gostava dele. Tudo o que sabia é que era alto, bonito e muito educado com a mãe. Não gritavam um com o outro como John e Eloise costumavam fazer, mas ele também não falava com Gabriella. Era difícil dizer se gostaria dele, se o decepcionaria, como fizera com todo

mundo. Essa era uma expectativa que Gabriella passara a ter, um medo com o qual vivia.

Sabia que, se amasse muito alguém, essa pessoa acabaria por odiá-la e, provavelmente, a abandonaria, como seu pai fizera. E se o próprio pai se sentia daquela maneira em relação a ela, quem não se sentiria? Mas talvez com Frank fosse ser diferente. Difícil adivinhar. E, só para aliviar essas suas preocupações, começou a escrever histórias sobre ele. Quando a mãe as encontrou, entretanto, rasgou-as, dizendo que ela era uma vagabunda e que estava dando em cima dele. Não fazia ideia do que a mãe queria dizer com isso ou por que estava tão furiosa. Gabriella tinha descrito Frank como o Príncipe Encantado em uma das suas histórias e, por causa disso, levou uma surra. Sem dúvida, ele teria ficado repugnado se soubesse daquilo, mas é claro que não sabia. A essa altura, ele já estava na Califórnia.

E, numa clara manhã de sábado, duas semanas depois da Páscoa, a mãe olhou para Gabriella durante o café da manhã e sorriu para ela pelo que parecia ser a primeira vez em sua vida. Aquilo quase apavorou a menina. Um brilho nos olhos de Eloise avisava a Gabriella que, se não tivesse cuidado, teria problemas.

— Vou para Reno amanhã. — Foi tudo o que Eloise disse, no entanto, parecendo feliz. — Suas malas estão prontas, Gabriella? — A menina fez que sim com a cabeça, em silêncio.

Depois do café da manhã a mãe foi verificar o quarto e a mala, e balançou a cabeça em sinal de aprovação. Gabriella estava aliviada por não ter cometido erros imperdoáveis. Viu a mãe correr os olhos pelo quarto como se procurasse alguma coisa que ela tivesse esquecido, mas parecia satisfeita com o que vira. Não havia retratos nas paredes, nunca houvera, e a única fotografia que tinha do pai, sobre a cômoda, havia sido jogada fora pela mãe pouco depois de ele ir embora. Não havia nada para enfeitar o quarto, apenas a cama, a cômoda, uma cadeira, cortinas brancas simples na janela e o chão de linóleo, que Jeannie a ajudava a esfregar toda terça-feira à tarde.

— Você não vai precisar de nenhuma roupa elegante, Gabriella. Pode tirar o vestido rosa da mala. — Foi o único comentário que fez.

Gabriella obedeceu, pendurando-o de volta no armário, antes que a desagradasse ainda mais.

— Não se esqueça das roupas do colégio.

As instruções eram confusas, mas ela tinha mesmo colocado algumas na mala porque eram confortáveis e quentes, e por não saber exatamente quanto tempo passariam em Reno. A mãe virou-se, então, e fitou-a com um olhar de sarcasmo, bem conhecido de Gabriella.

— Seu pai vai se casar em junho. Tenho certeza de que você está feliz por saber.

Mas tudo o que Gabriella sentiu foi alívio, além da esmagadora decepção ao se dar conta de que ele não voltaria nunca mais. Ela já sabia mesmo, mas agora tinha certeza. Entretanto, estava aliviada por saber que estava vivo e que não morreria em um acidente terrível, o que teria explicado seu silêncio persistente. Ela tinha escrito uma história a respeito e, enquanto a escrevia, esta lhe parecera tão verdadeira, que Gabriella começara a recear que ele realmente tivesse morrido e não apenas abandonado.

— Você não vai ter mais notícias dele — confirmou a mãe pela milionésima vez. — Ele não gosta de nenhuma de nós duas. Jamais gostou. Nunca amou você e nem a mim. Quero que se lembre disso, Gabriella. Ele nunca se importou com você. — Eloise fitava Gabriella com uma centelha de raiva brilhando nos olhos e parecia esperar uma resposta da menina.

— Você sabe disso, não sabe?

Gabriella fez que sim com a cabeça, em silêncio, querendo dizer que não acreditava nela; mas isso poderia lhe custar a vida, e Gabriella também sabia disso. Era esperta demais agora para pôr em risco a sua vida em defesa do pai. E talvez ele nunca as tivesse amado mesmo, embora ainda achasse difícil acreditar nisso. Talvez, se tivesse se comportado melhor, sido menos impertinente, ele as tivesse amado mais e ficado... Mas ainda se lembrava do olhar do pai naquela última noite em seu quarto. Seus olhos tinham dito que ele a amava, não

importando o que a mãe dizia agora. Era isso que tornava tudo tão confuso.

A mãe saiu com as amigas naquela noite, e Gabriella preparou um sanduíche e o comeu na cozinha. A casa estava calma e silenciosa, e ela ficou sentada, pensando na misteriosa viagem que fariam no dia seguinte. O que as esperava em Reno, ou as razões que as levavam para lá, era ainda um mistério para Gabriella. Sabia que teria de esperar até chegarem ao lugar para descobrir as respostas a suas perguntas. Era um pouco perturbador não saber de nada, e ela se sentia estranhamente triste por deixar a casa. Este era o lugar onde morara com o pai e ainda podia vê-lo ali, quando percorria os cômodos ou subia as escadas lentamente, lembrando-se dos seus ruídos e do cheiro de sua loção pós-barba. Mas não ficariam fora por muito tempo, e talvez tudo acabasse sendo uma grande aventura. Talvez Frank estivesse lá e, dessa vez, resolvesse falar com ela. Talvez ele até fosse gentil se ela se comportasse muito, muito bem e, se fizesse todo o possível para não deixá-lo zangado, poderia até vir a gostar dela. Prometeu-se que se esforçaria ao máximo, enquanto subia as escadas devagar.

Estava dormindo quando a mãe chegou a casa naquela noite e não a ouviu atravessar o longo corredor em direção ao quarto. Eloise sorria enquanto se despia: uma vida inteiramente nova estava prestes a começar, cheia de promessas e com a oportunidade de fechar a porta a todas as antigas decepções. Mal podia esperar para partir. Ela pegaria o trem noturno do dia seguinte, mas não dissera nada a Gabriella, que ainda não fazia ideia da hora em que partiriam. Assim, para não se atrasar e irritar a mãe antes que partissem, a menina levantou-se ao raiar do dia e, quando Eloise desceu para tomar o café da manhã, às nove horas, Gabriella tinha o café pronto esperando por ela. Pousou a xícara na frente da mãe, com cuidado extremo para não derramar. Agora isso raramente acontecia. A essa altura, aprendera todas as suas lições à perfeição. O café estava exatamente na temperatura que a mãe gostava. Eloise nada disse, o que pelo menos era um sinal de que a menina não fizera nada que a incomodasse. Ainda. Mas isso podia mudar num instante, como o lampejo de um raio de verão.

Passou-se meia hora antes que a mãe lhe dirigisse a palavra, quando então perguntou à menina se estava pronta. Estava. Fechara a mala antes de descer e vestia uma saia cinza e um suéter branco, já tendo deixado um blazer azul-marinho cuidadosamente dobrado sobre a cadeira do quarto, junto à boina também azul-marinho e às luvas brancas que usava sempre que saíam juntas. Os sapatinhos de verniz preto estavam impecáveis, sem arranhões, e as meias soquetes brancas apresentavam-se imaculadas e com o punho dobrado exatamente como a mãe gostava. Com os cabelos louros penteados para trás, num lindo rabo-de-cavalo, e os olhos azuis imensos, era uma visão que teria derretido qualquer coração, menos o da mãe. Aos dez anos, ainda era uma garotinha adorável. Ainda não era uma adolescente desajeitada, e também não era mais um bebê, mas já mostrava sinais de que um dia se tornaria uma beldade, o que em nada a ajudava a ganhar a simpatia da mãe.

Eloise ficou esperando à porta, enquanto Gabriella subiu para colocar o chapéu, as luvas, o blazer e pegar a mala. Quando a menina voltou, viu que a mãe ainda não havia trazido a sua bagagem; perguntou-se imediatamente se não estaria esperando que ela o fizesse e começou a subir as escadas mais uma vez para ir apanhá-las.

— Aonde você vai agora? — perguntou Eloise, num tom exasperado. Tinha milhões de coisas para fazer e não pretendia perder mais um minuto que fosse.

— Pegar as malas da senhora — disse Gabriella séria, virando-se para olhar sobre o ombro.

— Eu faço isso mais tarde. Agora vamos. — As instruções eram confusas, mas a menina não podia pedir uma explicação, mesmo agora, nos últimos instantes, quando pareciam prontas para deixar a casa. Percebeu então que a mãe vestia uma saia cinza e um suéter preto antigo que ela só usava para ficar em casa ou para executar pequenas tarefas na rua. Ao contrário de Gabriella, não parecia vestida para viajar. Não havia nem mesmo colocado um chapéu naquela manhã, o que era raro para a mãe.

Porém, sem dizer uma palavra, a menina saiu da casa, carregando a pequena mala e, subitamente, voltando-se e olhando para a casa onde conhecera tanta dor, sentiu uma breve pontada de pavor. Alguma coisa estava errada, e ela sabia, mas parecia loucura pensar assim. De repente, entretanto, tudo o que queria era dar meia-volta e se esconder no fundo do armário do corredor. Havia quase dois anos que não fazia mais isso. Tinha aprendido desde então que se esconder só tornava as surras piores. Era melhor submeter-se a elas. Mas, de súbito, naquele momento, qualquer coisa parecia melhor que seguir cegamente a mãe degraus abaixo, rumo a um destino desconhecido, que poderia ser ainda pior do que as agonias já familiares que encontrara ali.

— Aperte o passo, Gabriella. Não tenho o dia inteiro — disse Eloise, mal-humorada, atravessando rapidamente a calçada, de saltos altos, a fim de chamar um táxi.

Mas ela não trazia nenhuma mala, e Gabriella soube nesse instante, com toda certeza, que, aonde quer que estivesse indo, a mãe não iria junto. Mas para onde é que a poderia estar levando com uma valise numa manhã de sábado? Gabriella não fazia ideia e a mãe nada lhe dizia. Eloise deu ao motorista um endereço que Gabriella não reconheceu, no sentido leste, e a menina podia sentir o coração martelar enquanto percorriam as vinte quadras até lá. A incerteza de seu destino a enchia de pavor, mas ela sabia que, se fizesse uma única pergunta, pagaria caro por ela mais tarde. A mãe não parecia disposta a conversar, enquanto olhava pela janela do táxi, perdida em seus pensamentos, sem absolutamente nada para dizer à filha. Eloise deu uma olhada rápida no relógio e pareceu satisfeita pelo horário apertado não estar sendo muito comprometido. Quando chegaram ao enorme prédio cinza da Rua 48, perto do East River, as mãos de Gabriella estavam tremendo, e ela sentia náuseas. Talvez tivesse feito alguma coisa muito terrível dessa vez e a mãe a estivesse levando para a polícia, ou um lugar parecido, para ser punida por outra pessoa. Tudo era concebível numa vida repleta de terror como a dela. Nunca havia segurança para Gabriella, em lugar algum.

A mãe pagou ao taxista e saiu à frente de Gabriella, que parecia mover-se com uma lentidão irritante, enquanto lutava, sem jeito, com a

mala; mas nada do lado de fora do prédio lhe dava a menor pista de que lugar era aquele ou por que tinha ido para lá. A mãe tocou a campainha e bateu a pesada argola da porta. Era uma construção impressionante e bastante austera, observou Gabriella, durante a espera interminável para que alguém fosse abrir a porta. Os olhos da menina procuraram pelos da mãe por um longo tempo e em seguida voltaram-se para os próprios pés, para que Eloise não visse as lágrimas às quais Gabriella tentava não sucumbir, enquanto sentia as pernas tremerem, tomada por um medo excruciante. Finalmente, com uma lentidão agônica, abriu-se uma fresta na porta, suficiente apenas para que uma cabecinha miúda viesse espreitar.

— Pois não? — Gabriella não conseguia ver muito além da mãe, para determinar se era um homem ou uma mulher. O rosto ou o pouco que podia ver, parecia não ter idade nem sexo.

— Eu sou a sra. Harrison e estou sendo aguardada — disse Eloise, com aspereza, irritada com os procedimentos vagarosos ao extremo. — E estou com muita pressa — acrescentou, no momento em que a porta fechava com um baque surdo, enquanto o rosto sem identificação ia lá dentro verificar a questão.

— Mamãe... — começou Gabriella, levada pelo próprio terror, embora a sensatez devesse tê-la mantido calada. Mas ela já não podia. — Mamãe...

— Sua voz era um sussurro trêmulo quando Eloise virou-se bruscamente para ela.

— Fique quieta, Gabriella! Não é hora para ser mal-educada, e certamente aqui não é o lugar para isso. Ninguém vai aturar os absurdos que eu aturei. — Era verdade então... Estava sendo levada para a cadeia... ou para a polícia... ou para um lugar de punição que desse conta dos seus dez anos de crimes, que por fim lhe custaram o pai. Ela iria pagar por tudo agora. Os olhos encheram-se de lágrimas ao som das palavras da mãe. Sentia-se como se estivesse esperando pela sentença de morte, parada ali, sem entender o que havia acontecido à viagem para Reno. Ou Reno era isso? Era assim que chamavam aquele lugar? Onde ela estava? E o que fariam com ela ali?

Quando pensava que o medo não conseguiria ter poder ainda maior sobre ela, a porta pesada começou a se abrir à sua frente, revelando uma caverna escura escancarada, atrás de uma velha baixinha e deformada, vestida com um hábito preto. Para Gabriella, a mulher se parecia com uma bruxa. Usava um velho xale preto e andava com a ajuda de uma bengala, enquanto indicava às duas que entrassem na escuridão com ela.

Gabriella ofegou, enquanto a mulher gesticulava e, involuntariamente, um soluço lhe escapou, enquanto a mãe a pegava pelo braço e a puxava para dentro do prédio, com a porta se fechando com um estrondo atrás delas. O único som que se ouvia era o choro de Gabriella.

— A madre Gregoria vai vê-la num minuto — disse a velha a Eloise, sem sequer olhar para Gabriella, enquanto a mãe a sacudia pelo braço e a olhava com fúria.

— Pare já com isso! — ordenou, sacudindo-a ainda mais forte para enfatizar a ordem, mas sem ousar fazer mais do que isso. Não vou ficar ouvindo suas lamentações. Pode chorar à vontade quando eu tiver ido embora, e tenho certeza de que vai fazê-lo, mas me poupe dessa bobagem.

— Eu não sou o seu pai e não vou aturar sua choradeira, e nem tampouco as freiras. Você sabe o que elas fazem com as crianças que não se comportam?

Ela não respondeu à própria pergunta, mas, quando Gabriella levantou os olhos apavorados, tudo o que pôde ver foi uma cruz enorme com um Cristo moribundo e coberto de sangue, que a fez berrar ainda mais alto por tudo o que aquilo significava. Esse era de fato o pior dia de sua vida, e tudo o que queria era morrer o mais rápido possível, antes que lhe fizessem qualquer coisa pelos inúmeros pecados que havia cometido em sua breve vida. Não fazia ideia do motivo de estar ali, nem de quanto tempo ficaria, mas a mala que levava não era um bom sinal.

Os soluços curtos e arquejantes haviam rapidamente se tornado incontrolláveis, e nenhuma ameaça da mãe parecia capaz de

interrompê-los. Gabriella não conseguia parar e ainda chorava quando a freira velhinha veio anunciar que a madre superiora as aguardava. Seguiram-na por um longo corredor iluminado apenas por lâmpadas fracas e pequenos feixes de velas crepitantes.

Naquela penumbra, a impressão geral do cenário era a de um calabouço assustador e, à distância, Gabriella podia ouvir pessoas cantando melancolicamente. Até o som daquelas vozes lhe parecia apavorante nesse momento, a música que as acompanhava era lúgubre e depressiva. Tudo o que ela sabia é que preferia estar morta do que ficar ali.

A velha freira parou em frente a uma portinhola e indicou com um gesto que entrassem, antes de desaparecer claudicando com a bengala, os pés parecendo deslizar em silêncio sobre o chão de pedras, apesar da idade e da debilidade. Ao olhá-la, Gabriella tremeu como se sentisse frio. A mãe pegou-a pelo braço então e a puxou para o lugar onde eram esperadas, e os soluços da menina só aumentaram quando ela olhou ao redor. Lá estava uma freira com olhos de gelo e rosto de granito, de pé atrás de uma mesa gasta, à espera delas. Tinha na cabeça uma faixa muito branca e engomada, e o resto do corpo estava envolto em preto, como todas as outras na Ordem, e Gabriella ficou surpresa ao ver como era alta. E, o mais aterrador de tudo, parecia não ter mãos, ao fitar de cima Eloise Harrison e a filha. Tinha os braços cruzados, e as mãos estavam invisíveis, enfiadas nas mangas grandes do hábito; o único adorno que usava era o rosário de contas pesadas de madeira, pendurado na cintura.

Não havia sinais visíveis de sua importância na Ordem ou de que fosse a madre superiora, mas Eloise sabia que era. Tinham se encontrado duas vezes nos dois últimos meses, a fim de discutir seus planos para Gabriella. Mas a madre superiora não esperava que a criança fosse estar tão transtornada. Havia suposto que a menina seria avisada de antemão sobre os planos da mãe.

— Oi, Gabriella — disse a freira, solenemente —, eu sou a madre Gregoria, e você vai ficar algum tempo conosco, como tenho certeza que sua mãe lhe disse.

Não havia um sorriso em seus lábios, mas os olhos eram bondosos, embora Gabriella ainda não pudesse vê-los. Tudo o que fazia era balançar a cabeça veementemente, enquanto chorava, tanto para mostrar que não queria ficar ali, quanto para explicar que a mãe nada lhe dissera a respeito da visita.

— Você vai ficar aqui enquanto eu estiver em Reno — disse Eloise em tom categórico, enquanto a madre superiora observava a conversa com interesse, compreendendo facilmente que aquela era a primeira vez que Gabriella era comunicada do fato e desaprovando, silenciosa, a maneira como Eloise tratara a filha. Gabriella olhou para a mãe obviamente apavorada.

— Quanto tempo a senhora vai ficar lá? — Por mais que a tivesse odiado durante toda a vida, a mãe era a única pessoa que restava a Gabriella, que não podia deixar de se perguntar se esse não seria o castigo por tê-la odiado em silêncio por tanto tempo. Talvez a mãe sempre tivesse sabido e agora a estivesse deixando ali para ser torturada e punida por seus pensamentos malvados.

— Vou passar seis semanas em Reno — disse Eloise, claramente, sem oferecer uma única palavra de conforto, e mantendo-se afastada da criança atormentada, enquanto madre Gregoria as observava.

— Eu vou à escola? — perguntou a menina, a voz ainda embargada pelas lágrimas que continuavam a sacudi-la. Gabriella soluçava e respirava com dificuldade.

— Vai estudar conosco — afirmou madre Gregoria numa voz baixa que não a tranquilizou.

De repente, nada lhe era familiar, e o simples fato de estar ali já era suficiente para assustá-la. As surras da mãe em casa pareciam infinitamente melhores para ela. Se tivesse uma escolha naquele momento, teria ido satisfeita para casa e deixado Eloise fazer com ela o que bem entendesse. Mas a ela não tinha sido dado o direito de optar. A mãe estava indo para Reno, independente de onde ficasse esse lugar.

— Temos outras duas meninas aqui — explicou a madre superiora. — São mais velhas do que você e são irmãs. Uma tem quatorze anos e a

outra tem dezessete, e acho que vai gostar delas. Elas estão muito felizes conosco. — Não explicou que as meninas estavam morando no convento porque eram órfãs. Os pais haviam morrido num acidente de avião no ano anterior e a avó com quem tinham ido morar, sua única parente viva, morrera inesperadamente no Natal. As meninas eram primas de uma das freiras da Ordem e, por enquanto, até que pudessem arranjar outra coisa, esta era a única solução para elas. No caso de Gabriella, tratava-se apenas de uma medida temporária. Dois meses, dissera a mãe, três no máximo, mas não dizia nada sobre isso a Gabriella agora, enquanto a madre superiora as observava. Parecia haver um desconforto extraordinário entre as duas, o que a sábia freira observou com interesse considerável. Na verdade, diria até que a criança aparentava ter medo da mãe. Sabia que o pai da menina as abandonara e planejava casar-se em breve, mas Eloise nada lhe dissera sobre os próprios planos, somente que precisava de um lugar para deixar a filha enquanto ia a Reno tratar do divórcio. Certamente aquele não era um plano que tivesse a aprovação da madre, mas não estava ali para julgar a moral da mãe; seu único interesse era oferecer abrigo para Gabriella. A menina continuava soluçando, e as três se olhavam, constrangidas, quando Eloise olhou para o relógio com ares de surpresa.

— Eu preciso mesmo ir — disse, e uma mãozinha a segurou de repente.

Gabriella agarrou-se à saia da mãe, grudando-se nela, implorando que não a abandonasse.

— Não vá, mamãe, por favor... Mamãe... Eu vou ser boazinha... Eu juro... Por favor, deixe eu ir com você...

— Não seja ridícula! — exclamou Eloise, encolhendo-se, recuando para fora do alcance da criança, com evidente aversão. Só tê-la assim tão próxima, agarrada a ela, fazia Eloise querer sair gritando porta afora.

— Reno não é um bom lugar para crianças — interrompeu a madre Gregoria com firmeza. — Nem tampouco para adultos completou com um tom de desaprovação. A madre superiora não tinha

a menor ideia de que Frank fizera reservas para Eloise num dos hotéis-ranchos mais luxuosos e tinha planos de ficar lá com ela durante todo o tempo. Ele ia ensiná-la a cavalgar à moda do Texas. — Sua mãe vai voltar logo, Gabriella. Você vai ver, o tempo vai passar rapidinho — disse a freira, bondosamente, mas podia ver que a menina estava tomada de pânico, e a mãe não parecia se importar ou mesmo tomar conhecimento.

A madre superiora fez um leve sinal com a cabeça para Eloise, indicando que podia ir embora, e, em segundos, Eloise havia apanhado a bolsa, apertado a mão da freira e então se voltado para a filha. Havia um sorrisinho em seus lábios, como se não conseguisse conter o prazer de partir, e era óbvio que nada tinha a dizer, apesar da aflição aterradora de Gabriella. Tudo o que desejava era a sua liberdade.

— Comporte-se. — Foram as suas palavras. — Não vá arrumar problemas para os outros. Eu vou ficar sabendo, se fizer isso.

E ambas sabiam o que aquilo significava, mas agora Gabriella não se importava. Colocou os braços em torno da cintura de Eloise e chorou, tanto pela mãe que jamais tivera, quanto pelo pai que amara e perdera. Havia um poço de terror e solidão nela que ia além de todas as palavras que tinha para descrevê-lo e, embora nada significasse para Eloise, o olhar da criança tocara o coração de madre Gregoria, que esperou para ver se a mãe beijaria a filha ou diria qualquer coisa para confortá-la. No entanto, tudo que Eloise fez foi arrancar os braços da menina de sua cintura e afastá-la com firmeza.

— Até logo, Gabriella — disse friamente, enquanto a filha a fitava com olhos experientes e sábios que compreendiam muito mais do que deveriam.

Gabriella sabia agora, talvez sempre soubesse, o significado exato e a sensação do abandono. De súbito, ficou imóvel, os soluços ainda a sacudindo, apesar dos seus esforços para se controlar, e ergueu os olhos para a mãe. Não disse nenhuma outra palavra quando Eloise se foi, sem olhar para trás, fechando a porta com firmeza.

Por um momento, apenas uma fração mínima da vida, Gabriella soube precisamente o quanto estava só, e talvez fosse sempre estar,

quando os olhos sábios da velha freira encontraram os seus. Ali estavam duas almas que haviam viajado longe e visto muita coisa da vida, e, no caso de Gabriella, cedo demais. Ela ficou ali parada, deixando escapar soluços de partir o coração, enquanto madre Gregoria caminhava lentamente até ela. Sem dizer uma palavra, tomou-a nos braços e ficou abraçada a ela. Queria proteger Gabriella de um mundo que a machucara quase além de uma possível recuperação. Tudo o que madre Gregoria sabia, sentia e acreditava estava na força de seu abraço, e tudo o que desejava para a criança estava implícito na maneira como a abraçava.

Gabriella olhou para ela, espantada, e fechou os olhos, sabendo, sem a necessidade de palavras, o que acabara de acontecer entre as duas e o que tinha encontrado aqui. E, aninhada na delicadeza daquele abraço, as comportas abriram-se e ela soluçou por todas as perdas, toda a dor e a tristeza, o terror e a decepção que a vida lhe infligira. Ela sabia, com toda a sabedoria de seus dez anos de idade, que ali estava segura.

CAPÍTULO 6

A primeira refeição de Gabriella no Convento de São Mateus a princípio lhe pareceu um ritual completamente estranho, mas por fim lhe trouxe uma surpreendente e agradável sensação. Era um dos raros momentos do dia em que as freiras podiam conversar e, depois de acompanhar madre Gregoria à igreja com toda a comunidade do convento, durante uma hora antes da refeição, Gabriella ficara estarrecida com o número de mulheres e com sua austeridade, sentadas na capela, rezando em silêncio.

No refeitório, entretanto, o que momentos antes tinha parecido um imenso rebanho de mulheres sem rosto, cobertas de preto, transformou-se numa multidão de pessoas que conversavam e riam, felizes. Gabriella ficou perplexa ao descobrir que muitas delas eram bastante jovens. Havia aproximadamente duzentas freiras no convento, das quais mais de cinquenta eram postulantes e noviças, em sua maioria com pouco mais de vinte anos de idade. Havia um grupo de freiras da idade da mãe de Gabriella, um outro com a idade da madre superiora e umas poucas já bastante idosas. A maior parte delas trabalhava ali perto, como professoras no Colégio Santo Estevão, e outras, no Hospital da Misericórdia, como enfermeiras.

A conversa durante o jantar variava de temas políticos a questões médicas, de anedotas das salas de aula a pequenas dicas sobre todas as coisas, do jardim até a cozinha. Contavam piadas e caçoavam umas das outras, chamavam-se por apelidos e, ao final da refeição, parecia a Gabriella que todas as freiras do convento tinham vindo até ela dizer uma palavra gentil, inclusive a velhinha assustadora que tinha aberto a porta para ela e a mãe, apavorando-a ainda naquela manhã. Seu nome era irmã Mary Margaret, e Gabriella logo percebeu que todas no convento a adoravam. Ela havia sido missionária na África quando jovem e já estava no São Mateus fazia mais de quarenta anos. Tinha um sorriso largo e sem dentes, e madre Gregoria a repreendeu com jeitinho, como sempre fazia, por esquecer-se de pôr a dentadura.

— Ela detesta usá-la — explicou uma das freiras mais novas a Gabriella, com uma risadinha infantil.

Gabriella estava mais do que atônita com todas elas. Era como ter sido jogada no meio de uma família de duzentas mulheres amorosas. Pelo menos nesse instante, não parecia haver uma só ranzinza entre elas. Gabriella nunca tinha visto tantas pessoas felizes. Depois de dez anos vivendo num campo minado com a mãe, tentando evitar o mau humor constante e a fúria devastadora desta, era como cair numa nuvem macia de algodão.

Foram muitas as que pararam para se apresentar e conversar com Gabriella, que tentava, valentemente, guardar seus nomes; mas isso era impossível... irmã Timothy... irmã Elizabeth da Imaculada Conceição... irmã Ave Regina... irmã Andrew, ou "Andy", como a chamavam... irmã Joseph... irmã John... e aquela de cujo nome lembrou-se imediatamente foi irmã Elizabeth... ou irmã Lizzie... Era uma jovem muito bonita, com a pele muito clara e os olhos verdes imensos, que ria desde o momento em que Gabriella a viu.

— Você é um pouco jovem demais para ser freira, não acha, Gabbie? Mas Deus pode aproveitar a ajuda vinda de todos os lados.

Ninguém nunca a chamara de "Gabbie", e os olhos que sorriam para ela eram os mais gentis e felizes que Gabriella já havia visto. Queria ficar ao seu lado, conversando com ela, para sempre. A jovem ainda era uma postulante e logo se tornaria noviça. Disse que recebeu o chamado quando, aos quatorze anos, pegou sarampo e teve uma visão da Virgem Santíssima.

— Isso deve parecer meio sem sentido para você, mas às vezes é assim que acontece. — Estava com vinte e um anos agora e era assistente de enfermagem na ala pediátrica do Hospital da Misericórdia; sentiu-se imediatamente atraída por aquela criança com imensos olhos azuis tão cheios de tristeza. Era fácil ver que eles continham uma longa história, uma história que talvez Gabriella jamais fosse capaz de partilhar com elas, mas que lhe custara muito.

No entanto, o encontro que mais significou para ela foi aquele com madre Gregoria, naquela manhã, quando a mãe a deixou. Gabriella não

tinha palavras para explicar o que tinha acontecido com ela, mas sabia que havia encontrado a mãe que jamais tivera, e começava a entender por que aquelas mulheres queriam ficar ali. A madre superiora observava-a com atenção, enquanto a menina interagia com as outras freiras. Era uma criança tímida e em certos aspectos parecia bastante frágil. Por outro lado, havia nela uma força silenciosa e uma profundidade de alma que não correspondiam à sua idade e à cautela que demonstrava ao lidar com as pessoas. Para a madre superiora, era fácil ver que Gabriella havia sido bastante machucada. Tendo visto como a mãe falava com a filha, madre Gregoria suspeitava a origem da mágoa que se impunha, como um véu, entre a menina e as outras pessoas.

Essa era uma criança que sobrevivera aos tormentos do inferno e, por motivos que talvez só Deus conhecesse, conseguira sobreviver a ele. A madre superiora sentia-se intrigada para saber se a alma que suspeitava existir na menina era daquelas cujo destino era ajudar os outros. Na comunidade havia outras que tinham chegado quase tão devastadas quanto ela. E, apesar do que sabia, a madre pressentia na menina dos pedaços partidos ainda por cicatrizar, havia uma integridade e uma força interior profundamente comoventes em Gabriella. Para uma criança tão pequena, tinha uma presença marcante.

Apresentaram-na às outras "hóspedes", as duas meninas que tinham ficado órfãs e estavam com as freiras desde o Natal. A mais nova tinha quatorze anos e era uma garota bonita, que ansiava pelo mundo e se irritava um pouco com as restrições do convento. Seu nome era Natalie, sonhava com um mundo de rapazes e roupas, e era louca por um jovem cantor chamado Elvis. Sua irmã mais velha, Julie, tinha dezessete anos e sentia-se aliviada por ter sido isolada do mundo, agarrando-se à segurança que havia encontrado ali. Era desesperadamente tímida e ainda parecia estar em estado de choque pelas circunstâncias que as haviam deixado órfãs. Desejava tornar-se uma delas um dia e vinha implorando à madre Gregoria, havia meses, que a deixasse ficar e não tomasse nenhuma outra providência em relação a elas. Julie não parecia ter muito o que dizer a Gabriella quando se conheceram, e Natalie era cheia de segredos, cochichos e

risadinhas, embora Gabriella fosse ainda muito nova para apreciar de fato toda a dimensão de sua amizade. Depois de conversar com ela por uns minutos, Natalie sussurrou, para a irmã Lizzie que Gabriella era "só uma criancinha", mas, de qualquer maneira, prometeram ser boas para ela. Passaria pouco tempo lá, e todas estavam certas de que sentiria muitas saudades de casa, sem os pais.

Entretanto, não era neles que Gabriella pensava naquela noite, mas na mulher que a abraçara de manhã e a consolara. Lembrou-se dos braços fortes que a envolveram com firmeza e a fizeram sentir-se protegida das agonias que tinha suportado, e das quais vinha fugindo havia dez anos. Nunca conhecera uma pessoa como a madre superiora e, assim como Julie, já imaginava como seria viver ali para sempre.

Dividia um quarto com as outras duas garotas. Era pequeno e simples, tendo uma janelinha que dava para o jardim do convento. Deitada na cama, sem fazer barulho, podia ver a lua alta no céu, emoldurada pela pequena janela. Perguntou-se onde a mãe estaria naquela noite, ainda em casa ou no trem, e quanto tempo levaria para voltar daquele lugar misterioso chamado Reno. Porém, por mais tempo que resolvesse ficar por lá, Gabriella tinha certeza absoluta de que, pela primeira vez na vida, estava completamente segura. Ela mal podia imaginar como seria sua vida ali, mas, pela primeira vez em dez anos, sabia que não havia nada a temer, nenhuma surra, punição, acusação, nenhum ódio do qual fugir. Estivera tão certa de ter sido levada para ali a fim de ser punida, quando aguardavam à porta de manhã, e agora, com a mesma certeza, sabia que sua ida para lá havia sido uma bênção.

Naquela noite adormeceu pensando em todas elas, nas freiras que a haviam rodeado, como passarinhos bondosos, no refeitório... irmã Lizzie... irmã Timothy... irmã Mary Margaret... irmã John... e a mulher alta de olhos sábios que a abraçara junto ao coração, sem um som, sem uma palavra, mantendo-a aninhada, como um passarinho com a asa quebrada. Mesmo agora, deitada escondida na parte inferior da cama, como era seu hábito, Gabriella já podia sentir as rachaduras de sua alma começarem lentamente a emendar-se. Vieram acordá-las no dia seguinte, como de costume, às quatro horas da manhã. As três meninas passaram as duas primeiras horas do dia na igreja, com as freiras,

rezando em silêncio. Finalmente, pouco antes do sol surgir, a comunidade inteira começou a cantar. Gabriella pensou que nunca ouvira nada tão bonito quanto aquelas vozes que se levantavam em uníssono, louvando a um Deus ao qual ela rogara durante anos e que com frequência Gabriella tivera motivos para duvidar de que a ouvisse.

Ali, porém, com o poder da fé e do amor daquelas mulheres, o amor Dele parecia tão óbvio e irresistível; e a segurança que lhes oferecia, tão certa. Ao entrar novamente no refeitório com elas, para a primeira refeição do dia, Gabriella sentia-se estranhamente em paz.

O café da manhã era uma refeição silenciosa. Era uma hora de contemplação e preparo para o que realizariam ao longo do dia, além das paredes do convento, no hospital e na escola em que trabalhavam, levando conforto e cura àqueles que tocavam e com quem conviviam, enquanto buscavam viver e expressar a bênção de Deus. Elas se despediam com sorrisos e acenos de cabeça e iam para suas celas ou dormitórios, dependendo da idade e do status que ocupavam no convento. As freiras mais idosas tinham celas individuais, as noviças e postulantes viviam em pequenos dormitórios, assim como Gabriella e as duas outras meninas.

E, como elas, Gabriella também estudaria ali com duas freiras idosas, que eram professoras aposentadas. Uma pequena sala de aula havia sido montada, e as três meninas já estavam mergulhadas nos estudos às sete e meia da manhã. Trabalharam com afinco até o meio-dia, em matérias apropriadas a cada uma delas, e depois almoçaram no refeitório em companhia de umas poucas freiras que não trabalhavam fora do convento.

Gabriella não viu madre Gregoria durante todo o dia. Na verdade, só tornou a vê-la à noite, na hora do jantar. Os olhos da menina iluminaram-se, assim como os da madre, tão logo a avistou. Gabriella caminhou timidamente em direção a madre Gregoria, que lhe perguntou, com um sorriso afetuoso, como havia sido o primeiro dia.

— Estudou bastante? — Gabriella fez que sim com a cabeça com um sorriso cauteloso. Havia sido muito mais difícil do que as aulas a que estava acostumada, sem recreio ou intervalos, mas a menina estava

surpresa por descobrir que gostara. Havia qualquer coisa de muito tranquilo em estar ali e partilhar do que faziam.

Parecia que todas tinham uma função, uma meta, um objetivo. Não era meramente a ausência do mundo que se notava ali, mas a presença de algo mais, de um modo de dar, em vez de apenas sobreviver e receber. A seu modo, a seu tempo, cada uma delas havia chegado ali por um motivo, e delas se esperava que esvaziassem a alma diariamente em benefício dos outros. E isso, em vez de exauri-las, parecia preenchê-las. Até mesmo as crianças percebiam esse aspecto da vida ali, tanto Julie e Natalie quanto "Gabbie", como metade do convento já a chamava. Gabriella surpreendeu-se ao descobrir que gostava do apelido.

Tudo era tão diferente da vida que ela conhecera. As mulheres ali eram exatamente o oposto da sua mãe. Não existia vaidade, egocentrismo, raiva ou fúria. Era uma vida completamente devotada ao amor, à harmonia e à ajuda ao próximo. Todas eram extraordinariamente felizes e sentiam-se protegidas. E, pela primeira vez na vida, Gabriella também se sentia assim.

Dois padres foram ouvir a confissão naquela noite. Eles iam quatro vezes na semana, e as freiras, em silêncio, formavam uma fila na capela após o jantar. A irmã Lizzie perguntou se a menina gostaria de acompanhá-las. Gabriella fizera a primeira comunhão quatro anos antes e podia receber o sacramento, embora não necessariamente com tanta frequência quanto as irmãs, que o recebiam todos os dias. A maioria das confissões era breve, e depois todas rezavam em silêncio por um tempo considerável, examinando suas falhas e seus pecados como freiras, e cumprindo a penitência que lhes era destinada.

A confissão de Gabriella foi bastante curta, mas interessante para o padre que a ouvia. Depois de dizer quanto tempo havia desde a última vez em que tinha confessado, admitiu o pecado de com frequência odiar a própria mãe.

— Por quê, minha filha? — perguntou o padre, gentilmente.

Dos dois padres que ouviam a confissão naquela noite, esse era de longe o mais velho; um homem bondoso, que tinha quarenta anos de sacerdócio e um enorme amor pelas crianças. Podia perceber pela voz

da menina, através da grade, que era muito jovem. Madre Gregoria o havia informado de que tinham uma criança recém-chegada, embora ele não a tivesse visto antes da confissão.

— Por que você permite que o diabo a tente a odiar sua mãe? Houve um silêncio interminável antes que ela respondesse.

— Porque ela me odeia — falou, num tom quase inaudível, mas que parecia segura do que dizia.

— Uma mãe nunca odeia um filho. Nunca. Deus não permitiria isso. Mas Deus havia permitido que uma porção de coisas acontecessem a ela.

Coisas que, ela tinha certeza, Ele não havia infligido a outras pessoas. Talvez porque fosse tão má, ou Deus a odiasse também, embora, ali no Convento de São Mateus, essa hipótese parecesse improvável.

— Eu sei que a minha mãe me odeia.

Ele negou novamente e continuou com a confissão, recomendando-lhe que dissesse dez ave-marias e pensasse carinhosamente na mãe em cada uma delas, sabendo que esta a amava. Gabriella não discutiu, mas percebeu que era uma pecadora maior do que ele podia imaginar por odiar a mãe tanto assim. Mas não podia evitar.

Disse a penitência em silêncio com as freiras e então voltou para o quarto, onde Natalie lia uma revista sobre Elvis, que ela comprara às escondidas, enquanto Julie ameaçava contar tudo para a irmã Timmie. Gabriella deixou-as com suas arengas e pensou sobre o que o padre lhe dissera no confessionário. Ela se perguntava se passaria a eternidade no inferno por causa do ódio que sentia pela mãe. O que não percebia, nem os outros tampouco, era que até ali tinha passado toda a sua vida no inferno. Com toda certeza, tivesse alguém visto o que era sua vida, teria lhe assegurado um lugar no paraíso.

Gabriella dormiu na parte inferior da cama, como sempre, e pela manhã, enquanto se vestiam para ir à igreja, as duas outras garotas caçoaram dela, mas sem qualquer malícia. Só comentaram como era

engraçado quando olhavam para a cama e esta parecia estar *vazia*. E esse era o objetivo, é claro, embora o subterfúgio jamais a tivesse poupado. Havia muito tempo, porém, aquilo se tornara um hábito.

Naquele dia, teve aulas novamente com as duas meninas, e a vida no São Mateus foi aos poucos se tornando uma rotina para ela: viver na companhia das freiras e das duas meninas, ir à igreja e estudar. Gabriella aprendeu seus hinos, hábitos, as orações que faziam de manhã, à noite e no meio da tarde. Caía de joelhos no chão de pedras quando tocavam os sinos da igreja, exatamente como as freiras, sem nem mesmo parar para pensar. Lá pela metade do mês de maio, conhecia todas pelo nome e sabia do que gostavam e o que faziam; sorria a maior parte do tempo e conversava, descontraída, com todas durante o jantar. Sempre que possível, procurava a presença de madre Gregoria, sem falar muito com ela; apenas gostava de estar perto dela.

Era final de maio quando a madre superiora mandou chamá-la. Era estranho para Gabriella vê-la no pequeno escritório; fazia com que se lembrasse daquele primeiro dia, quando tinha ido com a mãe. Parecia que tanto tempo se passara. Fazia agora seis semanas, e Gabriella não tinha recebido nem um cartão-postal de Eloise. E, embora não tivesse notícias dela, sabia que a mãe logo estaria de volta.

Ela imaginava se não teria feito alguma coisa errada e estaria prestes a ser repreendida quando entrou no escritório de madre Gregoria. A irmã Mary Margaret tinha ido chamá-la na sala de aula e, por alguma *razão*, o chamado lhe parecera alarmantemente oficial.

— Você está feliz aqui, minha filha? — perguntou a madre, sorrindo para ela.

Havia algo de muito comovente nos olhos azuis de Gabriella, que não combinavam com a sua idade e a inocência que se esperava encontrar ali. Ela sorria com mais descontração agora, mas ainda se podia sentir uma distância entre a menina e aqueles que ela temia pudessem fazer-lhe algum mal. Mesmo ali, havia momentos em que Gabriella mantinha uma atitude clara de defesa. Madre Gregoria tinha percebido que a menina ia se confessar com frequência e se preocupava com a possibilidade de que ainda houvesse demônios que a

atormentassem, demônios que ainda não havia partilhado. Gabriella ainda era extremamente reservada.

— Você se sente em casa aqui?

— Me sinto, madre — respondeu Gabriella com simplicidade, mas seus olhos estavam preocupados. — Tem alguma coisa errada? Eu fiz alguma coisa que não devia? — Era melhor saber imediatamente que castigo lhe seria imposto, por que delito e por quanto tempo. A expectativa de saber era aterradora.

— Não tenha medo, Gabbie. Você não fez nada de errado. Por que está preocupada? — Havia tantas perguntas que gostaria de fazer, mas, mesmo depois de seis semanas, ainda não ousaria fazê-las. Sabia que era cedo demais para abordá-la; talvez sempre fosse. Gabriella tinha direito a suas dores particulares e a seus segredos, mesmo com aquela idade.

— Fiquei com medo de que a senhora estivesse zangada comigo. Quando a irmã Mary Margaret foi me buscar, ela disse que queria me ver no escritório, e eu pensei...

— Eu só queria falar com você sobre a sua mãe.

Um frêmito de medo instantaneamente percorreu o seu corpo. A simples menção à mãe enchia a menina de pavor, embora soubesse que a veria em breve e, de um modo ou de outro, sentisse saudades dela. Gabriella vinha pedindo sempre a Deus para pôr um fim no ódio que guardava, e já havia rezado um sem-fim de avemarias. De súbito, perguntou-se se o padre com quem se confessava teria comentado alguma a seu respeito com madre Gregoria.

A sábia mulher viu as sombras que cruzavam o rosto da criança e pôde apenas imaginar os horrores que representavam.

— Ela me telefonou ontem. Da Califórnia.

— É onde fica Reno?

— Não. — Ela sorriu. — Vamos ter que melhorar sua geografia. Reno é em Nevada. A Califórnia é outro estado.

Gabriella parecia confusa.

— Mas não era para ela estar em Reno?

— É onde estava. Ela se divorciou e foi para a Califórnia. Disse que agora está em San Francisco.

— E onde Frank mora — explicou Gabriella.

Mas a freira já sabia. Havia sido uma conversa bastante longa, e madre Gregoria insistira em que Eloise deveria, ela própria, falar com a filha, mas a mãe tinha sido enfática: preferia que a madre superiora o fizesse.

— Parece que... — Respirou fundo, querendo escolher as palavras certas para não chocar demais a menina. — Parece que sua mãe e Frank, que acho que você já conhece... — Sorriu afetuosamente para a criança, procurando sinais de desconfiança ou desconforto, mas até ali nada via, além da expressão apavorada inicial. — Sua mãe e Frank vão se casar amanhã.

— Ah — foi a resposta de Gabriella, parecendo, a princípio, indiferente e, depois, alarmada. Não havia trocado mais de dez palavras com Frank, e ele parecia sempre a ignorar. E agora a mãe ia se casar com aquele estranho. Só Deus saberia por onde o pai andava. Ela ainda achava que um dia receberia notícias dele, mas já fazia um bom tempo que ele tinha ido embora. E Gabriella experimentou uma sensação de pesar ao se dar conta novamente de que estava sozinha. Agora vinha a parte difícil, porém, o resto da história que a mãe da criança confiara a ela para que contasse à filha única.

— Eles vão morar em San Francisco.

Gabriella sentiu uma breve pontada de desapontamento ao ouvir aquelas palavras, que significavam que ela teria de ir morar num lugar que não conhecia. E também que novamente teria de lutar por sua vida, ligando a todo momento, a toda hora, pela sobrevivência. Significavam um novo colégio e novos amigos, ou talvez nenhum. Significavam ainda viver com um desconhecido e com a mãe que tanto temia quanto odiava. E deixar aquelas mulheres que tinha aprendido a amar no convento.

— Quando é que eu tenho de ir para lá? — perguntou Gabriella, bruscamente.

Madre Gregoria podia ver que algo havia morrido outra vez nos olhos da menina. Ali estava o mesmo olhar daquela primeira vez em que Gabriella entrara em seu escritório. ouve outra pausa longa e silenciosa, enquanto a madre superiora pesava as palavras, cautelosamente, sem deixar de fitar os olhos de Gabriella.

— A sua mãe acha que você ficaria mais feliz aqui conosco, Gabbie. — Era a maneira mais amável de expressar o que a mãe de fato tinha dito, que não aguentava mais a filha e que não queria comprometer a própria felicidade ou sobrecarregar o novo marido com uma filha que ela mesma jamais quisera. Havia sido cruelmente franca ao telefone, ao propor pagar pela hospedagem da menina pelo tempo que pudessem ficar com ela. Para sempre, se possível, foi o que interpretou a freira, e não estava errada. Eloise não tinha nenhum plano de levar a menina para San Francisco e parecia não sentir qualquer remorso em relação a isso.

Quando a madre perguntou sobre o pai da criança e a possibilidade de Gabriella ficar com ele, Eloise lhe assegurou que ele também não a queria. Madre Gregoria sabia que esta era a tristeza que percebia nos olhos da criança, ou pelo menos parte dela. Ela própria tinha consciência de que os pais não a amavam nem a queriam.

— A minha mãe não me quer, não é? — perguntou Gabriella, de repente.

Em seus olhos havia, ao mesmo tempo, vestígios de dor e alívio, o que deixou confusa a mulher que a observava.

— Você não pode encarar a situação dessa maneira, Gabriella. Ela está confusa. Ainda está muito abalada por seu pai tê-las abandonado e agora tem a chance de começar uma vida nova. Acho que ela quer ter certeza de que esta vai ser boa, antes de levar você. É uma atitude muito sensata e, embora seja difícil ficar longe dela, é uma demonstração de amor de sua parte deixá-la com pessoas que gostam de você e querem o seu bem. Era um pensamento bonito, mas Gabriella

sabia que tudo era muito mais complexo e compreendia as sutilezas melhor do que deveria.

— Meus pais se detestam e ela diz que nunca me amaram.

— Eu não acredito nisso. E você? — perguntou a madre, delicadamente, rezando para que Gabriella não acreditasse, mas temendo que os pais tivessem sido sinceros demais com ela, assim como Eloise fora ao telefone no dia anterior. Não havia deixado dúvida ao afirmar: "Não a quero comigo". Madre Gregoria cortaria fora a própria língua antes de repetir aquelas palavras para Gabriella.

— Eu acho que o meu pai me amava... um pouco... ele nunca... nunca fez nada para... — Seus olhos encheram-se de lágrimas ao lembrar-se de todas as vezes em que havia ficado parado à porta, olhando, impotente, ou escutado seus gritos no quarto ao lado, enquanto a mãe a espancava.

Como podia tê-la amado? E tinha ido embora, não tinha? Jamais olhou para trás, escreveu ou telefonou. Era difícil acreditar que ainda a amasse, se é que um dia a amara, o que fazia muito tempo ela duvidava. A mãe agora estava fazendo o mesmo. De certa forma, Gabriella sentia-se feliz. Aquilo queria dizer que não haveria mais surras, que não precisaria se esconder, rezar, implorar, ir para o hospital por ter sido violentamente espancada e esperar pelo momento em que a mãe por fim a mataria. Isso terminara. No entanto, significava também que teria de encarar tudo que a mãe jamais havia sentido por ela, e que nunca sentiria. Apesar das palavras doces da freira, Gabriella sabia que a mãe não voltaria. A guerra tinha acabado. Mas o sonho de um dia ser amada pela mãe, de fazer as coisas certas, de conquistar o seu amor, também morreu com ela.

— Ela não vai voltar nunca mais, não é? — Os olhos de Gabriella estavam fixos nos da madre superiora e eram tão diretos e claros, a pergunta que havia neles tão intensa, que a freira sabia que não podia mentir para ela.

— Não sei, Gabriella. E não acho que ela saiba. Talvez venha a saber um dia, mas pode ser que esse dia demore a chegar. — Era o mais honesta que podia ser, sem lhe dizer toda a verdade. Basicamente, a

menina havia sido abandonada pelos pais e, independente do que madre Gregoria dissesse nesse momento, Gabriella o sabia.

— Eu não acho que ela volte... igual ao meu pai. Mamãe falou que ele vai se casar com outra mulher e que tem outras filhas.

— Mas isso não vai fazer com que ame você menos. — Não podia negar, entretanto, que ele jamais havia procurado a filha, e a madre suspeitava que tampouco Eloise manteria contato com Gabriella. Eram pessoas desprezíveis, e ficava difícil entender como podiam abandonar uma criança como essa. Mas madre Gregoria sabia que isso acontecia, tinha visto antes. Havia chorado por crianças como Gabriella. Sentia-se feliz, porém, por estarem ali para ajudá-la. Talvez fosse esse o modo de Deus expressar a Sua vontade. Talvez seu lugar fosse ali com as freiras e, com o tempo, ela própria O ouviria e, com todo cuidado, a madre expôs esse seu pensamento:

— Pode ser que um dia você decida ficar conosco, Gabriella. Quando tiver crescido. Talvez essa tenha sido a maneira de o Senhor trazê-la para nós.

— A senhora quer dizer... como Julie? — Gabriella parecia perplexa com a sugestão de madre Gregoria. Não podia nem imaginar ser uma freira como as outras. Eram muito boas, e Gabriella, malvada demais; só que elas não sabiam. Ainda tentava absorver o choque de saber que a mãe se mudara para San Francisco e a abandonara. Não pôde deixar de se perguntar se ela já não saberia de tudo quando a deixara ali. Porém, ao contrário da última vez em que vira o pai, Gabriella não havia percebido nem um pouco da ternura, do pesar ou do arrependimento que compreendera mais tarde, ou pensar naquele último encontro. Não houvera nada disso quando a mãe a deixara no Convento de São Mateus. Como de costume, foram apenas ameaças e raiva, além da pressa em deixá-la.

— Um dia você vai saber, Gabbie, se tem a vocação. Deve ouvir com muita, muita atenção. Se tiver, você vai saber com toda clareza. Deus fala conosco o mais alto possível, para que o escutemos.

— Nem sempre eu ouço as coisas — disse Gabriella, com um sorrisinho tímido, e a madre superiora riu, suavemente.

— Acho que ouve tudo o que precisa. — E então seus olhos se entristeceram ao olhar para a menina. Ela havia recebido bem a notícia, mas era uma coisa difícil de lhe dizer; ainda mais complicado era viver sabendo que os pais não a queriam, que era o que tudo aquilo queria dizer para Gabriella. Impossível entender como pessoas, principalmente na situação dos pais dela, podiam fazer uma coisa dessas. Mas não era a primeira vez que acontecia. E talvez, de uma maneira que nenhum deles podia entender, aquilo fosse uma bênção.

Apesar das emoções confusas que experimentava, Gabriella sabia disso. Não chorou nem uma única vez quando madre Gregoria lhe contou. Só sentiu um frio na boca do estômago quando se deu conta de que talvez nunca mais voltasse a ver os dois. Era uma coisa difícil de entender e, até certo ponto, Gabriella não compreendia.

— Você é uma menininha muito forte — disse a madre superiora com um tom misterioso.

Como resposta, Gabriella balançou a cabeça negativamente. Não era, sabia que não, e se perguntava por que as pessoas estavam sempre dizendo isso a ela. O pai tinha lhe dito a mesma coisa na noite em que partira. Disse a ela como era forte. Mas ela não se sentia forte. Sentia-se muito sozinha e, na maior parte do tempo, bastante assustada. Mesmo agora, tinha medo. E se não pudesse ficar ali?; Para onde iria? Quem cuidaria dela? Tudo o que queria era saber que tinha um lugar onde pudesse ficar para sempre; um lugar onde não tivesse que se esconder, onde estaria a salvo e ninguém a pudesse machucar ou abandonar.

Madre Gregoria entendeu isso. Ela deu a volta à escrivaninha, como tinha feito da outra vez, e silenciosamente abraçou aquela criança tão corajosa, tão forte, tão digna. Mas, ao abraçá-la, a freira pôde senti-la tremendo. Gabriella não soluçou dessa vez, nem implorou ou esbravejou contra o seu destino, mas se agarrou com força à única pessoa que lhe havia oferecido amor e conforto, e uma lágrima solitária escorreu pelo seu rosto no momento em que levantou o rosto para a mulher mais velha, com algo de tão terrível e intenso naqueles olhos, que a freira quase estremeceu.

— Não me abandone — sussurrou Gabriella num tom quase inaudível. — Não me mande embora... — Lentamente outra lágrima veio juntar-se àquela primeira, seguida por mais duas. Porém, ela mantinha a dignidade, abraçada à mulher que agora lhe oferecia tudo o que tinha.

— Não vou abandoná-la, Gabbie — disse a madre com suavidade, querendo lhe dar mais, mas sem saber ao certo como. Você nunca vai ter de sair daqui. Esta é a sua casa agora.

Gabriella fez que sim com a cabeça, enterrando o rosto no hábito preto que já lhe era tão familiar.

— Eu te amo — sussurrou, e madre Gregoria ficou abraçada com ela, enquanto lágrimas enchiam os seus próprios olhos.

— Também amo você, Gabbie... todas nós a amamos.

Naquela tarde, ficaram sentadas de mãos dadas por um tempo, conversando sobre a mãe de Gabriella e por que esta decidira deixar a filha ali. Mas essa atitude não fazia o menor sentido para nenhuma das duas, por mais razoáveis que fossem as palavras e, por fim, ambas chegaram à conclusão de que não importava. Já estava feito. E Gabbie tinha um lar ali. Depois, madre Gregoria acompanhou-a até o quarto. Era tarde demais para a aula, e ela a deixou ali com seus pensamentos, suas lembranças e visões da mãe... os lugares que tinha usado como esconderijo... às vezes em que não havia sido capaz de se esconder... a brutalidade... a dor... os hematomas... lembrou-se de tudo e sentiu-se contente porque jamais aconteceria novamente. Mas era difícil acreditar que tivesse acabado. O que mais a deixaria feliz, porém, era uma outra chance, uma chance para ser melhor do que tinha sido, de fazer as coisas certas dessa vez e conquistar o amor da mãe. Teria adorado fazê-la feliz, em vez de deixá-la furiosa. Mas a aborrecera tanto e fora tão má, que a mãe tivera de abandoná-la. Ambos tiveram. Gabriella não podia contar isso a madre Gregoria. Não queria que ela soubesse como era malvada, como era terrível e como merecia tudo aquilo. E sabendo como havia sido má e o quanto os pais a tinham odiado, era impossível acreditar que alguém um dia viesse a querê-la. As freiras a queriam. Talvez Deus. Mas Ele sabia como era má, como

estava errada e o quanto odiava os pais às vezes... Ele também sabia, deitada sozinha no quarto, começando a soluçar, o quanto ela sentia saudades deles... nunca mais os veria... Gabriella sabia disso. Ela os havia afastado... com sua maldade. Não podia esconder-se da verdade agora, nem do fato de que jamais a haviam amado.

Como é que poderiam?, perguntava-se ela, deitada ali, chorando... como é que poderiam?... como alguém poderia? Era seu destino, sua sina, sua sentença... o castigo por ter sido má por tanto tempo... sua maldição. E ela acreditava naquilo do fundo do coração.

Nesse momento, deitada na cama, ela soube não só que eles nunca a haviam amado, como pessoa alguma poderia amá-la, se viesse a conhecê-la de fato. Nem um milhão de ave-marias, confissões e rosários poderiam mudar isso. Passou o resto do dia assim, pensando no que madre Gregoria dissera... e na mãe na Califórnia. Naquela noite jantou em silêncio. Depois, foi se confessar, como de costume, e voltou para o quarto com Julie e Natalie. Deitou-se antes das duas e escondeu-se na parte inferior da cama, como sempre, pensando em tudo aquilo. Seus pais estavam se casando com outras pessoas, o pai tinha "novas" filhas para substituí-la... a mãe não queria mais nenhum filho, ou talvez quisesse agora... filhos bonzinhos... não cruéis como ela... Tinham vida nova, novos companheiros... e Gabriella tinha de viver sabendo por que a haviam abandonado... reconhecendo que tudo teria sido diferente se tivesse sido boa. Tinha a vida pela frente para reparar as coisas, para entregar-se a Deus e aos outros, expiar seus pecados, arrepender-se de tudo o que havia feito e perdoar o que fizeram a ela. O padre dissera-lhe no confessionário que agora a responsabilidade era dela e que tinha de se empenhar, para o resto da vida, em perdoar.

Repetiu aquelas palavras várias vezes para si mesma, enquanto mergulhava no sono... perdão... perdão... tinha de perdoá-los... era tudo culpa sua... tinha de perdoá-los... perdoar... e, no meio da noite, todos ouviram seus berros... os gritos repercutindo pelos corredores longos e escuros, ecoando pelas paredes... Foi preciso três para acordá-la e finalmente tiveram de chamar madre Gregoria para acalmá-la... as lembranças dos espancamentos haviam sido claras e reais demais; ela pôde sentir outra vez o sangue escorrendo da cabeça, a dor

avassaladora no ouvido, as costelas se partindo, a dor nos membros tantas vezes chutados... e soube que jamais esqueceria. Ao aninhar-se, soluçando, nos braços da madre superiora, tudo o que conseguia dizer, repetidamente, era "Tenho de perdoar... tenho de perdoar..." Madre Gregoria ficou abraçada à menina até ela dormir novamente e ficou observando-a em silêncio até enfim ver paz em seu rostinho. Ela compreendia melhor do que ninguém, ou pensava compreender, o quanto Gabriella precisava perdoar os pais. E sabia, assim como Gabriella, que precisaria de uma vida inteira para fazê-lo.

CAPÍTULO 7

Os quatro anos que se seguiram foram de paz para Gabriella, vivendo na segurança tranquila do São Mateus. Continuava estudando com as freiras. Julie tornou-se noviça, e sua irmã, Natalie, ganhou uma bolsa de estudos para a universidade. A essa altura, não só era fascinada por Elvis, como também apaixonada pelos quatro Beatles.

Escrevia frequentemente para as freiras, do norte do estado de Nova York, onde estava feliz da vida, estudando, namorando e fazendo todas as coisas, ou quase todas, com as quais sonhara enquanto estava no São Mateus. Duas outras hóspedes tinham vindo para o convento; duas garotinhas do Laos, enviadas por uma das irmãs missionárias. Eram muito mais novas que Gabriella, mas dividiam o quarto com ela, como um dia ela dividira com Natalie e Julie. Em quatro anos Gabriella nunca teve notícias da mãe, mas ainda pensava nela de vez em quando, assim como no pai. Tudo o que sabia dele é que tinha ido para Boston e pretendia casar-se com uma mulher que tinha duas filhas. Não fazia ideia do que lhe havia acontecido depois e não tinha como procurar saber. A mãe ainda vivia em San Francisco, e todos os meses chegava um cheque para madre Gregoria, rigorosamente em dia, pagando pela hospedagem da menina. Entretanto, jamais houve uma carta ou bilhete que o acompanhasse, perguntando se a filha estava bem e feliz. Não chegavam cartões ou presentes no aniversário ou no Natal. A vida de Gabriella concentrava-se completamente no convento, e as freiras a adoravam.

Trabalhava mais pesado do que a maioria, esfregando o chão, as mesas, os banheiros, fazendo tarefas para as quais mesmo as freiras torciam o nariz. Além disso, era brilhante na escola. Ainda escrevia histórias e poesia, e todas as professoras concordavam que ela possuía talento de verdade.

Gabriella ainda dormia na parte inferior da cama, tinha pesadelos com muita frequência e jamais os explicava. Madre Gregoria a observava à distância, um pouco preocupada com o que via. A dor nos

olhos de Gabriella era menos intensa agora. Ficara ainda mais bonita, embora ela própria não percebesse ou tivesse qualquer interesse em sua aparência. Vivia num mundo sem vaidades. Não havia espelhos no convento, e ela usava as roupas que as meninas que chegavam como postulantes descartavam, e Gabriella parecia não pensar no assunto. Como estipulara como seu objetivo aos dez anos, a sua era uma vida de sacrifícios e de ajuda aos outros. Mas ainda insistia, quando às vezes o assunto era trazido à baila, que não tinha a vocação.

Quando se comparava a meninas como Julie ou às que chegavam de toda parte, podia ver a diferença entre elas. As outras eram tão seguras, certas, firmes em sua devoção ao chamado. Tudo o que Gabriella podia ver em si mesma eram os defeitos, os deslizos, os erros que cometia, ou nas ocasiões em que insistia ter machucado alguém irrefletidamente. Na verdade, sua humildade era bem maior do que a de algumas que ostentavam a vocação como um troféu. E madre Gregoria tentava, ano após ano, fazer com que Gabriella enxergasse isso. Esta, porém, estava tão absorta em negar suas virtudes e enfatizar suas imperfeições que não conseguia imaginar-se como freira no Convento de São Mateus, tampouco concebia a ideia de um dia sair dali. Levava uma vida completamente solitária, entre o amor e a proteção das freiras, sem os quais tinha certeza de que morreria.

— Acho que vou ter de ficar aqui e esfregar o chão para o resto da vida — brincou com a irmã Lizzie, no seu aniversário de quinze anos. — É um trabalho que mais ninguém quer fazer, e eu gosto. Me dá tempo para pensar nas minhas histórias.

— Você poderia escrever suas histórias mesmo se ingressasse na Ordem, Gabbie — insistia a irmã Lizzie, assim como também as outras. Todas no convento sabiam como era forte sua vocação. Gabriella era a única que não percebia. E às vezes apenas sorriam e ignoravam as bobagens que dizia sobre o assunto. Sabiam que ela acabaria por ouvir o chamado. Era impossível imaginar o contrário, mas ela ainda precisava amadurecer bastante nesse meio tempo.

Aos dezesseis anos, tinha concluído os estudos correspondentes à escola secundária, e, apesar dos esforços das freiras para mantê-la ali

com elas, tinham de admitir que estava pronta para a universidade. Gabriella teimava em dizer que não queria ir. Era feliz ali, com as irmãs, fazendo pequenas coisas por elas: alguns serviços simples e gestos amáveis dos quais se recusava a colher os louros. Com o talento literário que possuía, entretanto, madre Gregoria se recusava a permitir que abandonasse os estudos. As histórias pungentes que escrevia mostravam percepção, talento e perspicácia extraordinários. Eram repletas de sentimento e de uma ternura que tocavam o coração; mas também havia nelas uma expressão de força. O estilo de seus textos era o de uma pessoa bem mais velha e certamente não o de alguém que passara toda a adolescência num convento.

— Então o que vamos fazer em relação aos estudos? — perguntou madre Gregoria quando Gabriella completou dezesseis anos depois de conversar com todas as suas professoras, que, unanimemente, haviam concordado que a menina estava pronta para a universidade e que seria um crime ela não continuar os estudos.

— Vamos esquecê-los — respondeu Gabriella, resoluta. Tinha um medo terrível do mundo lá fora e nenhum interesse em se aventurar de volta a uma vida que tanto a fizera sofrer. Jamais queria deixar o abrigo seguro do São Mateus, nem por um único momento. Provocavam-na dizendo que se parecia com aquelas freiras velhas que reclamavam todas as vezes que tinham de deixar o convento para ir ao médico ou ao dentista. As mais jovens ainda gostavam de sair, de tempos em tempos, para visitar os parentes, ir à biblioteca ou ao cinema. Mas não Gabbie. Preferia sentar-se no quarto e escrever suas histórias.

— Não estamos aqui para nos esquivarmos ao mundo, Gabriella — replicou a madre com firmeza. — Estamos aqui para servir a Deus, oferecendo a Ele nossos talentos, levando-os a um mundo que precisa daquilo que temos para dar, sem privá-lo de nossa presença porque estamos muito apavoradas para nos arriscarmos a sair do convento. Pense nas irmãs que trabalham todos os dias no Hospital da Misericórdia. E se resolvessem ficar no quarto, sonhando acordadas, porque têm muito medo de tratar dos pacientes homens? A nossa não é uma vida de covardia, Gabriella, mas de serviço. — Deparou-se com olhos cheios de apreensão e de resistência silenciosa.

Gabriella não tinha a intenção de deixar o convento para ir à universidade. Natalie estava cursando o penúltimo ano em Ithaca, mas mesmo suas cartas entusiásticas, ou a possibilidade de juntar-se a ela, em nada contribuía para convencer Gabriella.

— Eu não vou. — Pela primeira vez em todos os anos que se encontrava ali, opunha-se à madre superiora, agindo com uma teimosia surpreendente.

— Você não vai ter escolha quando chegar a hora — disse madre Gregoria, os lábios apertados numa linha fina. Não queria forçá-la, mas se essa fosse a única maneira de fazê-la aceitar, estava disposta a isso. — Você faz parte dessa comunidade e vai fazer o que eu mandar.

— Não tem idade para tomar essas decisões, Gabriella, e está sendo muito insensata. — Então, encerrou o assunto, irritada com a resistência da jovem.

Madre Gregoria sabia que era por medo de ingressar novamente no mundo, mas não permitiria que desistisse de tudo. Gabriella sabia que essa não era uma atitude racional, mas não recuaria um centímetro sequer. Sentia-se segura ali e não queria tomar parte em um mundo que um dia lhe causara tanta dor. Em todos os sentidos, física e espiritualmente, aos dezesseis anos, ela se retirara desse mundo e pretendia continuar reclusa no São Mateus.

Madre Gregoria mandou que as professoras a inscrevessem como candidata à Universidade de Columbia, e elas insistiram com Gabriella que preenchesse os formulários. Foi uma batalha considerável, mas, por fim, Gabriella o fez, reclamando com amargura e jurando que não iria. Naturalmente, foi aceita e recebeu uma bolsa de estudos integral, o que fez com que todas vibrassem, à exceção da própria Gabbie. O motivo por que escolheram a Columbia, além do prestígio óbvio da instituição, era o fato de que poderia frequentar as aulas e continuar morando no convento.

— E agora? — perguntou, infeliz, quando madre Gregoria lhe contou da bolsa. Era junho, e ela estava com quase dezessete anos. Pela

primeira vez, agia como uma criancinha mimada.

— Você tem até setembro para se conformar, minha filha. Pode morar aqui enquanto estiver estudando. Mas precisa ir à universidade.

— E se eu não for? — perguntou, com rara agressividade, o que fez com que a madre superiora quisesse desistir, frustrada. — Enfileiramos toda a comunidade no dia primeiro de setembro e espancamos você. E acredite, vai ter merecido. Está sendo muito, muito ingrata. Essa bolsa de estudos é maravilhosa, e você pode realizar coisas importantes escrevendo. Aquilo soava absurdo a Gabbie.

— Posso realizar essas mesmas coisas aqui — retrucou, sombriamente, o medo aterrador mais evidente do que nunca em seus olhos, embora a madre superiora não tivesse certeza do que Gabriella temia de forma tão desesperada.

— Você está querendo me dizer que é tão inteligente, brilhante e talentosa que não tem nada para aprender na universidade? Ora, ora, temos de trabalhar nosso senso de humildade, não é? Talvez um pouquinho de silêncio e meditação esteja na ordem do dia.

Gabriella teve a gentileza de rir com o comentário e o assunto voltou a ser abordado várias vezes nos três meses seguintes, sempre em tom de discussão. No final, entretanto, com a persistência das duzentas freiras, Gabriella acabou ingressando na universidade em setembro. E, contra a própria vontade, uma semana depois, admitiu, relutante, que estava gostando. Em três meses, não estava apenas gostando, mas sim adorando.

Durante os quatro anos, não faltou a uma aula sequer. Fez todas as cadeiras de criação literária que podia, entregou-se às aulas de literatura e bebeu cada palavra dos professores preferidos. Mas raramente falava quando não perguntada e mantinha-se distante dos colegas de classe. Evitava tanto os rapazes quanto as moças, assistia às aulas com atenção e, assim que acabavam, corria de volta para o convento. Do ponto de vista social, ao menos, a experiência foi um desperdício absoluto. Escrevia dissertações incessantemente, assumia projetos extras e, no último ano, começou uma novela. Ao término, graduou-se com honra ao mérito. As irmãs no convento tiraram a sorte

para ver quem iria à formatura. As vinte que ganharam foram com madre Gregoria, como mães orgulhosas. Gabriella tinha quase vinte e um anos quando se formou e voltou para casa triunfante em uma das duas *vans* alugadas.

Estavam todas emocionadas com os louvores recebidos pela jovem, mas nem de longe tão surpresas quanto ela própria. Os anos que passara na Columbia eram uma grande vitória, e as freiras nunca duvidaram de que um dia Gabriella escreveria um livro e teria sucesso, embora ela mesma ainda não acreditasse nisso. Os próprios professores disseram-lhe que era muito insegura. Na opinião deles, ela era dotada de muito talento. Depois da formatura, quando passeava pelo jardim com madre Gregoria, numa noite quente de junho, Gabriella falou, hesitante, sobre o seu futuro como escritora.

— Ainda não sei se sou capaz — admitiu, como sempre.

A culpa e a humildade da infância haviam se transformado numa imensa insegurança na idade adulta. A madre superiora tinha plena consciência disso e com frequência discutia o assunto com ela.

— É claro que é. Olhe só para a novela que você escreveu como trabalho de final de curso. Por que acha que se formou com honra ao mérito?

— Por causa de todas vocês. Eles não queriam constrangê-las; além disso, o reitor é católico. — Até mesmo ela achou o argumento ridículo.

— Na verdade, ele não é católico. É judeu. E você sabe perfeitamente por que lhe prestaram todas as homenagens. Não foi por caridade. Você mereceu. A questão é o que fazer agora. Quer tentar escrever um livro? Fazer algum tipo de trabalho free lance, arrumar um emprego numa revista ou num jornal? São tantos os campos em que você pode atuar. Pode até dar aulas no Colégio Santo Estevão e trabalhar no seu livro nas horas vagas. — Queria ajudá-la a dar os primeiros passos na carreira. Sabia melhor do que ninguém que Gabriella precisava de um bom empurrão nesse sentido.

— Eu poderia continuar morando aqui se fizesse uma dessas coisas?... Qualquer uma?... todas elas? — perguntou Gabriella, ansiosa.

Madre Gregoria franziu a testa, consternada. A freira ainda se assombrava, às vezes, ao ver como Gabriella estava determinada em permanecer isolada da vida mundana. Jamais se permitira o menor gostinho de liberdade. Não tinha feito nenhum amigo, nem saído com rapazes. De certa maneira, madre Gregoria sabia que Gabriella precisava experimentar um pouco mais do mundo lá fora antes de renunciar a ele por completo.

A simples ideia de abandonar o convento e de não fazer mais parte dele a teria matado, madre Gregoria sabia.

— Posso pagar minha hospedagem com o dinheiro que ganhar — disse, parecendo determinada. — Se ganhar algum, o que pode levar um tempo. — Estava preocupada havia meses, temendo essa conversa. Havia morado no São Mateus por mais de dez anos, mais da metade de sua vida, e não podia imaginar deixá-lo; não tinha nem mesmo vontade de pensar em tal hipótese. Entretanto, já há algum tempo vinha acalentando uma ideia e esperava pela hora certa de falar com madre Gregoria. O momento era esse.

— Respondendo à sua pergunta, Gabriella, é claro que pode continuar morando aqui. E pode contribuir com um pouco quando tiver condições. Mas já contribui mais do que o suficiente com o trabalho que faz desde que chegou. Você sempre foi como uma das irmãs. — Os cheques da mãe pararam de chegar quando a menina completou dezoito anos. Não houve um bilhete, uma carta, uma explicação ou um telefonema. Simplesmente não vieram mais. Para Eloise Harrison Waterford, ela havia cumprido suas obrigações e não desejava mais nenhum contato com a filha. Esse não tinha mesmo existido desde o dia em que a abandonara no convento.

Gabriella havia anos dera-se conta de que o pai provavelmente não fazia ideia de onde a mãe a deixara. Mas, por outro lado, ele não tinha tentado contactá-la enquanto ela ainda estava com a mãe, quando poderia tê-la encontrado. A verdade é que nenhum deles queria fazer parte de sua vida.

Durante os anos na Columbia, Gabbie contara às pessoas que era órfã e que morava no Convento de São Mateus, embora fosse raro que perguntassem; geralmente, eram só os professores. As outras garotas da turma ficavam irritadas com seu retraimento e sua timidez. E, embora os rapazes que conheceu a achassem atraente, ao primeiro sinal de interesse por parte deles, Gabriella os rejeitava. Por escolha própria, vivia completamente isolada e, mesmo nos anos de universidade, sua vida social restringia-se à que partilhava com as freiras no Convento de São Mateus. Em muitos aspectos, a vida de Gabriella não fora muito saudável para uma menina da sua idade, mas havia algum tempo madre Gregoria já via o que estava por vir, embora não quisesse interferir. Era preciso que a própria Gabriella estivesse atenta ao chamado, como acontecera com todas as outras. Assim, o que Gabriella disse em seguida não a surpreendeu.

— Venho pensando muito ultimamente — começou, sentindo-se de repente tímida e constrangida com a mulher que havia sido uma mãe para ela, a única que conhecera e amara, desde o pesadelo da sua infância.

Gabriella raramente tocava neste assunto, dizendo apenas que tinha sido bastante infeliz com os pais e que estes haviam sido "cruéis" para ela. Nunca falava nas surras ou no horror a que sobrevivera. Entretanto, e por causa dos pesadelos, e das cicatrizes que a sábia freira havia notado aqui e ali ao longo dos anos, madre Gregoria deduzira muita coisa sobre os primeiros anos de sua vida, juntado algumas peças. Os exames de raios X que Gabriella precisara fazer quando tivera bronquite, dois anos antes, haviam mostrado onde as costelas tinham sido quebradas repetidamente, e a existência de uma pequena cicatriz próxima ao ouvido falava por si mesma e justificava a audição às vezes não muito perfeita. A madre superiora sabia de muita coisa, sem de fato saber. Gabriella deu um profundo suspiro, tentando explicar o que vinha pensando, mas madre Gregoria tinha um pressentimento sobre o que ela iria dizer. Agora era a hora.

— Acho que tenho ouvido coisas, madre... e ando tendo uns sonhos. A princípio pensei que fosse minha imaginação, mas parece que esses sonhos estão ficando mais e mais fortes.

— Que tipo de sonhos? — perguntou madre Gregoria, com interesse.

— Não tenho certeza. É quase como se eu estivesse sendo levada a fazer uma coisa da qual nunca pensei ser capaz... ou boa o bastante... Não sei... Eu não tenho certeza... — Seus olhos encheram-se de lágrimas enquanto fitava a mulher que fora sua mãe e mentora. — Não sei. O que eu deveria ouvir?

Madre Gregoria sabia exatamente o que ela estava perguntando. Para algumas era muito claro, enquanto para outras, principalmente as que de fato eram destinadas, nunca havia a certeza de serem boas o bastante. E era tão próprio de Gabriella sentir-se insegura, questionar-se e duvidar de que estivesse realmente ouvindo o chamado.

— Deveria ouvir o seu coração, minha filha. Mas, para ouvi-lo, precisa acreditar em si mesma o suficiente. Não pode ficar duvidando do que ouve e do que sabe que está certo. Acho que já sabe disso há muito tempo.

— Eu achei que sim. — Gabriella suspirou novamente, aliviada com o que dizia a madre superiora. Desejara desesperadamente tomar a decisão certa, mas, na maior parte do tempo, não se sentia boa o bastante para dar de si mesma aos outros. Todas eram muito melhores do que ela. — Eu estava tão certa no ano passado que quase falei com a senhora durante o verão, e depois também, no Natal. Mas achei que era só porque eu queria ouvir. Não sabia o que a senhora ia dizer.

— E agora? — perguntou madre Gregoria com calma, as mãos enfiadas nas mangas opostas, enquanto continuavam a andar tranquilamente pelo jardim, durante o crepúsculo. Já estava quase escuro. — O que está querendo dizer, Gabbie? — Queria ouvi-la dizer as palavras.

Não pretendia privá-la desse momento. Era importante demais em sua vida para que alguém o tirasse dela. A voz da menina era quase inaudível quando pararam de andar e entreolharam-se.

— Estou dizendo que gostaria de ingressar na Ordem. Parecia preocupada, e os olhos azuis profundos pediam confirmação à mulher

que considerava como mãe. — A senhora deixaria?

— Era uma hora de humildade, generosidade e entrega absoluta. Queria se oferecer a Deus e às pessoas que lhe tinham dado tanto: segurança, liberdade, amor e conforto. Devia muito a elas. E pretendia dedicar-lhe a própria vida. Essas mulheres tinham feito mais que compensá-la pelo que os pais lhe haviam roubado.

— Não depende de mim — disse a madre superiora, suavemente. — Depende de você e de Deus. Só estou aqui para ajudá-la. Mas estava mesmo esperando que você chegasse a essa decisão. Venho observando seu conflito há dois anos — acrescentou, afetuosamente.

— A senhora sabia? — Gabriella parecia surpresa ao sorrir para ela e lhe dar o braço, enquanto recomeçavam a lenta caminhada pelo jardim.

— Talvez antes de você mesma.

— E o que acha? — Pedia uma resposta à mulher como madre superiora da Ordem em que queria ingressar.

— Tem uma turma de postulantes começando em agosto. Acho que a sua decisão ocorreu na hora certa. — Pararam e se fitaram; em seguida, Gabriella a abraçou.

— Obrigada... por tudo... pela minha vida... a senhora não imagina do que me salvou quando vim para cá. — Mesmo agora, não conseguia contar a ela. Ainda era muito doloroso.

— Foi o que suspeitei desde o início. — E então, porque também era humana, não pôde resistir a lhe fazer uma pergunta que sempre fazia a si própria. — Sente saudades deles? — Era a indagação da mãe adotiva em relação aos pais biológicos, pelos quais a criança ainda poderia ansiar.

— Às vezes. Sinto saudades do que eles deveriam ter sido, do que eu queria que fossem, mas nunca foram. De vez em quando me pergunto onde estão... como é a vida que levam... se têm outros filhos. Nada importante. — Mas era, ambas sabiam. — Ainda mais agora — mentiu Gabbie, mais para si mesma do que para a mulher que sempre chamara de mãe. — Agora eu tenho uma família... ou vou ter em agosto.

— Você tem uma família desde que chegou aqui, Gabbie.

— Eu sei — respondeu, baixinho, dando-lhe o braço novamente, enquanto voltavam à casa onde viviam, e onde Gabriella viveria para sempre. Para ela, era uma decisão importante. Significava que jamais teria de deixá-las ou perdê-las. Significava que nunca seria abandonada. Era tudo o que queria. A certeza de que faria parte daquele grupo para sempre.

— Você vai ser uma ótima freira — sussurrou a madre, sorrindo para Gabriella.

— Espero que sim — disse a menina, sorrindo também. Parecia imensamente feliz. — É tudo o que quero agora.

As duas atravessaram o corredor de braços dados, e Gabriella sentia uma onda de alívio percorrê-la. Esta era mesmo sua casa e sempre seria. No dia seguinte, quando madre Gregoria contou às outras freiras sobre a decisão de Gabbie, na hora do jantar, houve gritos de júbilo. Todas parabenizaram Gabriella e abraçaram-na, dizendo-lhe o quanto estavam felizes e como sempre souberam de sua vocação. Foi uma celebração de grandes proporções, e, dirigindo-se ao quarto familiar naquela noite, teve certeza absoluta de que somente a morte poderia levá-la dali. Era tudo o que sempre quisera.

Dormiu em paz até que vieram os pesadelos, com os sons e terrores de que ainda se lembrava tão claramente, as lembranças do rosto da mãe, os golpes, o ódio... o cheiro do hospital... e a visão do pai parado, impotente, no vão da porta. Tudo voltou, como sempre, enquanto se encolhia na parte inferior da cama, tentando dormir. Mesmo que não conseguisse, que as lembranças a assombrassem por toda a eternidade, sempre que acordasse e corresse os olhos pelo quarto que era o seu lar e se sentasse na cama, tentando recuperar o fôlego, sabia que estava segura.

Uma das irmãs enfiou a cabeça no quarto e viu Gabriella lá sentada, parecendo abalada, depois da aparente realidade do pesadelo. Como quase sempre, as outras ouviram os berros. As freiras não se alarmavam como antes, mas lamentavam pela jovem.

— Você está bem? — sussurrou a irmã, e Gabriella fez que sim com a cabeça, sorrindo para ela entre as lágrimas, tentando retornar ao presente.

— Sinto muito por tê-la acordado. — Mas a essa altura elas já estavam acostumadas. Gabbie havia tido os mesmos sonhos desde que chegara. Nunca falava sobre eles, nunca os explicava a ninguém, e as freiras podiam apenas imaginar os horrores que a assombravam e como tinha sido sua vida antes de ir para lá. Ali, porém, na segurança do convento onde fora deixada, e no qual passaria o resto da vida, sabia que os demônios não podiam mais alcançá-la. Deitou-se na cama novamente, pensando nos pais e na pergunta que madre Gregoria lhe fizera na noite anterior, se ainda sentia saudades deles. Não sentia, embora ainda pensasse nos dois e, em noites como essa, se perguntasse por que nunca a tinham amado.

Era realmente má como diziam? Era culpa deles, ou dela? Foram eles que fizeram isso com ela, ou seria o contrário? Havia arruinado sua vida, ou ela a deles? Mesmo agora, não tinha as respostas para essas perguntas.

CAPÍTULO 8

Gabriella começou o postulado no Convento de São Mateus em agosto. Fez tudo que sempre havia visto as outras fazerem: abandonou as roupas que usava, tosou o cabelo e passou a vestir o hábito simples que usavam até se tornarem noviças, um ano mais tarde. Sabia que havia uma longa estrada para percorrer depois desse primeiro ano: mais dois como noviça, outros dois de aprendizado monástico, até fazerem os votos definitivos. Eram ao todo cinco anos. Para ela, assim como para as outras que começavam, seria um período mais longo, porém mais excitante, do que a universidade. Era o momento com que todas haviam sonhado.

As postulantes eram encarregadas de tarefas intermináveis, mas, para Gabriella, estas não eram nem desagradáveis, nem estranhas. Fizera tantos trabalhos servis ao longo dos anos, no convento, que nada lhe parecia repugnante. Ao contrário, submetia-se a todas as humilhações impostas com boa vontade e infalível bom humor. A formadora das postulantes, a formadora das noviças e madre Gregoria concordavam que Gabriella tomara a decisão correta em relação à sua vocação. Havia escolhido o nome irmã Bernadette e, entre as postulantes, era chamada de irmã Bernie. Tinha ótima convivência com quase todas as jovens da turma de oito postulantes, seis das quais demonstravam uma clara admiração pela irmã Bernie. A oitava era uma jovem de Vermont, que discordava duramente de tudo que Gabriella dizia e tentava lhe causar problemas com as demais.

Disse à formadora das postulantes que Gabriella era arrogante e que faltava com o respeito pelas freiras mais velhas. A formadora explicou que Gabbie morara no São Mateus durante quase a vida toda e que, portanto, sentia-se à vontade ali. Então a jovem postulante de Vermont queixou-se de que Gabriella era fútil e jurou que a tinha visto olhando para o próprio reflexo numa janela, por falta de espelho.

— Talvez ela estivesse apenas pensando em alguma coisa.

— Na própria aparência — retrucou a jovem, taciturna.

Era uma moça sem atrativos, que decidira entrar para a Ordem seis meses depois de um noivado desfeito. A formadora das postulantes ainda tinha dúvidas a respeito de sua vocação, embora não tivesse nenhuma em relação à de Gabriella. Ninguém no convento jamais duvidou, por um momento que fosse. Era evidente que Gabriella estava mais feliz do que nunca. Vicejava a olhos vistos com a nova vida no convento. As freiras que a conheciam desde a sua ida para o convento ficavam radiantes todas as vezes em que a viam.

Naquele ano, Gabriella escreveu uma história de Natal, com a qual confeccionou um livrinho para cada uma das irmãs, trabalhando nesse projeto até tarde da noite, no escritório de madre Gregoria. Na manhã de Natal, no refeitório, cada freira encontrou seu livrinho sobre a mesa, ao ocupar seu lugar. Era uma história na qual Gabriella trabalhara durante meses e que a formadora das postulantes insistia em que deveria ser publicada.

— Ela está se exibindo de novo! — queixou-se mais uma vez a irmã Anne, a jovem de Vermont, demonstrando pouca generosidade no coração e ainda menos espírito natalino. Deixou a mesa e foi para o quarto, jogando no lixo o livrinho que Gabriella fizera à mão para ela.

Depois, naquela tarde, Gabriella foi vê-la e tentou explicar que esse tinha sido o seu lar por muitos anos e que era difícil não se sentir exultante por fazer parte da Ordem.

— Você deve achar que todas aqui morrem de amores por você só porque a conhecem. Pois bem, não é melhor do que nenhuma de nós e, se não estivesse sempre tão ocupada em se exhibir, poderia ser uma freira melhor. já pensou nisso? — Cuspiu as palavras no rosto de Gabriella, subitamente fazendo com que se lembrasse da mãe. Ouvir o quanto era inconveniente e o quanto estava errada atingiu o coração de Gabriella como um punhal. Naquela mesma tarde, conversou em particular com madre Gregoria sobre o assunto.

— Talvez ela esteja certa. Talvez eu seja arrogante... e fique me exibindo sem me dar conta disso.

A madre superiora tentou lhe explicar o óbvio: a jovem freira de Vermont tinha ciúmes. Nos três meses que se seguiram aquilo se tornou uma espécie de vingança sagrada. A irmã Anne queixava-se sempre de Gabriella e apontava suas falhas sempre que a oportunidade surgia. Aquela situação tornou-se uma agonia para Gabriella, que temia constantemente que a garota visse nela defeitos que de fato tinha e que a impediriam de servir a Cristo com verdadeira humildade e a devoção apropriada.

Gabriella confessava-se com frequência e começou a duvidar de sua vocação. Na primavera, já estava achando que cometera um erro e que a garota via imperfeições que eram evidentes e das quais deveria se livrar, antes de tomar a decisão final de ingressar na Ordem. Havia algo tão doloroso e familiar no modo como a jovem a perseguia que mortificava sua própria alma. Uma noite, no confessionário, admitiu ao padre do outro lado da grade que duvidava seriamente da vocação da qual um dia estivera tão certa.

— Por que diz isso? — A voz desconhecida parecia surpresa, e Gabriella se assustou ao constatar que não estava se confessando com um dos padres que conhecia desde a infância.

— A irmã Anne está sempre me acusando de ser vaidosa, orgulhosa, arrogante, presunçosa e de ter sempre justificativas para tudo. E talvez esteja certa. Como posso ser útil a Deus se não consigo expressar humildade e simplicidade para Lhe obedecer? E o pior... — ela enrubesceu no escuro, ao fazer aquela confissão, mas isso não tinha mesmo importância, já que não o conhecia — é que acho que estou começando a odiá-la.

Houve um momento de silêncio do outro lado, seguido por uma pergunta feita com delicadeza. Sua voz era bondosa e, por uma estranha *razão*, Gabriella se viu imaginando como seria a sua aparência.

— Você já odiou alguém antes?

— Meus pais — respondeu ela, sem hesitação.

— Já confessou isso antes? — O padre parecia intrigado, e ela respondeu que sim, muitas vezes, por muitos anos, desde que tinha ido

para o São Mateus. — Por que odiava seus pais?

— Porque eles me espancavam — replicou Gabriella, simplesmente, parecendo mais humilde do que ele esperara, e muito mais franca.

O padre sabia apenas que ela era uma das postulantes, mas essa era apenas a segunda vez que vinha ouvir as confissões ali e nada sabia sobre ela. Todos os outros padres conheciam Gabriella, menos ele.

— Na verdade, a minha mãe é que batia em mim — começou a explicar. — Meu pai apenas permitia... mas quando vim a refletir sobre o assunto mais tarde, quando cresci, passei a odiá-lo por isso. — Gabriella nunca tinha sido tão franca assim numa confissão e não sabia exatamente por que estava sendo agora, a não ser pela necessidade de limpar sua alma de tudo, para se livrar dos sentimentos que nutria pela irmã Anne. Fora atormentada demais pela jovem, mas tinha vergonha por não gostar dela.

— Já falou aos seus pais a respeito dos seus sentimentos? perguntou o padre, parecendo bastante moderno, querendo cicatrizar as feridas e aliviá-la, e não apenas ouvir a confissão.

— Nunca mais os vi. Meu pai deixou minha mãe quando eu tinha nove anos e nunca mais o vi. Ele se mudou para Boston e, alguns meses mais tarde, minha mãe me deixou aqui e não voltou mais. Ela me disse que estava indo passar seis semanas em Reno, casou-se novamente e concluiu que não havia lugar para mim em sua vida nova. Em muitos sentidos, isso foi uma bênção. Se eu tivesse voltado para junto dela, ela acabaria me matando. — Fez-se um silêncio perplexo do outro lado da grade.

— Entendo.

Ela resolveu contar todo o resto e fazer uma confissão completa.

— A irmã Anne está começando a me fazer lembrar da minha mãe e talvez seja por isso que eu a esteja odiando tanto. Ela grita comigo o tempo todo e diz que sou má... minha mãe costumava fazer isso... e eu acreditava.

— Você acredita na irmã Anne?

Os joelhos de Gabriella começavam a doer por causa da duração da confissão, e além disso fazia um calor terrível no confessionário. Era como ajoelhar-se no piso superaquecido de uma cabine telefônica, e a escuridão absoluta fazia o calor parecer ainda maior.

— Acredita no que ela diz sobre você, irmã? Sobre você ser má? — Parecia profundamente interessado no seu problema.

— Às vezes. Sempre acreditei no que minha mãe dizia. E de vez em quando ainda acredito. Se não tivesse sido má, por que teriam me abandonado? Os dois. Devia haver alguma coisa de muito ruim em mim.

— Ou neles — disse ele, suavemente, numa voz grave, enquanto ela tentava imaginar o rosto que a acompanhava. — O pecado é deles, não seu. Talvez o mesmo seja verdade em relação à irmã Anne, embora eu não a conheça. Talvez ela esteja com ciúmes porque você parece tão segura e à vontade aqui. Pode ser que simplesmente se ressinta do fato de você ter morado aqui a maior parte da sua vida.

— E o que eu faço?— perguntou Gabriella, parecendo desesperada, e dessa vez ele riu.

— Diga a ela que pare já ou vá buscar as luvas de boxe. Quando eu estava no seminário, lutei com outro seminarista com quem tinha me desentendido algumas vezes. Parecia o único jeito de resolver a questão.

— E o que aconteceu? — perguntou ela num sussurro, sorrindo da confissão pouco convencional.

Havia sido mais como uma sessão de terapia. Independentemente de quem fosse o padre desconhecido, gostava dele e sentia que ele realmente a ajudara. Parecia ter compaixão, sabedoria e humor.

— A luta de boxe ajudou? — perguntou, interessada.

— Na verdade, ajudou. Fiquei com o olho roxo, e ele quase me matou, mas, de qualquer forma, nos tornamos grandes amigos depois. Ele ainda me liga todo Natal. É um padre missionário no Quênia, onde cuida dos leprosos.

— Talvez a gente possa antecipar o noviciado, e a irmã Anne queira ir lhe fazer companhia — sussurrou ela.

Nem na universidade tinha tido conversas como essa, em que brincasse com os colegas ou professores. O padre com a voz jovem estava rindo discretamente.

— Por que não sugere isso a ela? Nesse meio tempo, reze três ave-marias e um pai-nosso, e faça isso de coração — disse ele, incisivo, parecendo sério agora que já haviam compartilhado da brincadeira que ela fizera.

Gabriella estava surpresa com a pouca penitência imposta pelo padre antes de lhe dar a absolvição.

— O senhor me perdoou com muita facilidade, padre.

— Está reclamando? — Parecia brincalhão novamente.

— Não, só estou surpresa. Não recebo uma clemência assim tão leve desde que cheguei aqui.

— Então merece um descanso, irmã. Seja complacente consigo mesma, e por que não tenta tirar isso da cabeça por um tempo? Me parece que é um problema mais dela do que seu, ou pelo menos deveria ser. Não a confunda com sua mãe. Ela não é a mesma pessoa. Nem você. Ninguém pode atormentá-la, a não ser você mesma. Ame ao próximo como a si mesma, irmã. Trabalhe isso até a próxima confissão.

— Obrigada, padre.

— Vá com Deus, irmã — sussurrou ele.

Gabriella deixou o confessionário e foi sentar-se num dos bancos ao fundo da capela para cumprir sua penitência. Pouco depois, ao levantar a cabeça, viu a irmã Anne dirigir-se ao confessionário, onde ficou por um longo tempo, saindo com o rosto vermelho, como se tivesse chorado. Gabriella desejou caridosamente que ele não tivesse sido muito duro com ela e sentiu-se culpada por ter contado coisas demais a ele. Mas, quando parou para conversar com a formadora das postulantes, à saída da capela, sentia-se melhor do que vinha se sentindo havia muito tempo. As duas conversaram tão demoradamente sobre uma das freiras mais velhas que estava muito doente, que Gabriella viu a luz se acender no confessionário e o padre a quem se

confessara surgir. Sobressaltou-se quando o viu. Era alto e atlético, e tinha os ombros largos, bastos cabelos louro-acinzentados, quase da mesma cor que os dela. Ele sorriu tão logo viu as duas freiras conversando.

— Boa noite, irmãs — disse, desembaraçado, ao parar por um momento onde estavam. — Que linda capela vocês têm aqui! Olhava ao redor, admirando a igreja de que todas tinham tanto orgulho, enquanto a formadora das postulantes sorria para ele e Gabriella tentava não encará-lo. Havia alguma coisa muito forte e irresistível nele.

Estranhamente, ele lhe trouxe uma vaga lembrança de seu pai, como ela o vira em criança, quando acabara de voltar da Coréia, embora o padre fosse mais atlético e bonito.

— É a primeira vez que vem aqui, padre? — perguntou a formadora das postulantes.

— Segunda. Estou substituindo o padre O'Brian. Ele se encontra numa licença de seis meses em Roma, visitando o Vaticano e participando de um projeto com o arcebispo. Eu sou o padre Connors, Joe Connors. — Sorriu para elas.

— Que maravilha! — A irmã mais velha estava impressionada com a viagem do padre O'Brian ao Vaticano e, por um longo momento, Gabriella nada disse.

— Você é uma das postulantes? — perguntou ele finalmente, e ela fez que sim com a cabeça, com medo de que pudesse reconhecer sua voz, depois da longa e loquaz confissão.

Tentava visualizá-lo com o olho roxo, participando de uma luta de boxe com o seminarista que havia odiado.

— Esta é a irmã Bernadette — apresentou a formadora das postulantes, orgulhosa. Ela adorava Gabriella desde que esta era ainda uma criança, e agora ela era sua aluna exemplar. Tinha sido uma alegria pessoal para ela a decisão de Gabriella de entrar para a Ordem. — Ela mora aqui desde pequena — explicou a formadora —, e agora resolveu ingressar na Ordem. Todas nós temos muito orgulho dela.

Havia uma pergunta nos olhos do padre, no momento em que estendeu a mão para Gabriella, que sorriu ao cumprimentá-lo.

— Prazer em conhecê-la, irmã. — Ele dirigiu um sorriso afetuoso a Gabbie, que, sentindo-se um pouco mais relaxada, lhe sorriu de volta.

— Obrigada, padre. Acho que nós o prendemos até tarde esta noite. — Nos olhos dele, Gabriella pôde ver que reconhecera sua voz imediatamente, mas não fez qualquer comentário... "Ah, então é você que odeia a irmã Anne" não seria nem um pouco apropriado, e ela mal conseguiu reprimir um sorriso ao imaginá-lo fazendo essa observação.

— Sou dado a confissões longas — admitiu o padre, com um sorriso que teria derretido o coração de milhares de mulheres, se as circunstâncias fossem outras.

Gabriella calculou que ele devia ter uns trinta anos, embora em geral não fosse muito boa nesse tipo de avaliação, tendo vivido isolada do mundo a maior parte de sua vida.

— Mas a penitências curtas. — Ele sorriu e piscou o olho, e ela enrubescou. O padre sabia exatamente quem ela era, e Gabriella não pôde deixar de rir para ele.

— É um alívio ouvir isso. É tão constrangedor quando a gente precisa ficar ajoelhada uma hora inteira, cumprindo quatrocentos atos de contrição. E então todos ficam sabendo como nos comportamos mal. Prefiro as penitências curtas.

— Vou me lembrar disso. Estarei de volta no fim de semana. Padre George vai me substituir nesse meio tempo. Preciso ir a Boston para falar com o arcebispo.

— Tenha uma boa viagem, padre — disse a formadora com um sorriso amável. Ele agradeceu e se foi. — Que rapaz simpático! — comentou ela, espontânea, quando saíram vagarosamente da capela. — Eu não fazia ideia de que padre O'Brian tinha ido para Roma. Não fico sabendo mais de nada; vocês, meninas, me tomam todo o tempo. — Desejaram-se uma boa-noite, e Gabriella seguiu lentamente para o dormitório, esperando não encontrar a irmã Anne escondida em algum canto do corredor, esperando para queixar-se dela ou censurá-la.

Mas Gabriella não a viu quando subia as escadas, pensando no padre com quem se confessara. Ele era com certeza um jovem bonito e inteligente. Havia feito com que se sentisse muito melhor em relação à hostilidade que nutria pela irmã Anne. De repente, isso não parecia mais importante. Pela primeira vez em semanas, Gabriella estava de bom humor quando se deitou no quarto que dividia com duas outras postulantes. Felizmente, para ela, a irmã Anne não era uma delas. E nessa noite ela não teve pesadelos. Estes haviam se tornado ainda piores ultimamente, em especial depois que Gabriella percebeu como a irmã Anne a fazia lembrar de sua mãe.

— Boa noite, irmã Bernie — disse uma das outras postulantes na escuridão.

— Boa noite, irmã Tommy... Boa noite, irmã Agatha... — Adorava estar com elas, ser uma delas, vestir o hábito todos os dias. De repente se deu conta de como adorava todas e tudo o que faziam, partilhavam e por que se interessavam. Era o que sempre quisera ser, em toda sua vida, e nunca soube. Até então, resistira à ideia de entrar para a Ordem, que agora era toda a sua *razão* de viver. E, ao adormecer naquela noite, percebeu como padre Connors a ajudara, com sua atitude bem-humorada e atenciosa em relação à sua confissão. Teria de se confessar novamente com ele. Estava contente por ele voltar ainda naquela semana. Era muito mais compreensivo e prestativo do que padre O'Brian. De súbito, tudo parecia estar dando certo, e ela sorriu enquanto mergulhava num sono profundo e tranquilo, do qual só despertou pela manhã.

CAPÍTULO 9

O resto da semana voou. As postulantes tinham muitas tarefas a executar. Gabriella se oferecera como voluntária para uns trabalhos extras na horta e queria plantar muitos legumes e verduras para as irmãs, antes do verão. A tarefa proporcionava-lhe tempo e tranquilidade para pensar e rezar; além disso, trabalhos manuais sempre a relaxavam. A noite, depois de fazer suas orações, tentava escrever um pouco. Mas vinha tendo pouquíssimo tempo ultimamente, e a irmã Anne a desanimara.

Ela disse que era fútil de sua parte sentir-se tão orgulhosa do que escrevia. A verdade é que Gabriella não tinha orgulho, apenas adorava escrever. Nunca estava totalmente segura de que alguém fosse apreciar os seus textos; estes eram apenas uma janela através da qual sua alma podia espreitar, uma estrada em que viajava com desembaraço, sem nunca pensar a respeito. As outras freiras é que adoravam ler as suas histórias. Como de costume, a jovem postulante de Vermont estava com ciúmes dela.

Naquela semana, Gabriella tentou manter-se longe dela e lembrar-se das sugestões que padre Connors lhe dera no confessionário. Ele voltou ao convento no final da semana, conforme o prometido. Celebrou a missa para todas e ouviu suas confissões. Ao reconhecer a voz de Gabriella na escuridão, perguntou-lhe, à vontade, como iam as coisas. Tinha um jeito tranquilo, afetuoso e cordial que fazia as confissões parecerem menos austeras e muito menos assustadoras, embora esse fosse um ritual que houvesse sempre trazido conforto para Gabriella. Era o único momento e lugar em que sabia que poderia ser perdoada pelos pecados terríveis e tácitos que lhe haviam sido atribuídos e de que se sentia culpada desde a infância. Era uma das raras vezes em que, nos recantos mais secretos de sua alma, não se sentia verdadeiramente má. No confessionário, Gabriella lhe assegurou que as coisas estavam melhores em relação à irmã Anne e que andava rezando bastante por ela.

O padre despediu-se dela, dando-lhe a penitência de cinco ave-marias por uns poucos pecados veniais que ela confessara, e mais tarde a viu novamente, quando parou para conversar com as freiras no café da manhã. Ele sentou-se à mesa de madre Gregoria e acenou casualmente para Gabriella, que lhe retribuiu com um sorriso. Era estranho como ele se parecia com seu pai. Era mais corpulento e tinha um sorriso mais terno, mas havia algo de muito familiar nele. E quando trabalhavam na horta, um comentário maldoso da irmã Anne pegou-a de surpresa. — Você já falou à irmã Emanuel sobre o padre Connors?

Irmã Emanuel era a formadora das postulantes e, ao erguer os olhos das mudas que plantava, Gabriella não podia imaginar o que a irmã Anne estava querendo dizer.

— Sobre o padre Connors? — perguntou, confusa. — O que tem ele?

— Vi você conversando com ele no outro dia, e essa manhã, no refeitório, você o estava paquerando. — A princípio, Gabriella pensou que ela estivesse brincando. Só podia estar. Aquela acusação não podia ser séria. Assim, deu uma risada e voltou ao trabalho, plantando uma fileira de manjerição.

— Muito engraçado — observou, esquecendo-se logo do comentário. Quando a olhou novamente, entretanto, percebeu um brilho nos olhos da outra irmã que a desconcertou.

— Estou falando sério. Deveria confessar o que está acontecendo à irmã Emanuel.

— Não seja ridícula, irmã Anne. — Um tom de irritação insinuou-se na voz de Gabriella. A outra tinha sempre uma ideia nova com a qual torturá-la e fazer com que se sentisse culpada. Dessa vez, pelo menos, não conseguiu. — Só falei com ele durante a confissão.

— Está mentindo e sabe disso — disse a jovem postulante de Vermont, asperamente.

Era uma garota para quem as coisas não haviam dado muito certo e uma amarga decepção a trouxera para o convento. Não tinha atrativos, e o namorado de infância desmanchara o noivado uma

semana antes do casamento. Era fácil, agora até mesmo para Gabbie, ver que tinha um imenso ressentimento.

— Eu vi o padre Connors olhando para você no refeitório. E se você não contar à irmã Emanuel, eu conto.

Gabriella levantou-se e, de pé, olhou para a irmã Anne com uma raiva súbita.

— Você está falando de um padre, um homem que se entregou a Deus e vem aqui celebrar a missa para a gente e ouvir nossas confissões. Só pensar uma coisa dessas já deve ser um pecado. Você não está me insultando, mas questionando a vocação dele.

— Ele é um homem; igualzinho a todos os outros. Eles só pensam em uma coisa. Eu sei mais sobre essas coisas do que você.

Ela sabia muito bem que Gabriella levava uma vida resguardada, escondida no Convento de São Mateus nos últimos dez anos. Ela, por sua vez, tinha sido noiva, quase se casara, e o homem que amava havia fugido com sua melhor amiga do colégio. Sentia-se muito mais experiente em relação aos fatos mundanos e era bem mais cínica do que Gabriella, que ainda possuía uma inocência rara.

— O que você está dizendo e pensando é nojento, e acredito que a irmã Emanuel vá lhe dizer exatamente a mesma coisa. Não sei do que é que está falando, mas eu nunca falaria nada parecido de um padre. Talvez seja hora de você conversar com a irmã Emanuel sobre as coisas em que anda pensando. Um pouco mais de fé e caridade devem lhe fazer bem. — Gabriella ainda estava zangada quando voltou a atenção ao trabalho, e as duas jovens freiras não trocaram outra palavra pelo resto do dia, enquanto prosseguiam o trabalho na horta.

Por fim, a irmã Anne foi para dentro pôr as mesas compridas do refeitório, e Gabriella ficou na horta até terminar. Quando voltou para o quarto para lavar as mãos e fazer as orações vespertinas, já recobrava a serenidade e estava com um ânimo melhor. Mas, se tivesse se permitido refletir sobre o assunto, teria ficado furiosa outra vez com a irmã Anne e suas acusações em relação ao padre Connors. Ele era o próprio espírito da devoção cristã, emanava a ternura e a bondade nas quais

todas elas deveriam se espelhar. Gabriella não sentia por ele outra coisa que não admiração, e a ideia de que a estivesse "paquerando" era absolutamente repulsiva.

Todas passaram o resto do fim de semana tranquilas, e Gabriella não voltou a pensar no padre Connors até vê-lo no altar, celebrando a missa para as freiras novamente. Depois, o padre foi almoçar com elas no jardim. Era Domingo de Ramos, e Gabriella ainda carregava as folhas de palmeiras que apanhara na igreja, quando, casualmente, os dois se encontraram na horta, depois do almoço.

— Boa tarde, irmã Bernadette. Ouvi dizer que andou ocupada a semana inteira plantando verduras e legumes. Já sei também que tem um talento especial com ervas e tomates enormes. Não se esqueça de mandar alguns para a gente, no Santo Estevão . — Seus olhos eram azuis como o céu de abril, e eles riam, quando Gabriella olhou para o padre e sorriu de modo tão inocente quanto ele.

— Quem lhe disse isso?

— A irmã Emanuel. Disse que você cultiva as melhores verduras do convento.

— Então é por isso que me deixaram ficar aqui por tanto tempo. Sabia que tinha de haver uma *razão* — disse ela, bem-humorada, enquanto começavam a passear pela horta sem um destino específico.

— Deve haver outras razões também — disse ele, cordialmente.

Nas poucas vezes em que viera ao São Mateus, notara como as freiras mais velhas gostavam de Gabriella. Sabia que desde criança ela fora a protegida de madre Gregoria e, enquanto caminhavam vagarosamente em direção à parte da horta onde Gabriella tinha plantado suas verduras, para que ele pudesse ver o que ela vinha dizendo, era fácil ver por que a jovem significava tanto para elas. Havia nela uma graça e serenidade que iam além de sua aparência e de sua postura. Gabriella possuía uma elegância natural, e também uma delicadeza e uma amabilidade tranquilas que tocavam todos à sua volta. Ficara muito bonita nos anos que passara ali, mas não tinha a menor consciência disso.

Sua aparência era algo em que jamais pensava. Porém, mesmo como padre, era fácil admirá-la. Era como olhar um quadro valioso ou uma estátua encantadora, quase como uma obra de arte que se quer ficar contemplando. Mas o que se via de fato era uma luz que brilhava nela com intensidade. A jovem parecia iluminada com uma energia que o padre achava irresistível, e então ele disse a si mesmo que era a força de sua vocação que acentuava sua beleza.

Gabriella lhe mostrou o que fizera naquela semana, explicando a grande variedade de verduras, legumes e ervas que cultivava para o convento.

— Posso plantar mais, se o senhor quiser, embora a gente vá ter o bastante para dividir com vocês no próximo verão, se eu conseguir impedir que as freiras fiquem muito entusiasmadas e colham tudo antes da hora. Temos um canteiro só de morangos ali. Gabriella indicou o local, apontando. — No verão passado, estavam deliciosos.

Ele sorriu para ela, recordando-se de lembranças da infância em Ohio.

— Eu costumava colher amoras quando era menino. Voltava para o São Marcos todo arranhado e sujo com o sumo das frutinhas. — Ele riu. — Eu comia tanto no caminho de volta que uma vez tive dor de barriga por uma semana. Os irmãos me disseram que Deus estava me castigando por ser tão guloso. Mas continuei comendo assim mesmo. Achava que valia a pena.

— Você estudou num internato? — Ela ouviu a menção ao São Marcos e aos irmãos, e era tão raro que conversasse com uma pessoa diferente que ficou naturalmente curiosa a respeito do padre. Apesar de sua timidez habitual com as pessoas que não faziam parte de seu mundo, sentia-se muito à vontade com ele, o que a surpreendeu. Esquecera-se completamente dos feios comentários feitos pela irmã Anne dois dias antes.

— Acho que pode chamar de internato. — Ele sorriu. — Meus pais morreram quando eu tinha quatorze anos. Não tinha parentes, então fui morar no orfanato da cidade onde cresci. Era administrado pelos

franciscanos. E eles foram maravilhosos comigo. A lembrança ainda o fazia sorrir calorosamente.

— Minha mãe me deixou aqui quando eu tinha dez anos — murmurou Gabriella, olhando para a horta. Mas isso ela já lhe falara.

— Isso não é comum. — Mas ele também já sabia, pelo que Gabriella contara no confessionário, que não havia nada de trivial em relação à sua mãe. Lembrava-se claramente da menção aos espancamentos e imaginava se não teria sido uma bênção para Gabriella ter sido deixada ali. — Foi por problemas financeiros que ela a abandonou?

— Não — disse Gabriella, baixinho. — Ela se casou de novo e acho que não havia lugar para mim em sua nova vida. Meu pai a deixara um ano antes, fugindo com outra mulher. Por alguma *razão*, minha mãe sempre achou que eu era culpada por todos os problemas dela. - Gabriella falava com muita suavidade, enquanto ele a observava com silencioso pesar.

— E você? Achava que era sua culpa? — Ele gostava de conversar com Gabriella e queria entender melhor por que havia ficado ali. Achava importante entender as pessoas que tentava ajudar e com quem trabalhava.

— Acho que sim. Ela sempre me culpou por tudo, mesmo quando eu era pequena... e eu acreditava nela... imaginava que, se ela estivesse errada, meu pai teria intercedido a meu favor, mas como ele jamais interveio, simplesmente assumi a culpa de tudo por que me responsabilizavam. Afinal de contas, eram meus pais.

— Deve ter sido bastante doloroso — disse o padre com gentileza. Gabriella olhou para ele e sorriu. Fora mesmo, mas parecia doer menos agora, passados mais de dez anos de paz e segurança.

— Foi. Mas ser órfão aos quatorze anos também não deve ter sido nada fácil. Eles morreram num acidente? — perguntou ela.

Conversavam como dois amigos, de uma maneira tão natural e franca, que nenhum dos dois se dava conta do tempo passando. Era tão

agradável falar com ele, e Gabriella sentia-se inteiramente à vontade, o que era raro.

— Não — explicou ele. — Meu pai morreu de repente, de ataque cardíaco. Tinha apenas quarenta e dois anos. E minha mãe se suicidou três dias depois. Eu não tinha idade suficiente para entender tudo o que estava acontecendo, mas acho que a dor e o choque devem ter sido mais fortes do que ela. Um pouco de terapia para ajudá-la a lidar com a dor poderia ter feito maravilhas por ela. É por isso que essas coisas são tão importantes para mim. Fazem muita diferença...

Gabriella concordou com a cabeça, perguntando-se que tipo de terapia poderia ter ajudado sua própria mãe.

— Eu levei anos para perdoá-la pelo que fez. Mas agora converso com tanta gente na mesma situação; pessoas que se sentem num beco sem saída, sozinhas, assustadas ou sufocadas, e não conseguem enxergar uma maneira de se livrar dos problemas. É impressionante a quantidade de pessoas que não têm com quem desabafar e são dominadas pelo pânico diante de problemas que o resto de nós não acha tão ruins assim, ou tão importantes. — Como a irmã Anne. — Ela sorriu novamente para ele, e dessa vez ambos riram.

Haviam partilhado algumas coisas importantes sobre si mesmos. Tinham muito em comum. Ambos haviam perdido, súbita e definitivamente, o contato com o mundo lá fora e com suas famílias. E encontraram a salvação numa vida em que jamais enfrentariam o mesmo tipo de problemas que quase os havia destruído em criança.

— Quando é que você decidiu se tornar padre? — perguntou, curiosa, ao começarem a caminhar vagarosamente de volta à parte principal da horta.

— Saí direto da escola secundária para o seminário. Tomei a decisão quando tinha quinze anos. Simplesmente me pareceu o certo. Não posso imaginar uma vida melhor do que essa.

Gabriella sorriu com inocência. Ele era tão bonito que, de certo modo, parecia incompatível com a familiar batina.

— Aposto que um monte de garotas que você conhecia ficou desapontada.

— Não. Eu não conhecia nenhuma. Só havia meninos no São Marcos. Antes disso, eu era muito pequeno e fui uma criança muito tímida. Aquela me pareceu a escolha certa. Jamais duvidei por um minuto sequer.

— Nem eu, desde que tomei a decisão — admitiu, séria. - Pensei no assunto anos a fio. As freiras que me viram crescer sempre me falaram do "chamado" e da minha "vocação", mas eu não me achava boa o suficiente. Ficava esperando para ouvir as vozes e, então, finalmente soube que não queria sair daqui nunca. Esse é o meu lugar.

Ele assentiu com a cabeça, entendendo-a perfeitamente. Ambos achavam que essa era a vida para a qual haviam nascido.

— Você ainda tem tempo para tomar uma decisão definitiva — disse ele, suavemente, voltando a falar como padre e não apenas como amigo, mas Gabriella abanou a cabeça em negativa, diante da sugestão.

— Não preciso de tempo. Quando fui para a universidade, soube que não queria viver outra vez no mundo lá fora. É difícil demais para mim. Não saberia viver ali. Nunca namorei e nem mesmo me interessei por rapazes. Não saberia o que dizer a eles. — Ela sorriu, esquecendo-se de que ele próprio era um. — E nunca, nunca vou querer ter filhos. — Foi a única coisa que Gabriella disse que lhe pareceu estranha, e ela falou com tanta veemência que chamou a atenção do padre.

— Por que não? — perguntou, curioso para saber seus motivos.

— Tomei essa decisão quando era pequena. Sempre tive medo de que fosse ficar como minha mãe. E se eu herdar isso dela e fizer as coisas que ela fez?

- Isso é bobagem, irmã Bernadette. Você não precisa ser necessariamente amaldiçoada com os mesmos demônios que atormentaram sua mãe. Muitas pessoas sofrem horrores na infância e acabam se tornando pais extraordinários.

— E se eu estiver certa, o que acontece? Abandono as crianças no convento mais próximo? Eu não quero correr esse risco em relação à

vida de outra pessoa. Sei o que é passar por isso.

— Deve ter sido horrível quando sua mãe a abandonou — disse ele, com tristeza, lembrando-se do dia em que encontrara a própria mãe. Mesmo com uma vida de orações e serviços a Deus, nunca fora capaz de esquecer. Ela estava na banheira, com os pulsos cortados. Foi a primeira vez em que a viu nua. Ela havia quase decepado as mãos com a navalha de barbear do pai.

— Foi — respondeu Gabriella, sombriamente. — E também uma espécie de alívio quando percebi que estava segura aqui. Madre Gregoria salvou minha vida. Tem sido uma mãe para mim.

— Ouvi dizer que ela está muito orgulhosa de você ter decidido entrar para a Ordem. Vai ser uma ótima freira, irmã Bernie. Você é uma pessoa boa — falou, parecendo acreditar no que dizia.

— Obrigada, padre. O senhor também. Foi muito bom conversar com o senhor — disse ela, levemente enrubescida, a timidez natural voltando devagar, à medida que se aproximavam das outras pessoas. Durante a última hora, enquanto conversavam, era como se não houvesse mais ninguém ali.

— Fique com Deus, irmã — despediu-se o padre, gentil. Gabriella sorriu para ele, afastando-se.

O padre Connors dirigiu-se ao prédio principal para pegar suas coisas e voltar para o Santo Estevão. Havia sido um domingo agradável. Gostava de ir ali e conversar com as freiras. Elas eram uma parte importante da vida que levava, e ele sempre admirou o espírito que representavam e o trabalho incansável que executavam nos hospitais, nas escolas e nos postos missionários, muitas vezes tão perigosos. Não podia deixar de se perguntar o que a irmã Bernadette viria a fazer no futuro. Era fácil imaginá-la confortando as pessoas, em especial as crianças. Ainda pensava nela à saída do convento, depois de despedir-se de algumas das freiras mais idosas que conhecia e dirigir-se sem pressa de volta ao Santo Estevão. Gabriella estava ocupada, esfregando o chão da cozinha com duas outras postulantes. Não viu, portanto, o olhar de raiva que a irmã Anne lhe lançou, assim como não tinha visto madre Gregoria observando-a, enquanto passeava pelo jardim com o jovem

padre uma hora antes. A madre superiora ficara observando-os da janela do escritório com uma expressão preocupada, ao ver Gabriella sorrir para ele. Os dois pareciam tão jovens, tão inocentes e tão admiráveis juntos. Havia uma grande semelhança entre eles.

Madre Gregoria foi sentar-se à escrivaninha depois de ver Gabriella se despedir do padre e ficou por um longo tempo perdida em pensamentos, mas não disse nada quando viu a jovem naquela noite. Era tão delicada e amável, tão vivaz e tão feliz com as outras irmãs. Parecia bobagem se preocupar com ela. Ainda assim, havia alguma coisa na cena que tinha visto naquela tarde que encheu de medo o coração de madre Gregoria, mas ela disse a si mesma que estava sendo tola.

O padre Connors não voltou ao convento na semana seguinte, sendo substituído por outro padre. Estava viajando novamente e só retornou ao convento no Sábado de Aleluia, quando ouviu confissões a tarde inteira.

As freiras do convento estavam felizes em vê-lo, ele tinha um senso de humor maravilhoso e um jeito terno de ouvir as confissões. A irmã Emanuel estava falando sobre o padre com a formadora das noviças quando ele parou para conversar com elas à saída do convento.

— perguntou a formadora com um sorriso acanhado.

Ela havia sido bonita um dia, mas já era freira havia mais de quarenta anos.

— Eu adoraria — respondeu o padre, sorrindo para ambas.

Gostava muito das irmãs mais idosas; os olhos inteligentes, os sorrisos tímidos, a perspicácia que, com frequência, pegava-o de surpresa. Os semblantes tão alheios aos estresses do mundo... Haviam escapado aos horrores que ele sabia muito bem atormentavam a vida de tanta gente. A maioria dessas irmãs aparentava menos idade do que tinha de fato; a vida resguardada poupava-as de muitas angústias.

— Este ano, as postulantes e as noviças estão fazendo nosso almoço de Páscoa. Estão trabalhando duro desde a noite passada —

explicou a irmã Emanuel, orgulhosa da turma que estava orientando. Eram todas ótimas.

Estavam preparando perus e vários presuntos. Havia milho colhido no próprio convento, purê de batatas, ervilhas frescas, e algumas das freiras mais velhas já estavam cozinhando desde muito cedo.

— Mal posso esperar. — Três outros padres viriam com ele no dia seguinte, e a família de algumas freiras também vinham visitar nos feriados.

Esse ano o tempo estava tão bom, que madre Gregoria concordara em colocar as mesas de piquenique do lado de fora.

— Devo trazer alguma coisa? Um de nossos paroquianos nos deu várias caixas de um vinho excelente.

— Seria maravilhoso. — A irmã Immaculata ficou radiante, sabendo como os visitantes ficariam satisfeitos. Era raro que madre Gregoria permitisse às freiras que tomassem vinho. Bebiam quando iam à casa de suas famílias ou quando saíam para jantar com elas, mas, no convento, raramente bebiam álcool, mesmo que fosse vinho. Os padres visitantes bebiam à vontade, mas era um privilégio que madre Gregoria preferia que ficasse restrito a eles.

— Obrigada pela lembrança. — As duas irmãs sorriram para o padre, e no dia seguinte, quando ele chegou para a missa de Páscoa, trouxe várias caixas de um ótimo vinho da Califórnia na traseira do carro.

O padre pegou as caixas com facilidade e levou-as para a cozinha, onde confiou a bebida à freira mais idosa. Podia ver as noviças ocupadas por toda parte, e o cheiro da comida que haviam preparado era de dar água na boca. Mal podia esperar pelo piquenique que tinham prometido para depois da missa.

Naquele dia, os quatro padres celebraram a missa juntos, e a capela estava repleta com as freiras e seus familiares. Havia crianças por todos os lados. O crucifixo atrás do altar e as etapas da via-crúcis tinham sido descobertos depois do longo período da quaresma. Era

uma época de comemoração, e todos estavam animados depois da missa, quando se dividiram em pequenos grupinhos de amigos no jardim.

Madre Gregoria estava ocupada, cumprimentando todos e apertando a mão de velhos amigos, enquanto as freiras mais jovens já começavam a surgir com as bandejas de comida. Gabriella era uma delas e, junto com a irmã Agatha, trazia com cuidado da cozinha uma travessa enorme de presunto, quando o padre Connors avistou-as e foi se oferecer para ajudar. Pegou a travessa da mão delas com facilidade e colocou-a sobre uma mesa enorme, ao lado de outro presunto e quatro perus que as freiras tinham preparado com tanto zelo. Havia biscoitos e pãozinhos, broa de milho, legumes e verduras, purê de batatas, saladas variadas, além de meia dúzia de tortas diferentes e sorvete caseiro.

— Uau! — exclamou ele, sentindo-se novamente criança, ao ver com olhos arregalados e um sorriso largo toda aquela comida disposta sobre a mesa. — Vocês sabem mesmo como fazer um piquenique de Páscoa inesquecível, não é não? — E quando a irmã Emanuel olhou para ele e viu a expressão no rosto do jovem padre, sentiu-se muito orgulhosa das alunas.

Os convidados ficaram por lá a maior parte da tarde. Gabriella comia um pedaço da torta de maçã quando o padre Connors finalmente se aproximou. Ele passara a tarde conversando com madre Gregoria e algumas das freiras mais velhas, que o apresentaram a suas famílias, e ele achou maravilhoso conversar com todos. Em especial, adorara falar com madre Gregoria; era muito bem-informada, inteligente e sábia. E ela gostara de conhecê-lo. Ele estava no Santo Estevão havia pouco tempo.

Antes disso, estivera na Alemanha e passara seis meses trabalhando no Vaticano, em Roma, estando a par de tudo o que se passava por lá.

— Você devia experimentar um pouco de sorvete de baunilha com isso aí.

— Ele apontou para a torta de maçã de Gabriella, obviamente se deliciando com a enorme bola de sorvete caseiro sobre a sua própria

fatia. — Hummm... Que almoço maravilhoso! Vocês deviam abrir um restaurante. Ganharíamos um bocado de dinheiro para a igreja.

Gabriella sorriu do olhar de êxtase estampado no rosto dele e achou engraçado o seu comentário.

— E poderíamos chamá-lo de Recanto da Madre Gregoria. Tenho certeza de que ela iria adorar.

— Ou talvez um nome que chamasse a atenção, como As Freiras. Ouvi dizer que abriram uma boate numa igreja, no centro da cidade. Estão usando o altar como bar. — Só falar naquilo já parecia um sacrilégio, mas ainda assim eles riram. — Eu adorava dançar quando pequeno — admitiu ele, começando a segunda fatia de torta em seu prato. Era de blueberry, o que fez com que Gabriella se lembrasse das histórias que ele contara de quando era garoto e ia colher amoras. — Você gostava de dançar, irmã Bernadette? perguntou ele, como se fossem velhos amigos, e ela sorriu e negou com a cabeça.

— Nunca experimentei. Estou aqui desde os dez anos. — Mas ele já sabia disso. — Eu adorava ver as pessoas dançando nas festas dos meus pais quando era pequena, mas jamais descia até a sala. Costumava ficar sentada no topo da escada, olhando para elas. Todos pareciam tão lindos, como os príncipes e as princesas dos contos de fadas. Sempre pensei que seria uma delas quando crescesse. — Gabriella não fazia ideia do que havia acontecido com a casa ou com a mobília. Não sabia se a mãe tinha levado tudo ou vendido. Aquilo se passara fazia tanto tempo, e ela não tinha como descobrir.

— Onde você morava quando criança? — perguntou o padre Connors, interessado, olhando para ela e colocando um pouco do delicioso sorvete sobre o que restava da torta de Gabriella.

— Obrigada... — Fechou os olhos ao experimentar e depois riu para ele. — Como é bom... hum... A gente morava em Nova York, a umas vinte quadras daqui. Não sei o que aconteceu com a casa.

— Nunca voltou lá para ver? — Parecia-lhe estranho. Ele teria ido ao menos por curiosidade e intrigava-o que ela não tivesse ido.

— Pensei nisso quando estava estudando na Columbia, mas... — Ela estremeceu, olhando para ele com aqueles olhos azuis imensos, tão parecidos com os dele — ...são tantas lembranças... Não tenho certeza se quero voltar a ver a casa. Muito tempo se passou. — E sua vida agora era muito diferente.

— Se quiser, eu posso passar lá um dia para ver se a casa ainda existe. E só me dar o endereço que eu dou uma olhada.

— Seria ótimo. — Ele poderia enfrentar os demônios em seu lugar e depois lhe contar. Tinha quase certeza de que madre Gregoria não se importaria. — O senhor ainda vai ao São Marcos?

— De vez em quando — respondeu ele, olhando-a com simpatia, enquanto terminava a segunda fatia de torta. — A casa dos meus pais se transformou num estacionamento. Não tenho parentes. Tudo o que resta da minha infância é o São Marcos.

Ambos eram pessoas com histórias problemáticas, e pouco lhes restava do passado: lembranças dolorosas e sonhos destruídos que não podiam ser recuperados. Mas os dois eram gratos ao fato de terem sobrevivido.

Haviam encontrado abrigo na Igreja e sentiam-se confortáveis onde estavam, do mesmo modo como se sentiam à vontade sentados um ao lado do outro no jardim do Convento de São Mateus. O sol estava quente, e Gabriella olhou novamente para ele, impressionada com o fato de ser tão bonito. Ainda era difícil de acreditar que ele preferisse ser padre a estar no mundo lá de fora, mas, olhando para a jovem postulante que ele estava começando a conhecer bem, o padre teve os mesmos pensamentos em relação a ela.

Ficaram algum tempo sentados, conversando, observando as outras irmãs falarem animadas com os convidados, e ocorreu-lhes, no mesmo instante, que nenhum dos dois tinha outra pessoa no mundo, a não ser as freiras e os padres com quem viviam.

— É estranho, não é? — perguntou ele, baixinho. — Não ter uma família. Durante os primeiros anos eu costumava sentir muita falta nos feriados, mas depois me acostumei. Os irmãos no São Marcos eram tão

bons para mim... Sempre me sentia como um herói quando estava no seminário e ia visitá-los. O irmão Joseph, que é o diretor do São Marcos, foi como um pai para mim.

Possuíam uma experiência em comum que ia além das missas que ele celebrava para as freiras ou de sua bondade para com Gabriella no confessionário. Era algo que ambos entendiam perfeitamente e que ninguém mais parecia compartilhar; uma espécie de solidão que estabelecia um elo entre eles.

— Quando cheguei aqui, fiquei contente só de ter me livrado das surras — disse ela, tranquila.

Ele não poderia nem imaginar uma situação daquelas, se já não tivesse visto o mesmo acontecer, e coisas ainda piores, quando trabalhava como capelão no hospital. Costumava chorar vendo os danos que as pessoas causavam aos próprios filhos.

— Machucaram muito você? — perguntou ele, com delicadeza.

Gabriella pensou, em silêncio, depois fez que sim com a cabeça e olhou para longe.

— As vezes — sussurrou ela. — Uma vez fui parar no hospital. Adorei ficar lá; as pessoas eram tão boas para mim. Odiei ter de voltar para casa, mas tive medo de dizer isso a elas. Nunca contei a ninguém. Sempre menti para todo mundo. Eu achava que tinha de protegê-los e temia que, se não o fizesse, minha mãe me matasse. Se tivesse ficado com ela por mais alguns anos, era o que ela certamente teria feito. Ela me odiava — disse, fitando o jovem padre que agora era seu amigo. Haviam partilhado uma série de coincidências sobre suas infâncias, e de repente parecia haver uma espécie de laço que os unia.

— Provavelmente ela sentia ciúmes de você — sugeriu o padre Connors, sensato. A essa altura, tinha lhe dito que o chamasse de padre Joe, e ela lhe contara seu verdadeiro nome, embora todas as outras postulantes e algumas das freiras mais velhas a chamassem de irmã Bernie. Mas a sugestão do padre não fazia sentido para Gabriella.

— Por que ela sentiria ciúmes de uma criança? — Fitou-o com olhos cheios de lembranças e perguntas.

— Às vezes, as pessoas simplesmente sentem. Devia haver algo de muito errado com ela.

Gabriella sabia melhor do que ninguém que aquela era uma maneira atenuada e incompleta de dar conta da verdade.

— E como era seu pai?

— Não sei ao certo. Às vezes penso que nunca o conheci de fato. Ele se parecia muito com você. — Ela sorriu novamente. - Pelo menos eu acho que sim, até onde posso me lembrar. Ele tinha medo dela. Nunca a enfrentou, limitava-se a deixar que ela agisse.

— Ele deve se sentir terrivelmente culpado. Talvez seja por isso que acabou fugindo. Não deve ter conseguido enfrentar tudo. As pessoas fazem coisas estranhas quando se sentem desamparadas.

Os dois se lembraram do suicídio da mãe dele, mas Gabriella não queria lhe fazer perguntas e trazer à tona lembranças dolorosas. Era um pesadelo que ela não podia sequer imaginar.

— Você devia tentar encontrá-lo um dia e conversar com ele.

As vezes Gabbie fantasiava sobre aquilo e era estranho que o padre Joe fizesse aquela sugestão. Entretanto, ela nem sabia por onde começar a procurar. Tudo que sabia é que doze anos atrás o pai se mudara para Boston.

— Acho que ele nunca soube que eu vim para cá. Ela não se daria ao trabalho de dizer para ele. Uma vez tive vontade de falar com madre Gregoria sobre isso, mas ela sempre diz que tenho de deixar o passado para trás. E acho que está certa. Meu pai nunca ligou ou escreveu depois que foi embora — desabafou Gabriella, com um olhar de tristeza. Falar deles ainda a machucava muito.

— Pode ser que sua mãe não permitisse — sugeriu padre Joe, sem conseguir trazer grande conforto a Gabriella. Afinal de contas, talvez madre Gregoria estivesse certa. Gabriella levava uma vida muito diferente, e os fantasmas do passado deveriam ser libertados, embora ainda a assombrassem em momentos mais sombrios. — Onde ela está agora? — perguntou, referindo-se à mãe dela.

— San Francisco. Pelo menos era onde estava quando parou de mandar o dinheiro pela minha hospedagem aqui. — Ainda impressionava-o que a família a tivesse abandonado por completo, que jamais tivesse escrito ou feito uma visita. Não podia entender como puderam fazer aquilo. Essa compreensão fugia completamente à sua capacidade.

— Bom, irmã Bernie, você tem uma vida tranquila aqui, e o São Mateus precisa de você. Todas as freiras a adoram. Eu acho que madre Gregoria acredita que você vai ocupar o lugar dela um dia. Seria uma grande honra. Conseguimos nos virar bem sozinhos, não é? — perguntou, sorrindo para ela.

Quando seus olhos se encontraram, entretanto, ambos estavam conscientes da dificuldade com que o haviam conseguido, o quanto tinham andado para chegar onde estavam e o quanto deles próprios se perdera pelo caminho. Ele bateu de leve na mão de Gabriella, e, por um instante, ela pareceu sobressaltada com o toque. A mão dele era tão firme e forte, fazendo-a lembrar-se mais uma vez de seu pai. Fazia tantos anos que não ficava assim tão perto de um homem que não podia evitar as lembranças do único outro que tinha conhecido ou estado assim tão próximo. E, como se sentisse o choque das lembranças dela, padre Connors levantou-se vagarosamente.

— É melhor eu ir ver se meus colegas não estão muito bêbados, depois de passarem a tarde toda bebendo vinho, e levá-los de volta para o Santo Estevão.

Gabriella não pôde deixar de rir daquela imagem: os padres caindo bêbados entre as freiras no jardim do convento.

— Eles me parecem muito bem. — Ela se levantou a seu lado, olhando ao redor, e tornou a dar uma risada, imaginando a cena.

Dois dos padres estavam conversando com a madre superiora, e o outro falava com uma família conhecida. A irmã Emanuel parecia estar tentando reunir as postulantes para limpar a cozinha, e a maioria das crianças e das visitas mostravam-se felizes, mas cansadas. Havia sido uma Páscoa maravilhosa para todos, especialmente para Gabriella, conversando com o padre Connors.

— Eu nunca falo sobre essas coisas com ninguém — confessou ela, preparando-se para ir juntar-se às outras. — Ainda me assustam um pouco.

— Não deixe isso acontecer — aconselhou ele, sabiamente. - Elas não podem mais machucar você, Gabbie. Já passou. Está segura aqui; há muito tempo que está. Esses fantasmas não virão aqui machucá-la, e você também não precisa ir até eles. — Era como se ele a tivesse libertado com sua bondade, suas palavras e sua presença terna; como se, apenas estando próximo a ela, pudesse protegê-la. — Vejo você no confessionário — disse o padre, sorrindo com um dos cantos da boca. - Procure não arrumar problemas com a irmã Anne — disse ele, parecendo divertir-se.

Às vezes sentia-se velho conversando com Gabriella. Ela estava com vinte e um anos e conhecia tão pouco do mundo para além daquelas paredes; e ele era dez anos mais velho e, a seus próprios olhos, muito mais experiente.

— Tenho certeza de que ela vai ter muito o que falar por nós dois termos passado a tarde conversando — observou Gabriella, parecendo um pouco cansada e amargurada.

Era tão irritante ter de estar constantemente enfrentando as acusações iradas da jovem postulante.

— Uai? — Ele parecia surpreso. — Por que falaria qualquer coisa sobre isso?

— Ela está sempre obcecada por alguma coisa. Na semana passada, reclamou das histórias que eu escrevo. Alegou que eu estava escrevendo quando deveria estar rezando as matinas... ou as vésperas... ou os laudes, ou sei lá. Não tem muita coisa que eu faça de que ela não reclame.

— Bem, continue rezando por ela — disse ele, simplesmente. — Ela vai se cansar disso.

Gabriella concordou com a cabeça, sem realmente se preocupar, deixou o padre Joe com a irmã Emanuel e foi correndo para a cozinha. Havia uma montanha de panelas esperando para serem areadas, uma

pilha de travessas e os tabuleiros em que haviam sido cozidos os presuntos e perus. Além disso, o chão estava um desastre completo. Dessa vez, porém, a irmã Anne estava tão ocupada quando Gabriella entrou que nem mesmo a viu. Gabbie colocou um avental, arregaçou as mangas e partiu para cima das pilhas de panelas gordurosas, munida com esponja de aço e detergente. Levaram horas naquele trabalho. Quando terminaram, as freiras mais velhas estavam sentadas no saguão principal, comentando o bom trabalho que as postulantes e as noviças haviam mostrado na preparação do almoço. As famílias tinham ido para casa, e o padre Joe estava de volta ao Santo Estevão , em seu quarto, olhando pela janela e parecendo estranhamente sério.

CAPÍTULO 10

Nos dois meses seguintes Gabriella esteve ocupada, assim como as outras postulantes, cumprindo suas tarefas, assistindo à missa, estudando tudo que precisava saber e trabalhando feliz da vida na horta. Vinha escrevendo outra história e esta já estava tão longa que, quando madre Gregoria leu parte dela, disse que estava se transformando rapidamente num romance. A madre orgulhava-se de Gabriella, que estava se saindo muito bem, e até mesmo irmã Anne cessara temporariamente as queixas contra ela. Fazia calor em Nova York, e junho já avançava, quando algumas das freiras mais idosas foram fazer um retiro no convento de suas irmãs, nas montanhas de Catskill.

As freiras mais jovens permaneceram na cidade, trabalhando no Hospital da Misericórdia e dando cursos de verão, mas as noviças e as postulantes raramente saíam do São Mateus, e o verão não era uma exceção. Madre Gregoria também ficou, para supervisionar todas elas e dirigir o convento com zelo. Havia anos que não tirava férias. Achava aquele um privilégio que devia ser reservado às mais velhas. Um grupo de irmãs missionárias chegou à cidade e hospedou-se ali no convento. As histórias que contavam sobre a África e a América do Sul eram fascinantes e fizeram Gabriella imaginar se um dia não gostaria de ser uma delas. Porém, não disse nada à madre Gregoria por medo de aborrecê-la. Assim, ouviu atentamente as histórias que eram contadas e, depois que partiram, escreveu contos maravilhosos a respeito delas.

Quando a irmã Emanuel os leu, insistiu que deveriam ser publicados. Mas Gabriella só os escrevia pelo *prazer* que a tarefa lhe dava. O ato de escrever sempre liberava alguma coisa em seu íntimo. Era como se não fosse ela própria escrevendo, mas um espírito que atuasse através dela. Não tinha a menor consciência de sua própria importância ao escrever. Sentia-se, pelo contrário, como se não existisse; como se fosse um vidro através do qual outro espírito viesse espreitar. Era difícil explicar, e a única pessoa a quem contou essa

sensação foi o padre Joe, quando ele um dia a encontrou escrevendo e comendo uma maçã, sentada nos fundos da horta do convento. Perguntou se podia dar uma olhada no que ela estava fazendo e, quando leu, ficou bastante comovido. Era a história de uma criança que havia morrido e voltava à Terra para acabar com as injustiças e trazer paz aos outros.

— Você tem mesmo de publicar isso — falou o padre Joe, impressionado, devolvendo-lhe o texto. Ele estava bastante bronzado: e disse que tinha jogado tênis com amigos em Long Island.

Aquilo fez Gabriella lembrar-se imediatamente dos pais. Não tinha ouvido ninguém falar em jogar tênis desde a infância, embora tivesse certeza de que algumas das pessoas que tinha conhecido na universidade praticassem esse esporte. Mas jamais conversara com elas, limitando-se a ir direto da universidade para o convento e vice versa.

— Estou falando sério — disse ele, voltando ao assunto dos textos de Gabriella. — Você tem muito talento.

— Não tenho, não. Apenas gosto de escrever. — Então Gabriella falou sobre a sensação que tinha em relação ao espírito que parecia falar através dela. — Quando tenho consciência do que estou fazendo, não consigo escrever nada. Mas se deixo fluir, esquecendo-me de mim, então as coisas acontecem.

— Parece meio fantasmagórico — caçoou o padre com um sorriso, embora entendesse o que ela dizia e estivesse impressionado. — Qualquer que seja a maneira, continue assim. E no mais, como você tem passado? — Ele ficara de férias por uma semana e era como se não a visse havia anos.

— Bem. Estamos atarefadas planejando o piquenique do Quatro de Julho. Você vem?

As freiras organizavam um churrasco todos os anos. Madre Gregoria era ótima em realizar grandes celebrações nos feriados. Era a maneira que tinham de manter contato com amigos, parentes e pessoas importantes para a comunidade. Ao olhar para o padre, Gabriella

sentiu-se como se estivesse falando com um irmão seu. Estavam se tornando bons amigos; sem nenhum esforço, haviam desenvolvido uma amizade tranquila.

— É um convite oficial?— perguntou ele, sentindo-se exatamente como ela.

— Você não precisa de um — respondeu ela, casualmente. - Todo mundo do Santo Estevão vem; todos os padres, secretários e sacristãos. Vem muita gente do hospital e da escola. E alguns familiares também, mas muitos viajam.

— Bom, eu não vou viajar. Estou trabalhando seis dias por semana este mês. A salvação dos pecadores está me mantendo bastante ocupado.

— Isso é bom. — Ela sorriu e ofereceu-lhe um raminho de hortelã e um punhado de morangos. — Se você não se importa por não terem sido lavados, estão deliciosos. Ele provou um morango e pareceu ficar em êxtase.

— Que maravilha! — Pela expressão dos seus olhos, ninguém que estivesse observando saberia ao certo se ele se referia a ela ou à fruta. Estava feliz em vê-la. Algum tempo depois, acompanhou-a de volta ao prédio principal do convento, onde Gabriella precisava fazer um pedido de mais sementes à irmã encarregada de comprar suprimentos para a horta. Ele lhe disse que celebraria a missa do dia seguinte e que ficaria feliz em ir ao piquenique.

Encontraram-se novamente no confessionário, um dia depois. Reconheceram-se pela voz e conversaram durante toda a confissão. Gabriella estava habituada ao estilo descontraído dele e não tinha muito o que confessar. O padre deu-lhe absolvição e parou para uma conversinha rápida depois de ela ter acabado a penitência.

— Que tal se eu e mais alguns padres fizermos o churrasco para vocês? — perguntou ele.

Gabriella parecia maravilhada com a ideia. Era o único trabalho que realmente detestava. A fumaça entrava nos olhos e com os longos hábitos era estranho lidar com o fogo e o carvão. Seria muito mais fácil

para os padres, que sempre iam aos piqueniques de calça jeans ou de brim e camisa esporte.

— Vou perguntar à irmã Emanuel, mas tenho certeza de que ela vai adorar a ideia — disse Gabriella, agradecida. — Churrasco não é o nosso forte.

— E o que me diz de beisebol?

— O quê? — Olhou para ele sem saber se estava brincando, se estava falando sério ou se falava por falar.

— Que tal um jogo de beisebol? O São Mateus contra o Santo Estevão. Ou podemos fazer times mistos, se acha que vão ficar em muita desvantagem. Eu tive essa ideia hoje de manhã.

— É ótima. Nós fizemos um jogo há dois anos, com dois times de freiras, e foi bastante engraçado.

Ele olhou para Gabriella com um falso ar de gravidade e fingiu estar ultrajado.

— Não estamos falando de nada "engraçado", irmã Bernie. Isso é sério. Os padres do Santo Estevão têm o melhor time na arquidiocese dos cinco distritos. O que você acha?

— Por que não pergunta à madre Gregoria? Não posso falar por ela, mas acho que vai adorar a ideia. Em que posição você joga? — perguntou ela, caçoando dele. O piquenique do Quatro de Julho começava a dar sinais de que seria emocionante.

— Arremessador; o que mais poderia ser? Uma vez este braço foi contratado por um dos melhores times da segunda divisão de Ohio. — Era uma pretensão pequena de fama, mas, pelo modo como olhava para Gabriella, era óbvio que falava com senso de humor e divertia-se com aquilo. Porém, gostava realmente de jogar beisebol.

— E o que aconteceu? Por que não está jogando para os Yankees?

— Deus me fez uma oferta melhor — replicou, sorrindo para a jovem amiga, feliz por estarem falando de uma coisa tão mundana como beisebol. Na maior parte do tempo mergulhavam em conversas sérias;

sobre suas vidas, histórias, vocações e a escrita de Gabriella. Sempre tinham muito sobre o que falar. — E você? Joga em que posição?

— Acho que tenho um talento especial para ficar tomando conta dos bastões — disse ela com modéstia. Por razões óbvias, jamais havia praticado qualquer esporte quando criança. Tinha vivido ali com as freiras e dos dez anos de idade até o ingresso na universidade não havia ido a uma escola de verdade. O único exercício que fazia era andar pela horta e pelo jardim do São Mateus.

— Desta vez, vamos colocar você em campo — afirmou, confiante, o padre Joe e prometeu ir falar com madre Gregoria antes de ir embora.

Em poucos dias a notícia sobre o Grande Jogo, como vinha sendo chamado, espalhara-se pelo convento. Quando o padre Connors propôs à madre superiora, ela adorou a ideia. Todas as freiras riam e cochichavam. Algumas não jogavam desde a infância, outras gabavam-se de terem sido muito boas. As postulantes discutiam amigavelmente a respeito da posição em que desejavam jogar. Irmã Agatha, que era gordinha, insistia em querer jogar entre a segunda e a terceira base. Tudo fluía de acordo com aquele espírito festivo.

Quando o grande dia chegou, todos já se encontravam prontos. A comida do piquenique era abundante, como de costume, e apropriada para a ocasião. Os padres do Santo Estevão fizeram um ótimo churrasco, e havia cachorro-quente, hambúrguer, frango na brasa, costeletas, batata frita e as primeiras espigas de milho verde do verão. Também tinha sorvete caseiro e mais tortas de maçã do que era possível imaginar. Como disse um dos padres, parecia que as freiras tinham ido à loucura na cozinha. Mas era óbvio que todos estavam adorando. Depois do Natal, era o feriado preferido de todos e o piquenique favorito do convento. Quando a comida acabou, pelo menos a maior parte dela, e a última bola de sorvete lambuzou o rosto da última criança, o assunto virou beisebol.

Não era de se surpreender que o padre Joe fosse o capitão do time do Santo Estevão, organizando-o muito profissionalmente e com bastante imparcialidade. As freiras e os padres haviam feito uma votação e decidiram que o jogo seria melhor se os times fossem mistos.

Como prometido, o padre Joe colocou Gabriella no campo, jogando para o Santo Estevão. Mesmo a irmã Anne pareceu relaxar naquele dia. Estava jogando na primeira base para o São Mateus. Os padres, é claro, tinham uma vantagem, com seus jeans e camisetas. As freiras vestiam os hábitos, mas amarraram o véu para trás, da melhor maneira possível. E com os longos hábitos, surpreenderam a todos por correr quase tão bem quanto os homens, confortáveis em suas calças. Algumas freiras tinham até encontrado tênis para calçar. Todos aplaudiram quando a irmã Timmie chegou à terceira base sem nem mesmo expor as pernas, embora a freira encarregada de lavar os hábitos dissesse que o dela jamais seria o mesmo. E quando a irmã Immaculata completou o circuito das bases, os dois times aplaudiram tanto que quase assustaram as crianças. Foi um dia maravilhoso e muito divertido. O Santo Estevão ganhou por um único ponto, sete a seis, e madre Gregoria pegou todos de surpresa com limonada, caixas de cerveja e deliciosos biscoitos de limão feitos pelas noviças. Gabriella não podia se lembrar de um dia ter se divertido tanto assim, e quando ela e o padre Joe foram comentar o jogo, ele a elogiou por ter ido muito bem e Gabriella riu, tomando sua limonada e mordiscando um biscoito.

— Você está brincando. — Ela sorriu, terminando o biscoito. — Eu só fiquei parada lá, rezando para que a bola não viesse na minha direção e, graças a Deus, não veio. Não saberia o que fazer se tivesse vindo.

— Provavelmente teria se abaixado — provocou-a ele. Todos haviam adorado e lamentaram muito que o dia tivesse terminado. As famílias foram para casa pouco antes do jantar, e os padres ficaram para comer o que tinha sobrado do churrasco. Havia o suficiente para todos. Depois, sentaram-se no jardim do convento para assistir aos fogos de artifício que iluminavam o céu. Era um feriado de verdade para todos eles, e mais parecia-lhes umas férias completas.

— O que você fazia no Quatro de Julho quando era criança? — perguntou ele com a voz grave que já lhe era tão familiar. Gabriella só podia rir daquela pergunta. Ambos ainda estavam muito bem-humorados.

— Em geral, me escondia no armário, rezando para que minha mãe não me encontrasse para bater em mim.

— Não deixa de ser uma maneira de se passarem os feriados — disse ele, acrescentando um pouco de leveza ao que ambos sabiam ser um assunto doloroso; provavelmente seria sempre assim.

— Sobreviver consumia todo o meu tempo naquela época. Os únicos feriados de verdade de que me lembro foram aqui. Sempre adorei o piquenique do Quatro de Julho.

— Eu também — replicou o padre Joe, olhando-a com uma ternura que a surpreendeu. — Quando eu era criança, a gente costumava acampar com os amigos. Eu e meu irmão tentávamos comprar fogos de artifício, mas ninguém queria vender para a gente.

Gabriella parecia surpresa.

— Você nunca me disse que tinha um irmão. — Nos quatro meses em que se conheciam, ele jamais havia mencionado um irmão.

Padre Connors hesitou por um longo tempo e depois fitou os olhos dela com firmeza.

— Ele se afogou quando eu tinha sete anos. Era dois anos mais velho do que eu... Fomos nadar no rio e ele foi pego por um redemoinho. A gente não devia estar lá... — As lágrimas foram enchendo os olhos do padre à medida que falava, e nem percebeu quando Gabriella, sem pensar, tocou seus dedos e alguma coisa quase elétrica atravessou os dois. — Eu fiquei olhando-o afundar da primeira vez, mas não sabia o que fazer... Tentei achar um galho que pudesse estender para ele, mas era verão, e tudo estava verde; não consegui achar nada comprido o bastante. Fiquei parado lá, enquanto ele afundava de novo e de novo e, então, fui buscar ajuda o mais rápido que pude... mas quando voltei... — Ele não conseguia continuar, e Gabriella queria abraçá-lo, mas sabia que não podia. — Ele se afogou antes de a gente chegar... Não tinha nada que eu pudesse fazer... nada que pudesse ter feito... mas sempre senti que meus pais me culpavam. Nunca chegaram a dizer isso, mas eu sempre soube... O nome dele era Jimmy.

— As lágrimas deslizavam pelo rosto, e de novo Gabriella tocou sua mão, e ficou segurando-a delicadamente dessa vez.

— Por que culpariam você? Não foi culpa sua, Joe. — Era a primeira vez que ela não o chamava de "padre", mas nenhum deles notou.

Ele hesitou antes de responder, soltando a mão para limpar as lágrimas do rosto.

— Eu implorei a ele que me levasse ao rio. Foi minha culpa. não devia tê-lo chamado.

— Você tinha sete anos de idade. Ele podia muito bem ter dito não.

— Jimmy nunca me dizia não. Era louco por mim... e eu por ele. As coisas nunca mais foram as mesmas depois que ele morreu. Minha mãe perdeu a alegria de viver.

Gabriella imaginou se aquilo explicava por que ela havia se matado depois de perder subitamente o marido. Talvez tivesse sido demais para ela, depois da morte do filho, sete anos antes. Porém, teria sido uma coisa cruel para Joe, e o deixara órfão. Aquela parecia a Gabriella uma atitude extremamente egoísta, mas ela limitou-se a ouvir, sem dizer o que pensava a Joe.

— É difícil entender por que coisas como essa acontecem. Nós deveríamos saber melhor do que ninguém. — Eram muitas as vezes em que tinham de defender Deus quando as pessoas faziam perguntas sobre situações como aquela.

— Eu ouço histórias desse tipo o tempo todo — admitiu ele — mas isso não torna as coisas mais fáceis para as pessoas com quem converso ou mesmo para mim. Ainda sinto saudades dele, Gabie. — Aquilo tinha acontecido vinte e quatro anos atrás, mas a dor ainda era intensa sempre que tocava no assunto. — De certa maneira, isso afetou toda a minha infância. Sempre me senti responsável pelo que se passou. — Sem falar na perda dos pais, ofuscando o pouco de luz que lhe restava.

Ela sabia perfeitamente o que ele queria dizer em relação a sentir-se responsável. Aquelas emoções também lhe eram familiares.

— Eu sempre achei que tudo o que acontecia com a minha família era culpa minha — admitiu ela. — Pelo menos era o que me diziam. Por que as crianças estão sempre dispostas a carregar esses fardos? — Gabriella jamais duvidara de que o abandono pelos pais e tudo que ocorrera antes disso fosse culpa sua. — Não foi você, Joe. Não foi culpa sua. Podia muito bem ter sido você a se afogar, e não ele. Não sabemos por que essas coisas acontecem.

— Eu costumava desejar que tivesse sido eu, em vez dele — confessou numa voz triste e baixa. — Éramos todos loucos por ele. Jimmy era o centro das atenções da família, o melhor em tudo, o primogênito, o favorito deles — admitiu o padre.

A vida era tão complicada; as coisas que aconteciam tão impossíveis de se explicar, tão difíceis de se enfrentar. Ambos sabiam disso.

— Enfim, um dia vou vê-lo novamente — afirmou ele, dirigindo um sorriso triste a Gabriella. — Eu não queria contar isso a você. Só que penso muito nele durante os feriados. A gente adorava beisebol. E ele era um jogador sensacional. — Gabriella sabia que Jimmy era apenas um garoto de nove anos de idade ao morrer, somente um menininho; mas, para o irmão Joe, havia sido, e ainda era, um herói.

— Sinto muito, Joe — disse ela do fundo do coração. Sentia muito por ele e por tudo que passara.

— Tudo bem, Gabbie — disse, agradecido.

Então, um dos padres do Santo Estevão aproximou-se para falar com eles sobre o jogo e congratular o padre Joe por sua vitória.

— Você tem um braço poderoso, meu filho.

De fato, ele era um ótimo arremessador. A atmosfera tornou-se mais leve depois e, quando os irmãos foram para casa naquela noite, o padre Joe foi despedir-se de Gabriella. Ela se encontrava em companhia da irmã Timmie e da irmã Agatha, e as três riam e caçoavam umas das outras. Todos ainda estavam muito animados.

— Obrigado por um jogo maravilhoso, irmãs — agradeceu, jovialmente. Depois, com um último olhar para Gabriella que as outras

pareceram não notar: — Obrigado por tudo — falou o padre, e ambos sabiam o que ele queria dizer. Referia-se ao fato de ter conversado com ela sobre Jimmy.

— Deus o abençoe, padre Joe — disse ela, suavemente, do fundo do coração.

Os dois precisavam de bênçãos em suas vidas, de se perdoarem e cicatrizar as feridas, e era o que Gabriella lhe desejava com fervor. Em sua opinião, ele merecia isso mais do que ela própria.

— Obrigado, irmã. Vejo você no confessionário. Boa noite, irmãs — despediu-se ele em voz alta, acenando, enquanto se juntava aos outros e reuniam o equipamento para voltarem ao Santo Estevão.

Havia sido um dia excelente, um Quatro de Julho maravilhoso. E, dirigindo-se lentamente ao convento com as outras postulantes, Gabriella surpreendeu-se ao constatar que uma das coisas de que se lembrava mais claramente em relação àquele dia era o momento em que tocara os dedos dele.

— Não é mesmo, irmã Bernadette? — perguntou uma das outras freiras, mas ela não tinha ouvido. Estava pensando em padre Joe e em seu irmão, jimmy.

— Desculpe, irmã... Não ouvi o que disse. — Todas sabiam que em algumas ocasiões Gabriella não ouvia direito, principalmente agora, com o hábito lhe cobrindo as orelhas. Entretanto eram sempre pacientes com ela e jamais ocorreria a qualquer uma das freiras que Gabriella estivesse pensando no jovem padre e em seu irmão.

— Eu disse que os biscoitos de limão da irmã Mary Martha estavam incríveis. Quero pegar a receita com ela para o ano que vem.

— Deliciosos — concordou Gabriella, subindo as escadas, um pouco atrás delas. Mas seu pensamento estava voando longe, imaginando dois menininhos; um, apanhado por um redemoinho; o outro, soluçando na margem do rio. Seu coração condoeu-se por ele, e tudo o que ela queria era voltar no tempo e envolvê-lo em seus braços. Ainda podia ver os olhos do padre à meia-luz do entardecer e também o

sofrimento que neles se encontrava. Seus próprios olhos encheram-se de lágrimas pensando nele.

Tudo que podia fazer era rezar por ele naquela noite para que viesse finalmente a se perdoar. Gabriella rezou pelo homem que aprendera a amar como amigo e pela alma de seu irmão Jimmy.

CAPÍTULO 11

Gabriella só voltou a ver o padre Joe vários dias depois do piquenique do Quatro de Julho. Todos ainda falavam no assunto, e o jogo de beisebol já fazia parte da história do convento. Mal podiam esperar para repeti-lo no ano seguinte. Levando-se isso em consideração, e também a animação que persistia no São Mateus, Gabriella ficou particularmente surpresa quando encontrou o padre Joe e ele não se mostrou nada cordial com ela. Parecia quase frio, e a palavra que ocorreu a Gabriella, enquanto falava com ele, foi rabugento. Não tinha certeza se ele estava irritado com ela ou simplesmente de mau humor, ou ainda se estava preocupado com alguma coisa. Mas não se mostrava nem um pouco agradável e parecia distante em relação a ela. Por uma fração de segundo, Gabbie se perguntou se ele não estaria constrangido ou arrependido por ter lhe contado sobre Jimmy.

Ela queria lhe perguntar se estava tudo bem, mas não ousou fazê-lo. Havia outras pessoas por perto e, afinal de contas, ele era um padre e tinha dez anos a mais do que ela. Ele nunca fizera uso de sua posição superior, e ela não sabia o que pensar daquela mudança tão radical de comportamento desde o piquenique do Quatro de Julho. Ele ouviu a sua confissão naquele dia, mas se mostrou tão lacônico e distraído, que ela quase chegou a se perguntar se ele estava atento e se a escutara. Ele lhe passou duas ave-marias e doze pais-nossos como penitência, o que também não era de seu feitio. Depois, como se pensasse melhor, acrescentou cinco atos de contrição.

Por fim, antes que deixasse o confessionário, Gabriella não pôde mais suportar aquilo. Hesitou e, então, sussurrou na escuridão:

— Você está bem?

— Estou.

Pareceu tão rude que ela não ousou insistir. Havia algo de muito errado com ele. Não tinha nada do seu habitual jeito alegre e mostrava-

se muito distraído. Era óbvio que alguma coisa lhe acontecera. Talvez tivesse tido uma discussão com outro padre ou sido repreendido por um superior. Havia muitas atitudes políticas nas ordens religiosas, e, depois de tantos anos morando ali, ela sabia disso muito bem.

Gabriella deixou o confessionário, cumpriu a penitência e então foi fazer um trabalho para a irmã Emanuel. Prometera que procuraria uma série de livros *razão* que aparentemente haviam desaparecido. Haviam sido vistos pela última vez num escritório que ninguém usava mais, no final do corredor da capela, e Gabriella estava certa de que já os vira por lá. Ela estava em pé, inclinada sobre uma caixa com livros, quando ouviu passos passando por ali, parando e, então, voltando em sua direção. Não se dera ao trabalho de olhar quem era. Não estava fazendo nada impróprio e, além disso, encontrava-se absorta, procurando por todos os lados os livros *razão* que prometera encontrar.

Sabia que a pessoa que passara não era uma freira porque os passos das irmãs eram sempre silenciosos e os que tinha ouvido ecoavam alto no chão de pedras. Não pensou a respeito, mas, se tivesse, estaria óbvio para ela que se tratava dos passos de um homem.

Sentindo que alguém estava ali parado, observando-a, Gabriella parou o que fazia e virou-se. Surpreendeu-se ao ver o padre Joe no vão da porta. Ele a fitava com uma expressão de dor no rosto.

— Oi — disse ela, baixinho, apenas um pouco surpresa em vê-lo.

O cômodo onde estava ficava no caminho de saída da igreja. Com frequência, ele atravessava o jardim central porque era muito tranquilo e o percurso era menor, mas dessa vez tomara o caminho mais longo.

— Algum problema?

Ele negou com a cabeça, observando-a em silêncio, os profundos olhos azuis espelhando os dela. Parecia muitíssimo preocupado.

— Você parece perturbado.

Ele não lhe respondeu de imediato; entrou lentamente no escritório, os olhos fixos nos dela, e ambos sabiam que não havia ninguém por perto. As salas desse corredor não eram usadas havia muito tempo.

— Eu estou preocupado — admitiu, finalmente, sem maiores explicações.

Não sabia por onde começar ou como lhe dizer o que andava pensando.

— Aconteceu alguma coisa? — Gabriella falava com ele como se falasse a uma criança, embora não tivesse muita experiência com crianças. Mas alguma coisa nele nesse momento fazia com que o visse dessa forma.

Parecia muito infantil, muito preocupado e muito jovem ao mesmo tempo. Gabriella teve vontade de lhe perguntar se alguém lhe fizera alguma maldade na escola, mas ele não parecia estar com disposição para brincadeiras, o que era raro. O padre Joe entrou em silêncio no quarto e apanhou um dos livros que ela descartara. Até então, os livros *razão* não tinham aparecido.

— O que está fazendo aqui, Gabbie? — Não a chamou de Gabriella ou mesmo de irmã Bernie, e quando seus olhos se encontraram novamente, estava claro para ambos o fato de que se consideravam bons amigos. Na verdade, ela pensava nele quase como um irmão.

— A irmã Emanuel está procurando uns livros *razão* antigos que foram colocados no lugar errado. Pensei que alguém pudesse tê-los guardado aqui. — Havia poeira em seu hábito, e Gabbie parecia mais adorável do que nunca. Fazia calor, e ela estava um pouco desalinhada. Revirar aquelas caixas velhas era um trabalho pesado.

Ele se aproximou dela, tomou os livros que estavam em suas mãos e os colocou em silêncio sobre a mesa.

— Tenho pensado em você — falou o padre, quase com tristeza. Gabriella não sabia ao certo o que ele queria dizer com aquilo, mas não havia nada de ameaçador em sua atitude ou em suas palavras.

— Muito — acrescentou —, depois daquela noite.

— Você está arrependido por ter me contado sobre Jimmy? — perguntou ela, suavemente, a voz tão calma no quarto silencioso que era quase uma carícia.

Ele fechou os olhos, negou com a cabeça e, sem dizer uma palavra, pegou a mão de Gabriella. Um longo tempo se passou antes que ele tornasse a abrir os olhos. Gabriella ainda tentava encontrar as palavras de conforto certas para lhe oferecer.

— Claro que não estou arrependido, Gabbie. Você é minha amiga. Eu tenho pensado... a respeito de uma porção de coisas... você... eu... as vidas que nos trouxeram para cá, as pessoas que nos fizeram mal... aquelas que amamos e perdemos. — Ele havia amado e perdido mais do que ela. Gabriella não estava certa se conhecera o amor antes; não até que fosse parar ali.

— Nossas vidas aqui significam muito para nós dois, não é? — perguntou, como se procurasse desesperadamente pela resposta a uma pergunta que não conseguia lhe fazer.

— É claro que significam. Você sabe disso. — Eu nunca faria nada que pusesse isso em risco, que prejudicasse um de nós... que comprometesse qualquer coisa... não é o que eu quero. — Gabriella ainda não fazia ideia de onde ele queria chegar. Antes desse momento, jamais ficara sozinha assim com um homem.

— Você não fez nada nesse sentido, Joe. Não fizemos nada de errado — afirmou ela, com tanta certeza, que a ele pareceu que uma faca atravessava o seu coração. Então o padre confessou seus pecados a Gabriella, como ela havia feito tantas vezes com ele.

— Fiz, sim.

— Não fez, não. — Pelo menos, não que ela soubesse.

— Eu ando tendo pensamentos perigosos. — Era o mais perto que podia chegar de dizer o que tinha no coração e na cabeça.

— O que quer dizer? — perguntou, os olhos arregalados e a alma exposta.

Aproximou-se um pouco mais dele, sem saber, mas o ímã que unia os dois era mais poderoso do que qualquer coisa à qual já tivessem sido expostos.

— Não sei como dizer... o que falar... — Havia lágrimas em seus olhos enquanto a fitava, e Gabriella pousou delicadamente a mão em

seu rosto.

Era a primeira vez que tocava um homem daquela maneira. — Eu amo você, Gabbie. — Não era mais possível esconder a verdade dela ou dele próprio. — Não sei o que dizer a você ou o que fazer em relação a isso... Não quero magoá-la ou arruinar a sua vida. Quero ter certeza de que é isso o que você quer antes que eu fuja daqui para sempre ou deixe o emprego no Santo Estevão e vá embora. Vou pedir uma transferência ao arcebispo. Estivera remoendo a ideia por toda a manhã.

— Você não pode fazer isso! — exclamou ela, parecendo assustada. A possibilidade de perdê-lo atemorizava-a mais do que tudo que ele acabara de dizer. — Você não pode ir embora. — Era seu amigo e não queria perdê-lo.

— Eu preciso. Não posso ficar aqui, perto assim de você. Isso está me levando à loucura... Ah, Gabbie... — As palavras perderam-se quando ele a puxou para junto de si.

Gabriella enterrou o rosto no peito forte de Joe, enquanto seus braços a envolviam com firmeza. Era a força mais poderosa que ela sentira em toda a vida, o lugar mais seguro em que já estivera, mais ainda que o convento.

— Eu te amo tanto... quero passar o tempo todo com você... conversar... abraçá-la... tomar conta de você... quero ficar com você para sempre... mas como podemos fazer isso? Tenho andado desorientado nesses últimos quatro dias. Eu te amo demais - disse, parecendo aflito, enquanto ela o olhava assombrada.

Tudo o que ele queria era mantê-la em seus braços por toda a eternidade. Até agora, ela não tinha dito uma só palavra, mas havia lágrimas em seus olhos; lágrimas de pesar, dor e desejo.

— Eu também te amo, Joe... eu não tinha certeza do que estava sentindo... acho que sabia que estava errado... pensei que pudéssemos ser apenas bons amigos. — Parecia ao mesmo tempo feliz e arrasada.

— Talvez possamos ser amigos um dia, mas agora não... ainda não... Nós dois pertencemos a este lugar. Não posso lhe pedir que deixe o convento. Não sei nem mesmo o que devo *fazer*.

Estava tão perturbado, angustiado e tomado pela culpa, que subitamente tudo ficou claro para Gabriella. Então ela o abraçou, sua própria força trazendo-o para mais perto dela, e deu a ele o que tinha para lhe dar.

— Fique quietinho... temos de rezar por tudo isso... shhh... está tudo bem, Joe, eu te amo. — Agora era Gabriella a forte, e ele era quem precisava desesperadamente dela. Sentiu todo o poder e o calor do amor que ela nutria por ele e, sem dizer outra palavra, puxou-a para ainda mais perto e a beijou. Aquele era um momento que nenhum dos dois jamais esqueceria; quando universos colidiram e duas vidas transformaram-se para sempre num único instante.

— Ah, meu Deus, Gabbie... Eu te amo demais. — De repente, estava feliz por ter lhe contado. Depois da agonia da semana anterior, não tinha o menor arrependimento. Nunca em sua vida se sentira como nesse momento.

— Também te amo, Joe. — Ela parecia de súbito muito madura, corajosa e segura.

O que estavam fazendo era arriscado, e ainda mais perigoso era o jogo no qual estavam entrando.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Gabbie, baixinho, enquanto ele se sentava ao seu lado na beira da velha mesa.

— Não sei — admitiu ele, honestamente. — Nós dois precisamos de tempo para resolver isso.

Entretanto, ambos sabiam que se fossem longe demais, seria impossível continuarem suas vidas ali. Ainda não era tarde demais, ainda podiam voltar atrás. Eram Adão e Eva no jardim do Éden, a maçã ainda não tinha sido mordida, e eles a seguravam nas mãos, observando-a. No entanto, a tentação em muito pouco tempo seria ainda maior e, se andassem rápido demais, acabariam destruindo a vida um do outro. Enquanto os dois se fitavam, tinham consciência de que aquela era uma responsabilidade apavorante, e ele a puxou para si e a beijou novamente.

— Podemos nos encontrar em algum outro lugar? — perguntou Joe, depois de beijá-la. — Só para tomar um café ou andar um pouco. Lá fora, no mundo real, com gente de verdade. Precisamos ficar sozinhos um pouco para conversar sobre isso.

— Não sei — disse ela, pensativa. — Não vejo como poderia fazer isso. Normalmente, as postulantes nunca saem do convento.

— Eu sei, mas você é diferente. É como se fosse uma filha da casa, viveu aqui toda a sua vida. Não conseguiria que a mandassem fazer um trabalho ou executar qualquer tarefa para alguém? Posso ir encontrá-la onde você quiser.

— Vou pensar sobre isso hoje à noite. — Gabriella tremia, enquanto ele a segurava.

De repente, em meia hora, seu mundo virara de pernas para o ar. Porém ela não queria resistir. Sabia que ainda podia voltar atrás, mas nada a teria feito recuar. Queria ficar perto dele mais do que qualquer outra coisa que já houvesse desejado na vida. Durante todos esses meses não se dera conta e, agora, num súbito lampejo, compreendeu que a irmã Anne estivera certa. E disse isso a ele.

— Talvez ela seja mais esperta do que nós dois — afirmou ele, sabiamente. — Juro que não percebi que isso estava acontecendo. — Ele nunca tivera envolvimento com uma mulher, tampouco Gabriella ficara tão próxima a um homem.

Ela não havia namorado, paquerado, feito amizade com os colegas de turma da Columbia, muito menos conversado de fato com um *rapaz* de lá.

No coração, na vida e no comportamento, desde que era criança, Gabriella sempre fora uma freira. E agora, num piscar de olhos, tudo aquilo tinha mudado. De repente, transformara-se numa mulher, perdidamente apaixonada por ele.

— Acabaram de me pedir que celebrasse a missa e ouvisse as confissões aqui todos os dias. — Ele vinha alternando a tarefa com o padre Peter, mas este, já com uma certa idade e não muito bem de saúde, decidira que o trabalho no Santo Estevão já era bastante para

ele. E pedira a padre Joe que o substituísse, já que o jovem padre se dava tão bem com as freiras. — Pode me dizer o que resolveu amanhã cedo.

— Pode ser que eu leve alguns dias — disse ela, sorrindo de forma maliciosa.

Ele teve uma vontade enorme de arrancar o véu que lhe cobria a cabeça, deixando ver apenas a parte da frente de seus cabelos dourados. Queria saber o comprimento destes, o quanto restava deles. Precisava ver mais do que lhe era permitido, abraçá-la e beijá-la até que o ar faltasse a ambos. Entretanto, sabia que não poderia ficar com ela para sempre no escritório abandonado e logo precisaria deixá-la voltar para junto das outras. Mas detestava ter de deixá-la mesmo que por umas poucas horas, até que pudessem se ver novamente.

— Talvez eu deva começar a ouvir as confissões aqui duas vezes por dia — brincou ele com um sorriso infantil, e, sentindo aquela força magnética que puxava os dois ao mesmo tempo, tornaram a se beijar, com uma paixão ainda maior.

— Eu te amo — sussurrou ela, querendo mais dele do que se atrevia a pedir.

— Também te amo. Mas é melhor que vá agora. Vejo você amanhã cedo — prometeu ele, beijando-a outra vez. — Detesto ter de me afastar de você.

— Mas é preciso. Podemos nos encontrar aqui de novo. Ninguém nunca vem aqui, e eu sei onde a irmã Emanuel guarda as chaves deste escritório.

— Tenha cuidado — avisou-a —, não faça nenhuma loucura. Eu estou falando sério. — Sua voz estava firme, e ela riu ao fitar os olhos dele novamente.

— Olhe quem está falando! Loucura maior do que esta é impossível. — Mas, caso se encontrassem fora daquelas paredes, ambos sabiam que a loucura seria ainda maior.

— Você está com raiva de mim por ter lhe contado, Gabbie? -De repente, ele pareceu preocupado ao se levantar e olhá-la diretamente

nos olhos.

Havia assumido um risco tremendo ao lhe falar e agora colocara ambos em perigo. Mas ela não parecia ter qualquer arrependimento. Nenhum mesmo.

— Como poderia eu ficar com raiva de você, Joe? Eu te amo. — Então, com um sorriso tímido: — Estou feliz que tenha me contado. — De certo modo, porém, a situação era mais fácil para ela: era apenas uma postulante, ainda não fizera os votos definitivos. Não era nem mesmo uma noviça. Joe era padre havia seis anos, e as consequências do que tinham feito eram bem mais dramáticas para ele. Toda a sua vida estava em jogo.

— Não sei ao certo o que devemos fazer, Gabbie. Não sei nem mesmo como sustentaria você — disse ele, parecendo preocupado.

— Vamos ver o que acontece. Podemos resolver isso depois. - Havia uma força em Gabriella que ela jamais sentira e, em alguns aspectos, parecia mais forte do que ele. — Ainda é cedo demais para a gente pensar em tudo isso. Lembre-se apenas que te amo, Joe. Por hora, isso basta.

— Era tudo que eu queria ouvir. Pensei que você nunca mais fosse querer falar comigo se eu lhe contasse... Estava com tanto medo... — Ela tocou-lhe os lábios com os dedos, e ele beijou-lhe a mão. — Não se esqueça do quanto te amo — sussurrou ele, obrigando-se a ir embora.

Parou no vão da porta uma última vez, sorriu para ela e se foi.

Gabriella pôde ouvir seus passos ecoando no corredor por um longo tempo. Ficou ali parada, escutando e pensando em tudo que ele acabara de lhe dizer. Ainda não podia acreditar, não entendia como isso tinha acontecido com eles. Em muitos aspectos, parecia uma enorme bênção; em outros, era um dragão esperando para devorá-los. Perguntou-se por quanto tempo conseguiriam manter aquilo em segredo. Talvez por muito tempo.

Sabia que precisariam fazê-lo, pelo menos por enquanto, até que decidissem que atitude tomar em relação ao futuro. Para ela, era óbvio

que, apesar de suas circunstâncias delicadas no São Mateus, era a Joe que cabia a decisão mais difícil.

Gabriella vasculhou o restante das caixas empoeiradas e achou somente um dos livros *razão*. Esse, porém, seria suficiente para satisfazer a irmã Emanuel por hoje e daria a Gabriella uma desculpa para voltar ali.

Poderiam encontrar-se em segredo no escritório abandonado, pelo menos por um tempo. Deixou o cômodo, trancando a porta, e, enquanto ia à procura da irmã Emanuel, sentia-se como se estivesse embriagada. Ele a amava... ele a tinha beijado... queria ficar com ela... Era impossível absorver tudo que se passara ou mesmo começar a entender. Mas o som das palavras dele ainda flutuava em sua cabeça quando ela se reuniu às outras, e em seus lábios havia um sorriso que ninguém percebeu, ou compreendeu, à exceção da irmã Anne, que a observava atentamente.

CAPÍTULO 12

Na manhã seguinte, Gabriella se encontrava na fila do confessionário. As outras freiras ainda pareciam sonolentas, mas ela estava bem desperta desde as três da madrugada. Pareceu-lhe haver transcorrido horas na fila até vê-lo, e ela começou a se perguntar se não teria imaginado tudo, se ele não estaria arrependido e lhe diria que caíra em si e que nunca mais queria vê-la. Isso era inteiramente possível, e havia uma expressão de terror no rosto de Gabriella quando ela finalmente entrou no confessionário, depois de uma das freiras mais idosas do convento, e disse as palavras familiares que davam início à confissão. O confortante ritual era agora apenas uma fachada.

Ele reconheceu sua voz imediatamente. Estava esperando por ela e, sem qualquer ruído, abriu a grade que os separava, e Gabriella pôde ver o contorno de seu rosto, como se fosse um sonho.

— Eu te amo, Gabbie — sussurrou ele tão baixinho, que ela mal pôde compreender as palavras, mas Gabriella suspirou de alívio no instante em que as ouviu.

— Tive medo de que você tivesse mudado de ideia. — Parecia ansiosa em meio à escuridão.

— Eu também, de que você mudasse de ideia. — Beijou-a através da janelinha, e houve um breve silêncio, depois do qual Joe perguntou a ela se poderia encontrá-lo fora do convento.

— Talvez. A correspondência vai ser enviada amanhã, mas geralmente é uma das outras irmãs quem faz isso. Madre Gregoria deixa eu ir de vez em quando. Mas eu só ficaria sabendo na última hora.

— Ligue para mim no Santo Estevão. Diga que é a secretária do meu dentista e que houve uma desistência. Basta me dizer o lugar e a hora. A que correio você costuma ir?

— Gabriella lhe disse, e ele prometeu estar lá assim que ela telefonasse.

— E se você não estiver no Santo Estevão quando eu ligar? Gabbie parecia preocupada.

— Vou estar. Ultimamente, tenho tido muito trabalho burocrático para fazer, além de reuniões com paroquianos no colégio. Estarei lá e posso sair imediatamente se precisar. Faça o que for possível.

— Eu te amo — murmurou ela.

— Também te amo. — Estavam totalmente envolvidos naquele conluio e determinados a ficar juntos, mesmo que por pouco tempo, por mais alto que fosse o preço a ser pago.

Ambos haviam passado a noite inteira em claro, depois do encontro no escritório abandonado, e sabiam que, apesar do perigo que corriam, para eles, o que faziam era o certo. Nenhum dos dois tinha a menor dúvida.

— Diga as ave-marias que quiser. E reze por mim, Gabbie. Estou falando sério. Nós dois estamos precisando agora. Vou rezar por você. Ligue assim que puder.

— Se isso não for possível, vejo você aqui amanhã cedo. Ela deixou o confessionário com a cabeça baixa, numa atitude muito solene, torcendo para que ninguém visse a agitação em seus olhos. Estava contente que madre Gregoria estivesse ocupada na noite anterior e que não tivesse parado para falar com ela no jantar. Seria difícil encará-la agora, e Gabbie temia que a madre superiora, conhecendo-a tão bem, visse a expressão de seus olhos e descobrisse o seu segredo.

Gabriella assistiu à missa da manhã e pegou-se olhando para Joe de uma maneira diferente. Ele não lhe parecia mais tão distante e místico. De repente, parecia mais um homem. Ela ficou um pouco assustada e, quando pensou muito intensamente no fato, sentiu uma pontada de medo correr ao longo de sua espinha. Entretanto, sabia que não podia voltar atrás agora. Não queria. Desejava mais beijos seus e a sensação daquelas mãos e braços fortes em torno de si.

Deixou a igreja com as outras freiras e sentiu-se grata pelo seu trabalho na horta, que a mantinha ocupada e longe dos olhares curiosos. Depois do café da manhã, mencionou a madre Emanuel que

ficaria feliz em levar a correspondência ao correio, caso precisassem de sua ajuda. O trabalho na horta ia bem, e Gabriella tinha tempo para ajudá-las.

— E muito gentil de sua parte, irmã Bernadette. Vou dizer às outras. Acho que não temos muita coisa para levar hoje. Mas talvez numa outra ocasião...

Aquela acabou sendo uma semana frustrante para eles. Não havia motivos ou meios para ela sair do convento. Porém, encontraram-se mais duas vezes no escritório abandonado. Era um risco evidente, e ambos estavam cientes disso. Ele agora chegava com passos mais silenciosos, e Gabriella encontrara o último dos livros *razão*, mas o escondeu para continuar tendo um motivo para voltar ali. Trancavam a porta durante a sua permanência ali, e se beijavam, sussurravam e se abraçavam o mais forte que ousavam.

Sentaram-se no chão no calor de uma tarde de verão e conversaram sobre suas vidas. Ainda não tinham resolvido nada. Tudo o que Joe pedia agora era um tempo juntos. Quando pudessem se comportar como pessoas de verdade, falar abertamente e andar nas ruas ou num parque de mãos dadas. Entretanto, mesmo que se encontrassem lá fora, sabiam que precisariam ter cuidado e que ela não poderia ficar ausente por muito tempo sem que as freiras se alarmassem.

Por enquanto, dar uma volta e partilhar uns poucos minutos juntos era tudo com o que sonhavam; um prazer trivial a que os outros casais não davam valor e com o qual teriam de esperar a sorte lhes abençoar. Esse momento finalmente chegou uma semana depois da primeira declaração de Joe. Surgiu de forma inesperada e repentina, quando a irmã Immaculata deu a Gabriella as chaves de uma velha caminhonete que usavam para ir buscar os suprimentos. Alguns tecidos haviam chegado à loja, e as freiras encarregadas de fazer os hábitos estavam ansiosas para começar logo o trabalho, enquanto tinham tempo.

Não havia mais ninguém disponível, e Gabriella tinha de dirigir até o centro da cidade para pegá-los. A loja ficava na Delancey Street, e ela

sabia como chegar lá. Havia feito isso para elas muitas outras vezes. E, já que ia sair, duas outras freiras também lhe deram outras tarefas. Tinha muito a fazer, mas sabia que, se corresse, poderia arranjar um tempinho com Joe, perto de um dos lugares aonde iria.

Pegou a lista que lhe deram com mãos trêmulas, torcendo para que ninguém tivesse notado. Tinha as chaves da caminhonete, o dinheiro que lhe entregaram num envelope e, tão logo pôde despedir-se cordialmente, correu porta afora, saindo do São Mateus. A caminhonete estava estacionada ali perto. Acenou para madre Gregoria ao sair, e a madre superiora, como sempre, sorriu para ela. Estava feliz em ver Gabbie tão animada nesses últimos dias. Havia uma luz adorável de alegria em seus olhos. Todas supunham que o postulado lhe caía como uma luva. Ela trabalhava muito na horta. Madre Gregoria esperava que Gabbie ainda encontrasse tempo para escrever e lembrou a si mesma de perguntar-lhe.

Ao afastar-se do meio-fio, Gabbie pisou fundo no acelerador e dobrou a esquina com velocidade. Dirigiu por duas quadras, parou numa cabine telefônica e, com as mãos trêmulas, ligou para ele. No convento, um jovem irmão atendeu no terceiro toque, e Gabriella disse, como Joe lhe mandara, que era do dentista do padre Connors. Tinham uma desistência e queriam saber se ele não teria uma hora livre naquela manhã.

— Ah, sinto muito — respondeu o jovem irmão com polidez. — Acho que ele não está. — O coração de Gabriella se descompassou ao ouvir aquelas palavras. — Vou verificar para a senhora, mas o vi se aprontando para sair há apenas alguns minutos e talvez não volte por um bom tempo.

Ela aguardou pelo que lhe pareceu uma eternidade, aflita com a má sorte de não encontrá-lo e desejando ter saído meia hora antes. Por um instante, perguntou-se se não deveria sentir-se culpada, se este não era o modo de Deus lhes mostrar que aquilo não daria certo. Os dois haviam falado tanto sobre o que significaria se ambos deixassem a Igreja ao mesmo tempo. Ela sabia que deveria se sentir culpada, mas ainda não se sentia. Era tudo tão novo e emocionante, e eles tinham

esperado tão ansiosamente por alguns momentos juntos. Talvez, no fim, aquilo não resultasse em nada; talvez caíssem em si antes que fosse tarde demais. Mas, se isso acontecesse, teriam esse amor que haviam partilhado por uns poucos instantes, uns poucos dias, e Gabriella não queria desistir de tudo agora. Tinha o resto da vida para arrepender-se e entregar-se a Deus, se era isso mesmo o que Ele queria para ela.

O irmão voltou ao telefone sem fôlego, e Gabbie quase gritou de *prazer* quando ele disse que o alcançara e que, se estivesse disposta a aguardar um pouco mais, ele a atenderia. Minutos depois, ouviu a voz de Joe, que parecia ter vindo correndo. E tinha. Já estava de saída e subira as escadas correndo para falar com ela.

— Onde você está? — perguntou, com um largo sorriso. Nenhum dos dois tinha acreditado que esse dia chegaria. Parecia ter levado uma eternidade.

— Estou na esquina do São Mateus. Tenho de ir ao centro da cidade buscar umas coisas. E também preciso fazer outros servicinhos, mas acho que ninguém está preocupado com quanto tempo eu vou ficar fora — explicou a ele.

— Posso ir junto? Ou é muito perigoso? Posso encontrá-la em algum lugar, se preferir. Aonde você precisa ir?

— Na Delancey Street e em algumas lojas que nos dão desconto no Lower East Side.

— Que tal o Washington Square Park? Acredito que ninguém lá vá nos reconhecer. Ou o Bryant Park, atrás da biblioteca? — Ele sempre gostara de lá, apesar dos pombos e dos bêbados. O lugar era tranquilo e bonito.

Marcaram no Washington Square Park dentro de uma hora, o que dava tempo a Gabbie de apanhar os tecidos e fazer as outras coisas, se corresse.

— Encontro você às dez horas — prometeu ele. — E Gabbie... obrigado por fazer isso, meu amor. Eu te adoro. — Ninguém, em toda a sua vida, jamais a chamara assim ou falara com ela naquele tom.

— Eu te amo, Joe — sussurrou ela, ainda com medo de que alguém pudesse ouvi-los. Levou um tempo para assimilar o fato de que não havia ninguém ao redor.

— Vá fazer suas coisas. Encontro você em uma hora.

Dessa vez, foram rápidos na loja. Ajudaram-na a colocar os imensos rolos de tecido no carro. Cada hábito consumia cinco metros e havia duzentas freiras no São Mateus. O que lhe entregaram hoje, suficiente apenas para algumas delas, encheu quase toda a traseira da caminhonete.

Gabbie fez o resto das tarefas em tempo recorde, e eram dez e cinco quando subiu a Sexta Avenida e virou em direção ao parque até que o arco familiar estivesse à vista. O parque parecia um pouco com as fotografias de Paris que ela havia visto. Joe já se encontrava lá, à sua espera, quando ela chegou. Gabbie encontrou uma vaga e fechou a caminhonete. Depois, como se uma ideia tardia lhe ocorresse, tirou cuidadosamente o véu, deixando-o no banco da frente. Nem se preocupou em se olhar no espelho, mas correu os dedos pelos cabelos ao fechar o carro novamente. Foi ao encontro dele, esperando parecer-se com uma pessoa comum, apesar do vestido preto sombrio. Estava feliz por ainda usar o hábito mais curto das postulantes. Não haveria jeito de disfarçar o vestido se já tivesse feito os votos definitivos ou se tornado noviça.

Atravessou a praça correndo assim que o viu, sorrindo radiante para ele. Sem dizer uma palavra sequer, Joe a puxou para junto de si e a beijou. Ele também tirara o colarinho de padre, deixando-o no carro com o paletó. Parecia um homem comum com camisa preta de mangas curtas e calça combinando, e não chamou nenhuma atenção.

— Estou tão feliz em ver você — disse ele, ofegante, caminhando devagar ao lado de Gabriella, emocionado por estar com ela pela primeira vez no mundo de verdade.

Mesmo àquela hora, era um mundo cheio de vida, cores e gente. Havia crianças com balões de gás, casais de mãos dadas conversando nos bancos, homens mais velhos jogando xadrez, e a copa das árvores no alto suavizava o sol de verão. Ele comprou sorvete para ela numa

carrocinha, e os dois se sentaram juntos em um banco. Ele sorria para Gabriella, que nunca o havia visto tão feliz, enquanto se beijavam de mãos dadas e tomavam sorvete. Era como um sonho; um sonho que poderia facilmente transformar-se em pesadelo. Mas nenhum dos dois queria pensar nisso agora.

— Obrigado por me encontrar aqui, Gabbie. — Olhava-a, agradecido, sabendo muito bem como era difícil para ela sair do convento. Porém, a longa espera por essas poucas horas fazia com que fossem ainda mais preciosas.

Não desperdiçaram um único instante, mas, ao contrário, falaram sobre tudo, compartilharam tantas ideias quanto possíveis naquele breve espaço de tempo, concentrando-se no presente, e não no futuro. Ele queria saber quando poderiam se encontrar novamente, e Gabriella não fazia ideia do que lhe responder. A ambos, esse momento parecia um milagre tão grande, que era difícil imaginar repeti-lo, mas ela sabia que teria de dar um jeito. Os instantes partilhados no São Mateus agora pareciam migalhas. Era maravilhoso estarem juntos no mundo e sentirem-se assim à vontade um com o outro.

— Vou fazer o possível. Acho que a madre Emanuel vai me deixar fazer outros serviços para ela. Não acredito que ninguém vá se opor, desde que eu faça tudo e não desapareça por muito tempo. — As freiras sempre quebravam as regras por ela, fora sempre assim, e Gabriella era muito útil para elas. Não havia motivos para que aquilo parasse agora, desde que ela continuasse fazendo tudo o que devia com as outras postulantes.

Não escrevera uma palavra sequer durante toda aquela semana, mas havia conseguido trabalhar na horta por horas a fio.

— Gostaria muito de ir ao Central Park com você ou andar às margens do rio. — Eram tantas as coisas que queria fazer com ela, e os dois tinham tão pouco tempo.

Levou-a de volta até a caminhonete às onze e meia. Os momentos que haviam compartilhado tinham sido tão bem preenchidos que lhes pareciam horas. O tempo que passaram juntos foi exatamente o que esperavam, e fez com que ficassem ainda mais sedentos por outros

encontros. Ambos sabiam quais eram os perigos, os riscos potenciais, mas era tarde demais para que pudessem voltar atrás. Ele a beijou uma última vez, e Gabriella pôde sentir o corpo dele tão próximo ao seu que a princípio aquilo a assustou, mas depois ela relaxou e pareceu derreter-se em seus braços.

— Cuide-se, Gabbie. Tenha cuidado. Não diga nada a ninguém — avisou-lhe, desnecessariamente, e ela sorriu.

— Nem mesmo para a irmã Anne? — brincou ela, fazendo-o rir. Queria levá-la de volta, ficar com ela, telefonar naquela noite. Desejava fazer todas as coisas que os homens apaixonados faziam, e ele nunca fizera. Aos trinta e um anos, jamais havia amado uma mulher ou mesmo concebido pensar no assunto. Jamais se sentira atraído por alguém, nunca tinha flertado ou permitido a si mesmo o tipo de fantasias que criava agora. Para ele, era como se houvesse aberto as comportas de uma represa. E uma vez abertas, era impossível reter a avalanche de sentimentos que o dominavam.

Ficou parado ao lado do carro, observando-a colocar o véu. Parecia uma menininha ao olhar para ele com aqueles imensos olhos azuis. Só de vê-la assim, tinha vontade de fugir com ela imediatamente. E nenhum dos dois fazia ideia de quando poderiam encontrar-se daquela maneira de novo.

— Vejo você no confessionário amanhã — disse Gabriella com cautela, e ele fez que sim com a cabeça, querendo muito mais dela. Detestava ter de deixá-la ir.

— Você ainda tem as chaves daquela sala fechada no convento? — perguntou ele, esperançoso, e ela sorriu.

— Eu sei onde estão.

Era perigoso, mas melhor do que os cochichos trocados no confessionário. Queria dela mais do que tinha agora. Beijaram-se uma última vez e, ao se afastar, Gabbie acenou para ele e voltou para o convento, em meio ao trânsito do centro da cidade, o mais rápido que pôde. Chegou ao São Mateus sem dificuldades, e uma das postulantes veio ajudá-la a tirar o material da caminhonete. Os rolos de tecido eram

pesados, mas Gabriella sentia-se como se tivesse redobrado sua força depois do tempo que passara com Joe e da ternura que tinham compartilhado.

Almoçou com as outras freiras, trabalhou na horta durante a tarde, chegou ao jantar na hora, depois de fazer as orações com as demais, e, à noite, foi para o quarto no tempo livre e começou a escrever. Madre Gregoria foi visitá-la e perguntou se havia escrito novas histórias. Tinha a sensação de que não se falavam havia muito tempo. Mas estava contente em ver Gabbie parecendo tão bem; além disso, todos os relatórios que lhe tinham chegado ultimamente diziam que a irmã Bernadette estava indo muito bem. Mal podia esperar para que ela fizesse os votos definitivos. Isso ainda demoraria, mas Gabriella estava já bem adiantada. Quando madre Gregoria saiu do quarto, Gabbie sentiu a primeira pontada séria de culpa desde que toda aquela odisseia com Joe começara, depois do Quatro de Julho. Apenas duas semanas haviam se passado, mas era difícil de acreditar: para ela, parecia uma vida inteira.

Não podia deixar de pensar em como madre Gregoria ficaria decepcionada com ela, no quanto se sentiria arrasada. Ainda assim, Gabbie sabia não poder parar. Tudo o que queria na vida era estar com Joe Connors. Ela o viu no confessionário no dia seguinte e os dois se encontraram no escritório abandonado ao entardecer, mas se sentiram aprisionados ali, depois de terem estado juntos no Washington Square Park. E ela não tinha esperanças de sair para fazer outros serviços por enquanto.

No fim, duas semanas inteiras se passaram até ela poder sair novamente, e a espera para que esse dia chegasse quase os levou à loucura. Como ele desejara, encontraram-se no Central Park. Passearam em torno do pequeno lago e observaram as crianças e os adultos divertindo-se em seus barquinhos; depois caminharam lentamente em direção à cidade alta. O parque estava verde e exuberante, havia uma banda tocando em algum lugar à distância, e, como acontecia sempre que Gabriella estava com ele, tudo lhe parecia um sonho, um feriado inteiro comprimido numa única hora. Tinham tão pouco tempo para ficar juntos e tudo o que queriam era mais. Um do outro e de suas vidas.

Cada instante compartilhado era precioso. Alguns dias mais tarde, puderam voltar ao Central Park. Dessa vez, deitaram-se na grama, à sombra de uma árvore, e Joe recostou a cabeça no colo dela. Gabriella ouvia-o atentamente, enquanto afagava seus cabelos. Havia tanta coisa a ser dita e tão pouco tempo. Ele tornou a comprar um sorvete para ela ao voltarem para o carro. Viam-se todos os dias, escondidos no confessionário e no escritório poeirento que agora lhes parecia seu, mas haviam estado juntos fora dali apenas três vezes.

Havia tanto para conversarem e muita coisa que deviam resolver. Nenhum dos dois sabia por onde começar. Era uma jornada difícil de ser percorrida, embora estivessem seguros. Isso tinha acontecido antes, em circunstâncias semelhantes às deles. Era comum um padre deixar a batina por causa de uma freira, ele não seria o primeiro nem o último. Entretanto, ambos sabiam a repercussão que aquilo causaria, quantas pessoas iriam se sentir traídas. E havia momentos em que Joe tinha medo. Ele, em especial, estava preocupado em abandonar a igreja e disse isso a Gabbie, apesar de estar seguro de seu amor por ela.

— Precisamos de mais tempo — disse Gabriella, sensatamente. — Você não pode tomar uma atitude dessas, Joe, sem antes pensar muito.

E ele pensava o tempo todo, especialmente à noite, quando estava sozinho, esperando a hora de vê-la outra vez, desesperado pelos beijos roubados no confessionário. Estava fazendo uma coisa que jamais teria concebido antes de conhecê-la. Ela começara a escrever um diário para ele, sobre o amor que os unia e os sonhos que criava para ambos. Esperava um dia dar-lhe de presente. Era uma carta de amor interminável, e ela a mantinha escondida junto com as roupas de baixo, na única gaveta que possuía, onde estava certa de que ninguém o encontraria. Era uma maneira de estar com Joe, mesmo quando não estava, e de falar com ele quando não podia.

— Quando você acha que poderá sair de novo? — perguntou ele, parecendo triste numa tarde, enquanto a levava até o carro.

— Assim que for possível. Talvez na semana que vem.

As freiras mais velhas iam todas para o lago Geroage. Alguém emprestara uma casa para elas, e madre Gregoria ia acompanhá-las por

uns poucos dias, a fim de ajudá-las a se acomodarem. Isso poderia significar mais liberdade para Gabriella, ou não. Era sempre difícil saber essas coisas no convento.

No dia em que partiram, porém, Gabriella viu-se com uma tarde inteira à sua disposição. As outras postulantes tinham ido ao dentista e deveriam ficar fora por várias horas. Gabbie fora ao consultório apenas dois meses antes e portanto deixaram-na sozinha em casa, sem obrigações ou planos. Ela disse à freira encarregada que estava tendo problemas com alguns dos legumes e precisava de mais pesticidas. A velha freira estava com uma dor de cabeça horrível havia dias e não fez perguntas, entregando-lhe as chaves do carro sem qualquer comentário.

Gabriella disse vagamente que voltaria mais tarde. Depois, como sempre o fazia, ao dobrar a esquina, parou e ligou para Joe, que, por sorte, não saíra. Ele não estava esperando que ela telefonasse, mas agora detestava sair do Santo Estevão, sempre temendo que fosse perder um daqueles raros telefonemas e uma oportunidade de vê-la.

— Quanto tempo você tem? — Sempre lhe perguntava isso, mas dessa vez ficou surpreso quando ela afirmou dispor de algumas horas. Joe vinha esperando por esse dia, mas estava aturdido por saber que finalmente chegara. Vinham se encontrando assim havia mais de um mês. — Encontre-me na extremidade leste da Rua 53. — Deu a Gabriella um endereço, e ela não fazia a menor ideia de que lugar era aquele.

Entretanto, ficava a poucas quadras de onde ela estava. Gabbie chegou antes dele dessa vez e esperou no carro, sem o véu, aguardando ansiosamente a sua chegada. Joe estacionou do outro lado da rua e a abraçou, enquanto andavam vagorosamente pelo quarteirão. Estava quieto e pensativo.

— Você não quer ir ao parque? — Ela parecia surpresa.

— Achei que estava um pouco quente demais.

Virou-se então, fitando-a. Aparentava estar preocupado quando pegou a mão dela. Sabia que nenhum conhecido os veria ali, *razão* pela

qual sugerira o lugar. E então explicou a ela o que tinha feito. Contou que um velho amigo do São Marcos acabara de se mudar para Nova York. Tratava-se de um profissional bem-sucedido no ramo da publicidade, e os dois haviam tido uma longa conversa recentemente, quando Joe lhe explicara que estava tendo sérias dúvidas em relação à sua vida, embora não tivesse dado detalhes. E o velho amigo lhe confiara as chaves do apartamento, dizendo que o usasse sempre que quisesse, para fugir de tudo, para poder pensar e relaxar longe do Santo Estevão. Joe sabia que o amigo estava fora da cidade naquela semana, passando as férias de verão em Cape Cod com amigos.

— Você quer ir ao apartamento só para a gente poder ficar junto um pouquinho? Eu não sabia se você ia ficar com medo ou se gostaria de fugir um pouco das ruas nesse tempo que temos para ficar juntos.— Não queria pressioná-la, tampouco tinha um plano. Havia trazido as chaves, mas estava pronto a deixá-la escolher o que a fizesse sentir-se mais à vontade. — Você é quem sabe disse Joe, suavemente, e ela sorriu.

— Acho que seria muito bom — respondeu ela, baixinho, seguindo-o. Joe nunca estivera ali, e os dois ficaram impressionados com o que viram. Havia uma sala de estar ampla e confortável com cadeiras enormes de couro e um sofá marrom também de couro. Era muito moderno, muito masculino. Tinha uma cozinha espaçosa e bastante arejada, e um grande e vistoso bar. E ao fundo, dando para um pequeno jardim, ficavam os dois quartos: um obviamente era o dele e o outro, para visitas.

Joe ligou o ar-condicionado e assobiou, admirando o aparelho de som. Pôs para tocar uma seleção de músicas de que gostava, depois de consultá-la, e serviu-se de uma taça de vinho no bar. Aquilo era algo que eles jamais haviam feito, e Gabbie estava um tanto aflita ao sentarem-se lado a lado no sofá. Nunca se sentira tão nervosa assim diante dele, mas isso se devia principalmente àquilo tudo ser tão novo para ela. Porém, ouvindo a música e depois de tomar um gole do vinho dele, começou a relaxar. Aquele era o mesmo Joe, o homem que ela amava, ainda que, dessa vez, as circunstâncias fossem diferentes. Então ele a convidou para dançar.

Gabbie sorriu com a ideia. Nunca dançara com ninguém, mas juntos moviam-se com facilidade, enquanto ele a abraçava forte. Joe nunca se sentira tão feliz na vida, e Gabriella parecia dissolver-se em seus braços, à medida que iam se beijando e deslizando lentamente ao compasso da música. Ele colocara uma fita de Billy Joel. Aquilo era diferente de tudo o que tinham feito, mas era o que vinham desejando havia muito tempo: uma chance para ficarem sozinhos, para serem eles mesmos e fazerem tudo o que quisessem. Enquanto dançavam, ele olhava para ela, e a paixão dos dois ia crescendo. Joe podia sentir o coração de Gabriella batendo rápido junto ao seu corpo e não conseguia mais deixar de beijá-la. Ambos estavam excitados e ofegantes quando pararam de dançar.

— Eu sei o que gostaria de fazer — disse ele, baixinho, desejando-a com ardor, sem saber se ela estaria disposta a dar um passo daquele tamanho com ele. Cinco semanas haviam se passado desde que ele declarara o seu amor, mas estavam sedentos um pelo outro de uma maneira que nenhum dos dois era capaz de entender completamente.

Ele jamais estivera com uma mulher antes, nem ela com um homem. Era tudo tão novo para ambos. Ainda assim, parecia-lhes tão certo. Ela compreendeu o que ele queria dizer e o fitou com olhos apaixonados.

— Eu também gostaria — sussurrou Gabriella, enquanto ele, abraçado a ela, sentia-lhe o coração bater forte.

— Não tenha medo, Gabbie... Eu te amo... — Pegou-a no colo com facilidade e dirigiu-se lentamente para o quarto de visitas. O lugar era convidativo, e Joe deitou-a com delicadeza na cama. Gabriella ainda estava com o vestido de postulante, e ele se atrapalhou, tentando tirá-lo. Ela o ajudou com os botões, dobras e alfinetes, enquanto se beijavam, e de repente ele parou para olhá-la: a pele leitosa, os primeiros seios que ele via, os membros mais alongados e graciosos do que imaginara.

Gabbie não teve medo quando Joe começou a se despir e em seguida deitou-se na cama, tirando o restante, assim como ela fizera. As roupas formaram uma pilha no chão, e ele começou a explorar o corpo

de Gabriella, ardendo de desejo por ela. Era a primeira vez que os dois experimentavam essa sensação. Era um momento de descoberta e confiança. Não sabiam o que esperar, mas tinham certeza de que queriam estar ali e precisavam estar próximos um do outro. Era uma estrada que tinham de atravessar, lado a lado, para seguir sua nova vida juntos.

Joe beijou todo o seu corpo, enquanto Gabriella tremia sob o seu toque e começava lentamente a procurá-lo. Encontrou o que buscava, e seus olhos arregalaram-se de surpresa. Ninguém a preparara para aquilo. Não tinha ideia do que fazer, mas a natureza gradualmente tomou conta de tudo, e ele soube, por instinto, como deveria agir. Gabriella estremeceu quando Joe a penetrou, e ele foi cuidadoso, apesar do desejo crescente que, a cada segundo, era mais difícil de ser controlado. Joe sabia que seria doloroso para ela e de fato foi no começo, mas ele se conteve o quanto pôde e então não conseguiu mais se segurar. Gozou, tremendo violentamente e dizendo o nome dela, e Gabriella gemeu numa mistura estranha de prazer e dor que parecia arrebatá-la. Depois, ele ficou acariciando-a e, quando olhou para ela, havia lágrimas nos olhos dela, mas estas eram pela nova vida que partilhavam, pelas mágoas deixadas para trás e pelo laço que os uniria para o resto de suas vidas. Ela sabia que agora jamais poderia deixá-lo, ou ele a ela. Tinham ido longe em busca de tudo isso, e ele lhe beijou os lábios, os cabelos e os olhos; ficaram deitados abraçados. Quando finalmente conseguiu suportar a ideia de afastar-se dela, olhou-a, admirando toda a beleza que tinha estado tão cuidadosamente escondida no feio hábito.

— Você é tão linda... — Ele jamais sonhara que seria assim e já a queria novamente, embora estivesse com medo de machucá-la. Porém, ao beijá-la apaixonadamente uma vez mais, Gabriella também o quis e foi diferente para ela dessa vez. Ficaram entrelaçados, em êxtase, maravilhados um com o outro pelo que pareceu uma eternidade, e, depois, Joe a levou para o banheiro e os dois tomaram um banho. Ela estava surpresa ao ver como ficavam à vontade um com o outro, apesar da inexperiência e da timidez natural de ambos. Ficou debaixo do chuveiro com ele, a água escorrendo por seus corpos, lavando-os,

enquanto se beijavam novamente, e ela sorria. Era óbvio aos dois o que teriam de fazer depois daquilo. A sorte havia sido lançada. E não tinham mais dúvidas em relação ao futuro.

Puseram os lençóis e as toalhas na máquina de lavar e então voltaram à sala para esperar que secassem. Sentaram-se no sofá, discutindo o que fariam de suas vidas.

— Não podemos ficar assim para sempre, meu amor — disse ele de modo prático. Ambos sabiam que aquela tarde mudara suas vidas definitivamente.

Gabbie não podia imaginar o que afinal teria de dizer a madre Gregoria. Não conseguia sequer pensar nisso. Tudo o que lhe vinha à cabeça agora era ele, e o que tinham feito. Sabia que pertencia a Joe para o resto de sua vida, independente do que o futuro lhes reservasse.

Seria difícil se satisfazerem com uma caminhada pelo parque ou um beijo rápido no confessionário depois do que tinham compartilhado ali.

Podemos fazer tudo que for preciso, por enquanto — afirmou Gabriella, preocupada com Joe. Havia coisas demais na cabeça dele.

— Você conseguiria viver na miséria? — perguntou ele, parecendo aflito. Sabia que Gabbie jamais havia sido pobre, e aquilo o deixava inquieto. Tinha vivido sem luxos no convento, mas havia tido tudo o que precisava, inclusive segurança absoluta. Se Joe se casasse com ela, sabia que teriam de passar fome por algum tempo; pelo menos chegariam bem perto disso.

— Você sabe que eu também posso trabalhar. — Ela tinha um diploma universitário e podia dar aulas ou trabalhar para uma revista. Era possível também que tentasse escrever e vender suas histórias.

Não fazia ideia de quanto dinheiro poderia ganhar, mas madre Gregoria e as outras freiras sempre haviam insistido para que ela tentasse vendê-las.

— Posso dar aulas em alguma escola — conjecturou ele, nervoso. O Santo Estevão lhe pagava um salário, mas, se deixasse a igreja, as

habilidades que lá eram necessárias não lhe seriam úteis em lugar nenhum. Nunca tivera de se preocupar em ganhar a vida.

— Você pode fazer uma porção de coisas — garantiu ela — , se é isso o que deseja. — Não queria que ele se sentisse forçado a deixar o sacerdócio. Tinha de sair porque queria; de outra maneira, poderia vir a odiá-la para o resto da vida, especialmente se surgissem pedras no caminho. E ela sabia que estas surgiriam durante algum tempo. Era uma mudança muito grande.

— Você sabe que não há nada no mundo que eu deseje mais do que ficar com você — disse ele, beijando-a novamente, outra vez transportado pelas emoções das duas últimas horas.

Joe estava feliz que não tivesse havido nenhuma outra mulher. Não se dera conta do quanto significaria para ele ter se guardado para ela. E o que lhes faltava em experiência os dois compensavam com a paixão.

— E melhor eu voltar — disse ela, por fim, com pesar. Era difícil acreditar que ainda tivesse de retornar ao convento, mas Joe tinha muito no que pensar.

Eles concordaram em esperar um pouco, para dar tempo a ele de organizar tudo, mas a decisão estava tomada. Era somente uma questão de tempo. Ambos sabiam que não poderiam continuar com aquela farsa indefinidamente, e, ao menos para Gabriella, aquilo parecia errado.

Deviam admitir, confessar seus pecados e, depois, tocarem suas vidas. Se iriam ficar juntos, ela não queria ficar mentindo para madre Gregoria por muito tempo. Colocou o vestido com cuidado, e ele a tomou nos braços uma última vez antes de saírem do apartamento juntos.

— Vou morrer de saudades — disse ele com a voz ainda rouca de paixão.

— Vou me lembrar desse dia para o resto da minha vida.

— Eu também — murmurou Gabriella, sentindo o amor que tinha por Joe misturado à culpa pelas mulheres que havia traído ao entregar-se a ele.

Em seu coração, porém, já se sentia casada. Deixaram o apartamento, e Joe a levou de volta ao carro, observando-a vestir o véu. Ela voltou a ser uma postulante, uma freira aos olhos do mundo. Entretanto, ao olhar para ela, ele sabia a verdade. Lembrou-se de cada centímetro do corpo dela, de toda sua beleza pura e natural, e da paixão que nutriam um pelo outro, quando se inclinou para beijá-la.

— Cuide-se bem — disse ele, com carinho. — Vejo você amanhã de manhã.

— Ouvia as confissões e celebrava as missas diariamente agora. Não era muito para partilharem, mas era tudo o que tinham além do seu mundo no apartamento emprestado.

— Eu te amo — disse ela, e os dois beijaram-se novamente. Depois, com o coração na mão, ela deu partida no carro. Detestava deixá-lo. E foi ainda mais deprimente quando chegou ao convento.

Queria desesperadamente estar com ele, e ver as freiras por toda parte à sua volta fazia com que se lembrasse do que tinha feito e do quanto as havia deixado para trás. Mesmo assim, ainda precisava ficar ali. Até decidirem o que fazer, não tinha aonde ir, e tampouco Joe. Havia muitas questões práticas a serem resolvidas antes de fazerem qualquer tipo de declaração. E ela queria que Joe estivesse seguro em relação à decisão de abandonar o clero. Mas sabia também que, se ele a deixasse agora, sem a menor dúvida, aquilo a mataria.

Ficou deitada sem dormir durante horas naquela noite, e várias das postulantes haviam notado que ela mal falou ao jantar. Parecia perdida nos próprios pensamentos, e a irmã encarregada das postulantes naquela semana estava preocupada, temendo que Gabbie estivesse ficando doente. De fato, na manhã seguinte, insistiu em que ela fosse ao médico.

Gabriella parecia cansada e pálida, mas teimou que estava bem e, como de costume, foi à missa e à confissão. Joe estava esperando por ela no confessionário e abriu a grade imediatamente para beijá-la.

— Você está bem? — perguntou, preocupado.

Tinha passado a noite inteira aflito por causa de Gabbie, além de sedento por ela, que tinha despertado nele um apetite insaciável. Depois de se despedir dela, ao voltar ao apartamento para limpar tudo, este tinha lhe parecido muito vazio sem ela.

— Sem arrependimento?

Prendeu a respiração até ouvir a resposta.

— É claro que não. Foi tão triste voltar para cá ontem. Fiquei tão sozinha sem você.

— Eu também. — Ele queria ir novamente ao apartamento com Gabbie, mas ela não fazia ideia de quando poderia sair. Em vez disso, ao meio-dia encontraram-se no escritório vazio e, dessa vez, ambos estavam bastante nervosos. Haviam tido sorte até então, mas Gabriella começava a ficar preocupada com a possibilidade de alguém vê-los qualquer dia desses.

Ela trabalhou na horta pelo resto da tarde, pensando nele e ansiando por sua companhia. Chegou mesmo a aventurar-se a lhe telefonar do escritório de madre Gregoria. Conversaram rapidamente, tomando o cuidado de não revelar seus nomes e seu segredo. Os dois sabiam que os riscos eram grandes e crescentes. Teriam de confessar em breve, mas Joe ainda não decidira quando.

Gabriella conseguiu encontrar-se com ele mais uma vez antes que madre Gregoria voltasse, mas dessa vez não pôde se demorar muito e ambos ainda estavam ávidos um pelo outro quando ela foi embora. O tempo que passaram abraçados na cama parecia muito curto; as horas que ficavam juntos, infinitamente preciosas.

Quando madre Gregoria retornou do lago George, ficou preocupada com o que viu. Gabriella estava quieta demais, e havia algo nos olhos da jovem postulante que a inquietou. Conhecia-a havia muito tempo e soube instintivamente que Gabbie estava muito perturbada por alguma coisa. Tentou conversar com ela na noite em que chegou, mas Gabriella insistiu em dizer que não era nada. Ela se sentiu um pouco mais animada na tarde seguinte, depois de escrever a Joe no diário, mas agora ansiava por ele todo o tempo e sentia-se como se já

não pertencesse ao convento. Gabriella foi ao correio no dia seguinte e encontrou-se com ele para dar uma volta no parque. Sabia que não teria tempo para ir ao apartamento e receava que madre Gregoria percebesse alguma coisa.

— Eu acho que ela está pressentindo, Joe — disse Gabbie, com a testa franzida de preocupação, enquanto ouviam um grupo de músicos de rua e dividiam um sorvete. — Ela sabe coisas sobre as pessoas, mesmo quando não as conhece muito bem. — E então o fitou, aflita e com um leve olhar de terror. — Acha que alguém nos viu? — Tinham passeado bastante e se encontrado mais do que ela deveria ter ousado, além de terem ido ao apartamento. Alguém poderia tê-los visto na Rua 53.

— Duvido — replicou Joe, com calma. Estava muito menos preocupado do que ela. Tinha mais liberdade. Os padres nunca eram vigiados atentamente como as freiras e podiam ir a lugares que ela nem poderia imaginar. Ninguém questionava as idas e vindas dele. Era íntegro, responsável e de confiança. — Eu acho que ela só está de olho em suas meninas.

— Espero que sim. — Era agosto, e o verão parecia voar. Em breve as irmãs que davam aulas estariam voltando à escola, e as freiras mais idosas retornariam dos retiros no lago George e nas montanhas de Catskill. A equipe da cozinha já planejava o piquenique do Dia do Trabalho, mas tudo isso já não parecia muito importante a Gabriella, que agora contemplava o futuro dos dois.

Joe foi ao piquenique do Dia do Trabalho, como sempre, com os outros padres, mas, dessa vez, parecia evitar Gabbie. Eles haviam discutido o assunto na manhã anterior e chegado à conclusão de que seria mais inteligente manterem-se afastados, para que ninguém notasse o desembaraço com que conversavam. Havia um ar de intimidade em suas conversas. E, na metade do dia, Gabbie saiu e foi para o quarto. Sentia-se muito indisposta para comer ou mesmo ficar com as outras. Madre Gregoria percebeu, assim como a irmã Emanuel, e as duas discutiram o assunto baixinho.

— O que a senhora acha que há de errado com ela? — perguntou a formadora das postulantes, de fato preocupada. Jamais tinha visto Gabbie daquela maneira.

— Não sei — respondeu madre Gregoria, com o semblante triste. Tinha resolvido que falaria com ela sobre aquilo e, naquela tarde, foi até o quarto de Gabriella e a encontrou escrevendo vigorosamente no diário. —

Alguma história nova? — perguntou, alegre, sentando-se na única cadeira, que ficava no canto do quarto simples para ocasiões como aquela. — Alguma coisa para eu ler?

— Ainda não — replicou Gabriella, lívida, enquanto empurrava o pequeno volume para debaixo do travesseiro. — Não tenho tido muito tempo ultimamente. — Então, dirigiu-lhe um olhar de desculpas, por mais razões do que a madre superiora imaginaria. — Sinto muito por não ter ficado no piquenique. — Fazia um calor tremendo lá fora, e Gabriella já estava verde quando entrou.

— Estou preocupada com você — disse madre Gregoria, honestamente, e Gabbie pareceu nervosa ao responder.

— Não é nada. É só uma gripe. Todas tiveram essa gripe enquanto a senhora esteve fora. — Mas madre Gregoria sabia que aquilo não era verdade. Apenas uma freira muito velhinha ficara doente, mas fora um problema na vesícula biliar. Ninguém mais adoecera no São Mateus recentemente.

— Você está tendo dúvidas, minha filha? Isso acontece com todas nós, mais cedo ou mais tarde. A nossa vida é árdua, não é uma escolha fácil de se tomar, nem mesmo para alguém como você, que parece que sempre morou aqui. Num certo momento, todas temos de lutar com a dúvida e chegar a uma decisão final. Depois, você vai se sentir em paz por muito tempo, talvez para sempre.

E, ao dizer essas palavras, desejou que Gabriella tivesse tirado mais vantagem dos anos na universidade. Talvez estivesse se arrependendo de desistir de um mundo que não havia conhecido; um mundo que, ao menos na infância, nunca fora bom para ela.

— Não tenha medo de me dizer.

— Não, madre, eu estou bem. — Era a primeira vez que mentia para ela e odiou a si mesma por isso.

A situação estava se tornando rapidamente insustentável. Queria dizer-lhe que estava apaixonada por Joe e que teria de ir embora. Por mais horrível que fosse, teria quase preferido dizê-lo a mentir daquela forma.

— Talvez você devesse dar mais uma última olhada no mundo, enquanto ainda tem liberdade para isso. Podia arrumar um emprego em algum lugar e continuar morando aqui, Gabriella. Você sabe que nós permitiríamos. — Era exatamente o tipo de abertura de que precisava, mas Gabbie sabia que mesmo aquela permissão seria violada, caso estivesse se encontrando com Joe em apartamentos emprestados. Se saísse, teria de fazê-lo de uma maneira limpa e honesta.

— Não quero fazer isso — afirmou, resoluta. — Eu adoro ficar aqui com minhas irmãs. — Era verdade, mas agora adorava Joe ainda mais, e este era o problema. Ele ainda tinha de tomar a decisão final em relação ao sacerdócio. Ambos tinham de estar seguros. Ela estava, e ele disse que também queria sair, mas, até agora, não havia oferecido nenhum plano claro de como o faria. Ainda era cedo demais para ele, por mais que dissesse que a amava e ela soubesse disso. Apenas dois meses haviam se passado desde que tudo começara entre eles.

As semanas seguintes transformaram-se rapidamente num pesadelo para ela. Fazia as tarefas na rua sempre que podia, mas madre Gregoria estava tão preocupada com ela que, na maior parte do tempo, não a deixava ir. Ela e Joe ainda se encontravam no escritório desocupado e no confessionário, mas quase todo o tempo que tinham juntos passavam discutindo seus planos e a culpa evidente que ele sentia por deixar o clero. Ela continuava lhe dizendo que não se apressasse em sua decisão. Não queria que ele se arrependesse depois de tê-la tomado. Os dois tinham conseguido se encontrar somente mais duas vezes no apartamento emprestado. O amigo dele já estava de volta à cidade, mas Joe podia usá-lo enquanto o dono do apartamento se encontrava no trabalho.

Para piorar as coisas, lá pela metade de setembro, Gabbie sentia-se terrivelmente indisposta na maior parte do tempo. Tentava esconder seu estado das outras, mas todas notavam como estava pálida e o pouco que comia, e houve um verdadeiro pânico quando Gabbie desmaiou na igreja um dia. Joe estava lá, celebrando a missa, e levantou bruscamente os olhos quando viu o alvoroço na fileira das postulantes; depois, quase entrou em pânico ao vê-la sendo carregada para fora. Teve de esperar um dia inteiro para encontrá-la no confessionário e perguntar-lhe o que havia acontecido.

— Eu não sei, é só que estava muito quente na igreja ontem.— Vinham sofrendo uma onda de calor interminável, mas, como Joe disse a ela com um olhar aflito, nenhuma outra freira desmaiara, nem mesmo as mais velhas. Estava extremamente preocupado com ela.

Gabriella esperou duas outras semanas para ter certeza. Era fim de setembro, então, e não havia dúvidas em sua cabeça, embora ela não tivesse nenhum método científico para confirmar. De qualquer forma, tinha certeza. Apresentava todos os sinais e, mesmo sendo inexperiente, foi capaz de deduzir que estava grávida. Finalmente, conseguiu escapar do convento e ligou para marcar com Joe no apartamento. Encontraram-se lá e, tão logo Joe bateu os olhos nela, soube que havia alguma coisa errada.

Quando Gabbie lhe contou, ele pareceu apavorado e a abraçou e chorou. Sentia-se péssimo. A seus olhos, aquela não era a maneira de se começar um casamento. E certamente iria forçá-los a abrir o jogo o mais rápido possível. Até onde ela podia determinar, devia ter engravidado da primeira vez e tinha quase dois meses de gestação.

Não podia esperar muito mais para tomar sua própria decisão. Independente do que ele fosse fazer agora, ela teria de deixar o convento. Não faria nada para prejudicar o bebê, e tampouco ele esperaria isso. Na verdade, Joe faria qualquer coisa para impedi-la. Os dois tinham sentimentos religiosos profundos em relação ao assunto.

— Está tudo bem, Joe — sussurrou ela, sentindo a aflição dele e a enorme pressão que o fato adicionava a uma situação já insustentável.

— Vai ver era para ser assim mesmo. Talvez seja o que eu precisava para tomar a minha decisão.

— Ai, Gabbie, eu sinto tanto... é tudo culpa minha... nunca pensei... mas devia ter pensado. — Mas como é que um padre poderia pensar em comprar preservativos? E certamente não havia nada à disposição dela naquelas circunstâncias. Não tiveram escolha, nenhuma opção. Haviam sido forçados a correr os riscos. Ingênuos como eram, em momento algum lhes passara pela cabeça que alguma coisa desse tipo pudesse acontecer tão depressa.

Agora ele tinha duas pessoas com as quais se preocupar — uma mulher e um filho — e nenhum meio de sustentá-las. De repente, as perspectivas eram devastadoras; e a pressão sobre ele, quase insuportável.

— Vou deixar o São Mateus daqui a um mês — disse Gabbie. Tomara sua decisão assim que se deu conta do que lhe havia acontecido. — Vou contar à madre Gregoria em outubro. Aquilo dava a Joe um mês para resolver o que faria. Nessas circunstâncias, era tudo o que ela podia lhe dar. Até poderia dar-lhe mais tempo, mas ela própria tinha de tomar uma atitude antes que todos descobrissem e aquilo se transformasse no escândalo do convento.

Ele ficou abraçado a ela durante algum tempo naquela tarde, com medo de tocá-la e fazer mal a ela ou ao bebê, e começou a chorar.

— Tenho tanto medo de decepcionar você aqui fora no mundo, Gabbie... E se eu não conseguir? — Aquele era o seu maior receio.

— Você consegue, Joe, se quiser. Nós dois podemos conseguir. Você sabe disso. — Parecia tomada por uma certeza extraordinária, dada a inexperiência de ambos.

— Tudo o que sei é o quanto te amo — disse ele, sabendo que agora tinha não apenas ela com quem se preocupar, mas também o filho. Queria abandonar a igreja pelos dois. Desejava estar com Gabriella e tomar conta dela, mas ainda não tinha certeza de que poderia fazê-lo. — Você é tão forte, Gabbie, você não entende. Eu nunca conheci nada além do sacerdócio. — E ela não tinha conhecido nada

além do São Mateus e de uma vida de espancamentos antes deste. E por que todos pensavam que ela era forte? O pai dissera a mesma coisa na noite em que partiu. Aquilo tocou um ponto de sua memória, um lugar de terror profundo e silencioso. E se Joe a deixasse também? O que aconteceria se abandonasse a ela e ao bebê? Só de pensar naquilo Gabbie enchia-se de pânico, mas não comentou nada com Joe, ali abraçado a ela. Simplesmente agarrou-se a ele em silêncio, tentando não assustá-lo ainda mais.

Joe beijou-a antes que ela saísse, e Gabriella voltou ao convento, perdida nos próprios pensamentos. Quando entrou, nem mesmo viu a madre Gregoria observando-a ou a irmã Anne deixando um envelope do lado de fora de seu escritório. E não tinha como saber que, mais tarde, madre Gregoria ligou para o Santo Estevão. Foi encontrar-se com o monsenhor naquela noite e voltou ao São Mateus com o coração angustiado. Ninguém tinha certeza de nada, mas havia rumores e uma série de telefonemas de uma mulher jovem que deixava nomes diferentes a cada vez que ligava. O padre Connors vinha saindo muito ultimamente e, madre Gregoria percebia agora, com muita frequência estava no São Mateus. E ela e o monsenhor chegaram a um acordo naquela noite. O padre Connors não voltaria a ouvir as confissões e celebrar as missas no convento por algum tempo.

Gabriella não tinha como saber daquilo e, quando entrou no confessionário na manhã seguinte e disse "Oi, eu te amo", a voz que lhe respondeu era desconhecida. Houve um longo silêncio, e então o padre deu continuidade à confissão, como se tudo estivesse normal. O coração dela estava disparado ao sair do confessionário, e ela sequer se lembrava de ter ouvido sua penitência. Perguntava-se se alguma coisa teria acontecido com Joe, se ele estava doente ou se havia contado a eles que iria embora ou, ainda pior, se teriam sido descobertos. Sabia que Joe não diria nada a eles sem antes consultá-la; talvez, entretanto, depois de sua declaração no dia anterior, ele tivesse decidido dizer-lhes logo que estava indo embora.

Gabriella ainda estava desorientada quando madre Gregoria mandou chamá-la ao escritório um pouco mais tarde naquela mesma

manhã. A madre não disse nada por um momento e depois olhou triste para Gabriella de trás da escrivaninha.

— Eu acho que você tem algumas coisas para me contar, não tem, Gabriella?

— Sobre o quê? — O rosto de Gabbie estava branco como uma folha de papel, enquanto olhava para a mulher que havia doze anos era como uma mãe para ela e a quem amava como se fosse mesmo sua filha.

— Você sabe do que estou falando. Sobre o padre Connors. Você anda telefonando para ele, Gabriella? Quero que seja sincera comigo. Um dos padres do Santo Estevão achou que viu vocês dois no Central Park em agosto. Nem eu nem ele temos certeza de que era você, mas todos no Santo Estevão parecem suspeitar disso. Ainda não é tarde demais para evitarmos um escândalo, se me disser a verdade agora.

— Eu... — Não queria mentir para ela desta vez, mas não tinha como lhe contar a verdade. Pelo menos, não por enquanto. Não até que conversasse com Joe e descobrisse o que dissera a eles. Tinha certeza de que já o haviam interrogado. — Não sei o que dizer à senhora, madre.

— A verdade seria o melhor caminho — replicou madre Gregoria, em tom severo, sentindo uma dor no coração ao olhar para a jovem que ela amava como a uma filha.

— Eu... eu liguei para ele, sim... e nos encontramos no parque uma vez. — Era tudo o que estava disposta a revelar. O resto pertencia somente a eles e era muito íntimo.

— Eu posso perguntar por quê, Gabriella? Ou é uma pergunta tola para uma resposta evidente demais? Ele é um rapaz bonito; e você, uma moça bonita. Mas, apesar de ainda não ter feito os votos definitivos, você me disse que estava certa em relação à sua vocação, e eu acreditei em você. Mas já não tenho tanta certeza assim. Quanto a ele, é padre há alguns anos. Nenhum de vocês dois é livre para se comportar dessa maneira ou violar seus compromissos.

— Eu sei disso.— Havia lágrimas em seus olhos, mas Gabriella se recusava a chorar ou a pedir misericórdia.

— Há mais coisas nesta história vergonhosa, Gabriella? Se há, eu quero saber. — Não era uma história vergonhosa, e ouvi-la descrita daquela maneira quase partiu o coração de Gabriella. Tudo o que conseguia fazer era sacudir a cabeça. Recusava-se a contar mais mentiras. — Tenho certeza de que você não se surpreenderá ao ouvir que vai haver uma investigação no Santo Estevão. Vão telefonar para o arcebispo hoje. E não vamos ver o padre Connors aqui por um bom tempo. — A madre superiora parou para respirar, olhando no fundo dos olhos de Gabbie, procurando respostas que esta não a deixaria ver. — Sugiro a você que passe algum tempo examinando seriamente sua consciência e sua vocação em nosso convento em Oklahoma. — Aquilo soou como uma sentença de morte a Gabbie, que quase deixou escapar um grito ao ouvi-la.

— Oklahoma? — O nome saiu como um ruído gutural único que não lhe era familiar. Mas foi tudo o que conseguiu dizer. — Não vou sair daqui. — Era a primeira vez que Gabriella afrontava madre Gregoria desde a discussão sobre a sua ida para a universidade. No entanto, madre Gregoria estava mais do que firme agora. Por trás de sua aparência tranquila, estava furiosa. Com Gabriella e com o padre que lhe oferecera a tentação e quase corrompera o seu espírito. Para a madre superiora, esse era um pecado imperdoável, e ela sabia que precisaria rezar muito para poder perdoar. Ele não tinha o direito de fazer isso a ela. Fora recebido ali com toda a confiança. Gabbie era muito jovem e inocente, e ele devia ter evitado tudo aquilo.

— Você não tem escolha, Gabriella. Vai partir amanhã. E será cuidadosamente vigiada até lá; portanto, não tente falar com ele. Se escolher ficar conosco, e esta opção ainda cabe a você, deve pensar com muito cuidado sobre o que fez e decidir se quer de fato ficar aqui. Eu lhe ofereci todas as oportunidades para que voltasse ao mundo por um tempo, que participasse dele, se era o que queria fazer, e você recusou. Mas em momento algum isso incluiu encontros clandestinos com um padre.

— Mas eu não fiz isso — disse Gabbie, agoniada, odiando a si mesma pelas mentiras que dizia. Entretanto, sentia que era o que deveria fazer, ao menos por ele.

— Gostaria de poder acreditar em você. — A madre superiora levantou-se então, deixando claro que o encontro chegara ao fim.

— Pode voltar para o seu quarto agora. Você não vai conversar com as outras postulantes hoje ou até partir. Uma das irmãs da cozinha vai levar sua comida ao quarto, mas você não deve falar com ela também. — Da noite para o dia, tornara-se uma leprosa. Sem dizer uma palavra, deixou o escritório e voltou para cima, desesperada para telefonar para ele, embora não houvesse jeito. Tudo o que sabia é que não iria para Oklahoma. Não deixaria Joe.

Passou o dia inteiro deitada na cama, pensando nele e, ao cair da noite, estava extremamente agitada. Passara o dia escrevendo para ele no diário e, quando não estava escrevendo ou simplesmente deitada, andara de um lado para o outro do quarto, desejando ao menos poder ir à horta, mas sabendo que isso não era possível. Não podia opor-se ainda mais às ordens de madre Gregoria. E o dia inteiro perguntou-se o que estariam fazendo com Joe e o que ele teria dito ao arcebispo. Mas nenhum dos dois jamais pensou por um minuto sequer que seria fácil. Sabiam disso desde o início. Agora tudo o que tinham de fazer era sobreviver à dor e à humilhação até que pudessem estar juntos.

Não tocou a comida que lhe trouxeram e já passara da hora do jantar quando sentiu uma dor estranha no ventre, que a princípio lhe fez perder o fôlego, passando em seguida; logo depois, sentiu outra pontada. Gabriella não fazia ideia do que aquilo significava, mas estava de tal maneira tensa por causa de Joe, que mal notou. Quando as outras duas postulantes voltaram para o quarto, ela estava deitada com uma dor violenta, mas não disse nada a elas. Sabia que, independente do que fosse, era por puro terror.

As outras não lhe dirigiram a palavra. Havia sido avisadas de que Gabriella estava profundamente perturbada e que não deveriam falar com ela. Não tinham ideia do que ela fizera ou de que castigo lhe estava sendo imposto, mas, sempre que a irmã Emanuel deixava a sala, começavam a cochichar, tentando adivinhar o que havia acontecido. Apenas a irmã Anne permanecia estranhamente calada. Gabriella não dormiu naquela noite, pensando em Joe, preocupada com o que ele teria falado ou com o que estariam dizendo a ele. Imaginou algo muito

semelhante à Inquisição espanhola acontecendo no Santo Estevão e, às duas horas da madrugada, estava com tanta dor que quase chamou as outras, mas não podia fazer isso. O que lhes diria? Não podia contar que estava com medo de vir a perder o bebê. Em vez disso, foi ao banheiro com o corpo dobrado, quase engatinhando, e lá viu os primeiros sinais do que suspeitava ser um problema grave. Mas não havia a quem recorrer para pedir ajuda, nem mesmo madre Gregoria, e muito menos as outras. E não tinha como telefonar para Joe. Deveria esperar que ele a procurasse. Estava certa de que ele viria buscá-la, e toda a situação estouraria pela manhã. Se Joe dissesse a eles que estava deixando o sacerdócio por causa dela quando o confrontaram, era só uma questão de tempo para que ele viesse encontrá-la no São Mateus. E então, Gabriella prometeu a si mesma, contaria tudo o que acontecera à madre Gregoria, ou ao menos tudo que ela precisava saber. Mas não sairia dali deixando um rastro de mentiras, como latas chacoalhando atrás dela.

Pela manhã, Gabriella estava quase cega de dor e pavor. Não tinha ideia de quando viriam buscá-la a fim de ir para Oklahoma. Pelo menos isso sabia que não faria. Ela se recusaria a sair, e não poderiam arrastá-la dali de camisola. Ouviu as outras levantarem-se em silêncio e esperou até que se fossem. Quando por fim se levantou, viu que havia sangue nos lençóis e não sabia o que fazer. Voltou para a cama, chorando baixinho, e ficou lá deitada. À primeira luz do dia, depois de escutar as freiras cantarem na capela, ouviu a porta se abrir novamente e viu a irmã Emanuel olhando para ela com enorme pesar. Achou até que a velha freira estivera chorando.

— A madre Gregoria quer ver você agora, Gabbie — anunciou ela, com tristeza. Esse era um dia infeliz para todas; mais infeliz ainda para Gabriella, que as traía de modo tão terrível.

— Eu não vou para Oklahoma — disse Gabriella com a voz rouca, sem estar mesmo certa de que conseguiria se levantar. As dores pioravam. , — Você terá de descer e conversar com ela sobre isso. — Gabriella teve medo de dizer que não podia e esperou que a irmã saísse do quarto para, então, vestir as roupas com enorme dificuldade. Lembrou-se de quando era espancada e, morta de dor, tinha de vestir-se para a mãe. Para surpresa sua, viu que isso era ainda pior.

E, enquanto se vestia, as dores tornaram-se mais intensas do que nunca. Mal conseguiu descer as escadas e quase teve de entrar no escritório da madre superiora engatinhando. No entanto, forçou-se a ficar ereta e estava tão cega de dor que quase desmaiou. Quando entrou, Gabbie sobressaltou-se visivelmente ao ver que havia dois padres parados ao lado de madre Gregoria. Estavam ali havia quase uma hora, discutindo o que diriam a Gabriella.

Madre Gregoria nunca tinha visto a jovem com uma aparência tão ruim. Ela estava claramente atormentada, e a madre reuniu todas as forças para controlar a vontade de levantar-se e correr para ela.

— O padre O'Brian e o padre Dimeola vieram falar com você, irmã Bernadette — anunciou madre Gregoria, usando o nome de postulante de Gabriella para que a situação parecesse menos pessoal a ambas e para que o que tinham a dizer não machucasse tanto a jovem. Mas, contra a sua vontade, sua alma e seu coração compadeciam-se em silêncio pela criança que amara e conhecera como Gabbie.

— Madre Gregoria vai decidir seu destino ainda hoje — declarou o padre O'Brian com um olhar de dor que nada compreendia da situação de Gabbie, que parecia respirar com dificuldade, enquanto as paredes iam se fechando em torno dela. A cada segundo, a jovem ficava mais pálida. Para eles, porém, quaisquer que fossem as agonias de que padecia agora, ela as merecia.

— Mas nós viemos aqui para lhe falar sobre o padre Connors.

Joe havia contado, então, pensou Gabbie, aliviada, ao fitá-los com olhos toldados. Sentia tanta dor que mal conseguia ouvi-los.

— Ele lhe deixou uma carta — disse o padre Dimeola, triste — , explicando como se sentia em relação à situação para a qual você o seduziu.

— Ele disse isso? — Gabbie parecia chocada ao encará-lo. Joe jamaisalaria uma coisa daquelas sobre ela. Obviamente aquela era a interpretação deles para a situação, e haviam decidido pôr a culpa nela.

Gabriella podia ouvir um relógio tiquetaqueando em algum lugar e desejou que aquilo acabasse logo para ela poder sair dali.

— O padre Connors não falou exatamente isso, mas é o óbvio a partir do que disse.

— Posso ver a carta, por favor? — Gabbie estendeu a mão trêmula com uma dignidade surpreendente e, se pudessem admitir para ela ou para si próprios, eles a admiraram por isso.

— Em um instante — respondeu o padre O'Brian. — Temos uma coisa para lhe dizer antes. Uma coisa com a qual você terá de conviver e entender claramente sua participação nela. Você condenou um homem ao inferno, irmã Bernadette. Para toda a eternidade. Não haverá redenção para a alma dele. Não pode haver, depois do que ele fez... depois do que você o levou a fazer. O seu inferno estará em saber que fez isso a ele.

Ela odiou o som abominável daquelas palavras e a cruel incapacidade que os padres demonstravam em perdoar os dois. Independentemente do que haviam feito, não mereciam aquilo, e tudo em que conseguia pensar agora era em como Joe devia ter sofrido nas mãos deles. E odiou-os por isso.

A única coisa que queria era ver Joe para lhe dizer o quanto o amava e lhe levar um pouco de consolo. Eles não tinham o direito de torturá-lo nem de condená-lo.

— Eu quero vê-lo — exigiu com uma voz tão enérgica que surpreendeu até a si própria. Não deixaria que fizessem isso a ele. E não poderiam afastá-la dele. Não tinham mais esse direito.

— Você nunca mais irá vê-lo — disse o padre O'Brian num tom de voz tão apavorante, que Gabriella estremeceu.

— O senhor não tem o direito de decidir isso. É uma decisão que cabe ao padre Connors. E, se essa for a vontade dele, eu a respeitarei. — Ela parecia bela, forte e digna ao falar, e, embora contra a sua vontade, madre Gregoria a admirou por isso. E, pálida como estava enquanto falava com eles, Gabriella parecia quase angelical.

— Você não irá mais vê-lo — proferiu o padre O'Brian novamente, e Gabriella parecia impassível ao fitá-lo. E, então, ele desferiu o golpe fatal, o único por que ela jamais esperara, e fizeram-no de forma tão

cruel que quase destruíram a sua fé para sempre. — Ele tirou a própria vida hoje de manhã. E deixou esta carta para você. — O padre Dimeola sacudiu o papel ameaçadoramente à sua frente, e a sala começou a girar à sua volta.

Ele... eu... — Ela ouvira as palavras, mas não as compreendia totalmente. Ainda não. Isso se daria mais tarde. Olhou para eles, os olhos implorando para que dissessem que estavam mentindo. Mas não estavam.

— Ele não pôde conviver com o que tinha feito... não suportou deixar a igreja... ou assumir o que você esperava dele. Preferiu, se matar a fazer o que você queria. Ele se enforcou no quarto que ocupava no Santo Estevão ontem à noite, um pecado pelo qual vai arder no inferno por toda a eternidade. Preferiu morrer a abandonar o Deus que amava mais do que a você, irmã Bernadette... e você terá de viver com isso na consciência para sempre.

Ela olhou para o padre abertamente e levantou-se com uma força que não sabia possuir. Ficou imóvel por um momento, olhando para cada um deles com olhos que se recusavam a acreditar no que acabara de ser dito, e então, com um ruído baixinho e sobressaltado, a vida esvaiu-se de Gabbie completamente e ela desmaiou. Ao cair, sabia apenas que Joe a abandonara, que ele havia ido embora, deixando-a sozinha, como todos os outros. Entretanto, antes que pudesse dizer uma única palavra, desapareceu nos braços misericordiosos da escuridão. Quando Gabriella caiu, olharam para ela e viram, pela primeira vez, a poça de sangue que se espalhava rapidamente à sua volta.

CAPÍTULO 13

Gabriella estava consciente de um grito agudo vindo de algum lugar à distância. Era um som sem fim, como uivos, e pareciam-lhe os gritos de morte de seu espírito. Tentou falar e descobriu que não podia. Abriu os olhos, mas não conseguiu enxergar. Tudo era cinza e sombrio, alternando-se com a escuridão silenciosa. Não fazia ideia de onde se encontrava e não entendia que o som que escutava era a sirene da ambulância na qual era transportada. Pareceu-lhe que tinham se passado anos até que finalmente ouviu uma pessoa falando com ela, embora não conseguisse entender o que essa pessoa dizia. Alguém insistia em chamar o seu nome, puxando-a de volta, trazendo-a à força para uma vida que ela já não queria. Desejava apenas deixar-se levar para a escuridão e o silêncio, mas as vozes obscuras que escutava esporadicamente não a deixavam.

— Gabriella!... Gabriella!... Vamos lá! Abra os olhos agora... Gabriella! — gritavam com ela e agarravam-na, e alguém com uma faca estava arrancando seu coração.

Gabriella começava a sentir a dor agora. Era como se um dragão lutasse dentro dela, rasgando-a dos pés à cabeça. Não queria acordar para isso, não podia suportar o que sentia e, além da dor, sabia que algo de terrível tinha acontecido. Por fim, Gabriella abriu os olhos, mas havia luzes por toda parte, cegando-a, queimando-a impiedosamente, da mesma forma que a dor. As pessoas estavam fazendo alguma coisa com ela, mas Gabriella não tinha ideia do que fosse; sabia apenas que a dor que a devorava era insuportável. Agora parecia que não podia nem mesmo respirar. E então, de repente, como se uma dor tão cruciante que não pudesse ser suportada a dilacerasse, lembrou-se do porquê de estar ali... a mãe a havia espancado... e quebrado sua boneca... matara Meredith e quase matara a ela também... e Gabriella sabia que o pai devia estar por perto, em algum lugar, observando.

— Gabriella!... — gritaram seu nome outra vez.

As pessoas ao seu redor pareciam zangadas. Tudo que ela conseguia ver eram luzes e sombras e, por mais que tentasse, enquanto os demônios da dor a devoravam, não conseguia ver seus rostos. E, ao tentar vê-los novamente e ouvir o que diziam, uma dor horripilante pareceu rasgar-lhe o corpo, ao mesmo tempo em que ela procurava desesperadamente livrar-se dela. Mas esta não a soltava de suas garras. De repente, com clareza absoluta, viu não o pai, mas Joe sorrindo para ela. Acenava com a mão, dizendo alguma coisa que ela não conseguia ouvir... as outras vozes pareciam abafar o que ele estava falando. Mas quando Gabriella olhou para ele outra vez, tentando perguntar onde ela se encontrava, Joe estava rindo.

— Não estou conseguindo ouvir você, Joe... — repetia ela. E então ele começou a se afastar, e Gabriella gritou para que esperasse por ela, mas descobriu que seus pés não se moviam, enquanto tentava ir até ele.

Tudo nela estava pesado demais. Joe ficou parado lá, esperando; depois balançou a cabeça e desapareceu, e, de repente, ela estava livre e corria para ele. Mas ele ia muito rápido; Gabriella não conseguia acompanhá-lo, e as pessoas que a seguiam estavam zangadas de verdade. Ainda chamavam o seu nome, e dessa vez, quando olhou para elas, viu por que não conseguia acompanhar Joe. Havia-na amarrado com as pernas para o alto, o corpo e os braços presos à cama, e tudo à sua volta agora estava muito luminoso.

— Não... eu tenho de ir... — gritou para elas com a voz fraca. — Ele está esperando por mim... precisa de mim... — Joe virou-se e acenou, e parecia tão feliz que a assustou. No entanto, no quarto onde estava deitada, as pessoas ao seu redor estavam muito zangadas, e Gabbie sabia que faziam algo monstruoso com ela. Estavam arrancando suas entranhas, extraíndo sua alma e mantendo-a longe dele. — Não! — gritava para elas.

— Não! Mas as pessoas não a escutavam.

— Está tudo bem, Gabriella... está tudo bem... — Havia homens e mulheres à sua volta, e todos pareciam esfaqueá-la. Quando Gabbie olhou para eles, viu que não tinham rosto.

— A pressão arterial está baixando de novo — disse uma voz, e ela não sabia a quem se referiam; para ela, isso já não importava. — Pelo amor de Deus — disse uma outra voz masculina — , não dá para mantê-la estável? — Como os outros, parecia zangado com Gabriella. Ela fizera alguma coisa terrível, obviamente, e todos sabiam o que era, menos ela. Tornou a fechar os olhos, gemendo de dor e, à distância, podia ouvir o mesmo som de antes, mas dessa vez soube que deviam ser sirenes. Havia acontecido um acidente, alguém estava ferido e, na escuridão em que mergulhou mais uma vez, podia ouvir uma mulher gritando. Em seguida vieram mais pessoas. Pareciam estar por todos os lados, rodeando-a, mas ela não podia ajudá-los. Todo o seu corpo estava pesado demais, com exceção da área onde os demônios da dor reinavam. Tentou mover os braços para afugentá-los, mas estavam amarrados, e ela já não duvidava por um instante sequer de que iriam matá-la.

— Merda... — disse uma voz no escuro. — Tragam mais duas unidades. — Estavam bombeando sangue em seu corpo sem nenhum resultado, e era evidente a todos que não iriam vencer essa luta. Não tinham como salvá-la. A pressão arterial estava quase a zero e, quando o coração começou a fibrilar, souberam que a tinham perdido.

Por um longo tempo as vozes cessaram, e Gabriella ficou deitada em silêncio, finalmente em paz. Havia parado de importuná-la por fim, e o demônio que ocupava o seu corpo estava quieto. Nesse momento Joe voltou, surgindo lentamente das sombras, mas dessa vez não estava feliz. Disse algo a Gabriella, e agora ela pôde ouvi-lo com clareza. Seus braços estavam livres novamente, e ela estendeu a mão para Joe, mas ele não a pegou.

— Não quero que você venha comigo — disse ele com nitidez e já não estava zangado ou triste. Parecia muito tranquilo.

— Tenho de ir, Joe. Eu preciso de você. — Ela começou a andar ao seu lado, mas ele se deteve e não queria prosseguir.

— Você é forte, Gabriella — afirmou ele, e ela tentou lhe dizer que não era.

— Não sou... Não posso... Eu não vou voltar sem você. — Mas ele se limitou a sacudir a cabeça, desaparecendo, e ela sentiu um peso esmagador cair novamente sobre si e a dor cortante e derradeira que a arrancou dele como uma contracorrente. De repente, ela soube que estava se afogando, da mesma forma que Jimmy. Queria buscar o ar, mas era puxada pelo redemoinho com o menino e, quando tentou encontrá-lo, descobriu que não podia. Ele a abandonara, assim como Joe, e ela estava sozinha nas águas revoltas, quando, de repente, uma força maior do que qualquer outra que já tivesse conhecido empurrou-a para a superfície.

Ela subiu à tona, ofegando, cuspendo e chorando e gritando.

— Certo, nós a pegamos... — Ela podia ouvir as vozes outra vez e parecia que era puxada por mãos vindas de todos os lados. Sentia cada uma das costelas quebradas quando respirava, tinha os olhos cheios de dor, seus braços haviam sido amarrados novamente, e o local onde os demônios estiveram ardia, incandescente.

— Não! Não! Parem! — Ela tentava gritar para eles, mas não conseguia, e tudo o que sabia era que estavam arrancando alguma coisa de dentro dela. Era o lugar onde antes estivera o seu coração. Sabia que tentavam separá-la de Joe, mas não conseguiriam. Jamais tinha conhecido tamanha agonia e só conseguia pensar em sua mãe, perguntando se ela não seria a responsável por isso.

— Gabriella!... Gabriella! — Estavam falando com ela, com mais delicadeza agora, mas tudo que ela conseguia fazer era chorar. Não tinha como fugir da dor que eles lhe haviam causado. Ficavam chamando seu nome, e ela sentiu que alguém alisava o seu cabelo. A mão era suave, mas ela não conseguia ver o rosto da pessoa. Seus olhos ainda estavam embaçados e as luzes brilhantes cegavam-na, mas alguém havia começado a arrancar o demônio de seu corpo.

— Meu Deus, essa foi por pouco — falou suavemente uma voz masculina em algum ponto da sala. — Pensei que a tivéssemos perdido. — E tinham mesmo, por algum tempo, mais de uma vez. Mas ela ainda estava viva, apesar de todos os seus esforços para partir. Tinha ficado por causa de Joe. Fora ele que se recusara a levá-la com ele.

Gabriella sabia, ao abrir novamente os olhos, que ele não voltaria. Eles nunca voltavam. Todos iam embora e a abandonavam.

— Gabriella, como está se sentindo? — Pôde ver os olhos de uma mulher, enquanto a voz lhe falava, mas as pessoas ali ainda não tinham rosto.

Todos usavam máscaras, mas as vozes agora eram mais gentis. E, quando tentou responder, Gabriella descobriu que ainda não conseguia. Nenhum som veio substituir seus gritos. Todas as partes de seu corpo e de sua alma pareciam vazias.

— Ela não está me ouvindo — queixou-se a voz, como se, mais uma vez, os tivesse decepcionado.

Gabriella perguntou-se se iriam surrá-la agora. Mas isso não lhe importava. Podiam fazer o que bem entendessem, contanto que os demônios não voltassem com suas caudas afiadas, cortando sua alma como espadins. Deixaram-na sozinha por um tempo então, e ela foi caindo no sono, indo para um lugar diferente daquele onde havia estado. Quando acordou, tinha sobre o rosto uma máscara, que exalava um cheiro terrível, e sentia-se tonta. Então, sem lhe dizerem nada, começaram a empurrar a maca. Gabriella viu pessoas, corredores e portas passando por ela, e alguém lhe disse que a estavam levando para o quarto. Perguntou-se se estaria na cadeia, se finalmente iriam puni-la pelas coisas horríveis que fizera a todos. Eles sabiam, todos eles, que era culpada. No entanto, ninguém lhe disse nada enquanto a empurravam para o quarto, onde a deixaram, dormindo sobre a maca.

Por fim, duas mulheres de branco entraram no quarto, com toucas engomadas e rostos sombrios, e, sem dizer palavra, levantaram-na com cuidado da maca, passando-a para a cama, e ajustaram a agulha através da qual ainda recebia uma transfusão. Falaram muito pouco com ela e deixaram-na dormir pelo resto do dia. Gabriella ainda não sabia por que estava ali, embora se lembrasse do grito da mulher. Havia sido um gemido de agonia, um lamento de dor e pesar. Mais tarde, quando o médico foi falar com ela, tornou a gritar, mas dessa vez compreendeu o que tinha acontecido. Perdera o bebê de Joe.

— Eu sinto muito — disse o médico, em tom grave. Não sabia que ela era uma postulante, mas deduziu, porque morasse num convento, que era mãe solteira e fora deixada lá pelos pais. — Você vai ter outros filhos um dia — afirmou, otimista.

Gabriella, porém, sabia melhor do que ele que não teria. Nunca desejara ter filhos porque receava transformar-se num monstro, igual à mãe. Jamais queria correr esse risco. Mas, com Joe a seu lado, pensou que talvez fosse diferente. Tinha sido uma chance para uma nova vida, com o homem que amava e o fruto do amor que nutriam um pelo outro. Fora um sonho que alimentara muito brevemente, mas que não merecia, e agora se transformara num pesadelo sem ele.

— Vai precisar ter muito cuidado por um tempo — advertiu o médico.— Você perdeu muito sangue e... nós quase a perdemos — acrescentou, de maneira funesta. — Se tivesse chegado aqui vinte minutos mais tarde...

— Seu coração parara de bater duas vezes na sala de parto, e aquele foi o pior aborto que ele tinha visto. Ela havia perdido sangue em quantidade mais do que suficiente para matá-la.

— Vamos ficar com você aqui por mais alguns dias, para mantê-la em observação e continuarmos com as transfusões. Depois disso, poderá ir para casa, se me prometer que vai descansar e ir devagar por um tempo. Nada de sair por aí, receber visitas, ir a festas e dançar. — Ele sorriu para Gabbie, imaginando uma vida diferente da que ela conhecia.

Era uma jovem bonita, e ele supôs que devesse estar ansiosa para sair, rever os amigos e, provavelmente, o homem que a engravidara. Então, perguntou se ela queria que telefonasse para alguém, e Gabriella fitou-o num misto de pesar e horror.

— Meu marido morreu ontem — disse num sussurro rouco, atribuindo a Joe postumamente o papel que desejara para ele. O médico olhou-a com compreensão e compaixão.

— Eu sinto muito. — Fora um golpe duplo para a jovem, ele sabia, e que agora lhe explicava uma coisa. Durante a maior parte da cirurgia,

o médico tivera a estranha sensação de que ela estava lutando contra eles e que não queria se salvar, e agora tinha certeza. Ela quisera morrer e ficar com o homem a quem chamava de marido, embora ele ainda duvidasse de que fossem casados. Se fossem, ela jamais teria vindo do São Mateus.

— Tente descansar agora. — Era tudo o que tinha para lhe oferecer, e, depois de observá-la por alguns minutos, saiu do quarto. Era uma jovem bonita e com a vida pela frente. Havia sobrevivido a isso e sobreviveria a outras coisas. Ele sabia que um dia tudo não passaria de uma vaga lembrança, mas agora, para ela, era como se seu mundo tivesse acabado.

Aos olhos de Gabriella, era o que tinha acontecido. Estava totalmente convencida de que não tinha mais motivos para viver. Não queria, sem Joe. E, deitada ali, ficou pensando nele e no diário que escrevera para ele, o tempo compartilhado, as conversas, as confidências, as risadas abafadas, os passeios no Central Park, os momentos roubados e as breves horas de paixão no apartamento emprestado. Agora não conseguia nem mesmo lembrar-se de onde este ficava e, pensando nele, esforçou-se para lembrar cada palavra, cada inflexão, cada instante. Todas as vezes chegava ao final de tudo: os dois padres sentados com madre Gregoria naquela manhã, dizendo-lhe que Joe havia se matado e que ela teria de viver com isso na consciência para sempre. Agora acreditava que a culpa era sua.

Lembrou-se de tê-lo visto naquela manhã, em seus sonhos, enquanto a operavam, e se deu conta de que quase fora juntar-se a ele, e odiou o fato de isso não ter acontecido. Teria feito qualquer coisa para ficar com ele. Tentou trazê-lo de volta, durante um sono intermitente, mas ele não vinha. Não conseguia trazê-lo outra vez à mente ou fazê-lo parecer real. Ele a abandonara, como os outros. Tudo em que ela conseguia pensar agora era no que ele devia ter sentido antes de morrer, na agonia que o levara a uma decisão como aquela, na dor e na tristeza que devia ter experimentado. Lembrou-se da mãe dele. Ela tomara a mesma decisão dezessete anos antes, deixando o filho órfão. Mas, dessa vez, Joe não deixou ninguém, apenas ela, completamente só.

Não lhe restou nem mesmo o filho deles. Não tinha nada. A não ser a dor.

Madre Gregoria foi vê-la naquela noite. Conversara com o médico duas vezes durante a tarde e estava bastante ciente de que Gabriella estivera à beira da morte. O médico mencionou o que a própria Gabriella tinha dito, sobre o pai da criança ter morrido no dia anterior, e disse sentir muito por ela. E, apesar de não tê-lo dito quando a viu, madre Gregoria também sentia. Gabriella estava mortalmente pálida, o rosto branco como os lençóis em que estava deitada, os lábios azulados, quase transparentes. Era fácil acreditar que por pouco não teriam conseguido salvá-la. Ela recebera ainda mais uma transfusão, mas, até então, esta não parecia ter feito qualquer diferença. Havia tido uma hemorragia tão violenta, que o médico disse à madre Gregoria que poderia levar meses para que se recuperasse. E, para a madre superiora, isso representava um problema sério.

Ela se sentou ao lado da cama de Gabbie por um tempo, dirigindo-lhe poucas palavras. Gabriella estava muito fraca para falar e tudo que tentava dizer fazia-a chorar, custando-lhe um esforço enorme.

— Não fale, minha filha — disse madre Gregoria, por fim.

Ficou ali sentada, segurando a mão de Gabriella, e sentiu-se agradecida quando esta voltou a mergulhar no sono. Madre Gregoria estremeceu ao ver que, deitada daquela maneira, Gabriella parecia morta. A notícia sobre a morte do padre Connors chegara ao convento naquela manhã. Durante todo o dia houve cochichos nervosos e, à noite, madre Gregoria fez um anúncio solene no refeitório. Disse apenas que o jovem padre tinha morrido inesperadamente, que não haveria ofícios e seus restos seriam cremados e enviados a Ohio para ser enterrado com a família. Aquela fora a decisão do arcebispo.

A própria mãe de Joe, tendo se suicidado, não foi enterrada num cemitério católico, e a decisão do arcebispo Flaherty parecia a mais humana. Afinal de contas, algum destino tinha de ser dado ao seu corpo. E nenhuma outra explicação foi dada, embora as freiras soubessem que o fato de estar sendo cremado fosse suspeito. Essa era uma prática proibida pela Igreja católica, e somente uma concessão

especial teria possibilitado a cremação. Quando madre Gregoria pediu um momento de silêncio para rezarem pela paz da alma do jovem padre, os olhos das mulheres estavam cheios de perguntas. Depois, ao olhar pela sala, pôde ver que a irmã Anne estivera chorando.

Várias horas depois, a irmã Anne apareceu à porta do escritório da madre superiora, parecendo aflita. Fazendo sinal para que entrasse, a madre perguntou:

— Alguma coisa errada?

A princípio a jovem freira não disse nada; depois, aceitando o convite de madre Gregoria, entrou e sentou-se, desfazendo-se imediatamente em lágrimas.

— É tudo culpa minha — lastimou a postulante.

Sabia que algo terrível deveria ter acontecido e estava cheia de remorso.

— Estou igualmente certa de que você não teve nada a ver com isso — disse madre Gregoria, com calma. — A morte do padre Connors foi um choque para todas nós, mas não tem absolutamente nada a ver com você, irmã Anne. As circunstâncias são bastante complicadas e, ao que parece, ele tinha um problema de saúde de que ninguém sabia.

— Um dos coroinhas disse ao homem do mercado que ele se enforcou. — Ela soluçava abertamente, tendo ouvido a história de terror de terceiros, através do carteiro que parara no mercado para comprar um refrigerante antes de entregar a correspondência no São Mateus. Madre Gregoria não estava nada satisfeita em ouvir aquilo.

— Eu posso lhe garantir, irmã, que isto é um absurdo.

— E onde está Gabriella? A irmã Eugenia disse que ela saiu daqui levada por uma ambulância e ninguém sabe por quê. Onde ela está?

— Ela está muito bem. Teve uma crise de apendicite na noite passada e veio me dizer hoje cedo.

Mas a irmã Anne tinha visto os rostos sombrios dos padres do Santo Estevão saindo do escritório de madre Gregoria. O convento era uma comunidade pequena, um mundo fechado, e, como em outros do

tipo, mesmo ali, nos braços de Deus, havia muitos boatos e rumores. E certamente, naquela manhã, muitos tinham corrido. Madre Gregoria, porém, não estava nada satisfeita com aquilo. Tudo que queria agora era tranquilizar a jovem postulante, que se sentia tão culpada.

— Escrevi uma carta anônima para a senhora — confessou a irmã Anne, hesitante, as palavras entrecortadas pelos soluços —, falando sobre eles, porque pensei que Gabriella estivesse flertando com ele... Ah, madre... Eu estava com ciúmes... Não queria que ela tivesse o que eu perdi antes de vir para cá... Foi errado da sua parte, minha filha — disse madre Gregoria, calmamente, lembrando-se muito bem da carta e do quanto a perturbara. — Mas a carta foi inofensiva. Não lhe dei nenhuma atenção, e seus temores eram infundados. Os dois eram apenas bons amigos e tinham admiração um pelo outro na vida em Cristo que compartilhavam. Nenhuma de nós aqui precisa envolver-se com as inquietações do mundo. Estamos livres delas. E agora a você deve esquecer isso tudo e voltar para junto de suas irmãs. — Consolou a jovem por algum tempo e então mandou-a de volta à irmã Emanuel com um bilhete, pedindo-lhe que fosse ao escritório assim que as postulantes se deitassem. Enviou o mesmo recado para a irmã Immaculata e falou pessoalmente com as outras para irem à reunião naquela noite, depois de terminarem suas obrigações.

Às dez horas, doze rostos miravam-na em expectativa, e ela instou com todas as mulheres para que abafassem os rumores que corriam soltos. Era um momento de grande dor para todos, especialmente para os padres do Santo Estevão, mas ela achava que era responsabilidade delas também proteger os outros da comunidade. Não havia por que procurar mais informações sobre os detalhes ou atizar as chamas de um escândalo em potencial. Ao contrário, tinham todos os motivos para querer silenciar os sussurros do demônio. Ela foi firme, dura e muito enérgica no que disse, e quando perguntaram sobre o paradeiro de Gabriella, respondeu a mesma coisa que dissera a irmã Anne. Que Gabriella tinha sofrido uma crise de apendicite e estaria de volta em alguns dias, quando estivesse melhor.

— Mas então os rumores têm fundamento, madre? É verdade o que andam falando? — A irmã Mary Margaret era a mais idosa do

convento e não hesitou em questionar a superiora, bem mais jovem do que ela. — Dizem que ela e o padre Connors estavam apaixonados. — Mas não que ela estava grávida, e madre Gregoria agradeceu em silêncio a Deus pelas pequenas indulgências. — Isso é possível? Ele se matou? As noviças estavam todas cochichando hoje de manhã.

— Mas nós não vamos fazer o mesmo, irmã Mary Margaret — replicou madre Gregoria, rispidamente. — Há pormenores referentes à morte do padre Connors dos quais não tenho conhecimento, não quero ter e tampouco quero a senhora se preocupando mais com isso. Ele está nas mãos de Deus, onde todos estaremos um dia. Devemos rezar por sua alma, e não tentar descobrir os detalhes de como chegou lá. Tenho certeza de que qualquer coisa que tenha ocorrido entre ele e a irmã Bernadette não teve absolutamente qualquer merecimento. Ambos eram jovens, inteligentes e inocentes. Se, de alguma maneira, se sentiram atraídos um pelo outro, estou certa de que nenhum deles tinha consciência disso. E não quero mais ouvir falar deste assunto. Está claro, irmãs? A todas vocês? Os rumores acabaram. E para me certificar de que a minha vontade, e também a dos padres do Santo Estevão, em relação a essa questão seja atendida, o convento vai manter-se em silêncio pelos próximos sete dias. Não deve haver nenhuma conversa, nem uma palavra deve ser pronunciada entre vocês, a partir do instante em que levantarmos amanhã de manhã. E quando novamente viermos a conversar, que seja sobre assuntos abençoados.

— Sim, madre — responderam todas em uníssono, apaziguadas pela força com que a madre falou. Isso, porém, era mais do que uma diretriz da madre superiora, que não suportava ouvir o que andavam dizendo de Gabriella. Ainda a amava muito para escutar seu nome ligado ao escândalo que levara um jovem padre ao suicídio. E estava feliz por ninguém ter descoberto que a jovem estava grávida. Felizmente, os padres que a tinham visto desfalecer estavam tão ávidos quanto a própria madre em manter o assunto sob sigilo. Entretanto, antes de deixar o escritório de madre Gregoria naquela manhã, também haviam concordado quanto à inevitável resolução. A rápida saída de Gabriella na ambulância havia causado um impacto enorme em todos, e

não era nada menos que um milagre que quase ninguém tivesse visto o que havia realmente acontecido. Por ora, a história da apendicectomia parecia contornar a situação.

Madre Gregoria dispensou as freiras sumariamente e permaneceu no escritório por alguns instantes depois que elas saíram. Em seguida, foi até a igreja e caiu de joelhos, rezando à Virgem Santíssima para que a ajudasse, enquanto cedia aos soluços avassaladores que vinham insistindo em querer jorrar desde a manhã. Não tolerava o que havia acontecido aos dois, não suportava perder Gabriella e não aguentava pensar no que lhe aconteceria num mundo que a tinha maltratado tanto antes e para o qual não estava nem um pouco preparada. Se ao menos tivessem ouvido à sabedoria de seus corações, se tivessem dado um basta naquilo antes que fosse tarde demais... Mas ambos eram tão jovens e inocentes... tão alheios aos riscos que estavam correndo. A madre ficou rezando, pensando na criança que Gabriella era quando chegou ali. Rezou pela alma de Joe Connors também, sabendo muito bem como devia ter se sentido atormentado na noite em que morreu, e como Gabriella devia estar se sentindo arrasada agora. E enquanto rezava pelos dois, tinha certeza de que não haveria inferno maior do que este para eles.

CAPÍTULO 14

Madre Gregoria não foi ver Gabriella no hospital novamente, mas telefonou diversas vezes para saber como ela estava, ficando animada com os relatos das enfermeiras. Por fim, Gabriella deixara de receber transfusões de sangue. Os médicos fizeram todas as que podiam, sem arriscar uma reação adversa, e agora o organismo da jovem deveria se recuperar, com o tempo.

Madre Gregoria, porém, tinha certeza de que o corpo se curaria bem mais rápido do que o coração. A mãe estava grata também pelo fato de a ambulância tê-la levado para um hospital da cidade, e não ao da Misericórdia. Se tivesse sido internada ali, teria sido realmente impossível abafar os rumores. Na noite anterior, a história da apendicectomia de emergência espalhara-se com rapidez, e agora, com o silêncio imposto a todas, não poderiam mais comentar o fato. Entretanto, madre Gregoria sabia que ainda precisava cuidar do destino de Gabriella. Tivera um novo encontro com os padres do Santo Estevão, e o arcebispo foi vê-la na manhã seguinte. Tinham chegado a uma decisão difícil, mas madre Gregoria sabia não existir outro meio para lidar com o que havia ocorrido. Levá-la de volta para junto delas seria como plantar uma semente com uma anomalia fatal num jardim sagrado. Pelo menos foi isso o que lhe disseram.

A princípio ela argumentou, implorando por clemência para Gabbie, embora soubesse que, se fosse qualquer outra que não aquela que ela amava, teria chegado à mesma conclusão. Era óbvio que Gabriella não estava em condições adequadas para reingressar na Ordem e era possível que jamais fosse estar. Talvez um dia, num outro lugar, em outro momento, dissessem... mas por enquanto... o arcebispo Flaherty estava irredutível em relação à conclusão a que chegara. E agora cabia à madre Gregoria contar a ela.

Mandou uma das irmãs ir buscá-la no hospital na manhã em que teve alta, lembrando-a uma vez mais de seu voto de silêncio e de que não deveriam conversar. E, tão logo chegassem, Gabriella deveria ir ao

escritório da madre superiora. Por sua cabeça não passavam dúvidas de que a irmã enviada obedeceria às ordens. No entanto, de maneira nenhuma estava preparada para o estado em que Gabriella voltou. A jovem estava mortalmente pálida e mostrava-se tão assustada que parecia quase uma assombração. Sentou-se desconfortavelmente na mesma cadeira dura em que se sentara na manhã em que lhe disseram que Joe Connors se enforcara no quarto do Santo Estevão . Na manhã em que ela quase morrera, na qual ainda gostaria de ter morrido. Seus olhos encontraram os da madre superiora e mostravam-se vazios e devastados.

— Como você está, minha filha? — Mas não precisava perguntar. Era fácil ver. Estava morta por dentro, tão morta como Joe Connors e o filho dos dois.

— Estou bem, madre. Sinto muito por todos os problemas que lhe causei.

— A voz estava fraca, ela parecia frágil, e o véu preto que usava com o vestido do postulante fazia com que parecesse ainda mais lúgubre. No entanto, problemas parecia uma palavra muito modesta para as duas vidas que haviam se perdido e para a que restava, destruída.

— Eu sei que sente. — E ela falava do fundo do coração.

Sabia que Gabriella devia estar se torturando, mas ninguém poderia ajudá-la. Teria de encontrar sua própria paz e, algum dia, o perdão. Madre Gregoria sabia que não seria fácil para ela, se é que um dia ela conseguiria.

— Sou totalmente responsável pela morte do padre Connors, madre.

— Eu compreendo isso — afirmou ela, com os lábios e o queixo tremendo. Mal pôde terminar a frase.

— Vou cumprir penitência por isso pelo resto da minha vida.

Por um momento, a madre superiora pôs-se de lado, e Gabriella vislumbrou a mulher.

— Você deve se lembrar de uma coisa, minha filha. A mãe dele fez a mesma coisa quando ainda era jovem. É uma atitude muito errada, não apenas aos olhos de Deus, mas para as pessoas que se deixam para trás. Qualquer que tenha sido sua participação nisso, havia alguma coisa nele, mais forte do que ele próprio, que lhe permitiu tomar essa atitude. — Era sua maneira de dar absolvição à Gabriella, lembrando-a de que talvez uma falha fatal nele o tivesse levado àquilo. Aos olhos de madre Gregoria, aquele era um terrível sinal de fraqueza. — Você é muito forte — afirmou ela, tentando tranquilizar a si própria —, e independente do que a vida lhe impuser, quero que se lembre de que você é capaz de enfrentá-lo. Deus não vai lhe dar mais do que você pode suportar. E, quando achar que não aguenta mais, deve lembrar-se de que vai sobreviver. Você precisa estar ciente disso. — Era uma mensagem proferida do coração, mas que Gabriella já não podia mais tolerar. Todos lhe diziam que era forte. E esse era sempre o indício de que estavam prestes a magoá-la.

— Eu não sou forte — disse Gabriella, num sussurro entrecortado. — Não sou. Por que as pessoas me dizem isto?... Então não sabem que não sou?

— As lágrimas encheram-lhe os olhos enquanto falava.

— Você tem mais força do que sabe, e muito mais coragem. Um dia vai descobrir isso. As pessoas que machucaram você, Gabriella, é que são fracas. São elas que não conseguem resistir. — Como Joe, o pai e a mãe.

— Mas você consegue.

Gabriella não queria ouvir aquilo nem o que madre Gregoria estava prestes a lhe falar, quase tanto quanto a própria madre superiora não queria dizê-lo.

— Receio ter uma notícia difícil para você. — Seria rápido, duro e cruel, mas madre Gregoria não tinha escolha e não poderia questionar a sabedoria dos padres, independente do quanto questionasse a misericórdia deles. Entretanto, a sua era uma vida de obediência e não

poderia quebrar seus votos agora, mesmo por Gabriella. — O arcebispo decidiu que você deve nos deixar. O que ocorreu entre você e... o padre Connors... — A madre sentia-se como se o ar lhe faltasse, mas sabia que não poderia voltar atrás agora, apesar do súbito olhar de terror de Gabriella. — Não importa o que tenha acontecido, ou não, há uma fenda agora nas paredes que construímos ao seu redor. Nunca mais vai ser a mesma coisa, jamais vai ser consertada. Essa fenda só vai aumentar. E talvez o que você tenha feito ou compartilhado com ele seja um sinal de que aqui não é o seu lugar. Talvez a tenhamos forçado ou que tenha ficado no convento por medo, minha filha...

— Não, madre, não! — Gabriella a interrompeu imediatamente. — Eu adoro viver aqui, sempre adorei. Eu quero ficar! — Sua voz elevava-se de modo alarmante. Ela agora estava lutando por sua vida. Entretanto, madre Gregoria forçou-se a manter a calma e prosseguir. Tinham de alcançar o fim da estrada, e ela queria fazer isso logo.

— Não pode ficar, minha filha. As portas do São Mateus estão fechadas para sempre para você. Não nossos corações ou nossas almas. Vou rezar por você até o dia da minha morte. Mas precisa ir agora. Quando sair daqui, você irá ao vestiário para mudar de roupas. Vai receber dois vestidos, além dos sapatos que está calçando. O arcebispo permitiu que lhe déssemos cem dólares. A voz tremia assustadoramente enquanto ela falava, mas a madre tomou coragem para prosseguir, lembrando-se do dia em que Gabriella chegara, os olhos cheios de pavor.

Madre Gregoria via aquele mesmo olhar agora, mas já não podia ajudá-la, apenas amá-la. — E vou lhe dar quatrocentos dólares meus. Você deve arranjar um lugar para morar e um emprego. Há muitas coisas que pode fazer. Deus lhe deu inteligência, um bom coração, e Ele vai protegê-la. Além de tudo, você tem o dom maravilhoso de escrever. Deve usá-lo bem e talvez um dia venha a trazer muito *prazer* para os outros. Mas agora deve cuidar de si mesma. Seja sábia nas suas decisões, mantenha-se longe do caminho do mal e saiba que, aonde quer que você vá, minha filha, nossas orações irão acompanhá-la. O que você fez foi errado, Gabriella, muito errado, mas o preço que pagou foi muito alto. Agora você deve se perdoar — disse a madre, quase num

sussurro, estendendo a mão para tocar pela última vez a menina que ela tanto amava. — Você precisa se perdoar, minha filha... como eu a perdoo...

Gabriella pousou a cabeça na escrivaninha e soluçou, apertando a mão da velha freira, incapaz de acreditar que tinha de deixá-la. Esse era o único lar verdadeiro que tinha conhecido, o único lugar onde encontrara segurança, e essa era a única mãe que tinha. Entretanto, traíra a todas, quebrando a confiança que depositavam nela, e agora, a maçã tendo sido mordida até o caroço, a cobra tinha saído vitoriosa, e ela precisava deixar o Jardim do Éden.

— Não posso deixar a senhora — soluçou Gabriella, implorando por clemência.

— Mas precisa. Não temos escolha. E o mais justo com as outras. Não pode viver entre elas como antes, depois do que aconteceu.

— Eu juro que não conto nada a elas. — Mas elas sabem. Em seus corações, todas sabem que alguma coisa terrível aconteceu, por mais que tentemos protegê-las. Se ficasse, nunca mais seria a mesma coisa para você. Sempre se sentiria como se as tivesse traído e acabaria por odiar a elas e a si mesma.

— Eu já me odeio — replicou Gabriella, sufocando os soluços. Havia matado o único homem que amara e perdido seu bebê. Agora iria perder todo o resto. Madre Gregoria a estava obrigando a sair, e a conscientização de tudo o que perdera e ainda estava prestes a perder encheu-a de um terror tão incontrollável que desejou que aquilo a matasse. Mas o medo maior era o de que isso não acontecesse.

— Gabriella — disse madre Gregoria, baixinho, levantando-se como fizera na primeira vez em que haviam se encontrado. Esse era um dia terrível para ambas, e ela agora olhava para Gabriella, parada ali, visivelmente tremendo. — Você precisa ir agora.

Gabbie estava aturdida, permanecendo em silêncio, enquanto madre Gregoria lhe entregava um envelope com o dinheiro prometido, a maior parte da pequena conta bancária que mantinha com presentinhos enviados por seus irmãos e irmãs. Junto com ele, entregou

a Gabriella o pequeno diário que esta escrevera para Joe. Haviam-no encontrado debaixo do seu travesseiro, mas a jovem freira que o achou desconfiou do que era e não leu. Gabriella reconheceu-o imediatamente, e sua mão tremeu ao pegá-lo.

As duas mulheres ficaram se olhando por um longo momento, e os soluços de Gabriella encheram o ar quando estendeu os braços para madre Gregoria e a velha freira a abraçou, exatamente como fizera quando a mãe a abandonara ali.

— Eu vou sempre amar você — disse a madre à criança que Gabriella tinha sido e à mulher que seria quando alcançasse o outro lado das montanhas que a vida colocara em seu caminho. Madre Gregoria não tinha dúvidas de que ela chegaria a salvo do outro lado, mas sabia que era longa a estrada à sua frente e que a viagem não seria nada fácil.

— Eu amo tanto a senhora... Não posso ir embora... — Gabriella parecia novamente uma menininha, agarrada a ela, sentindo o tecido áspero do hábito no rosto, sabendo que o seu estava prestes a ser tirado dela.

— Eu sempre vou estar com você. Rezando por você. — E, sem outra palavra, levou Gabriella até a porta, que então abriu, e mandou a freira que esperava do lado de fora conduzi-la ao vestiário, onde Gabriella deveria tirar o hábito e receber dois vestidos feios e mal-ajustados deixados ali por outra pessoa, assim como também uma mala surrada. O resto do que precisasse teria de comprar com o dinheiro que estavam lhe dando.

Gabriella saiu do escritório com as pernas bambas e virou-se a fim de olhar para madre Gregoria uma última vez, enquanto as lágrimas corriam como um rio por seu rosto.

— Eu amo a senhora — disse ela, suavemente.

— Vá com Deus — desejou madre Gregoria. Então, virou-se lentamente e tornou a entrar no escritório sem olhar para trás, fechando a porta com delicadeza. Gabriella ficou ali parada, observando, incrédula. Era como ver as portas do coração de alguém se

fechando; só que, do outro lado, a velha freira enterrou o rosto nas mãos e começou a soluçar baixinho. Mas Gabriella nunca saberia disso.

Ela acompanhou a freira até o vestiário, calada, ambas ainda confinadas ao silêncio imposto por madre Gregoria. A jovem irmã apontou para os dois vestidos que haviam sido deixados para Gabriella: um de poliéster com estampa floral em tons de azul-marinho, muito feio e dois números maior que o dela, especialmente depois da última semana; e um outro, preto brilhante, ainda mais feio, com manchas na parte da frente que não haviam saído por mais que as irmãs o lavassem. Mas este se assentava melhor em Gabriella, e a cor sombria estava de acordo com as circunstâncias. Ela estava de luto pesado por Joe. Trocou um vestido preto pelo outro e retirou lentamente o véu, lembrando-se das muitas vezes em que fizera o mesmo para ele, deixando-o no carro quando iam passear no parque ou ao apartamento emprestado. Esse era o preço que ela tinha de pagar agora. Havia perdido o véu, assim como tudo que ele significava, para sempre, e também as pessoas a ele relacionadas.

Gabriella parou diante da freira que fora designada para ajudá-la em sua partida, e os olhos de ambas se encontraram. Sem emitir nenhum som, as duas se abraçaram, enquanto as lágrimas escorriam em silêncio por seus rostos. Era um dia triste para ambas, e a que ficava sabia que jamais poderia falar a ninguém da tristeza que tinha visto, de maneira muito clara, nos olhos de Gabriella ao deixá-las. Era uma lição para todas. Gabbie estava sendo jogada no mundo, sozinha, sem nada nem ninguém para ajudá-la.

Gabriella colocou o dinheiro, o diário e o vestido azul florido cuidadosamente na mala pobre e deixou o quarto, seguindo a mulher que por doze anos fora sua irmã e que em breve seria arrastada pelas marés que haviam alcançado Gabriella. Chegaram à porta da frente, no corredor principal, depressa demais. Gabriella ficou parada ali por um momento, e a freira já idosa encarregada de deixar as pessoas entrarem e saírem adiantou-se e abriu a porta bem devagar. Por um longo e silencioso instante, as três ficaram ali paradas. E então, a velha freira fez um gesto com a cabeça, indicando a Gabriella a saída, e, com um único e trêmulo passo, Gabriella atravessou o umbral. Agora era muito

diferente dos dias em que saía correndo para encontrar-se com Joe, fingindo ir fazer trabalhos para as freiras. Esse era um passo para a escuridão. E, parada do lado de fora, sob a luz brilhante do sol, Gabriella virou-se e olhou para elas; e, no momento em que seus olhos se encontraram, a velha freira fechou a porta, e Gabriella perdeu-se delas para sempre.

CAPÍTULO 15

Gabriella ficou parada diante da porta do convento, olhando-a fixamente, pelo que pareceu uma eternidade, sem ter ideia do que fazer ou para onde ir. Só conseguia pensar em tudo o que perdera nos últimos quatro dias: um homem, uma vida e um filho. A atrocidade daquilo era tão esmagadora, que Gabriella teve a sensação de que o mundo girava à sua volta.

Então, pegou a mala e foi se afastando devagar. Sabia que precisava ir a algum lugar, encontrar um quarto e um emprego, mas não tinha ideia de aonde ir ou como fazê-lo. Ao olhar para os ônibus que passavam, de repente lembrou-se de algumas moças com as quais estudara na Columbia. Algumas moravam em pensões e pequenos hotéis. Tentou lembrar-se de onde estes se localizavam. A maior parte ficava no Upper West Side, mas Gabriella nunca havia prestado atenção de fato.

Ainda se sentia entorpecida quando tomou um ônibus que se dirigia à parte alta de Manhattan, sem saber ao certo para onde estava indo. Num instante de loucura, pensou em procurar o pai em Boston. Quando desceu do ônibus na esquina da Rua 86 com a Terceira Avenida, dirigiu-se a uma cabine telefônica e ligou para o serviço de informações de Boston. Na lista telefônica não constava nenhum John Harrison, e Gabriella não sabia onde ele trabalhava ou mesmo se estava vivo, muito menos se gostaria de falar com ela. Treze anos haviam se passado desde a última vez em que o tinha visto. Ela estava com 22 anos, começando a vida do nada, como se fosse um bebê. Ao sair da cabine telefônica, que ficava em frente a um café, Gabriella de súbito sentiu-se tonta e percebeu que não tinha comido nada desde o café da manhã. Mas não estava com fome.

As pessoas passavam apressadas, e as mãos empurravam os carrinhos de bebês. Todos pareciam estar indo a algum lugar, e Gabriella era a única que não tinha nem rumo nem objetivo. Sentiu-se como uma pedra assentada num rio, enquanto a correnteza e tudo o

que esta carregava passavam por ela. Entrou no café para tomar um chá e, sentada ali, olhando fixamente a xícara, só conseguia pensar no que madre Gregoria lhe dissera ao abandoná-la. Perguntou-se por que todos lhe falavam do quanto era forte. Agora sabia que aquele era um toque fúnebre, um sinal de que as pessoas que amava estavam prestes a abandoná-la. Preparavam-na para ser forte porque teria mesmo de ser, sem eles.

Quando terminou o chá, apanhou um jornal que fora deixado ali. Precisava encontrar um lugar para ficar. Deu uma olhada na lista de pequenos hotéis e pensões e viu que havia uma pensão não muito longe dali, na Rua 88 Leste, perto do East River. Não conhecia os arredores, mas era um começo. Sem emprego, entretanto, não estava nem mesmo certa de ter condições de pagar um quarto.

Pagou o chá e voltou lentamente à luz do sol. Ainda se sentia morta por dentro, e o chá apenas a aquecera um pouco. Havia dias que se sentia congelada, depois de todo o sangue que tinha perdido, e nem a bebida quente a ajudava muito. Ainda estava mortalmente pálida, e todo o seu corpo doía enquanto andava no sentido leste, percorrendo os longos quarteirões em direção ao East River, imaginando quanto custaria um quarto. Sabia que não sobreviveria por muito tempo com quinhentos dólares ou, pelo menos, assim pensava. Nunca tinha precisado prover suas próprias necessidades. Não sabia o preço de nada: comida, restaurantes, moradia ou roupas. Não tinha ideia do que poderia fazer nem de como controlar o dinheiro, mas era grata a madre Gregoria pelo que lhe dera.

Sem aquilo, sabia que a situação seria ainda mais desesperadora. Passou pela pensão a primeira vez, sem ver a pequena tabuleta. Tratava-se de uma casa velha e mal conservada feita de arenito pardo, cuja fachada estava se deteriorando, e tudo que o letreiro, posto numa janela empoeirada, dizia era ALUGAM-SE QUARTOS. Nada ali parecia convidativo. E quando ela entrou, vendo-se no vestíbulo, este era limpo, mas pobre, e cheirava a comida. Nada poderia estar mais distante da ordem e precisão imaculadas e absolutas do Convento de São Mateus.

— Pois não? — Uma mulher com um forte sotaque meteu a cabeça no corredor escuro quando ouviu os passos de Gabriella. De sua janela, vira quando ela entrou e perguntava-se o que desejaria. — O que você quer?

— Eu... ah... tem quartos para alugar? Eu vi o letreiro... e o anúncio no jornal.

— Talvez tenha. — Gabriella identificou o sotaque como tchecoslovaco ou polonês. Ainda se lembrava do sotaque das pessoas que frequentavam as festas de seus pais, embora essa mulher fosse bastante diferente. E ela estava examinando Gabriella. Não queria viciados ou prostitutas, e Gabriella parecia mais jovem do que era de fato. A mulher também não queria fugitivos ou gente com problemas com a polícia. Dirigia uma casa de respeito e preferia os idosos, que recebiam suas aposentadorias, pagavam o aluguel e não faziam muito barulho nem lhe davam trabalho, a não ser que ficassem doentes ou morressem. Tampouco queria os hóspedes cozinhando nos quartos, e os jovens estavam constantemente fazendo coisas que não deviam. Fumavam, bebiam, comiam e cozinhavam no quarto, traziam pessoas a qualquer hora e faziam barulho demais. Jamais seguiam as regras ou tinham empregos dignos. E a senhoria não queria dores de cabeça.

— Você tem emprego? — perguntou a dona da pensão, parecendo preocupada. Sem trabalho, Gabriella não poderia lhe pagar, e isso seria um problema.

— Não... ainda não... — respondeu Gabriella, desculpando-se. — Estou procurando. — Não queria mentir, fingindo que trabalhava.

— Ah, bem, então volte quando tiver encontrado. — Essa não era uma garota rica vivendo de renda ou com pais na Park Avenue que pagassem o seu aluguel. Por outro lado, se fosse, não estaria ali. — De onde você é? — Gabriella podia ver que a senhoria estava desconfiando dela e não a culpava por isso.

Por um instante, Gabriella hesitou, imaginando como poderia explicar o fato de não ter um emprego nem lugar para morar. Parecia, mesmo a ela, que acabara de sair da cadeia e dava para ver que não

tinha causado uma boa impressão. E o vestido preto, feio e manchado, não ajudava absolutamente a melhorar sua imagem.

— De Boston — decidiu-se ela, pensando no pai que não conseguira encontrar naquele dia. — Acabei de me mudar para cá. — A mulher assentiu com um gesto da cabeça. Era uma história plausível.

— Que tipo de trabalho você faz?

— O que eu puder arrumar — respondeu ela, com honestidade. — Vou começar a procurar amanhã.

— Na Sexta Avenida tem muitos restaurantes, além de todos os alemães da Rua 86. Talvez encontre alguma coisa por lá.

Sentia pena dela. Gabriella estava cansada e pálida, e a senhoria achou que não aparentava ser muito saudável. Mas não parecia uma drogada. Parecia bastante limpa e correta. A sra. Boslicki finalmente compadeceu-se.

— Tenho um quarto pequeno no último andar, se quiser dar uma olhada. Não tem nenhum luxo. Você divide o banheiro com mais três.

— Quanto custa? — Gabriella parecia preocupada ao pensar no seu orçamento apertado.

— Trezentos por mês, sem comida. E não pode cozinhar. Nada de pratos quentes, fogareiros e fritadeiras. Ou vai jantar fora ou traz para casa um sanduíche ou uma pizza.

Isso não parecia um problema. Gabriella tinha a aparência de quem nunca comia. Era magra igual a uma vara, e os olhos mostravam-se tão imensos no rosto fino que a senhoria pensou que ela estivesse passando fome.

— Você quer ver?

— Obrigada, eu gostaria, sim. — Era extremamente bem-educada e falava muito bem, o que agradava a sra. Boslicki. Não queria uma adolescente metida a sabichona na sua casa. Alugava quartos havia vinte anos, desde a morte do marido, e também nunca tinha hospedado hippies. Gabriella a seguia pela escada, quando a sra. Boslicki perguntou se gostava de gatos. Tinha nove deles, o que explicava o

cheiro no corredor de baixo, mas Gabriella assegurou-lhe que os adorava. Havia um que de vez em quando ficava por perto, enquanto ela trabalhava na horta do São Mateus. Quando alcançaram o último andar, a sra. Boslicki, que era um pouco gordinha, estava ofegante, mas era Gabriella quem parecia que não conseguiria chegar. A vaga ficava no quarto andar, e Gabriella ainda não estava forte o bastante para aquele exercício. O médico avisara-lhe que evitasse escadas, especialmente, e exercícios e peso em excesso; caso contrário, poderia começar a sangrar. E ela não podia perder nem mais uma gota de sangue depois de tudo por que passara.

— Você está bem? — Viu que Gabriella se mostrava ainda mais pálida do que lá embaixo, sua pele tinha uma tonalidade quase verde fosforescente, e ela caminhava muito devagar.

— Eu não tenho andado muito bem — explicou Gabriella, lívida, enquanto a velha mulher, usando um simplório vestido florido, assentia com a cabeça. Calçava pantufas, e o cabelo estava penteado com capricho num pequeno coque. Havia algo de confortador e aconchegante nela, como numa avó.

— Precisa tomar cuidado com essas gripes que andam por aí nos dias de hoje. Quando vai ver, já viraram pneumonia. Você está com tosse? — Tampouco queria pensionistas tuberculosos por ali.

— Não, já estou bem agora — assegurou Gabriella, enquanto a sra. Boslicki abria a porta do quarto que queria mostrar.

Parecia pequeno, triste e mal comportava a estreita cama de solteiro, a cadeira de espaldar reto e a cômoda única coberta com um paninho de crochê feito à mão. Havia alugado o quarto durante anos para uma senhora da Varsóvia que morrera no verão anterior e não conseguira alugá-lo desde então. Até ela reconhecia que trezentos dólares por mês era um preço elevado. As persianas estavam gastas; as cortinas velhas e esfarrapadas; e o tapete, quase no fio. A sra. Boslicki olhou para o rosto de Gabriella, que estava acostumada às celas espartanas do São Mateus, mas que não eram assim tão deprimentes. Pela primeira vez, a sra. Boslicki pareceu um pouco preocupada.

— Posso fazer por duzentos e cinquenta — ofereceu, orgulhosa pela própria generosidade. Mas queria alugar o quarto; precisava do dinheiro.

— Vou ficar com ele — disse Gabriella sem hesitação.

Era horrível, mas não tinha outro lugar para ir, e receava perder aquele. Além do mais, estava tão cansada só de ter subido as escadas que o queria ao menos para poder deitar-se um pouco. Precisava de um lugar para dormir, mas pensar naquilo como seu novo lar quase a levou às lágrimas, enquanto entregava à mulher metade do dinheiro de madre Gregoria.

— Vou lhe dar os lençóis e um jogo de toalhas. Você mesma lava a sua roupa. Tem uma lavanderia aqui na rua e um monte de restaurantes. A maioria do pessoal come no café da esquina.

Gabriella lembrou-se de ter passado em frente e esperava que não fosse muito caro. Só lhe restavam duzentos e cinquenta dólares, mas ao menos tinha um teto pelo próximo mês. Depois atravessaram o corredor, e a sra. Boslicki mostrou-lhe o pequeno banheiro. Tinha uma banheira com um chuveiro e uma cortina de plástico rosa. Havia também uma pequena pia, o vaso sanitário e um espelhinho preso num prego. Não era bonito, mas era tudo de que precisava.

— Deixe limpo para os outros. Eu faço a faxina uma vez por semana. No resto do tempo, vocês mesmos cuidam disso. Tem uma sala de estar lá embaixo. Pode ir sentar-se sempre que quiser. Tem televisão — e então sorriu um pouco pretensiosamente, completando: — e um piano. Você toca?

— Não, sinto muito — desculpou-se Gabriella.

Lembrou-se de que a mãe tocava, mas jamais tinham desperdiçado aulas com ela e, no convento, eram outras as suas ocupações, como trabalhar na horta. Nunca tivera talento para a música, e algumas das freiras caçoavam dela pelo modo como cantava. Adorava fazê-lo, mas cantava alto demais e um pouco desafinada.

— Agora arranje um trabalho para poder ficar aqui. Você é uma boa menina, e eu gostei de você — disse a sra. Boslicki, afetuosamente.

Acabou por concluir que Gabriella era uma boa pessoa. Tinha ótimas maneiras, era bem-educada e não parecia que viria trazer-lhe problemas.

— Mas tem de se cuidar. Está com cara de quem anda doente. Tem que comer bem para ficar saudável. — Então foi descendo, apressada, prometendo que voltaria com algumas toalhas, mas Gabriella disse que ela mesma desceria para apanhá-las, poupando à mulher as escadas e o contratempo. A sra. Boslicki acenou ao desaparecer, ainda apertando o dinheiro na mão.

Gabriella voltou ao pequeno quarto e correu os olhos ao redor. Sentou-se na cadeira desconfortável e imaginou se não havia nada que pudesse fazer para alegrar um pouco o lugar. Poderia comprar algumas coisas quando ganhasse dinheiro, mas não agora. Uma colcha nova para a cama, gravuras na parede e algumas flores fariam maravilhas. Com um leve suspiro, Gabriella colocou a mala no armário e pendurou o outro vestido. Havia mais uma coisa na valise: o diário dedicado a Joe, que ela deixou na mala sem nem mesmo olhar. O fato de ele não o ter visto fez com que Gabriella se sentisse ainda mais triste. Por fim, pegou-o, incapaz de resistir; sentou-se na cama e abriu-o. Estava repleto de notas sobre os seus encontros e o amor que nutria por ele. Transbordava toda a emoção do primeiro amor e o pavor intenso dos primeiros encontros clandestinos... depois, a paixão que encontrara em seus braços no apartamento. Estava tudo ali: mais para o final, falava da vida que compartilhariam e, bem no finzinho, de tudo que ela desejava para o Filho deles. Ao ler as últimas anotações, caiu em cima da cama uma carta que ela nunca tinha visto. O envelope dizia "irmã Bernadette" numa letra desconhecida. Então, percebeu com um sobressalto que aquela era a caligrafia de Joe e sua mão tremeu ao abri-lo. Levou um minuto para entender do que se tratava. Era sua carta de despedida, a última coisa que escrevera a ela antes de tirar a própria vida. O padre O'Brian a confiara a madre Gregoria, que a enfiou discretamente no diário antes de entregá-lo a Gabbie. Mas madre Gregoria não havia avisado Gabriella de que a carta estaria ali. E agora ela a lia, segurando-a com lágrimas nos olhos. Era tão estranho que havia apenas poucos dias ele tivesse tocado aquele papel, tivesse estado com ele nas mãos e

que fosse essa a única coisa que lhe restasse dele. Somente essas palavras, escritas cuidadosamente em duas folhas de papel branco.

"Gabbie", começava ele. A "irmã Bernadette" no envelope fora apenas para que a carta chegasse a ela, expondo finalmente os segredos de ambos. Sem aquela carta, talvez nunca tivessem sabido, e ela ainda estivesse no São Mateus. Mas agora estava feito, e não havia nada que ela pudesse fazer, a não ser enfrentar a realidade. Não podia voltar atrás.

"Eu não sei o que dizer nem por onde começar. Você é tão melhor e maravilhosa, e também mais forte do que eu. Durante toda a minha vida, eu soube do quanto sou fraco, dos meus defeitos e de quantas pessoas decepcionei... meus pais, quando Jimmy morreu, porque não o salvei."

Embora seu irmão fosse dois anos mais velho e muito mais forte, era o caçula que se culpava pelo milagre heroico que não havia sido capaz de realizar. Talvez silenciosamente tivessem mesmo posto a culpa nele e, se era esse o caso, ela os odiava por isso.

"Desapontei a todos. Pessoas que me conheceram, amaram e contaram comigo. Em última análise, essa é a *razão* por que escolhi o sacerdócio. Se ao menos eu não tivesse sido essa decepção para eles..."

Falava novamente nos pais e, conhecendo-o como conhecia, Gabriella entendeu. Ler a carta era como ouvi-lo, e isso partia seu coração agora. Queria lhe dizer o quanto estava errado, convencê-lo a ficar... Se ao menos tivesse estado lá naquela noite... Se ele tivesse lhe falado sobre o que passava em sua cabeça na última vez em que se viram...

"Talvez, se eu não tivesse sido essa decepção para eles", prosseguia Joe, "ou se tivesse sido importante em suas vidas, minha mãe não teria feito o que fez quando meu pai morreu. Teria percebido que eu estaria lá para ajudá-la. Mas não. Preferiu morrer a viver sem ele." Mas, quando foi para o São Marcos, deram-me tudo que eu nunca tivera. Todo o amor, as oportunidades e a compreensão de que precisava. Confiavam tanto em mim que me perdoaram completamente. E sei o quanto me amavam, da mesma forma como sei o quanto amo você, e você a mim.

Estas têm sido as únicas certezas da minha vida, as bênçãos a que me agarro, mesmo agora, neste momento difícil.

"Ingressei no sacerdócio por eles, pelos irmãos do São Marcos, porque sabia que era a maior alegria que poderia lhes dar. Era a única coisa que queriam de mim, e entreguei a eles todo o meu coração e a minha vida. Pensei que talvez assim, se fizesse a coisa certa para variar, eu me redimiria perante minha mãe e Jimmy, e Deus me perdoaria." Por muito tempo, aquela para mim foi a decisão certa. Fui feliz aqui, Gabbie. Sentia-me bem por fazer a coisa certa. Gostava da ideia de ter trocado minha vida pela deles... até conhecer você e perceber o quanto desejava minha vida de volta. Nunca tinha conhecido o amor e a felicidade verdadeira até encontrar você. Nunca soube o que a vida poderia ser. Desde o instante em que a conheci só conseguia pensar em ser seu marido e seu amante. Só queria estar com você e dar-lhe tudo o que eu tinha, toda a minha vida e minha alma. Mas essas duas últimas coisas já não me pertenciam.

"Tentei de todas as maneiras possíveis imaginar-me ficando com você, vivendo juntos, casados, sendo tudo o que você merece na vida. Mas sei que, se fizesse isso, só viria a decepcioná-la. Não sei como lhe dar tudo o que você merece e não posso voltar atrás numa promessa. Não posso tomar de volta a vida que dediquei a Deus porque encontrei alguém a quem amo mais do que a Ele ou com a qual quero ficar mais do que servi-Lo. Não posso fazer isso com os irmãos do São Marcos nem com os padres meus companheiros aqui do Santo Estevão. Troquei minha vida pela de Jimmy e de mamãe, por tê-los desapontado. Tomá-la de volta só vai servir para decepcionar você, a mim mesmo e àqueles a quem já tinha oferecido minha alma. Você sempre terá meu coração. Vou amá-la e estar com você para sempre. Não suportaria viver sem você nem decepcionar a todos novamente. Não posso deixá-los e mostrar que não valho nada".

"Jamais teríamos uma vida decente se eu fizesse isso. Agora sei que, custe o que custar, devo ficar aqui. O trato foi feito há muito tempo, e as coisas que lhe prometi não eram minhas. Entretanto, também sei, com todo o meu coração e a minha alma, que não posso viver sem você. Não conseguiria passar outro dia aqui sem você, sabendo que está por

perto e não posso ficar ao seu lado. Gabbie, eu não posso viver sem você."

"Estou indo ao encontro de Jimmy e de mamãe. É a minha hora. Fiz o que pude aqui. Fiz o bem a algumas pessoas nos meus anos de sacerdócio. Mas como poderia encará-las agora, sabendo do quão pouco me importo com elas e do quanto amo você! Se não puder estar com você, então não poderei estar em lugar algum. Não posso cumprir as promessas que fiz, nem a você nem a eles. Não conseguiria abandonar isto aqui nem você. Estou dividido e, indigno como tenho sido, como poderia ser um pai decente para o nosso filho?"

"Gabbie, você é muito forte" — novamente aquelas palavras odiosas; Gabriella estremeceu em meio às lágrimas ao lê-las — , "é tão mais forte do que eu. Vai ser uma excelente mãe para o nosso bebê. E eu vou estar muito mais feliz observando vocês dois do céu, se chegar lá. Um dia diga a nosso filho o quanto te amei e a ele, e também que eu era um homem decente, que tentei... e ah, Gabbie, diga a ele o quanto te amei. Por favor, esteja sempre certa disso e me perdoe pelo que fiz e pelo que estou prestes a fazer. Que Deus proteja a ambos... reze por mim, Gabbie... eu te amo... que Deus me perdoe..."

O texto parecia ir desaparecendo na página, então, e ele assinava simplesmente "Joe".

Ela ficou sentada, olhando muito tempo o papel nas mãos, soluçando baixinho. Agora as coisas tinham ficado claras. Estava tudo ali. Ele pensou que havia desapontado as pessoas e que ela era muito forte, mas somente por causa do medo enorme que sentia de fazer o que desejava.

Ficara muito mais assustado do que ela. E o filho de que falava já não estava mais ali. Se Joe ao menos tivesse tido a coragem de deixar o Santo Estevão e tentado viver ao lado dela, Gabriella lhe mostraria o quanto estava errado e que não tinha desapontado ninguém até então... quando decepcionou todos e a abandonou, dizendo-lhe que fosse forte porque ele mesmo não era. Lembrava-a, em muitos aspectos, de seu pai.

Ele a deixara completamente só, com apenas uma carta na qual se agarrar. Lendo-a, Gabriella teve vontade de gritar, mas tudo o que fez foi

chorar. Ficou sentada na cama por muito tempo, relendo-a várias vezes. Estava tudo ali: a angústia, os temores e a culpa que sentia por coisas pelas quais não havia sido responsável, como a morte do irmão e o suicídio da mãe.

E quem era responsável agora? De quem era a culpa? Ela sabia que era dela, pois o levara para um lugar onde ele não podia viver, conduzindo-o para os braços de mais um fracasso. Tinha feito isto a ele pelo simples fato de amá-lo. Ela o levara para a beira de um penhasco de onde ele, não sabendo escapar, pulara no abismo, levando-a consigo. Só que ela sobrevivera e ele estava morto. Joe a havia condenado a isso, a um quarto de pensão em nada aconchegante ou familiar, deixando-a completamente só, sem nada além de lembranças e uma carta que lhe dizia o quanto era forte e que precisava mesmo ser agora, pois ele optara pela fraqueza. E, lendo pela décima vez a carta, Gabriella de repente sentiu raiva dele, pelo que ele não tinha ousado, tentado ou dado importância suficiente para desejar viver por aquilo.

Havia fugido para ficar com Jimmy e a mãe, repetindo o gesto desta. Preferira morrer a lutar e apostar que venceriam dessa vez, que tudo ficaria bem e que poderiam até ser felizes. Não deixara nem escolhas nem opções a Gabriella. Tomou a única saída que viu e a deixou para virar-se por conta própria. Queria gritar com ele, berrar, sacudi-lo... Se ao menos tivesse sabido no que ele andava pensando, poderia ter conversado ou discutido com ele, até mesmo se afastado dele, se isto significasse que ele continuaria vivo. Mas Joe não partilhara nada com ela. Havia simplesmente partido, na extremidade de uma corda, num closet escuro.

Aquela era a saída de um covarde e parte dela odiou-o por isto, embora soubesse que outra parte sempre o amaria. Ao escurecer, enquanto olhava pela janela, já muito depois da hora do jantar, Gabriella lembrou-se das palavras de madre Gregoria sobre ele, recordando a ela que a mãe de Joe fizera a mesma coisa, que havia nele uma deficiência fatal com a qual Gabriella nada tinha a ver. Entretanto, mesmo sabendo disso, sentia-se intoleravelmente culpada. No fundo do coração, sabia que era responsável, assim como ele sabia ser responsável pela morte de Jimmy.

Deitada na cama, pensando em Joe, envolvida pela escuridão, sabia que, independente do quanto o amara, e ele a ela, fora culpada pela sua morte. Pagara um preço alto por isso, mas agora tinha certeza absoluta de que, independente do que acontecesse, Deus jamais a perdoaria.

CAPÍTULO 16

Durante uma semana inteira, depois de ter alugado o quarto na pensão da sra. Boslicki, Gabriella gastou a sola dos sapatos. Procurou empregos em todos os lugares que podia imaginar. Tentou lojas de departamento, bazares, cafés e restaurantes, até mesmo o pequeno e sujo restaurante que ficava do outro lado da rua onde morava. Ninguém, porém, queria contratá-la, apesar do diploma da Columbia, da experiência em cuidar da horta, dos bons modos ou do talento literário. Tudo que os restaurantes diziam, descartando-a, era que não tinha prática em servir as mesas. E as lojas de departamento e os bazares alegavam que não tinha experiência com vendas. Andou tanto e tão longe, à procura de trabalho, que esperava não começar a sangrar novamente, pois não ousaria gastar dinheiro com médico. Estava a ponto de perder as esperanças, seu dinheiro minguando assustadoramente, quando, num final de tarde, parou num pequeno café alemão na Rua 86 para comer um doce e tomar uma xícara de café. Não comera nada desde a manhã e não pôde resistir à guloseima, apesar do medo de gastar demais.

Comeu uma bomba e tomou uma xícara de café com schlag, o delicioso creme chantilly que serviam ali. E viu o velho alemão proprietário do estabelecimento colocar uma tabuleta de PRECISA-SE DE FUNCIONÁRIO na vitrine. Sabia que era inútil, mas decidiu perguntar assim mesmo quando foi pagar o doce e a xícara de café. Admitiu que não tinha experiência, mas precisava de um emprego e estava certa de que poderia ser garçonne. Depois, em desespero, confessou que vivera num convento e que lá havia servido as mesas no refeitório. Ele era o primeiro a quem ela contava aquilo. Gabriella não queria responder muitas perguntas, mas precisava do emprego e estava disposta a dizer quase tudo que precisasse para consegui-lo. O alemão mostrou-se obviamente intrigado pelo que Gabriella dissera.

— Você era freira? — perguntou, olhando-a com interesse.

Tinha um bigode branco cerrado e uma careca brilhante, e tudo o que podia pensar ao fitá-lo era que se parecia com Gepetto, o pai do Pinóquio.

— Não, eu era postulante — respondeu ela, os olhos tão cheios de tristeza, que ele sentiu vontade de estender os braços para ela e consolá-la.

A garota parecia estar precisando de um bom prato de comida e de uma mão amiga em sua vida. Estava magra como um caniço e assustadoramente pálida, e o homem sentiu-se penalizado.

— Quando você pode começar? — perguntou ele, ainda a observando. Portava-se bem, com elegância, e era uma garota bonita. Pressentiu que havia nela mais do que os olhos podiam ver e ficou perplexo com o vestido feio dela. Gabriella ainda usava o preto brilhante com manchas indeléveis que haviam lhe dado no convento, sem ousar gastar o dinheiro na compra de outro. O estranho nela, pensou o dono do café, é que tinha uma aparência bastante aristocrática e parecia vir de uma família rica, mas era óbvio, a julgar pelo que vestia, que estava passando por um período difícil.

— Posso começar a qualquer hora — respondeu ela. — Eu moro aqui perto. E estou livre agora.

— Aposto que sim. — Ele sorriu. O estado do guarda-roupa de Gabriella lhe dizia que precisava do dinheiro. — Tudo bem. Então você começa amanhã. Seis dias por semana. Do meio-dia à meia-noite. Fechamos às segundas-feiras. — Era um expediente de doze horas, e ela sabia que não se encontrava em condições de enfrentar trabalho tão árduo, mas estava tão agradecida pelo emprego que teria feito qualquer coisa que ele quisesse, até esfregar o chão naquela mesma hora, se ele tivesse lhe pedido. No entanto, isso viria mais tarde. Foi informada de que o nome dele era sr. Baum e que ele vinha de Munique. Quatro outras mulheres trabalhavam no café, todas de meia-idade; e três delas, alemãs. Era um negócio familiar, um lugar limpo e agradável onde serviam refeições alemãs substanciais, e durante toda a tarde e no fim da noite, serviam doces finos. Era a sra. Baum quem cozinhava.

Gabriella sorria de orelha a orelha quando entrou na casa da Rua 88, e a sra. Boslicki a viu.

— Ora, você encontrou o Príncipe Encantado ou finalmente arranhou um emprego? — Andava preocupada com Gabriella, que passava o dia todo fora, à procura de trabalho, e à noite ficava sozinha no quarto, com as luzes apagadas. Para uma garota da sua idade, aquela não era uma vida feliz ou mesmo normal.

— Arranjei um emprego — respondeu Gabriella, radiante. Iria receber dois dólares por hora e sabia que poderia pagar o aluguel. A cada dia, o dinheiro de madre Gregoria reduzia-se mais. — Vou trabalhar num café alemão na Rua 86. — Ficava a quatro quarteirões dali e, apesar da longa jornada, parecia absolutamente perfeito. Ela rezava só para não sofrer uma hemorragia, passando tantas horas em pé. Menos de duas semanas se passaram desde o aborto... desde que Joe se fora... apenas uma semana desde que fora forçada a abandonar o convento... tantas coisas horríveis tinham lhe ocorrido, mas finalmente algo de bom acontecia.

— Parabéns! — felicitou-a a sra. Boslicki, sorrindo. — Pode ser que agora você saia do quarto de vez em quando e veja um pouco de televisão ou ouça um pouco de música. Todo mundo pensa que eu aluguei o quarto para um caixeiro-viajante.

— Vou passar a maior parte do tempo fora, sra. Boslicki explicou Gabriella. — Vou trabalhar do meio-dia à meia-noite. Mas hoje eu desço. Prometo.

— Depois de ir jantar. Olhe só para você. Parece um cabo de vassoura. Nunca vai arrumar marido se não comer de vez em quando. Os rapazes não gostam de cabos de vassoura — advertiu, agitando o dedo em sua direção.

Gabriella riu. A mulher fazia com que lembrasse de algumas das freiras mais velhas do convento, embora nenhuma delas a tivesse impelido a encontrar um marido. Longe disso. De fato, Gabriella seguiu o conselho da sra. Boslicki. Foi ao pequeno restaurante modesto do outro lado da rua naquela noite e pediu bolo de carne. O prato era simples, mas nutritivo, e lembrou-lhe um pouco a comida do São

Mateus, o que, afinal, acabou por deixá-la com saudades. Teria feito qualquer coisa para rever madre Gregoria, mesmo que somente de relance, avançando pelo corredor com os braços cruzados, as mãos enfiadas nas mangas e as pesadas contas de madeira do rosário agitando-se no ar. Qualquer outra das freiras também teria sido uma visão maravilhosa. A irmã Agatha, a irmã Timothy ou a irmã Emanuel... ou ainda a irmã Immaculata. Pensava em todas, enquanto retornava à pensão, e lembrou-se da promessa que fizera à sra. Boslicki de dar uma passada pela sala de estar. Não estava muito disposta, mas achou que seria indelicado se não fosse. Então forçou-se a ir por apenas alguns minutos. Quando chegou, ficou surpresa pela quantidade de gente sentada ali. Havia seis ou sete pessoas conversando e jogando baralho. A televisão estava ligada, e um homem de cabelos brancos, que se parecia com Einstein, tentava consertar o piano sem muito sucesso. Ele dizia que precisavam chamar um afinador novamente, e a sra. Boslicki discutia, rebatendo que o som nunca lhe parecera tão bom.

Todos olharam Gabriella surpresos, quando ela entrou na sala, e, de súbito, sentiu-se constrangida. Não esperava ver tanta gente. Havia homens e mulheres, a maioria na casa dos sessenta, à exceção do homem ao piano, que parecia ainda mais velho. As mulheres tinham o cabelo branco, algumas com uma coloração azulada, e sorriram ao ver Gabriella. Era um sopro de juventude no ambiente, além de surpreendentemente bonita. Estava usando o vestido azul florido e os sapatos velhos e gastos, mas o cabelo liso e louro brilhante emoldurava o rosto, parecendo uma auréola. Os olhos azuis imensos pareciam cheios de inocência e nenhum dos presentes foi perspicaz o bastante para ver a tristeza por trás deles. Parecia jovem demais para ter visto muitas coisas da vida ou mesmo ter sofrido. E só o fato de vê-la ali, entre eles, fez com que se sentissem felizes.

A sra. Boslicki apresentou Gabriella a todos. Muitos eram europeus, e uma das mulheres, a sra. Rosenstein, contou, orgulhosa, ser uma sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz. Morava ali na pensão da sra. Boslicki fazia vinte anos. Apresentou-a também ao homem do piano, o professor Thomas. Gabriella não tinha certeza se esse era seu nome ou sobrenome, mas, curvando-se numa pequena

reverência para a jovem, ele esclareceu que seu nome era Theodore Thomas e explicou que já não era professor, estava aposentado. Ela ficou fascinada ao descobrir que havia sido professor de literatura na Universidade de Harvard. E ainda por cima especializado nos romances ingleses do século XVIII.

— Onde você estudou? — perguntou o professor aposentado, com um sorriso travesso, desistindo das tentativas de dar vida nova ao piano. Jamais lhe ocorreu que ela pudesse não ter ido a universidade alguma.

— Columbia — disse Gabriella, baixinho.

— É uma boa universidade. — Sorriu para ela. Os pensionistas tinham ouvido a sra. Boslicki falar a respeito da menina, embora não a tivessem visto nem uma única vez durante toda a semana. — E o que você faz agora, minha jovem? — perguntou ele, parecendo um pouco rebelde e desganhado, com os cabelos encrespados e as calças frouxas.

Decididamente, parecia mesmo um professor velho e excêntrico. Dava para ver que era mais velho que os outros hóspedes, e Gabriella calculou, acertadamente, que já estivesse chegando aos oitenta anos, mas sua mente era lúcida; os olhos, astutos; e ele parecia ter um ótimo senso de humor.

— Acabei de arrumar um emprego num restaurante da Rua 86 — disse ela, orgulhosa. Tinha sido uma verdadeira vitória para ela, da qual precisava com urgência. — Começo amanhã.

— Um daqueles lugares agradáveis que vendem doces finos, espero. A sra. Rosenstein e eu teremos de vê-la quando formos caminhar naquela direção. — Ele era fascinado pelas histórias que a velha senhora contava sobre o passado e vivia ali há quase tanto tempo quanto ela própria. Sua esposa morrera fazia dezoito anos, e ele se mudara para a pensão, desistindo do apartamento. Ganhava uma ninharia agora, não tinha parentes e gostava da companhia da sra. Boslicki e de seus pensionistas. Mas considerava essa última aquisição do grupo tanto fascinante quanto adorável. E, mais tarde, ele comentou com todos na sala que Gabriella tinha o rostinho de um anjo, e um estilo e uma elegância notadamente naturais.

Mas agora lhe perguntava o que estudara na Columbia, mergulhando numa conversa longa e interessante sobre os romances lidos por ela enquanto estudava lá. Ficou curioso ao descobrir que ela própria escrevia um pouco. Mas Gabriella era modesta demais e disse que não era nada que alguém pudesse querer ler. Tinha certeza, embora não dissesse ao professor, de que somente as freiras, que a conheciam, gostariam das suas histórias. É claro que Joe havia lido algumas. Numa tarde em que se encontraram no parque, Gabriella lhe dera algumas, e depois ele disse que eram fantásticas. No entanto, assim como as freiras, ele a conhecia e amava.

— Eu gostaria de ver alguns trabalhos seus um dia — disse o professor, dando àquilo uma importância que ela sabia não merecer, e Gabriella então sorriu timidamente.

— Eu não tenho nada aqui comigo.

— De onde você é? — perguntou ele, encantado. Fazia muito tempo que não conversava com uma garota daquela idade e estava achando muitíssimo agradável. Lembrou-se imediatamente de seus anos na Harvard. Alguma coisa na juventude e na agitação das mentes jovens ainda o revigorava. Teria adorado ficar conversando com ela durante horas.

— Ela é de Boston — respondeu a sra. Boslicki por Gabriella, que de repente parecia nervosa. Se o professor tinha dado aulas na Harvard, conhecia bem a cidade, e ela, obviamente não.

— Minha mãe mora na Califórnia — disse, tentando distraí-los. — E meu pai, em Boston. — E ela não morava em lugar algum. Só agora morava ali.

— Em que lugar da Califórnia? — perguntou uma das mulheres. Tinha uma filha na cidade de Fresno.

— San Francisco — respondeu Gabriella, como se houvesse visto a mãe, ou pelo menos falado com ela, no dia anterior, e não tivessem se passado doze anos desde a última vez em que a vira.

— Certamente são duas cidades adoráveis — observou o professor Thomas, afável, fitando os olhos da menina. Havia alguma coisa nela

que o tocava, algo de profundo, triste e dolorosamente solitário. A sra. Boslicki teria atribuído aquela tristeza à saudade de casa, mas se tratava de algo muito mais profundo e brutal, e o professor entrevia uma aura de tragédia em torno dela. A delicadeza de Gabriella comoveu a todos. Ela conversou com cada um deles e depois finalmente subiu, com um jogo de toalhas limpas que a sra. Boslicki lhe entregou e pelo qual ela agradeceu educadamente.

— Que menina adorável! — comentou a sra. Rosenstein. Outra mulher disse que a fazia lembrar-se de sua neta na Califórnia. — Muito bem-educada. Deve ter pais maravilhosos.

— Não, necessariamente — interveio o professor Thomas com sabedoria. — Alguns dos melhores alunos que tive, e os mais decentes, descendiam de pessoas que eram um pouco menos bem educadas do que Átila, o rei dos hunos, e alguns dos mais inteligentes tinham pais inacreditavelmente idiotas. É impossível dizer que mistérios ocorrem nas interações genéticas.

Gabriella teria ficado aliviada ao ouvir aquelas palavras. Passara toda a sua vida em ansiosa expectativa, temendo ver os defeitos da personalidade da mãe manifestando-se nela. Entretanto, para alívio seu, até agora aquilo não tinha ocorrido. Era esse o motivo por que, até encontrar Joe, jamais havia desejado ter filhos.

— Mas ela é uma ótima pessoa. Espero que fique aqui por algum tempo — disse o professor, calorosamente.

— Não acho que ela vá a lugar algum agora que arrumou um emprego — tranquilizou a sra. Boslicki a todos. Era bom ter uma pessoa jovem entre eles, embora Gabriella fosse decididamente muito quieta. — Ela parece não ter amigos por aqui. E os pais não telefonaram durante toda a semana. Pensei que fossem ligar, mas a menina nunca pergunta se tem recados para ela. Parece que não espera mesmo que alguém vá telefonar.

Os hóspedes da pensão da sra. Boslicki notavam tudo em relação a todos, pois não tinham mais nada a fazer com o tempo, sendo viúvos ou aposentados. De vez em quando um jovem se hospedava lá, mas apenas temporariamente, até juntar dinheiro e ir embora. Até a chegada de

Gabriella, o residente mais novo da pensão era um vendedor de quarenta e poucos anos, recém-divorciado. O homem ficara deslumbrado com Gabriella. Sua beleza extraordinária não lhe passara despercebida quando foram apresentados. Voltando do cinema, ele parara para desejar boa-noite a todos, mas ela nem pareceu tê-lo visto. Estava muito mais interessada em conversar com o professor Thomas.

— Eu gostaria de conversar com ela um pouco — disse o professor.
— E a sra. Rosenstein sorriu para ele.

— Se você tivesse cinquenta anos a menos, isso me preocuparia, mas agora acho que não. — Tinha um interesse por ele havia anos, mas o relacionamento dos dois era estritamente platônico.

— Não sei ao certo se devo me sentir lisonjeado. — Olhou para ela por cima dos óculos. — Eu me pergunto por que uma garota com um diploma da Columbia e uma cabeça como a dela está trabalhando como garçonne.

— Não está nada fácil arrumar emprego nos dias de hoje disse a sra. Boslicki, pragmática. Mas ele desconfiava de que havia alguma coisa a mais e tinha a estranha impressão de que existia um mistério na vida de Gabriella. Ele a viu saindo da pensão no dia seguinte e parou para falar com ela.

Gabriella estava a caminho do trabalho, usando o mesmo vestido azul da noite anterior. Era tão feio que parecia ridículo nela e só fazia aumentar o contraste com sua beleza. Bonita como era, poderia vestir-se com pano de chão e ainda assim seria adorável, pensou ele.

— Para onde a senhorita está indo? — perguntou o professor, com o interesse de um avô pela neta.

Gabriella ainda parecia pálida e cansada, e ele não pôde deixar de imaginar se teria dormido mal.

— Para o Restaurante do Baum — respondeu ela, sorrindo.

O cabelo dele parecia mais desganhado e rebelde do que nunca, como se tivesse metido um dedo molhado na tomada.

— Ótimo. Vou dar uma passada lá mais tarde. E vou me sentar a uma das suas mesas. Obrigada. — Estava tocada pelo óbvio interesse

que o professor demonstrava por ela, e, ao deixar a pensão, a sra. Boslicki acenou da janela da sala de estar.

Estava regando as plantas e um dos seus muitos gatos a rodeava. Era um lugar esquisito, cheio de velhinhos engraçados, mas Gabriella surpreendeu-se por descobrir que gostava deles. A pensão era confortável, depois da terna comunidade de que tinha feito parte no convento. E mesmo que pudesse pagar, o que achava que jamais conseguiria, teria se sentido sozinha num apartamento.

Chegou ao café dez minutos adiantada e colocou um avental limpo sobre o vestido, enquanto a sra. Baum lhe explicava os procedimentos e o sr. Baum verificava a caixa registradora, como constantemente fazia. Ele ficou satisfeito em ver que Gabriella estava com ótima aparência. O vestido não lhe favorecia, mas estava limpo, os sapatos tinham sido lustrados e o cabelo mostrava-se imaculado. Gabriella o penteara para trás e comprara num bazar uma faixa para prendê-lo. Precisava deixá-lo crescer. Ainda estava razoavelmente curto por causa do convento, mas era limpo e arrumado.

Para os Baum, Gabriella estava perfeita. E naquela tarde ficaram ainda mais satisfeitos. Ela era gentil com todos os clientes, anotava os pedidos cuidadosamente e não cometera nenhum engano em relação aos pedidos. Além do mais, era rápida e mostrava-se desenvolta atendendo a várias mesas. De certo modo, para Gabriella, era como servir as refeições às irmãs no convento. Era preciso ser rápida, organizada e metódica para servir tantas pessoas, e ela era tudo isso. Quando o professor Thomas chegou com a sra. Rosenstein, Gabriella já se sentia em casa.

Pediram strudel, torta de ameixa e café com bastante chantilly. Depois, deixaram uma boa gorjeta para Gabriella, o que a deixou constrangida, agradecendo-lhes muitíssimo. À saída, viu-os parar para conversar com o sr. Baum e ouviu-os dizer que o strudel estava delicioso. O dono do restaurante prometeu transmitir o elogio à mulher. Ainda conversavam quando Gabriella foi à cozinha para pegar vários outros pedidos. Quando voltou, estavam de partida. Disseram que a veriam na pensão. Ela acenou e foi atender às outras mesas.

Depois dessa primeira vez, passaram a ir todos os dias, sempre à mesma hora. Isso se tornou uma espécie de ritual, mas, depois do primeiro dia, Gabriella sempre recusava a gorjeta deles. Dizia que a sua preferência e o prazer de vê-los ali já era pagamento suficiente. Não precisavam dar-lhe dinheiro algum. Tudo o que tinham de fazer era pagar ao sr. Baum pelo strudel de maçã.

Na segunda-feira, seu dia de folga, Gabriella estava vindo da lavanderia quando encontrou a sra. Rosenstein voltando do dentista. Esta a convidou a juntar-se a eles naquela noite e depois comentou com a sra. Boslicki que a garota parecia melhor. Aparentava estar mais forte, mais saudável e já não se mostrava tão pálida. O professor Thomas achou sua expressão um pouco menos sofrida quando a viu na sala de estar mais tarde. Os dois estavam sentados lado a lado, conversando afavelmente, enquanto os outros jogavam cartas, quando o professor virou-se para ela e falou numa voz suave que ninguém mais pôde ouvir, e Gabriella ficou olhando para ele, pasma.

— O sr. Baum me disse que você era freira — sussurrou ele. Ela nunca imaginara que o sr. Baum fosse mencionar aquilo. Só contara a ele para conseguir o emprego de garçoneiro, pois sabia que era a única experiência que tinha para convencê-lo.

Mas o professor se perguntava agora se seria aquela a *razão* para sua tristeza ou se existia outra história por trás dessa. Ele desconfiava de que a última alternativa fosse a correta.

— Não é bem assim — explicou ela, desviando os olhos, pensativa, e em seguida voltando a fitá-lo. — Eu era postulante. Não é a mesma coisa.

— É, sim. — Ele sorriu. — Só que é o girino em vez do sapo. O professor abriu um sorriso largo, e ela riu alto daquela descrição.

— Não acho que as irmãs ficariam felizes em ouvir isso.

— Sempre havia um ou dois padres em minhas turmas na Harvard. Em sua maioria, jesuítas. Gostava muito deles. Eram bem-educados, inteligentes e surpreendentemente liberais. — Então, sem parar para

respirar, tornou a concentrar-se em Gabriella. — Quanto tempo você passou no convento?

Ela hesitou antes de responder. Havia muita coisa a ser explicada, e não queria fazer isso. Só pensar em tudo o que tinha perdido recentemente já era doloroso demais, e ele pôde ver outra vez a dor em seus olhos quando Gabriella respondeu. Mas ela gostava dele o bastante para ser sincera.

— Doze anos — disse ela, baixinho. — Eu cresci lá.

— Você é órfã? — indagou ele, terno, e Gabriella sentiu que perguntava porque se importava e não porque quisesse contar aos outros. Era um homem sensível e bondoso, e ela estava surpresa por ver como gostava dele.

— Meus pais me deixaram lá. Na verdade, foi o único lar que conheci. — Ainda assim, havia saído de lá, mas ele teve compaixão e não perguntou pelos motivos.

Podia facilmente perceber que ela não queria contar.

— Deve ser uma vida difícil, a das freiras. Nem posso imaginar. O celibato nunca me atraiu — disse ele, com uma piscadela —, até recentemente. — Ele olhou para a sra. Rosenstein, concentrada, jogando bridge no outro lado da sala, e ambos riram.

Ele se dedicara à sua mulher durante quarenta anos e, embora tivesse boas amigas ali, jamais quis namorar ou casar novamente.

— Tive algumas conversas muito interessantes com meus alunos jesuítas sobre o assunto, mas nunca me convenceram da validade da teoria. — O que ele disse lembrou-a instantaneamente de Joe. O professor quase pôde vê-la recuando, angustiada, e arrependeu-se de imediato. Eu disse alguma coisa que a aborreceu? — perguntou, preocupado.

— Não... claro que não... é só que... sinto muitas saudades — disse ela, voltando os olhos tristes para o professor, deixando ver suas lágrimas. — Foi difícil sair de lá.

Alguma coisa no modo como ela falou o fez saber que tinha sido obrigada a sair, e então o professor decidiu que era hora de mudar o

assunto.

— Conte-me sobre o que escreve — pediu ele, carinhosamente.

— Não há nada a contar. — Ela sorriu, agradecida. — Só escrevo umas histórias bobas de vez em quando. Nada que valha a pena ser mencionado e certamente nada da qualidade literária a que o senhor está acostumado na Harvard. — o que os melhores escritores dizem. Os que são de fato ruins vangloriam-se do seu trabalho. Tenha cuidado com o escritor que lhe disser como você vai adorar o romance dele. Posso lhe garantir que você vai estar dormindo antes do fim do primeiro capítulo, e roncando! — disse, sacudindo o dedo para dar ênfase, enquanto ela ria da descrição. — Assim, tendo dito tudo isto, quando posso ver seu trabalho, srta. Harrison? — Ele era gentil, mas persistente, dando àquilo uma importância que ela sabia não merecer.

— Não tenho nada comigo.

— Então, escreva — replicou ele, agitando a mão hipnoticamente. — Só precisa de papel, caneta e um pouco de inspiração. — E tempo, perseverança e alma para investir, ainda sentindo como se a sua tivesse sido aniquilada quando Joe morreu. — Sugiro que compre um caderno amanhã. — E então ele tocou em outra ferida, sem querer, e percebeu que conversar com ela era como andar na ponta dos pés por um campo minado.

— Você já teve um diário? — perguntou, inocentemente, e ficou arrasado ao ver sua expressão de sofrimento.

— Eu... sim... eu tenho... mas não escrevo mais. — Ele não perguntou por que ela havia parado. Podia ver que era um assunto doloroso. Para alguém tão jovem, tinha muitas cicatrizes, e muitas delas pareciam recentes.

— Do que gosta mais? Poesia ou contos? — Ele adorava fazê-la falar, conversar com ela. Também gostava de sentar-se perto dela. Era tão jovem, tão bonita... Fazia-o recordar-se de um tempo, mil anos atrás, com Charlotte, quando ambos estavam na Universidade de Washington e eram pouco mais do que crianças. Casou-se com ela uma semana depois da formatura e sua única decepção com ela foi que nunca

havam conseguido ter filhos. Entretanto, durante quarenta anos, os alunos tinham sido bons substitutos. Ela fora professora de música, teoria e composição. Costumava compor canções com letras maravilhosas para ele, de vez em quando, e o professor contou toda a sua história a Gabriella, que ouvia sorrindo.

— Ela deve ter sido uma pessoa encantadora.

— Ela era — disse, saudoso. — Vou lhe mostrar uma fotografia dela um dia. Era muito bonita quando jovem. Todos os rapazes que a conheciam sentiam inveja de mim. Ficamos noivos quando tínhamos vinte anos. — Perguntou a Gabriella com quantos anos estava, e ela respondeu que tinha vinte e dois. A lembrança fez com que sorrisse e ele afagou-lhe a mão acetinada com a sua, enrugada.

— Você não sabe a sorte que tem, minha filha. Não a desperdice com lamentações dos lugares e das pessoas que perdeu. Você tem uma vida a ser vivida, tantos bons momentos, anos felizes e gente maravilhosa à sua frente. Deve correr ao encontro disso tudo. Mas não estava correndo nos últimos tempos. Mal engatinhava. Porém, o que ele lhe disse a tocou profundamente.

— Às vezes é difícil não olhar para trás — refletiu Gabriella. No caso dela, tinha muito para recordar e nem tudo eram flores.

— Todos fazemos isso de vez em quando. O segredo é não relembrar com muita frequência. Leve com você apenas os bons momentos e deixe os maus para trás. Mas estes eram tantos... e os bons haviam sido tão doces, breves e também tão poucos: apenas os anos tranquilos no convento. Entretanto, agora até aquela lembrança era dolorosa, porque o havia deixado. Ainda assim, tinha de admirar aquele homem. Quase toda a sua vida estava para trás, e ele continuava olhando para a frente com entusiasmo, emoção e interesse. Gostava de conversar com ela e de estar em contato com os jovens, e não perdera a energia e o senso de humor. Gabriella achou aquilo impressionante; ele era um exemplo para todos ali. As outras pessoas presentes na sala ficavam reclamando da saúde, de doenças, do valor da aposentadoria, dos amigos que tinham morrido recentemente, do estado das calçadas de Nova York e da quantidade de fezes de cachorro que as sujava. Ele

não ligava para nada daquilo. Estava muito mais interessado em Gabriella e na vida que esta tinha à sua frente. Estava oferecendo a ela o mapa da estrada que levava à felicidade e à liberdade.

Naquela noite, Gabriella ficou sentada com ele durante muito tempo. O professor nunca jogava bridge com a sra. Rosenstein e suas amigas, dizendo detestar o jogo, mas acabou jogando dominó com Gabriella, e ela adorou. Ele ganhou todas as vezes, mas ela aprendeu bastante e, quando finalmente subiu para o quarto, tivera uma noite encantadora. Eram pequenos prazeres que partilhavam, mas de repente sentiu-se como se sua vida fosse repleta de novas aventuras. Tinha passado a noite conversando com um homem de oitenta anos, mas o achava muito mais interessante do que qualquer um com a metade de sua idade, ou com a metade da metade. Já estava ansiosa para conversar com ele novamente e até prometera que no dia seguinte compraria um caderno a caminho do trabalho. Quando o professor foi ao café no dia seguinte, dessa vez sem a sra. Rosenstein, que tinha ido ao urologista, perguntou a Gabriella se havia cumprido a promessa.

— E então, você foi? — perguntou, pressagioso, e ela não sabia a que ele estava se referindo, enquanto anotava o pedido habitual de café e strudel de maçã.

— Fui aonde? — Estivera ocupada durante toda a tarde e mostrava-se um pouco distraída.

— Foi comprar o caderno?

— Ah. — Ela sorriu, vitoriosa, divertida com a insistência dele. — Fui, sim.

— Estou orgulhoso de você. Agora, quando chegar à pensão hoje à noite, deve começar a preenchê-lo.

— Chego sempre cansada demais em casa — queixou-se ela. Ainda estava esgotada por causa do sangue perdido no aborto, embora não quisesse que ninguém soubesse disso. O médico avisara-lhe que levaria meses para se restabelecer, e ela estava começando a acreditar nele. Entretanto, o professor Thomas não estava disposto a aceitar desculpas.

— Então escreva de manhã, antes do trabalho. Quero que comece a escrever todos os dias. É bom para o coração, a alma, a mente, a saúde e o corpo. Se você é escritora, Gabriella, escrever representa um sistema de apoio à vida sem o qual você não pode passar, e nem deve.

Escreva diariamente - enfatizou ele, e então fingiu olhá-la zangado.
— Agora traga meu strudel.

— Sim, senhor. — Ele era como um avô benevolente, um avô que ela jamais tivera e com o qual não poderia sequer sonhar.

Tivera sempre a atenção voltada para os pais e para o que representavam para ela. Mas a presença do professor Thomas em sua vida era um verdadeiro presente, e Gabriella o apreciava muitíssimo. Ele continuou a ir vê-la todos os dias e, nas segundas-feiras, quando Gabriella estava de folga, começou a levá-la para jantar fora. Contou-lhe sobre o tempo em que dava aulas, sobre a mulher, a vida em Washington quando menino e como havia sido crescer na década de 1890. Era uma época que ela mal podia imaginar que estivesse tão longe assim. Entretanto, ele parecia saber de tudo o que se passava na atualidade e era completamente moderno. Gabriella adorava falar com o professor, mas gostava ainda mais de ouvi-lo. Mais do que qualquer outra coisa, conversavam sobre literatura. Gabriella havia finalmente escrito um conto, e ele ficou muitíssimo impressionado, fez algumas correções e explicou como ela poderia ter desenvolvido a trama de maneira mais efetiva. Disse-lhe que tinha um talento verdadeiro. Ela tentou recusar os elogios, falando que o professor só estava sendo gentil, e ele voltou a sacudir o famoso dedo. Aquilo sempre havia sido um sinal de perigo para seus alunos, mas Gabriella não se mostrava nem um pouco assustada com o professor Thomas. Começava a amá-lo.

— Quando eu disser que tem talento, senhorita, estou falando sério.

Não me contrataram na Harvard para cultivar bananas. Você ainda tem trabalho a fazer, precisa se aprimorar, mas tem uma sensibilidade instintiva pelo tom adequado, pelo ritmo certo... Tudo é uma questão de escolha do momento, de sentir quando dizer o quê e como, e você tem esse talento. Não compreende isso? Ou é só uma covarde? É isso? Está

com medo de escrever, Gabriella? Medo de ser boa? Bem, você é. Então encare o fato e viva de acordo com ele. É um dom, e poucas pessoas o têm. Não o desperdice! — Ambos sabiam que Gabriella não era nenhuma covarde, e ela dirigiu um sorriso triste para o professor, lembrando-se das palavras que sempre havia detestado.

— Geralmente me dizem que sou forte — contou ela, partilhando um de seus segredos com ele. Era o primeiro de muitos. E depois me abandonam. Ele assentiu com a cabeça, compreensivo, e esperou que dissesse mais, mas ela não falou.

— Talvez, então, sejam eles os covardes. É comum que as pessoas fracas congratulem os outros por sua força para que elas próprias não precisem ser fortes, ou que usem isso como uma desculpa para machucar o outro... é como dizer: "Você pode aguentar, você é forte." Neste mundo, espera-se muito das pessoas fortes, Gabbie. É um fardo pesado. — E ele podia ver que havia sido. Mas você é mesmo forte. E um dia vai encontrar alguém tão forte quanto você. Merece isso.

— Acho que já encontrei. — Sorriu para ele e afagou a mão enrugada, a mesma do dedo agitado, que agora estava em repouso.

— Você tem sorte de eu não ser cinquenta ou sessenta anos mais moço. Eu lhe ensinaria o que é a vida. Agora é você quem vai ter de me ensinar, ou ao menos me lembrar. — Os dois riram.

Todas as semanas ele a levava a restaurantes pequenos e pitorescos no West Side, nos arredores da pensão ou no Village, e às vezes pegavam o metrô para chegar lá. Ele sempre pagava o jantar, apesar de aparentemente viver com um orçamento apertadíssimo. E, por causa disso, ela sempre tinha cuidado em relação aos pratos que pedia. O professor reclamava que Gabriella não comia o suficiente, lembrando-se da sra. Rosenstein dizendo que a garota era magra demais, e às vezes forçava-a a pedir mais, apesar dos protestos de Gabbie. E, de vez em quando, a repreendia por não se esforçar em conhecer pessoas jovens, mas adorava tê-la por perto e estava feliz que ela não o fizesse.

— Você deveria estar brincando com crianças da sua idade resmungou, e ela sorriu para ele.

— As brincadeiras delas são muito brutas. Além do mais, não conheço nenhuma. E adoro conversar com o senhor.

— Então prove para mim escrevendo um pouco. — Estava sempre encorajando e incitando Gabbie.

No Dia de Ação de Graças, dois meses depois de terem se conhecido, Gabriella já havia enchido três cadernos com histórias. Algumas eram excelentes, e o professor com frequência dizia que, graças à sua perseverança, achava que seu estilo estava melhorando. Ele a havia incentivado mais de uma vez a enviar seu trabalho para revistas, exatamente como madre Gregoria, mas ela não parecia inclinada a fazê-lo. Acreditava muito menos que ele em seu talento literário.

— Eu não estou pronta.

— Você parece Picasso. O que é "estar pronto"? Steinbeck estava pronto? Hemingway? Shakespeare? Dickens? Jane Austen? Eles simplesmente escreviam, não é? Não estamos tentando alcançar a perfeição a todo custo aqui. Estamos nos comunicando um com o outro. Por falar nisso, minha querida, você vai para casa no Dia de Ação de Graças? — Encontravam-se num minúsculo restaurante italiano no East Village, e ela se sobressaltou com a pergunta.

— Eu... não... — Não queria dizer que não havia casa nenhuma aonde ir.

O professor sabia que Gabriella crescera no convento, mas ela nunca lhe dissera claramente que não tinha qualquer contato com a família e que já não era bem-vinda no São Mateus. Agora a sua única família era ele.

— Acho que não.

— Fico feliz em saber — afirmou ele, parecendo satisfeito. Todos os anos, a sra. Boslicki preparava um peru para eles, e o professor esperava que Gabriella fosse estar presente. Eram poucos os pensionistas que ainda tinham parentes, e o jovem vendedor divorciado mudara-se para outra cidade. — Eu estava querendo passar o feriado com você.

— Eu também. — Ela sorriu e continuou a lhe falar sobre sua última história. Havia um problema na trama, e ela não sabia exatamente como resolvê-lo, se com violência ou um romance inesperado.

— Certamente há um contraste enorme entre suas opções, minha querida — refletiu ele —, embora às vezes as duas estejam ligadas. Violência e romance. — Aquelas palavras fizeram-na lembrar-se mais uma vez de Joe, e seus olhos entristeceram-se, mas ele fingiu não perceber.

Perguntou-se se um dia Gabriella lhe contaria as tragédias por que tinha passado. No momento, apenas imaginava, mas era sábio o bastante para nunca perguntar diretamente. — Na verdade, o amor é bastante violento — prosseguiu ele. — Às vezes é tão doloroso, tão devastador. Não há nada pior. Ou melhor. Descobri que os altos e baixos são igualmente insuportáveis. Por outro lado, a ausência deles é ainda mais.

Era uma coisa doce e romântica para um homem daquela idade dizer, e ela quase pôde imaginá-lo um rapazinho, apaixonado pela noiva, um jovem herói. Mas certamente é o que tinha sido.

— E você, Gabriella, desconfio que também tenha achado o amor doloroso. Vejo em seus olhos todas as vezes que tocamos no assunto — falou com a ternura de um jovem enamorado, tocando-lhe a mão suavemente ao dizê-lo. — Quando conseguir escrever a respeito, vai achar tudo menos aflitivo. É uma espécie de catarse, mas o processo pode ser brutal. Não o faça até que esteja pronta.

— Eu... — começou a contar-lhe algo e então pensou melhor. Ela queria contar, mas tinha medo e ainda doía demais falar. Eu fui completamente apaixonada por alguém uma vez — admitiu, como um segredo terrível e, no seu caso, tinha sido mesmo.

O professor, porém, desconfiou de imediato de que havia muito mais naquela história do que Gabriella estava dizendo.

— Na sua idade, Gabriella, uma vez é bastante satisfatório. Você ainda vai ter mais alguns. — Ele nunca amara ninguém além de

Charlotte, mas aquilo era raro; eles tinham tido sorte. Isso não ocorria com a maioria das pessoas. — Imagino que as coisas não tenham ido bem. — Parecia-lhe que o romance havia terminado, e ela assentiu com a cabeça, inspirando bem fundo antes de continuar.

— Ele morreu em setembro. — Era pouco mais do que um sussurro.

Gabriella não queria dizer mais, e ele não perguntou. Limitou-se a fazer um gesto afirmativo com a cabeça. — Pensei que aquilo fosse me matar, e de fato quase me matou. — Lembrou-se vividamente do aborto, ou do que sabia sobre ele. Ainda não se recuperara completamente, embora estivesse se sentindo muito melhor.

— Eu sinto muito. — Ele já sabia que em algum ponto de sua vida havia uma tragédia, talvez até várias. Podia senti-lo.— O amor nem sempre termina assim, e jamais deveria. Deixa tudo tão incompleto. Mesmo depois de quarenta anos, eu ainda tinha muita coisa para dizer a Charlotte.

Gabriella balançou a cabeça, compreendendo o que o professor dizia, mas não conseguia continuar falando e, durante algum tempo, ele fez as vezes dela, discorrendo sobre a mulher e os textos de Gabbie. Perguntava-se como o homem havia morrido. Supunha um acidente, mas jamais teria perguntado. Ele se fora, e ela estava com o coração partido; era tudo que importava. Mas o professor Thomas sequer poderia começar a imaginar a tragédia que fora aquilo tudo, ou o quanto custara a todos. Gabriella sabia que nem ele poderia ter escrito aquela história. Era feia demais para sua imaginação bondosa.

Naquela noite tomaram um táxi para voltar à pensão. Estava frio, ele se sentia rico, tendo acabado de receber a aposentadoria, e sabia o quanto fora difícil para ela contar-lhe sobre o homem que morrera dois meses atrás. Desejava fazer alguma coisa especial pela menina, e ela estava agradecida quando desceram em frente à casa velha e cansada da sra. Boslicki com sua fachada de pedra. Ambos olharam para o céu ao mesmo tempo. Nevava. A primeira neve do inverno e, de repente, Gabriella se lembrou de como a primeira neve tinha sido sempre tão bonita no jardim do convento. Quando ainda era criança, adorava

brincar lá, e as freiras sempre permitiam. Gabriella fez um comentário a esse respeito e sorriu com as lembranças. O professor sentiu-se feliz por ela, que precisava de alguma alegria a que se agarrar. Todos precisavam.

— Tive uma noite maravilhosa — disse Gabriella, baixinho, parando diante da porta do quarto dele. — Obrigada, professor Thomas.

— Por nada. O prazer é sempre meu, minha querida — retrucou ele, fazendo uma pequena reverência, enquanto ela sorria. Gabriella nem podia imaginar com que ansiedade ele esperava por essas noites, agora mais do que nunca. Ela estava quase se tornando uma filha para ele... ou uma neta adorada, especialmente depois de ter dividido seu segredo com ele. Era um sinal de confiança que o professor apreciou bastante.

— Não vejo a hora de chegar o Dia de Ação de Graças — disse ele, gentilmente.

— Nem eu — replicou Gabriella, do fundo do coração, ainda sorrindo para ele.

Antes, vinha temendo aquela data, mas agora já não lhe parecia assim tão ruim. Havia perdido muito, mas encontrara algo, como um diamante brilhando no meio da neve. Ao subir lentamente as escadas, pensou em como teria sido triste se não o tivesse visto.

CAPÍTULO 17

O Dia de Ação de Graças foi maravilhoso para todos. Um espesso tapete de neve cobria tudo lá fora, e toda a cidade parou. As pessoas esquiavam no Central Park, e as crianças brincavam nas ruas, fazendo bonecos e jogando neve umas nas outras. A sra. Boslicki preparou um peru para que ninguém jamais esquecesse. Era tão grande, que ela mal conseguiu colocá-lo no forno. E, como todos os anos, foi o professor Thomas quem o trinchou. Todos pareciam ter histórias engraçadas para contar sobre dias de Ação de Graças que não deram certo, parentes excêntricos ou coisas bobas de suas infâncias.

Depois foram dar uma volta, e todos disseram que se sentiam como se estivessem prestes a explodir. O Restaurante do Baum estava fechado naquele dia, e Gabriella sentia-se feliz por ficar em casa com eles. Era como a filha, sobrinha ou neta preferida de todo mundo. Nos dois breves meses em que estava vivendo com aquelas pessoas, havia conquistado a todas. Pelo resto da semana conversaram sobre as compras de Natal e, de repente, a cidade estava toda decorada. A sra. Boslicki e a sra. Rosenstein foram ao centro fazer compras na Macy's e falaram admiradas do número de pessoas que tinham visto. Durante todo o fim de semana em que esteve de folga, Gabriella ficou no quarto trabalhando numa história e, no domingo à noite, largou o caderno no colo do professor, com um ar pretensioso.

— Aí está! Agora pare de reclamar!

— Tudo bem... tudo bem... vamos ver o que temos aqui. Dessa vez, porém, mesmo ele ficou pasmo. Era uma história brilhante; uma espécie de história de Natal, cheia de situações patéticas e momentos que trouxeram lágrimas até mesmo aos olhos do professor, mas muito bem-escrita, com elegância, e a surpreendente virada final era simplesmente extraordinária. Ele deixou escapar um grito de admiração e alegria quando terminou. Gabriella ficara observando-o ler, de braços cruzados, sentada numa poltrona velha e confortável no canto da sala.

— O senhor gostou? — perguntou, nervosa, mas dava para ver que ele tinha apreciado. Na verdade, ele estava em êxtase e insistia em que a história tinha de ser publicada. Dessa vez não a deixaria recusar.

— Se gostei? Eu adorei!

— Ainda preciso fazer uns ajustes nela — argumentou Gabriella, ansiosa, quando ele falou em publicá-la.

— Por que não me deixa fazer uma revisão antes? — sugeriu ele, astutamente guardando o caderno no bolso antes que ela pudesse contestar. Depois propôs uma partida de dominó para distraí-la. Mas Gabriella estava tão contente pelo professor ter gostado que teria feito qualquer coisa por ele, particularmente naquela noite. Havia se esforçado e sentia-se feliz com o resultado. Mesmo ela era obrigada a admitir, embora com relutância, que aquela era sua melhor história.

Nessa noite até o venceu no dominó e, quando foi para a cama, experimentava uma sensação de vitória, aliviada por ter terminado o conto. Ficara acordada trabalhando até depois das três da madrugada. Era a primeira vez em que sentia um domínio total de seu ofício, e a sensação era tanto intoxicante quanto viciadora. No dia seguinte, ainda estava animada quando voltou ao trabalho. Depois do restaurante ter ficado fechado durante o fim de semana prolongado, o sr. Baum decidira-se por abri-lo na segunda-feira. O professor Thomas ainda ia vê-la todos os dias, às vezes com um dos outros hóspedes, às vezes sozinho, e, quando saiu naquela tarde, Gabriella avisou-o para que tomasse cuidado ao voltar para casa. A neve lamacenta tornara-se escorregadia. Mas era extremamente independente.

Naquele dia todos os fregueses estavam de bom humor e conversavam sobre os preparativos do Natal. Até os Baum mostravam-se mais expansivos que de costume, depois de terem passado o feriado com as três filhas, e cumprimentavam os fregueses com um pouco mais de alegria do que o normal. Perguntaram a Gabriella como havia passado aqueles dias, o que não era comum, pois a viam como uma simples funcionária e nunca pareciam interessados em conhecê-la melhor. Quando Gabriella voltou para a pensão naquela noite, a sra. Boslicki meteu a cabeça no corredor assim que a ouviu, acenando para

que se aproximasse. Gabriella ficou imediatamente preocupada com o professor, mas a mulher se mostrava bem-humorada demais para estar trazendo más notícias.

— Temos um novo pensionista — disse a dona da pensão, radiante. Há semanas vinha tentando conseguir alguém para ocupar o quarto do vendedor.

— Que ótimo! — felicitou-a Gabriella, aliviada que a novidade nada tivesse a ver com o professor. Ele se tornara muito importante para ela. Num curto espaço de tempo, transformara-se na sua única família, e, às vezes, Gabriella preocupava-se tanto com ele que chegava a ter pesadelos. Ainda dormia na parte inferior da cama, como sempre fizera, ainda mais ultimamente, desde que deixara o convento.

— Ele é muito bonito — acrescentou a sra. Boslicki, referindo-se ao novo hóspede.

— Que bom — disse Gabriella sem expressão, incerta sobre o que aquilo tinha a ver com ela. Mas a sra. Boslicki parecia contente, e Gabriella sorriu, imaginando se a senhoria estava se sentindo atraída pelo novo pensionista.

— Ele tem vinte e sete anos e é muito inteligente. Fez faculdade.— Gabriella sorriu, apenas achando um pouco de graça. Não estava interessada em homem algum, de idade nenhuma, independente do quanto era inteligente ou atraente. O único homem de que precisava na vida era o professor.

— Boa noite, sra. Boslicki — disse Gabriella, com firmeza. Tinha sido uma longa noite, mas as gorjetas haviam sido boas.

Conseguira comprar umas roupas recentemente e suspeitava de que os Baum estavam aliviados. Tinham feito vários comentários sobre os dois vestidos usados que lhe foram dados no convento. Agora, na maior parte do tempo, Gabriella vestia saias e suéteres. Havia até comprado um cordão de pérolas falsas e uma vez, ao olhar-se no espelho, receou que estivesse começando a se parecer com a mãe. Mas o professor adorava sua aparência, e nunca hesitava em dizê-lo. Sempre falava que se parecia exatamente com Grace Kelly.

Gabriella subiu as escadas, aliviada por saber que o quarto recém-ocupado ficava no segundo andar, e ela não teria que dividir o banheiro com o homem. O que usava era compartilhado apenas por mulheres. Esperava não ter de vê-lo tão cedo. Entretanto, encontrou-o no dia seguinte, quando saía para o trabalho, agasalhada contra o frio, vestindo o casaco cinza grosso, uma de suas novas aquisições, e orelheiras brancas. Ele estava parado à porta, ajudando a sra. Boslicki com uma sacola de compras e sorriu afavelmente para Gabriella.

— Oi, eu me chamo Steve Porter — apresentou-se. — Sou o novo garoto do pedaço.

— Prazer em conhecê-lo — disse Gabriella com frieza, inconscientemente aliviada por não tê-lo achado atraente. Tinha cabelos cheios e escuros, olhos também castanho-escuros, e era esguio, embora os ombros fossem largos. Tinha boa aparência, mas havia qualquer coisa nele que não lhe agradava e, enquanto se dirigia ao restaurante, Gabriella chegou à conclusão de que era sua arrogância. Parecia muito seguro de si e extremamente atrevido. De maneira alguma se parecia com Joe, que se tornara para ela, sendo o único homem que tinha conhecido intimamente ou não, o modelo da perfeição. Mas havia percebido de imediato que não gostava desse outro. E foi o que disse sem rodeios ao professor quando se encontraram novamente para jogar dominó.

— Ah, não seja tão rabugenta! — replicou ele, censurando-a.— Ele é um bom garoto, Gabbie. É um *rapaz* charmoso, e provavelmente sabe disso. Qual é o problema? Isso não faz dele um canalha.

— Eu não gosto dele — retrucou Gabriella, com firmeza.

— Só está com medo de se machucar outra vez. Sabe, nem todos morrem ou vão embora, nem todos vão magoar você — disse ele, suavemente.

Mas Gabriella sacudiu a cabeça e se recusou a prosseguir a conversa. Fingiu concentrar-se em ganhar o jogo, embora ambos soubessem que isso não acontecia. Algo nela dizia ao professor que estava assustada. Na verdade, a presença de Steve Porter na pensão

parecia-lhe ameaçadora. E não era de se admirar, depois de ter passado a adolescência e a vida adulta no convento.

— Não se preocupe com ele — disse o professor, reconfortando-a. — Provavelmente também não está interessado em você. — O professor pôde ver que aquilo a tranquilizou, embora esperasse estar errado e torcesse para que ela despertasse a curiosidade de Steve. Parecia um ótimo *rapaz*, e o professor achou que seria bom para Gabriella sair com alguém. Ela não mostrava a menor vontade de ver qualquer pessoa que não fosse ele próprio, o que era lisonjeador para o professor, mas nada saudável para a menina. Entretanto, achou que, se não desse muita atenção ao assunto, os dois jovens acabariam por se descobrir.

Nas semanas seguintes, porém, Gabriella fez tudo o que pôde para evitar Steve Porter. Chegou mesmo a ser indelicada com ele, o que era incomum nela. Mostrava-se sempre extremamente educada com todos. Mas não com Steve. Para o *rapaz*, reservava a conduta mais ranzinza, embora ele não parecesse notar. Estava sempre de bom humor, e era particularmente atencioso com as pessoas mais velhas. Comprou uma linda árvore de Natal para eles e armou-a na sala de estar. Ele próprio comprou os enfeites porque a sra. Boslicki nunca se preocupara em fazê-lo, também por recear ofender os pensionistas judeus. Mas ninguém se importou, e todos achavam-no um *rapaz* admirável. Tinha acabado de chegar de Des Moines e estava procurando um emprego na área de informática. Saía para entrevistas todas as manhãs e tardes, e estava sempre bem-vestido, fosse usando um casaco esportivo, fosse usando um terno. Todos na pensão, à exceção de Gabbie, gostavam dele.

Achavam que seria maravilhoso se os dois jovens se entendessem. E Steve era cordial com ela, mas Gabriella deixava claro que não tinha absolutamente qualquer interesse nesse sentido. Na verdade, um dia, a caminho do trabalho, sentia-se muito irritada com ele. Steve comprara pequenas guirlandas de Natal para todos e pendurara uma em sua porta, sem consultá-la. Gabriella não queria lhe dever coisa alguma e ficou enfurecida. Mas achou que seria ainda mais grosseiro se a tirasse dali, então se viu obrigada a mantê-la. E foi resmungando durante todo o caminho até o trabalho na Rua 86.

— Você parece contente hoje — observou o sr. Baum, zombeteiro, à sua chegada. Era raro ver Gabbie de mau humor, mas hoje definitivamente ela estava, e ele não ousou lhe perguntar o que tinha acontecido.

Só faltava uma semana para o Natal, e embora algumas pessoas estivessem estressadas, a maioria parecia bastante animada. Era como se o feriado fizesse vir à tona o pior e o melhor de cada um. Ele próprio adorava o Natal, e havia semanas a sra. Baum vinha fazendo lindas casinhas de pão de mel que as pessoas compravam para os filhos. Ela as fazia todos os anos, e eram as mais bonitas de toda a Rua 86. Só de vê-las na vitrine as pessoas eram impelidas a entrar, e esse dia não era uma exceção. Havia uma meia dúzia de fregueses junto ao balcão e à caixa registradora, com os filhos apontando para a casinha que queriam.

Estas eram decoradas com balas, chocolate e algodão-doce. Havia até mesmo pequenas renas de chocolate. Gabriella adorava admirá-las, desejando ter tido algo mágico assim na infância. Mas a vida de Gabriella quando criança não tivera nenhuma mágica, nenhuma casa de pão de mel, nenhuma visita do Papai Noel. O Natal fora sempre uma época em que a mãe se mostrava particularmente má e nervosa, jamais eximindo-se de espancá-la. Ela procurava não pensar no assunto, enquanto atendia a uma mesa. Então viu uma mulher entrar com a filha, que apontava excitada para uma das casinhas feitas pela sra. Baum.

— Aquela! Aquela! — A garotinha tinha mais ou menos cinco anos e estava tão agitada que mal podia se conter. A mãe segurava-lhe a mão e lhe dizia que se acalmasse, que iriam comprar uma.

Entraram na fila atrás de várias outras pessoas e, quando finalmente sua vez chegou, a criança começou a pular, batendo palmas com suas luvinhas vermelhas. Usava um chapéu engraçado com um sino em cima. Quando a menina pulava, fazia um tinido que, para Gabriella, parecia cheio da magia natalina. Mas, de repente, ao saltar, tropeçou e caiu. Sem hesitar, a mãe a puxou pelo braço para que ficasse

de pé, e a criança começou a chorar, segurando o bracinho, enquanto a mulher gritava com ela.

— Eu disse que parasse, agora está aí o que mereceu. E se fizer isto novamente, Allison, eu juro que vou dar um tapa em você. — Gabriella parou o que estava fazendo e passou a olhá-las, esquecendo-se dos fregueses cujos pedidos acabara de anotar. Estava hipnotizada pelo que presenciara e por aquelas palavras familiares, e observava a expressão no rosto da mulher. Havia nela qualquer coisa de maligno, e a criança ao seu lado ainda chorava. O puxão brusco parecia ter deslocado o braço da menina, que berrava ainda mais alto ao segurá-lo. Aquilo havia acontecido também com Gabriella. Uma vez a mãe puxara seu braço com força, desarticulando o cotovelo, e ela ainda se lembrava vividamente da dor que sentira. O pai acabara conseguindo colocá-lo de volta com uma torção brusca. Mais tarde, os pais haviam brigado por causa daquilo, e então a mãe tinha ido procurá-la para tratar do assunto. Mas essa mulher estava furiosa nesse exato momento, enquanto a filha continuava gemendo. Gabriella caminhou devagar até ela e sugeriu que talvez o braço, ou o cotovelo mais precisamente, tivesse se deslocado.

— Não seja ridícula! — retrucou a mulher, rispidamente, enquanto os Baum a tudo assistiam. — Ela só está resmungando. Ela está bem. — Mas Allison não parecia nada bem, continuando a apertar o ombro. — Agora, você quer ou não quer a casinha de pão de mel? — gritou para a criança e tornou a puxar-lhe o braço, fazendo com que todos que observavam estremecessem. Era óbvio que dessa vez a mãe machucara de verdade a menina. — Allison, se não parar de chorar, eu vou abaixar suas calças aqui mesmo e espancar você na frente de todas essas pessoas.

— Não vai, não — disse Gabriella, baixinho, com uma força que nunca sentira na vida, a adrenalina de repente disparando em suas veias. Mas ela não deixaria que aquilo se repetisse, não ficaria ali parada, olhando a mulher fazer o que bem entendesse com a menina. — Não vai fazer nada disso.

— Que direito tem você de interferir na disciplina da minha filha?
— A mulher parecia ultrajada. Vestia um casaco de visom e tinha vindo da Madison, voltando para o luxuoso apartamento na Park Avenue. Mas a cena era familiar demais para Gabriella. E a palavra disciplina fez soar uma campainha em seu coração que mais lhe parecia um toque fúnebre.

— A senhora não está disciplinando a menina — respondeu Gabriella numa voz que ela própria não reconhecia —, mas sim a humilhando e torturando na frente de todas essas pessoas. Por que não pede desculpas a ela? Por que não cuida do braço dela? Se tirar o casaco, verá que está deslocado. Com isso a mulher virou-se para o sr. Baum com um olhar aristocrático de ultraje.

— Quem é esta garota? Como ela ousa falar comigo desta maneira?
— E, como a criança continuasse chorando, a mãe deu-lhe outro puxão no braço. A garotinha soltou um berro que quase rompeu o que restava do tímpano de Gabriella. E, sem pensar duas vezes, ela delicadamente afastou a menina da mãe e começou a tirar o casaquinho vermelho. Não teve dificuldades e pôde ver imediatamente que aquilo de que suspeitara tinha de fato ocorrido. O braço pendia, lasso, e a criança gritou no instante em que Gabriella o tocou.

— Tire suas mãos de minha filha! — berrou a mulher. — Alguém chame a polícia.

Então Gabriella virou-se e falou com ela numa voz que quase parecia a do demônio.

— É, vamos chamar a policia e explicar a eles o que a senhora vem fazendo com ela. E, se der outro pio, sou eu que vou esbofetear a senhora bem na frente de todas essas pessoas. — Enquanto a mulher a fitava boquiaberta, Gabriella virou-se para a menininha e rapidamente fez o que se lembrava de o pai ter feito, rezando para que desse tudo certo. Houve um estalo terrível e um ruído assustador quando estendeu o braço da criança e então o virou bruscamente, mas no instante seguinte o choro cessou, e a garotinha estava sorrindo. O cotovelo deslocado tinha sido posto no lugar.

Nesse momento, porém, a mulher se recobrou. Tomou de volta o casaco da filha, enfiou-o novamente na menina, tremendo, e puxou-a

porta afora, enquanto gritava com Gabriella.

— Se algum dia encostar em minha filha de novo, eu chamo a polícia e você vai ser presa.

— E se eu a vir fazendo isto com ela novamente, vou ao tribunal testemunhar contra a senhora. E então veremos quem vai presa.— Não houve agradecimentos pelo que tinha feito, mas ela conhecia o suficiente sobre situações como essa para não esperar por eles.

Gabriella sentia-se grata por ter podido ajudar a menininha, pondo um fim à sua dor. Mas Allison já estava quase do lado de fora, já vestida com o casaco e chorando pela casinha de pão de mel prometida, que a mãe não comprara.

— Mas, mamãe, a senhora disse que ia me dar uma!

— Agora não, Allison. Não depois do que fez. Vamos direto para casa, vou contar a seu pai que hoje você foi uma menina muito má e ele vai espancar você! Você fez mamãe passar a maior vergonha na frente de todo mundo. — Tinha a atenção voltada para a filha e não viu a expressão de horror no rosto de todas as pessoas. Era um verdadeiro monstro, mas nada do que via era novo para Gabriella.

— Mas a senhora machucou meu braço! — disse a criança em tom de súplica, olhando para trás e desejando ficar, querendo a proteção da única mulher bondosa que já havia encontrado. Isso fez Gabbie lembrar-se imediatamente de Marianne Marks, a mulher que a tinha deixado experimentar a tiara, e de como desejara ser sua filha. Havia sempre pessoas assim cruzando o caminho de crianças maltratadas, mas elas jamais viam ou compreendiam os desejos que despertavam nesses pequenos seres aterrorizados. Gabriella viu Allison ser rudemente arrastada porta afora. A menina não ganhou nenhuma casa de pão de mel naquela tarde.

Não ganhou nada. E quando saíam, a mãe lhe dizia como era má, que a culpa era sempre dela e que nunca seria preciso espancá-la se não fosse tão malcriada. Vendo isso, Gabriella sentiu-se mal e olhou para os Baum com uma expressão vidrada. Mas o que viu então a chocou ainda mais do que o que observara acontecer com a criança

chamada Allison nas mãos da própria mãe. Os Baum estavam furiosos. Eles nunca haviam tomado parte numa cena daquelas e sentiam-se ultrajados porque Gabriella os deixara numa situação embaraçosa, desafiara uma freguesa, independente do quanto esta estivesse errada, e custara-lhes uma de suas casas de pão de mel.

Na verdade, a sra. Baum chegara à conclusão, observando-a, de que Gabriella devia ser louca. E tinha sido mesmo por um momento. Com um pouco mais de provocação, teria de bom grado dado uns tapas na mulher de casaco de visom para que soubesse como doía. As lembranças de Gabriella eram muitíssimo claras. Ainda podia se lembrar do ruído agudo quando a mãe a golpeou com tanta força que rompeu seu tímpano.

— Tire o avental — ordenou o sr. Baum, em voz baixa, enquanto os fregueses e os outros empregados olhavam para eles. Está despedida! — disse, estendendo a mão para que ela lhe desse o avental branco, enquanto a mulher assentia com a cabeça, aprovando a atitude do marido.

— Eu sinto muito, sr. Baum — sussurrou Gabriella, sem argumentar pelo emprego, mas sim pela salvação de uma criança que não tinha mais ninguém no mundo para protegê-la. — Tive de fazer aquilo.

— Você não tinha o direito de interferir. A filha é dela e ela tem o direito de fazer o que bem entender. — Era o eco da voz do mundo inteiro, que achava que os pais tinham o direito de fazer tudo o que quisessem aos filhos, por mais cruel, perigoso, inumano ou violento que fosse. Mas e se ninguém os fizesse parar? O que aconteceria então? Quem defenderia aquelas crianças? Somente os fortes e bravos. Não os covardes como os Baum, ou seu pai, que deixara aquilo tudo acontecer com ela. Ninguém jamais tinha interferido a favor de Gabriella.

— E se ela a matar? E aí? E se a matasse aqui no seu restaurante? Sr. Baum, e se ela for para casa e fizer isso agora? E então? O que o senhor vai dizer amanhã quando ler a notícia no jornal? Que sente muito, que gostaria de ter podido ajudar... que não podia imaginar? O senhor sabia. Todos nós sabemos. Vemos acontecer e quase sempre

fingimos não perceber porque não queremos saber, porque essa violência nos assusta demais e é muito constrangedora e dolorosa. E quanto à criança, sr. Baum? É doloroso para ela também. Era o braço dela que estava fora do lugar, não o da mãe.

— Saia do meu restaurante, Gabriella — disse ele, de maneira clara. — E nunca mais volte aqui. Você é maluca e perigosa. — Com isso, virou-se para atender aos fregueses que, apesar do que tinham visto e ouvido, queriam apenas esquecer o incidente.

— Eu espero ser mesmo perigosa para pessoas como aquela mulher — replicou Gabriella, com calma, deixando o avental sobre o balcão. — Espero ser sempre. Pessoas como vocês, que viram as costas para o problema, é que são o verdadeiro perigo — disse, fitando a pequena multidão e os patrões, que se sentiam por demais constrangidos para olhar para ela. Em seguida, pegou o casaco no cabide da porta e viu pela primeira vez que o professor Thomas estava lá. Acabara de chegar quando a criança começou a chorar e assistira a tudo. Presenciara a cena toda completamente estupefato. Ele então ajudou Gabbie a vestir o agasalho sem dizer uma palavra e conduziu-a para fora do restaurante com um braço em seu ombro, percebendo que ela tremia violentamente, embora se mantivesse ativa e orgulhosa. E quando finalmente o encarou, Gabriella estava chorando.

— O senhor viu o que aconteceu? — perguntou ela, num sussurro. Agora que estava tudo acabado, mal podia falar e, apesar do casaco quente, não conseguia parar de tremer.

O professor levou-a para longe do restaurante, enquanto pensava que jamais em toda a sua vida havia admirado tanto uma pessoa. Queria dizer isso a ela, mas, por um instante, viu-se emocionado demais.

— Você é uma mulher admirável, Gabriella. E estou orgulhoso por conhecê-la. O que fez foi maravilhoso. A maioria das pessoas simplesmente não compreende isso.

— Elas têm medo — retrucou Gabbie, com tristeza, enquanto caminhavam, o braço dele ainda em seus ombros. Mais do que qualquer

outra coisa, o professor queria protegê-la tanto do passado quanto do futuro.

— É tão mais fácil fingir que não estamos vendo. É o que meu pai sempre fez. Deixava minha mãe fazer o que queria. — Era a primeira vez que falava sobre a sua infância com o professor, e ele sabia que havia mais coisas a serem ditas, muito mais, e tinha a sensação de que ela contaria quando se sentisse pronta.

— O que aconteceu com você foi parecido com aquilo? perguntou ele, com tristeza. Nunca havia tido filhos, mas não conseguia imaginar uma pessoa tratando-os daquela maneira. Estava além do alcance de sua compreensão.

— Muito pior — respondeu Gabriella, com franqueza. — Minha mãe me espancava brutalmente, e meu pai permitia. No fim, a única coisa que me salvou foi ela ter me abandonado. Sou quase surda de um ouvido, minhas costelas foram quase todas quebradas e tenho diversas cicatrizes. Levei pontos, tive hematomas e sofri traumatismos. Ela me deixava sangrando no chão e depois me espancava com mais força porque eu tinha manchado o tapete. Ela só parou quando me abandonou.

— Meu Deus do céu! — Lágrimas brotaram dos olhos do professor e ele de repente se sentiu muito velho. Não podia imaginar o pesadelo que havia sido a infância de Gabriella, mas acreditava no que ela dizia. Aquilo explicava muitas coisas para ele: por que tinha tanta prevenção em relação às pessoas, por que era tão tímida e por que havia resolvido permanecer no refúgio do convento. Mas o que via nela agora era o motivo de as pessoas lhe dizerem que era forte. Ela era mais do que isso. Gabriella possuía a força de uma alma que havia desafiado o demônio. Tinha sobrevivido a pesadelos piores do que se poderia imaginar. E, com todas as cicatrizes e as coisas que agora descrevia, tinha sobrevivido ilesa. Era uma pessoa íntegra e muito forte. Apesar de todos os esforços para destruí-la, a mãe não havia conseguido matar seu espírito. E o professor disse isso a Gabriella no caminho de volta à casa da sra. Boslicki.

— É por isso que ela me odiava tanto — disse Gabriella, caminhando com altivez ao lado dele. Orgulhava-se do que tinha feito pela criança no Restaurante do Baum. Havia lhe custado o emprego, mas, para Gabriella, tinha valido a pena. — Eu sempre soube que ela queria me matar.

— Isto é uma coisa horrível para se dizer da própria mãe, mas acredito em você. — Em seguida, franzindo a testa, preocupado: — Onde ela está agora?

— Não faço ideia. Imagino que em San Francisco. Ela nunca mais telefonou depois de ter me deixado.

— Melhor assim. Você não deve ir procurá-la. Sua mãe já lhe causou dor o bastante nesta vida. — E ele entendia menos ainda o pai, que jamais dera um basta naquilo. Para o professor Thomas, pareciam animais ou coisa ainda pior.

A sra. Rosenstein avistou-os tão logo entraram na pensão, juntos e de mãos dadas. Sabia que era cedo demais para Gabriella estar ali e ficou imediatamente preocupada. Pensou que talvez algo tivesse acontecido com o professor, e por isso Gabriella o trouxera para casa, mas era a garota que tivera problemas.

— Está tudo bem? — perguntou a ambos com olhos ansiosos, e então os dois fizeram que sim com a cabeça.

— Acabei de ser demitida — respondeu Gabriella com calma. Já não estava tremendo. Mostrava-se estranhamente tranquila, e o professor Thomas foi ao quarto buscar um conhaque para eles.

— Mas como isso foi acontecer? — perguntou a sra. Rosenstein, quando ele voltou com um copo para ela também. A mulher recusou, e ele se dispôs a beber também o dela. — Pensei que tudo estivesse indo às mil maravilhas para você no restaurante.

— E estava. — Gabriella sorriu, sentindo-se de súbito livre e poderosa, enquanto tomava um gole da bebida, que lhe queimou a língua, os olhos e o nariz; mas, depois de queimar também a garganta, Gabbie concluiu que gostava da sensação. — Tudo ia bem, até eu abrir a boca e ameaçar dar um tapa num cliente. — De repente, Gabriella

sorriu. Quase lhe parecia engraçado, embora ela e o professor soubessem que não era.

— Alguém se engraçou com você? — A sra. Rosenstein imaginou que se tratava de um homem e estava indignada por alguém fazer aquilo com Gabriella.

— Eu explico mais tarde — disse o professor, ao beber a segunda dose, no momento exato em que a sra. Boslicki apareceu, tendo ouvido o burburinho no vestíbulo.

— O que está acontecendo? Estão dando uma festa e se esqueceram de me convidar?

— Estamos comemorando — respondeu Gabriella, rindo. Começava a ficar um pouco tonta, mas não se importava. Havia sido uma noite difícil, cheia de lembranças horríveis, mas, ao fim de tudo, sentia-se mais forte.

— Comemorando o quê? — perguntou a sra. Boslicki, animadamente, ansiosa por saber.

— Acabo de perder meu emprego — disse Gabriella, dando umas risadinhas.

— Ela está bêbada? — perguntou a senhoria com um olhar de acusação para o professor.

— Ela mereceu, pode acreditar — retrucou ele, lembrando-se então de que tinham motivos para comemorar de verdade. Era a *razão* por que havia ido ao restaurante. Olhando para Gabriella, tirou um envelope do bolso e o entregou a ela. Tinha levado apenas duas semanas. Ele pensava que fosse demorar muito mais. Se você não estiver muito bêbada — disse-lhe, carinhosamente —, leia isto.

Ela abriu o envelope e leu devagar o seu conteúdo, com os gestos exagerados de quem tinha bebido um pouco. Aquela era a primeira vez que bebia conhaque e de fato sentia-se mais calma e aquecida. Ao ler a carta, porém, seus olhos arregalaram-se, e ela ficou instantaneamente sóbria.

— Ah, meu Deus... ah meu Deus! Eu não acredito. Como foi que o senhor conseguiu? — Voltou-se para ele com uma expressão de

assombro e começou a pular como uma criança, segurando a carta.

— O que foi? — perguntou a sra. Boslicki. Pareciam todos loucos naquela noite. Talvez já estivessem bebendo havia muito tempo no vestíbulo. — Ela ganhou na loteria?

— Melhor do que isso — disse Gabriella, abraçando-a. Depois, abraçou a sra. Rosenstein e finalmente o professor.

Ele mandara sua última história para a *The New Yorker* sem nada lhe dizer, e a revista havia concordado em publicá-la na edição de março. Estavam informando a ela que lhe enviariam o cheque e queriam saber se dispunha de um agente literário. Pagariam mil dólares pela história. Da noite para o dia, graças ao professor, teria um texto seu publicado. Ele tomara a liberdade de enviar o trabalho de Gabriella, mas tanto ele quanto ela sabiam que, sozinha, jamais teria feito isso.

— O que posso fazer para lhe agradecer? — perguntou ela. Era a prova de tudo o que ele lhe dissera e, antes dele, madre Gregoria. Eles estavam certos. Ela era boa. E era capaz. Gabriella mal podia acreditar.

— A única coisa que quero é que escreva mais. Vou ser seu agente. A não ser que você queira um de verdade, é claro. — Mas ainda não precisava de um, embora ele tivesse certeza de que um dia isso viria a acontecer. Possuía os atributos de um grande escritor, e o professor dera-se conta disso na primeira vez em que lera uma de suas histórias.

— O senhor pode ser tudo o que quiser. Este é o melhor presente de Natal que já tive. — De repente, não se importava nem um pouco por ter perdido o emprego. Agora era uma escritora e poderia muito bem arranjar trabalho como garçoneiro em outro lugar.

Depois que as duas senhoras foram dormir, os dois ainda ficaram sentados na sala de estar durante muitas horas. Noite adentro, conversaram sobre o ocorrido no restaurante, o que aquilo significava para ela, sua infância, seu ofício de escritora e o que esperava fazer com ele um dia. O professor Thomas lhe disse que poderia ir longe como escritora, se fosse este o seu desejo e se estivesse disposta a batalhar por isso. Quando Gabriella respondeu que estava, ele acreditou. E mais,

com a carta da The New Yorker firmemente segura nas mãos, ela agora acreditava.

Gabriella tornou a agradecer-lhe profusamente antes de ir para a cama e, ao refletir sobre o assunto no quarto, pensou em Joe e em como teria se sentido orgulhoso dela. Se as coisas tivessem sido um pouco diferentes, àquela altura estariam casados e vivendo com dificuldades em algum minúsculo apartamento, mas felizes como duas crianças.

Estariam festejando o primeiro Natal juntos, e ela se encontraria no quinto mês de gestação. Mas as coisas não tinham se passado dessa maneira. Ele não tivera disposição para lutar por aquilo. Tivera medo demais de atravessar a ponte para outra vida com ela. De repente, Gabriella soube o que Joe quis dizer quando falou que ela era forte.

Ali se encontrava a diferença entre os dois. Ela estava disposta a cruzar a ponte, a lutar por qualquer pessoa e qualquer coisa. Ela se dispusera a ficar ao seu lado, mas, por mais que o amasse, ou ele a ela, Joe não conseguira. Gabriella se perguntou se ele teria intervindo na cena do restaurante e não pôde imaginá-lo tomando uma atitude. Tinha sido um homem bondoso, e ela sabia que jamais amaria outra pessoa daquele jeito. Porém, independente do que ele fosse e do quanto a amasse, isso não fora o bastante para lutar. No último instante, ele lhe virara as costas, desistindo, e haviam perdido tudo. Agora Gabriella precisava recomeçar aos poucos. Não o odiava por isso, mas ainda se sentia muito triste e achava que, sempre que pensasse nele, provavelmente teria a mesma sensação.

Naquela noite, olhando pela janela, Gabriella viu o rosto de Joe tão claramente que quase podia tocá-lo. O sorriso largo, os olhos azuis, a maneira como a tomava nos braços... como a beijava. Pensar nele trazia dor ao seu coração. Mas, por mais que o amasse, agora sabia de outra coisa. Era uma sobrevivente. Ele a abandonara, e ela não morreu. Pela primeira vez em sua vida, estava entusiasmada com o que a vida lhe reservava. E não sentia medo.

CAPÍTULO 18

Dois dias antes do Natal, menos de uma semana depois de ter sido demitida, Gabriella entrou numa livraria para comprar um presente para o professor Thomas. Queria comprar alguma coisa especial para ele, algo de que fosse gostar realmente e que já não tivesse nas estantes lotadas de seu quarto. Decidira esperar o Natal passar para procurar outro emprego. Tinha dinheiro suficiente para pagar o aluguel de janeiro. E o cheque que receberia da The New Yorker caíra do céu. Com ele, queria comprar um ótimo presente para o professor. Havia comprado uma lembrancinha para todas as pessoas da pensão, coisinhas que denotavam seu apreço por cada uma delas, menos para Steve Porter. Chegara à conclusão de que não o conhecia bem o bastante para lhe comprar um presente.

Também havia pensado em comprar algo para madre Gregoria, mas sabia que, dadas as circunstâncias, a madre superiora não poderia aceitá-lo. Em vez disso, decidira que lhe enviaria um exemplar da revista The New Yorker quando a sua história fosse publicada. A madre ficaria feliz e orgulhosa dela. Só saber o quanto a ajudara já seria um ótimo presente para a madre Gregoria e, mesmo que esta jamais lhe respondesse, em seu coração Gabriella sabia o quanto a madre ainda a amava. No entanto, era muito difícil não poder vê-la. Esse era o primeiro Natal que passaria sem ela desde sua ida para o convento, ainda criança. Mas agora nada podia ser feito.

Gabriella entrou numa luxuosa livraria da Terceira Avenida e deu uma olhada ao redor. Havia livros novos, uma seção de livros antigos encadernados em couro e até algumas edições príncipes raras. Ao folheá-las, Gabriella ficou atônita ao ver como eram caras. Havia mesmo uma ou duas destas que custavam alguns milhares de dólares. Mas por fim se decidiu por algo que achou que ele gostaria de verdade. Tratava-se de uma coleção de livros de um autor que várias vezes ele lhe citara como exemplo. Tinham encadernação em couro e obviamente haviam sido muito lidos e manuseados por alguém com mãos delicadas. Eram

três volumes e, ao pagar por eles, Gabriella contou o dinheiro devagar e com cuidado. Jamais em sua vida comprara alguma coisa tão cara, mas ele merecia.

— Ótima escolha a sua — disse um jovem inglês, contando o dinheiro. — Comprei estes livros em Londres no ano passado e fiquei surpreso por ninguém os arrematar de imediato. São edições raríssimas. — Conversaram sobre os livros por alguns minutos e então ele olhou para Gabriella e perguntou se ela era escritora.

— Sou, sim — respondeu ela, com reserva. — Na verdade, estou começando. Acabei de vender uma história para *The New Yorker*, graças ao homem a quem vou dar estes livros.

— E o seu agente? — perguntou interessado.

— Não, um amigo.

— Entendo. — O rapaz falou que também escrevia e que, nesse ano que terminava, estivera às voltas com seu primeiro romance. — Eu ainda estou nos contos. — Ela sorriu.

— Não sei se um dia terei coragem para escrever um romance.

— Terá, sim — disse ele, confiante — , apesar de não saber se desejo isso a você. Eu comecei escrevendo contos e poesia. Mas é muito difícil ganhar a vida assim. — Ele tinha certeza de que aquilo não era novidade para ela.

— Eu sei. — Gabriella sorriu novamente. — Estava trabalhando como garçonne.

— Também já fiz isso. — O rapaz riu. — Fui barman no East Village, depois garçom no Elaine's e agora trabalho aqui. Na verdade, sou o gerente, e eles me deixam tomar parte na compra dos títulos. Os donos da livraria moram nas Bermudas. São aposentados e compraram a loja porque adoram livros. Ambos são escritores. — Ele disse dois nomes que imediatamente a deixaram impressionada e então olhou para Gabriella com curiosidade. — Não creio que você queira deixar o emprego de garçonne, não é? — Sabia que as gorjetas podiam ser boas, mas a jornada de trabalho era longa; e as condições em geral, extenuantes.

— Na verdade, foi o emprego que me deixou. — Ela riu. Fui demitida esta semana. Um presente de Natal.

— A mulher que trabalha aqui comigo está para ganhar neném e vai sair definitivamente na próxima sexta-feira. Não sei se você estaria interessada... O salário é bom e pode ler tudo que quiser quando tivermos pouco movimento. — Em seguida, dirigiu-lhe um sorriso tímido.

— E dizem que não é muito ruim trabalhar comigo. Por falar nisso, meu nome é Ian Jones. — Estendeu a mão, e ela se apresentou, entusiasmada com a oferta que ele acabara de lhe fazer.

Ele lhe disse qual era o salário, e era mais do que Gabriella ganhava no restaurante, trabalhando doze horas diárias, as gorjetas incluídas. E esse era exatamente o tipo de trabalho que ela desejava. Gabriella quis dar suas referências, mas o *rapaz* disse não ser preciso. Gostava de seu aspecto e da maneira como se portava. Falava bem e era inteligente, além de ser escritora. Para Ian, era perfeita. E Gabriella concordou em começar no dia seguinte ao Ano-Novo. Ele embrulhou o presente, Gabriella colocou-o debaixo do braço, tomou o ônibus de volta com um sorriso estampado no rosto e entrou correndo quando chegou na pensão.

— Vendeu outra história? — perguntou a sra. Boslicki, animada, correndo para o vestíbulo ao seu encontro.

— Não, melhor do que isso, quase. Arranjei um emprego excelente numa livraria. Começo um dia depois do Ano-Novo.

Mais tarde, contou ao professor Thomas, e ele ficou satisfeito por ela e maravilhado em vê-la tão contente. Não se sentira bem o dia inteiro. Estava ficando gripado e começava a ter uma crise de bronquite. Mas estava feliz por ela e conversaram, sentados em seu quarto, onde ele podia ficar aquecido e confortável com seu velho roupão. Gabriella mal podia esperar para lhe dar o presente, mas estava determinada a aguardar até a manhã de Natal. Gabriella subia as escadas, a caminho do seu quarto, quando encontrou Steve Porter. Parecia um pouco deprimido e não pôde deixar de comentar sobre a felicidade que Gabriella estava irradiando. Ela contou que conseguira um emprego

naquela tarde, e o rapaz parabenizou-a, dizendo que adoraria ter aquela sorte também. Já estava em Nova York havia um mês, fazendo entrevistas em toda parte, e até então não conseguira nada. E o dinheiro estava acabando.

— Ouvi dizer que você também vendeu um conto para a The New Yorker — disse ele, admirado. — Parece que está numa fase de sorte. Fico feliz por você. — Não sabia que Gabriella já havia tido sua cota de azar suficiente para uma vida inteira. Mas ela lamentava que o rapaz estivesse tão deprimido. Parecia injusto sentir-se tão feliz quando ele atravessava tempos tão difíceis. De repente Gabriella sentiu-se culpada por todas as coisas desagradáveis que dissera a respeito dele.

— Por falar nisso, obrigada pela guirlanda. — Era a primeira vez em que de fato lhe agradecia. Ele parecia estar sempre fazendo cortesias a todos, e ela havia sido crítica demais com ele. Agora se arrependia. — Vou ficar torcendo com os dedos cruzados por você, Steve.

— Obrigado, estou mesmo precisando.— E então, quando se afastava, virou-se e lhe dirigiu um olhar hesitante, e ela percebeu. — Eu estava querendo lhe fazer um convite, mas não sei se vai lhe parecer muito estranho. Estava pensando se você não gostaria de ir à missa do galo comigo. — Gabriella ficou emocionada com aquele convite. Tinha certeza de que seria um Natal difícil sem Joe e sem as irmãs do São Mateus. Mas, por outro lado, não ia à missa desde sua saída do convento.

— Eu não sei se quero ir — respondeu ela, com franqueza —, mas se for, vou com você. Obrigada pelo convite.

— Por nada. Estou às ordens.— Sorriu e desceu para apanhar seus recados. Era compreensível que fizesse uma porção de ligações, já que estava procurando emprego.

De súbito, Gabriella percebeu o quanto estivera errada em relação a ele. O professor Thomas tinha *razão*. Steve era um bom *rapaz*. Assim como Ian Jones, seu novo chefe. Achou que seria divertido trabalhar com ele. Ian contara que vivia com alguém e deixara óbvio que seu interesse por Gabriella era apenas profissional e intelectual, e não

romântico, o que para ela era perfeito. Não tinha intenção de se envolver ou sair com ninguém. Ainda sentia saudades de Joe e se perguntava se um dia estaria pronta para ter outra pessoa em sua vida. Não podia nem imaginar encontrar alguém mesmo que remotamente parecido com ele. De qualquer maneira, era gentil da parte de Steve convidá-la para a missa. Seria bom que pudessem ser amigos. Vinha se sentindo tão de bem com a vida nesses últimos dias que estava muito mais aberta para fazer amizade com ele. E foi o que disse naquela noite ao professor, depois de lhe levar o jantar, comprado no restaurante do outro lado da rua, e de comerem no quarto dele.

— Acho que o senhor deve estar certo sobre ele — admitiu Gabriella, falando de Steve. — Afinal de contas, parece um bom *rapaz*. Disse que está com dificuldade de arrumar trabalho.

— É difícil acreditar, tratando-se de um jovem brilhante como Steve. Conversei com ele algumas vezes. Tem muitas qualificações.

Frequentou a Yale e graduou-se com honra ao mérito. E fez mestrado em administração de empresas na Stanford. Bastante impressionante. — Era um dos motivos por que o professor teria adorado que ele saísse com Gabbie. Era inteligente, bem-educado e, uma vez tendo arrumado emprego, estava certo de que iria muito bem. Só precisava ser paciente. Ouvindo aquilo, Gabbie se deu conta novamente de como tivera sorte em encontrar um trabalho tão bom poucos dias depois de ter perdido o outro. Ainda pensava na cena com a garotinha no restaurante e sabia que sempre se sentiria bem por ter interferido em favor da criança. Talvez um dia aquilo fizesse Allison saber que, em algum lugar no mundo, havia pessoas capazes de gostar dela.

Naquela noite, Gabriella e o professor conversaram por algum tempo, mas a tosse dele parecia piorar, e então ela o deixou descansando e foi para o quarto escrever um pouco. Ficou surpresa ao encontrar ali um bilhete de Steve. Era cortês e bem escrito.

"Querida Gabbie, obrigado pelo incentivo. Neste momento estou precisando. Ando tendo muitos problemas familiares. Minha mãe está doente desde o ano passado, e perdemos meu pai no último inverno.

Um pouco de incentivo nos faria bem a todos. Não posso voltar para Des Moines agora. Assim, seria importante para mim que você fosse à missa comigo na noite de Natal. Senão, deixaremos para outra ocasião. Quem sabe até um jantar? (Sou um ótimo cozinheiro. Se a sra. Boslicki um dia me deixar usar a cozinha... Bife, espaguete, pizza... Você escolhe!). Cuide-se bem. Espero que esta época natalina termine tão bem como começou para você. Com certeza, você merece. Tudo de bom, Steve."

Gabriella leu com atenção e ficou emocionada com o que ele contava sobre a família. Estava claro que atravessava tempos difíceis, e Gabriella prometeu a si mesma que seria simpática com ele dali em diante. Não sabia por que a princípio desconfiara do *rapaz*. Ele lhe parecera muito dissimulado, esforçado demais e era exageradamente simpático. Entretanto, não se podia repelir alguém por querer ser agradável. Agora se sentia envergonhada por suas suspeitas e achou que talvez fosse à missa na noite de Natal, ao menos por ele. Talvez devesse isso a Joe e à madre Gregoria, para rezar por ambos. Este ano seria difícil, mas ela sobreviveria.

Gabriella deixou o bilhete de Steve sobre a cômoda, pegou o caderno e esqueceu-se dele. Não tornou a vê-lo até a véspera do Natal, quando, à tarde, lhe disse que adoraria acompanhá-lo à missa do galo. O *rapaz* pareceu extasiado e agradeceu-lhe profusamente a sua bondade, o que fez com que Gabriella se sentisse ainda pior em relação às coisas que dissera sobre Steve, e contou tudo ao professor Thomas quando foi lhe levar o jantar outra vez.

— Você deve mesmo se sentir culpada — brigou o professor com ela.— Steve é um bom *rapaz* e está passando por um período difícil. — Recebia um milhão de recados por dia, mas nunca conseguia emprego. O professor perguntava-se se o *rapaz* não estaria sonhando alto demais e aspirando ao cargo de diretor da General Motors. Mas, apesar do que Gabbie falara inicialmente sobre ele, não parecia arrogante, apenas desenvolto e relaxado.

Encontraram-se no vestíbulo às onze e meia, e Steve abriu a porta para ela ao saírem para a noite gelada. O chão estava coberto de gelo, e

todas as vezes em que falavam seu hálito condensava o ar. Não conversaram muito no caminho, pois o ar estava tão frio que parecia queimar seus pulmões cada vez que respiravam. O rosto de Gabriella ardia quando chegaram à igreja Santo André. Era uma igreja pequena, mas parecia que toda a paróquia tinha comparecido e levado amigos. Estava repleta.

Gabriella foi tomada por sensações familiares ao sentar-se num dos bancos ao lado de Steve. O incenso era forte, havia velas acesas por toda parte, e o cheiro dos galhos de pinheiros, vindo do altar, enchia o ar. Para Gabriella, era como voltar para casa, e ela se sentiu dominada por uma onda de dor e nostalgia. Ficou ajoelhada a maior parte do tempo, e, uma vez, quando Steve olhou para ela, viu que estava chorando. Não queria importuná-la, mas pousou a mão suavemente em seu ombro, apenas para que soubesse que ele estava ao seu lado, e então a retirou em seguida, não querendo que ela o achasse intrometido.

Naquela noite os cânticos foram especialmente bonitos, e Gabriella conhecia todos. A congregação inteira cantou Noite feliz, e ambos choraram quando o coro cantou Ave-maria. Os dois tinham lembranças dolorosas. Steve perdera o pai, a mãe estava doente, e ele não podia juntar-se a ela. Depois Gabriella foi a um dos altares laterais e acendeu três velas para a Virgem Santíssima: uma por madre Gregoria, uma por Joe, e outra pelo filho deles. Rezou pela alma de cada um dos três e estava calada quando deixaram a igreja. Steve esperou um pouco antes de falar qualquer coisa e então comentou como era difícil estar longe de casa e perder as pessoas amadas. Ela respirou fundo e continuou em silêncio, assentindo com a cabeça.

— Imagino que este também não tenha sido um ano fácil para você — observou ele. Era impossível ignorar o fato de que ela estivera chorando, embora ele não fizesse comentários a respeito.

— Não foi mesmo — admitiu ela, enquanto caminhavam para casa lado a lado. Steve tinha o cuidado de não aproximar-se demais dela, embora Gabriella tivesse sentido o toque suave de sua mão na igreja quando estava chorando.

— Perdi duas pessoas que amava muito este ano... e há uma terceira que não posso mais ver. A época em que me mudei para a pensão da sra. Boslicki foi muito difícil para mim. — Estava tentando lhe dizer que entendia os tempos difíceis que ele atravessava.

— Ela tem sido maravilhosa para mim — afirmou Steve, com gratidão.— A pobrezinha passa a metade do dia atendendo meus telefonemas.

— Tenho certeza de que ela não se importa — disse Gabriella. Estavam a um quarteirão de casa e, como se a ideia acabasse de lhe ocorrer, Steve perguntou- lhe se gostaria de tomar uma xícara de café. Já era uma hora da manhã, mas o café da esquina ainda estava aberto.

— Claro. Por que não? — concordou Gabriella, de imediato. Sabia que, se fosse para casa agora, ficaria pensando em Joe e acabaria chorando. Era noite de Natal, impossível não se sentir só. Talvez os dois precisassem de companhia. Ele também tinha suas dores e preocupações. Steve falou de sua infância em Des Moines e dos tempos em que frequentara a Yale e a Stanford, e também do quanto adorara a Califórnia. Entretanto, pensara que Nova York seria um lugar melhor para ele. Acreditara que encontraria melhores oportunidades de trabalho ali e estava preocupado, achando que tomara a decisão errada.

— Dê tempo ao tempo — sugeriu Gabriella, suavemente. Então Steve comentou que ouvira dizer que ela estivera num convento e Gabriella assentiu com a cabeça.

— Passei doze anos no convento de São Mateus. Era postulante. Mas saí por uma série de razões complicadas.

— Quase tudo na vida é complicado, não é? É uma pena que tenha de ser assim. Às vezes parece que nada pode ser fácil.

— Às vezes é mais fácil do que pensamos. Acho que somos nós que complicamos as coisas para nós mesmos. Pelo menos é o que estou começando a achar. As coisas podem ser mais fáceis, se deixarmos.

— Eu gostaria de acreditar nisso — replicou Steve, enquanto a garçonete lhes servia a terceira xícara de café. Já haviam passado para o descafeinado. Steve disse que fora noivo de uma garota que conhecera

na Yale e os dois tinham planejado o casamento para o dia 4 de julho do ano anterior. Duas semanas antes do casamento, ela havia morrido num acidente, quando estava indo ao seu encontro. Ele disse que aquilo mudou sua vida para sempre. Então decidiu confiar em Gabriella e, com lágrimas nos olhos, contou que tudo fora ainda pior porque a noiva estava grávida. O motivo do casamento não era esse; iriam se casar de qualquer forma. Só anteciparam a cerimônia em alguns meses, e ele estava muito feliz com o bebê. Ao ouvir aquela história, Gabbie olhou para ele, pasma. Era quase o oposto de Joe. Ela havia perdido Joe e o neném. Queria contar a Steve, mas não teve coragem. A história de amor entre um padre e uma postulante ainda era mais do que a maioria das pessoas podia conceber. Não confiara aquele segredo nem mesmo ao professor Thomas.

— Eu me senti da mesma maneira quando Joe morreu — admitiu ela.— Estávamos pensando em nos casar, mas tínhamos muitas coisas para resolver.— Então, com os imensos olhos tristes, olhou para ele e decidiu aliviar-se ao menos de um de seus fardos. — Ele se suicidou em setembro.

— Ah, meu Deus... ah, Gabbie... que horror. — Sem pensar, Steve estendeu a mão e tocou a dela, e Gabriella não o recebeu. — Revendo tudo agora — e só haviam se passado três meses —, não sei como consegui sobreviver. Todos acharam que era minha culpa, e eu também. Jamais serei capaz de me convencer do contrário — falou, tristemente. Era mais uma culpa que viera se somar a todas as outras, mas esta era, de longe, a pior delas.

— Você não pode se culpar. Quando uma pessoa faz uma coisa dessas, há várias razões. Geralmente ela está sob muita pressão. E não consegue mais ver as coisas com clareza.

— Foi mais ou menos o que aconteceu. A mãe de Joe se suicidou quando ele estava com quatorze anos e acho que ele se culpou por isso. O irmão mais velho morreu aos nove anos, quando Joe tinha sete, e ele também se sentiu responsável. Mas não posso me absolver por completo. No fundo, ele se matou por minha causa. Não acreditou que pudesse corresponder às minhas expectativas.

— É uma coisa dura demais para se impor a alguém. — Não lhe parecia justo culpá-la por aquilo, mas não queria falar nada a respeito. Ela passara por maus pedaços; ambos passaram.

Ao voltarem para a pensão, Steve colocou o braço carinhosamente em seu ombro, e Gabriella não se opôs. Era noite de Natal, e eles haviam trocado muitas confidências. Era incrível o quanto tinham em comum. Ele se despediu dela na escada. Não queria que Gabriella se sentisse pressionada e acenou para ela ao entrar no próprio quarto. Naquela noite, ela pensou em Steve durante um tempo. Era um bom *rapaz* e passara por muitos dos tormentos por que ela mesma passara. Entretanto, como ainda fazia com frequência, sentou-se na cama e chorou ao reler a carta de Joe. Se ao menos pudesse ter falado com ele, tudo teria sido diferente. Talvez não precisasse estar sozinha nessa noite, dividindo suas mágoas com um estranho e dizendo a ele o quanto ela e Joe tinham se amado. Ainda parecia tão injusto, tão errado que ele tivesse feito aquilo. Porém, Gabriella não se sentia mais zangada. Tinha superado a raiva e agora só sentia tristeza. E quando dormiu naquela noite, sonhou com ele, ainda esperando por ela no jardim do convento.

CAPÍTULO 19

No dia de Natal, a sra. Boslicki preparou um peru para todos, e, dessa vez, Steve também estava presente. Ele contou histórias engraçadas e fez com que as pessoas rissem. Depois, todos trocaram pequenos presentes. No dia anterior, Gabriella saíra e comprara uma loção pós-barba para Steve, constrangida por não ter um presente para ele, e o *rapaz* disse ter adorado. Falou que a sua acabara havia pouco e que não estava em condições de comprar outra. O professor Thomas adorou os livros que ela lhe deu. Nem pôde acreditar que ela os tivesse encontrado, e Gabriella contou que fora assim que arranajara o novo emprego, procurando um presente para ele. Tudo parecia bastante providencial, assim como seu encontro com Steve. Os dois passaram muito tempo conversando naquela noite. O professor percebeu e ficou satisfeito, embora Gabriella tivesse conversado por muito tempo com ele também. Como sempre, ele a venceu no dominó e, depois da primeira partida, o professor convidou Steve para entrar no jogo. Gabriella estava preocupada com o fato de o professor não parecer bem.

Ainda estava gripado e permanecia com a mesma tosse havia semanas. A sra. Boslicki fez com que tomasse chá com mel e limão, e ele acrescentou uma dose de conhaque, oferecendo um copo deste último a Steve, que aceitou, agradecido. O *rapaz* disse que, não fosse por eles todos, este teria sido o pior Natal de sua vida, mas, graças a eles, não tinha sido assim. E olhou especialmente para Gabriella enquanto falava. Naquela noite, acompanhou-a até o quarto e, por algum tempo, hesitou à porta. Havia presenteado Gabriella com um bonito caderno de capa de couro, que devia ter sido muito caro, sabia ela. Mas Steve dera presentes encantadores a todos e, para o professor, um cachecol bem quentinho.

— Estou começando a vê-los como minha família — disse ele, e Gabriella entendeu perfeitamente. Sentia-se da mesma maneira em relação a todos na pensão. Conversaram sobre o emprego novo dela e

seus textos, mantendo-se longe dos assuntos do passado. Tinham muita coisa para enfrentar no presente, sem precisar daquilo também. No entanto, naquela noite, no jantar, Gabriella tinha sentido saudades de todas as freiras do convento. E apanhou-se pensando que adoraria ter uma fotografia de Joe para que pudesse contemplar.

Não haviam tirado nenhuma foto juntos, e agora tudo o que lhe restava eram meras lembranças. Estava sempre apavorada com a possibilidade de esquecer como era o seu rosto exatamente, os olhos e o modo singular como sorria. Pegou-se recordando o jogo de beisebol que ele organizara no feriado de Quatro de Julho e riu, lembrando-se de algo que ele dissera. Ainda era obcecada por ele, e Steve percebeu isso. Não queria forçá-la, mas adorava estar com ela e tocou-lhe suavemente o rosto antes de ir embora. Depois, ela ficou preocupada com aquele gesto. Ainda era cedo demais para envolver-se com alguém. Não sabia se um dia isso viria a acontecer, e Steve era muito diferente de Joe. Estava tão integrado ao mundo; era um homem de negócios, sem a mesma ingenuidade e inocência de Joe, e tampouco a mesma magia. Mas era um bom *rapaz*, estava vivo, ao seu lado, o que não ocorria com Joe. Joe a abandonara. Tinha escapado pelo caminho mais fácil porque não era corajoso o suficiente para lutar por ela. Também não havia como negar essa verdade agora.

No dia seguinte ao Natal, Steve subiu as escadas e bateu à sua porta. Tinha saído para dar uma volta e trouxera uma xícara de chocolate quente para ela. Agora Gabriella estava sempre impressionada com o fato de ele ser tão atencioso, e Steve admirou-se quando viu que ela estava escrevendo.

— Posso ler alguma coisa que você escreveu? — perguntou ele, um pouco reverente. Gabriella entregou-lhe algumas de suas histórias. Ele pareceu imensamente surpreso, o que a deixou feliz.

Sentaram-se e conversaram por muito tempo, e depois saíram para dar uma volta. Continuava a fazer muito frio, e parecia que ia nevar naquela noite. Pela manhã, quando todos acordaram, a cidade estava coberta de neve, e ela e Steve saíram e jogaram bolas de neve um no outro, como crianças. Ele disse que aquilo o fazia lembrar de sua

infância, e Gabriella nada falou sobre a sua infância. Não se sentia pronta para dividir aquilo. Mas eles se divertiram e, mais tarde, quando entraram na casa, ele admitiu o quanto estava preocupado com sua situação financeira. Estava mandando dinheiro para casa, a fim de ajudar a mãe, e, se não encontrasse logo um emprego, provavelmente teria de voltar para Des Moines ou ao menos sair da pensão e procurar um quarto mais barato, talvez numa das áreas mais perigosas do West Side. Aquilo pareceu horrível a Gabriella. Não queria deixá-lo constrangido e não fazia ideia de como abordar o assunto, mas, com o cheque da The New Yorker, teria um extra nas suas economias. Poderia tranquilamente lhe emprestar o dinheiro até que as coisas melhorassem para ele. E, depois de várias tentativas constrangidas, ela finalmente fez a oferta, e ele tinha os olhos cheios de lágrimas ao agradecer.

Gabriella se ofereceu para pagar o aluguel de janeiro para ele. O valor do aluguel do quarto dele era quase igual ao do dela, e ele poderia considerar como um empréstimo. Steve lhe pagaria quando pudesse. Ela tinha um emprego, estava bem e sabia economizar seu dinheiro.

No dia seguinte, Gabbie entregou o dinheiro do aluguel de Steve à sra. Boslicki e, ao recebê-lo, a mulher levantou uma sobrancelha.

— E então? Você é quem o está sustentando agora? Como é que o pobrezinho foi dar tanta sorte? — Não queria ninguém tirando vantagem de Gabriella, nem mesmo um garoto simpático como Steve Porter. Afinal de contas, comentou mais tarde com a sra. Rosenstein, o que sabiam sobre ele? Só que recebia um monte de telefonemas. Mas Gabbie lhe disse que era apenas um empréstimo e somente por aquela vez.

— Assim espero — retrucou a sra. Boslicki, indo guardar o dinheiro. Gostava de receber o aluguel, mas queria recebê-lo de quem lhe devia.

No dia seguinte, Gabbie falou com o professor Thomas sobre Steve e contou o que havia feito. O professor não pareceu desaproveitar. Achava que Gabbie podia confiar nele e parecia feliz em ver que os dois estavam ficando amigos. Na véspera do Ano-Novo, Steve a convidou

para ir ao cinema. Era a primeira vez, desde a sua infância, que Gabriella passava aquela data fora do convento e estava um pouco hesitante, mas ele só parecia querer sua companhia. Foram assistir ao novo filme de James Bond e ambos acharam-no divertido. Depois, comeram cachorro quente e chegaram a casa a tempo de ver pela televisão da sala de estar a bola iluminada descer sobre a Times Square.

Gabriella ficou aliviada quando, à meia-noite, ele não fez nenhum movimento no sentido de beijá-la. Em vez disso, falou sobre a noiva, enquanto ela pensava em Joe, e a acompanhou sem pressa até o quarto, feliz por estar em sua companhia. Então, quando estavam parados no vão da porta, olhou para ela e, sem dizer uma palavra, puxou-a para si. Gabriella podia tê-lo interrompido, e era o que queria fazer, mas havia qualquer coisa de tão irresistível no modo como a fitava, que ela sabia não querer de fato fazê-lo parar, enquanto a beijava. Ela tentou tirar Joe da cabeça e ficou constrangida ao se dar conta do fervor com que retribuía a paixão de Steve. Ele estava ficando excitado só em abraçá-la.

Beijaram-se novamente, e Gabbie sentiu-se arrebatada, quando ele entrou com ela no quarto e trancou a porta. Havia algo de quase hipnótico nele. Gabriella sentiu a mão de Steve abrir sua blusa e tocá-la e, com grande dificuldade, conseguiu fazê-lo parar.

— Acho que não devíamos fazer isso — sussurrou ela, com a voz rouca.

— Nem eu — sussurrou ele em resposta —, mas não consigo parar. — Parecia muito pueril, atraente e era muito mais ardente do que ela imaginara. Então ele a beijou de novo, e de repente Gabriella percebeu que o desejava. Desabotoou a camisa dele, enquanto Steve abria o seu sutiã, acariciava seus seios e inclinava-se para beijar-lhe os mamilos.

Ela queria mandá-lo parar, mas descobriu que não podia. E quando finalmente conseguiu afastar-se dele, os dois estavam quase nus, ofegantes de desejo, e Gabriella parecia preocupada e assustada.

— Steve, não quero fazer nada de que possamos nos arrepender — disse, por fim, sabendo que, se não o interrompesse agora, jamais o

faria. Ambos eram adultos, não tinham a quem dar satisfações, haviam perdido pessoas que amavam muito, ainda estavam sensíveis emocionalmente e com os nervos à flor da pele.

— Não acho que possa me arrepender de nada que fizer com você — murmurou ele. — Gabbie, eu te amo. Mas ela não podia responder o mesmo porque não o amava. Ainda estava apaixonada por Joe, mas as mãos de Steve pareciam capazes de operar mil maravilhas. Queria que ele fosse embora e ao mesmo tempo não queria. Queria ficar com ele, deitar-se com ele e não se sentir só, ao menos nessa vez. Era véspera de Ano-Novo e, pelo menos hoje, não queria pensar em nada além do presente.

— Gabbie, deixe eu ficar com você. Não quero ir para o meu quarto. É tão solitário lá... Prometo que não faço nada que você não queira. Só quero ficar aqui.

Ela hesitou, enquanto o fitava, mas sentia o mesmo que ele. Não desejava estar sozinha com suas lembranças e poderiam ficar juntos sem fazer nada de que pudessem se arrepender mais tarde. Os dois eram fortes o bastante para fazer isso. Finalmente ela balançou a cabeça, concordando, e deitou-se na cama com ele, ainda de blusa e meia. Steve estava de camisa e cueca, e os dois ficaram abraçados, lado a lado, debaixo das cobertas. Ele lhe parecia muito diferente. Não era tão atlético quanto Joe, e ela não o amava, mas era um homem bom, e ela se perguntou se acabaria se apaixonando por ele. Era uma possibilidade, com certeza. E enquanto Steve acariciava-lhe os cabelos e sussurrava em seu ouvido, Gabbie sentiu-se segura, o que significava muito para ela. Ambos eram muito solitários. Cochicharam no escuro durante muito tempo e, por fim, ela começou a pegar no sono em seus braços. Era tão aconchegante ficar ali com ele.

— Feliz Ano-Novo, Steve — sussurrou, sonolenta, e um instante depois já estava quase dormindo, quando de repente o sentiu. Estava deitado ao seu lado, como antes, mas havia perdido a cueca em algum lugar, tirado a camisa e delicadamente abaixava a calcinha dela. Gabriella já estava sem as meias e não sabia se queria resistir.

Steve a tocou com delicadeza, e, sem querer, ela gemeu na escuridão. Ele era sensual, experiente e despertou nela um ardor que nem mesmo Joe, com toda a sua inocência, conseguira provocar. A paixão deles havia sido a de dois corações, duas almas completamente entregues uma à outra, sem reservas. E o que agora começava a experimentar com Steve era bem diferente. Era uma paixão de uma natureza sexual da mais elevada ordem, e o que ele provocava nela a teria assustado se ele não fosse tão bom no que fazia. Steve beijava, tocava e acariciava, levando-a lentamente a um frenesi. Agora não o teria interrompido por nada neste mundo. Na verdade, teria implorado para que não parasse. As roupas formaram uma pilha no chão, e ele tocava o corpo de Gabriella como uma harpa, à medida que ela arqueava as costas, gemendo, ansiando por tê-lo dentro de si. Finalmente, com uma lentidão agonizante, ele lhe deu tudo o que desejava. Gabriella foi arrebatada e levada à loucura por ele, que a fez gozar repetidamente, até que ela por fim implorou para que parasse. Não aguentava mais. Depois, foram, sorrateiros, para debaixo do chuveiro, onde se amaram outra vez. Em seguida, Steve a deitou no chão do banheiro, ainda completamente molhados, e a possuiu com uma energia e uma sensualidade renovada que a surpreenderam, deixando-a ofegante e exaurida. Gabriella nunca experimentara nada parecido com Joe e suspeitava que aquilo não voltaria a acontecer, mas essa era uma noite da qual não se esqueceria. E quando voltaram para a cama, e ele finalmente a puxou para si, abraçando-a colada a ele, seus corpos saciados e exaustos, ela dormiu como uma criança.

CAPÍTULO 20

O romance iniciado na véspera do Ano-Novo por Steve e Gabriella foi novamente consumado na manhã seguinte, antes de se levantarem, e várias vezes naquela tarde. Alguns dias depois de começado o envolvimento, parecia que agora isso era tudo o que faziam. Os dois eram educados e discretos quando estavam no primeiro andar, com os outros hóspedes da sra. Boslicki, e, no instante em que podiam escapar, subiam apressados, separadamente, encontravam-se no quarto dela e faziam amor. Amavam-se todos os dias e em todos os lugares em que podiam, e ele ensinou coisas a Gabriella que ela jamais experimentara ou imaginara. Era tudo tão diferente do amor puro e doce que tinha vivido com Joe Connors. O que compartilhava com Steve era muito poderoso e extremamente compulsivo. Precisava obrigar-se a sair da cama e deixá-lo a fim de ir trabalhar todas as manhãs.

Gabriella tinha começado no novo emprego no dia seguinte ao Ano-Novo, como previsto, e estava adorando trabalhar lá. A livraria era tudo com o que sonhara. E as noites ela passava com Steve, deleitando-se com o feitiço que ele lançara sobre ela. Quando não estavam na cama, conversavam, riam, caçoavam um do outro e, na maioria das vezes, nem se davam ao trabalho de jantar. Em vez disso, devoravam um ao outro e viviam de batatas fritas e biscoitos.

— Eu não tenho mesmo como pagar o seu jantar — provocava ele, mas sempre que se forçavam a sair da cama, ela pagava a conta. Sabia que um dia as coisas mudariam, e Steve devolveria o dinheiro que ela pagara à sra. Boslicki pelo aluguel de janeiro. No momento, ele simplesmente não o tinha. No dia 1º de fevereiro ele falou sobre mudar-se dali, e ela detestou a ideia de vê-lo indo embora. Assim, pagou o aluguel de fevereiro também, só que dessa vez entregou o dinheiro a ele para que ninguém soubesse que era ela quem pagava. O professor Thomas estava contente em ver que ela gostava de Steve. Ainda tinha o rapaz em alta conta e sempre falava de como era instruído, mas Gabriella sabia que alguns dos outros hóspedes tinham começado a

desconfiar do romance e já não se mostravam tão entusiásticos assim. Steve estava sem trabalhar havia quatro meses, e as pessoas já começavam a fazer comentários.

Ele ainda recebia muitos telefonemas todos os dias, mas nenhuma de suas cartadas parecia dar resultados, apesar de sua boa aparência, inteligência e do elegante guarda-roupa. Simplesmente não havia empregos para homens com suas qualificações, ao menos é o que dizia a Gabriella e esta acreditava. Falava que as pessoas ficavam nervosas com ele porque pensavam que era mais qualificado do que o necessário e que algumas simplesmente tinham inveja, e ela podia entender. Ele tinha muito a oferecer.

Gabriella vinha escrevendo menos, e o professor repreendeu-a. Quando a *The New Yorker* publicou seu conto em março, ele lembrou a ela que já estava na hora de escrever outro. Disse que deveria malhar o ferro enquanto este estava quente. Mas o único calor que ela desejava agora era o do corpo de Steve. Estava descobrindo com ele um mundo mais excitante do que qualquer coisa com que já tivesse sonhado, e muito inebriante. O único fato triste em sua vida era que o professor não vinha se sentindo bem desde o Natal. A sra. Rosenstein insistia com ele para que fizesse alguns exames, mas o professor sempre respondia que detestava médicos, dizendo que estes inventavam problemas onde não havia nenhum. Gabriella sentia-se inclinada a concordar com ele.

Entretanto, não havia como negar que sua aparência não estava nada boa, e ele ainda tossia constantemente. Era uma tosse forte e debilitante, e, mesmo que não estivesse envolvida com Steve, o professor não estaria em condições de levá-la para jantar. Sentia-se feliz por Gabbie estar ocupada com Steve. Havia meses ela não parecia tão bem. Estava desabrochando com a atenção dispensada pelo rapaz.

Steve ia visitá-la às vezes no trabalho e suas conversas com Ian eram sempre interessantes. Os dois pareciam gostar um do outro, o que também deixava Gabbie satisfeita, e, em mais de uma ocasião, foram jantar com Ian e a namorada. Como sempre, Gabriella tinha de emprestar dinheiro a Steve. Ele não tinha absolutamente nenhum. Sua conta bancária estava zerada havia três meses, e o único dinheiro que

possuía era o que Gabbie lhe emprestava. Na verdade, ela o estava sustentando com o salário que recebia na livraria, o que implicava privações para ela, mas parecia um sacrifício pequeno se era para ajudá-lo. Ele mostrava-se sempre tão grato e retribuía tomando conta de Gabriella, sendo gentil com ela, levando sua roupa para a lavanderia quando ela estava no trabalho e muito frequentemente fazendo amor com ela durante várias horas no momento em que ela botava os pés no quarto. Às vezes ela já o encontrava esperando na cama, nu. E não queria lhe dizer que estava cansada, que o dia fora exaustivo ou que simplesmente não estava com vontade. Steve adorava satisfazê-la, era a única coisa que podia lhe oferecer, e era mais que generoso em relação ao próprio corpo. Foi só em maio que ela se deu conta de que ele não mais lhe falava das entrevistas ou empresas para as quais telefonara. Parecia ter desistido de procurar emprego e já não se sentia mais tão constrangido em pedir-lhe dinheiro. E também não dizia mais tratar-se de um empréstimo.

A única coisa que a incomodava é que ocorrera uma mudança sutil no relacionamento dos dois, e ele parecia já esperar por aquilo. Mais de uma vez Gabriella o encontrou mexendo em sua bolsa e pegando o que encontrasse ali. Depois disso, ela se viu começando a esconder dinheiro dele. Nunca dizia quando recebia. No dia 1º de junho, percebeu que fazia seis meses que vinha pagando o aluguel de Steve na pensão da sra. Boslicki, e então perguntou a ele o que achava de abrir mão do seu quarto. Dos dois, Gabbie preferia o seu, embora o dele fosse mais barato. Steve, porém, não se entusiasmou com a sugestão.

— Acho que seria constrangedor — disse ele, orgulhoso. Todos iriam saber que você está me sustentando. Além do mais, não seria bom para a sua reputação. Mas pagar o aluguel dos dois quartos todos os meses estava arruinando seu orçamento. O salário, que, embora não fosse muito, seria adequado para ela, via-se radicalmente reduzido com o pagamento do aluguel de Steve, com os táxis que este tomava para ir às entrevistas e com suas contas diárias de restaurante. Gabriella estava pronta a sugerir que ele procurasse um emprego de garçom, como ela fizera. Mas, quando tentou levantar o assunto, depois de pagar mais

uma vez seu aluguel e não ter dinheiro para ir pegar as próprias roupas na lavanderia, Steve ficou furioso com ela.

— Você está me chamando de gigolô? — acusou-a, numa discussão acalorada que tiveram no quarto de Gabriella. Esta sentiu-se mortificada por ele pensar aquilo.

— Eu não falei nada disso. Só estou dizendo que não tenho condições de sustentar você. — Gabriella nunca lidara com esse assunto antes; para ela, era território desconhecido, do qual não estava gostando. Fazia com que se sentisse um monstro. Steve parecia achar que ela lhe devia algo e ofendia-se facilmente.

— É isso o que você acha que está fazendo? — gritou com ela, bastante magoado. — Que está me sustentando? Como é que você ousa? — Mas era o que ela estava fazendo, independente de como ele quisesse se referir à situação. — Você só está me adiantando algum dinheiro, Gabriella.

— Eu sei, Steve... Me desculpe. É só que... Não está dando. O que eu ganho não é o suficiente. Acho que você precisa arrumar algum tipo de emprego agora.

— Eu não frequentei a Yale e a Stanford para aprender a servir mesas.

— Nem eu, e eu estudei na Columbia, que também é uma boa universidade. Mas eu precisava comer quando saí do convento.

E ele também, só que tinha Gabriella para pagar suas contas. E Steve a fazia sentir-se culpada todas as vezes em que o assunto surgia. Assim, ela acabou parando de discutir a questão com ele e decidiu tentar escrever algumas histórias. Dessa vez, porém, todas foram rejeitadas.

No dia em que a última recusa chegou, ela encontrou Steve saqueando sua bolsa mais uma vez. Quando Gabriella voltou do banheiro, ele estava com a maior parte do seu salário nas mãos.

— O que você vai fazer com isso? — perguntou ela, em pânico. — Ainda não paguei nosso aluguel.

— Ela pode esperar. Ela confia em nós. Estou devendo dinheiro a uma pessoa.

— Por quê? A quem? — questionou Gabriella, à beira das lágrimas. Ele estava criando uma situação que ela não podia controlar, e Gabriella não tinha mais outros recursos a que recorrer. Aquela situação estava se transformando rapidamente num pesadelo, e agora, quando tentava argumentar com Steve, ele se tornava hostil, provavelmente porque se sentia constrangido, explicava ela a si mesma. Entretanto, suas respostas haviam se tornado vagas e dessa vez ele disse apenas: "Umas pessoas."

— Que pessoas? — perguntou Gabriella. Ele não conhecia ninguém em Nova York. Por outro lado, para uma pessoa que não conhecia ninguém, ele certamente recebia muitos telefonemas. Havia meses a sra. Boslicki vinha reclamando que parecia estar operando uma mesa telefônica. Gabriella se deu conta de que havia muitas coisas a respeito dele que ela não sabia, e ele não se mostrava muito inclinado a dividir seus segredos.

— Estou farto de suas perguntas — gritava Steve, colérico, quando ela o pressionava.

Agora tinha dado para sair impetuosamente do quarto, batendo a porta e desaparecendo. Às vezes sumia durante horas, e ela não tinha ideia de onde havia ido, mas sempre conseguia fazer com que ela se culpasse pelos seus desaparecimentos. Steve era bom nisso, e esse era um papel que Gabriella havia desempenhado durante toda a sua vida. Estava sempre disposta a culpar a si mesma e aceitar a inocência dos outros. E sabia que ele se encontrava sob uma enorme pressão. Fazia oito meses que estava em Nova York e sentia-se humilhado por não trabalhar; pelo menos era o que dizia a ela. E, quando conversava com o professor Thomas sobre o assunto, Gabriella sentia-se desleal a Steve e o professor sempre dizia para ser paciente. Steve não poderia ficar sem trabalho por muito mais tempo.

— Eu o contrataria imediatamente se viesse me pedir emprego. Acredite, alguém vai fazer isso.

Gabbie detestava aborrecê-lo com seus problemas. Desde o inverno anterior a saúde do professor vinha piorando. Começava a aparentar a idade que tinha e estava muito fraco. E, naquela primavera, descobriram que a sra. Rosenstein estava com câncer. Todos tinham seus problemas. E os de Gabriella, em comparação, pareciam pequenos. Sabia que seus conflitos com Steve acabariam no instante em que ele encontrasse trabalho. Mas, em julho, ela descobriu que ele estava roubando seus cheques e falsificando sua assinatura. A essa altura, havia descontado vários e o gerente do seu banco estava indo à loucura. Steve passara cheques sem fundos por toda a cidade, e ambos ficaram sem dinheiro pelo resto do mês. Uma semana depois, a sra. Boslicki recebeu três ligações da Divisão de Condicional de Kentucky. Sem saber o que fazer, foi falar com o professor. Mas ele tinha certeza de que havia uma explicação razoável para aquilo e disse a ela que não entrasse em pânico.

Entretanto, por uma série de estranhas coincidências, o professor abriu por engano algumas cartas de Steve em seguida e descobriu que o *rapaz* vinha usando vários outros nomes, descontando cheques por toda parte e que se encontrava sob livramento condicional, tanto em Kentucky quanto na Califórnia, por falsificação. Então o professor Thomas fez uma série de ligações telefônicas e o que descobriu não foi uma história bonita. Steve Porter não era nada do que dizia ser. Não havia estudado nem na Yale nem na Escola de Administração da Stanford, e nem mesmo seu nome era Steve Porter. Era Steve Johnson e John Stevens, assim como Michael Houston. Possuía uma profusão de nomes e identidades, e uma ficha policial tão longa quanto as histórias que inventava. Tinha vindo para Nova York sob condicional, não de Des Moines, mas do Texas. E o professor sentiu-se arrasado por ter se enganado tanto em relação a ele e incentivado Gabriella a sair com aquele monstro.

O professor Thomas não fazia ideia do que dizer a ela, mas depois de muita reflexão e ansiedade decidiu-se por confrontar Steve e propor que deixasse a cidade imediatamente; caso contrário, então o desmascararia. Parecia um plano simples e, em troca de sua partida rápida, o professor concordaria em nada revelar a Gabriella. Não queria

que ela soubesse que fora usada descaradamente e que o homem que imaginava estar tão apaixonado por ela era um vigarista e mentiroso. Depois de todo o sofrimento por que ela tinha passado na vida, o professor achava que Steve poderia ao menos lhe dar isso.

Esperou por ele na sala de estar, e quando o ouviu chegar, levantou-se e foi ao seu encontro. O professor vestia uma camisa limpa e seu melhor terno, e tossia sem parar, mas queria que esse fosse um encontro entre dois homens sensatos, uma espécie de acordo entre cavalheiros para proteger Gabriella. Não tinha a menor dúvida de que Steve concordaria. Porém, no instante em que Steve entrou, ele soube que haveria problemas. O *rapaz* parecia estar de mau humor, e o professor acertadamente suspeitou de que tivesse bebido. Havia feito uma transação no Lower East Side que envolvia a compra de um pouco de maconha que desejava revender, mas o negócio dera errado. Fora roubado pelo traficante, desperdiçando assim o resto do dinheiro de Gabriella.

— Steve, eu gostaria de falar com você por um instante — disse o professor educadamente, e Steve quase rosnou ao passar por ele. Seus modos já não eram tão magnânimos.

— Agora não, professor, preciso tratar de umas coisas. Queria vasculhar o quarto de Gabriella. Às vezes, ela escondia o dinheiro, mas ele já conhecia todos os seus esconderijos. Queria chegar lá antes dela.

— É importante, Steve — disse o professor, com ar severo. Era uma expressão que costumava deixar os alunos apavorados, mas Steve os excedia, e mesmo ao próprio professor.

— O que é? — Steve virou-se e olhou para o velho professor, que lhe entregou uma pilha de cartas. Eram os documentos acusatórios que o professor utilizara para dar início a suas investigações. E tinha ido fundo. Telefonara para a Stanford e a Yale, além do Departamento de Correção de quatro estados. Estava de posse das provas incriminatórias de Steve Porter e, olhando para as cartas que o professor lhe entregava, Steve entendeu tudo. E não gostou. — Onde conseguiu isto? — Avançou vagarosamente em direção ao professor, mas este não parecia nem um pouco assustado.

— Vieram para mim por engano e eu as abri na maior inocência. Mas acho que nós dois preferimos que Gabriella não as veja.

— Não sei se estou entendendo — disse Steve, de maneira clara. — Está pretendendo me chantagear, professor?

— Não, estou pedindo que vá embora para que eu não precise contar a ela. Todos os outros hóspedes estavam fora. Até a sra. Boslicki tinha ido ao médico. Os dois estavam sozinhos, e Steve sabia disso.

— E se eu não for? — Fitava o professor através dos olhos estreitados. Mas o professor sabia que tinha as cartas da vitória.

— Desmascaro você. É simples assim.

— É? — perguntou Steve, dando um leve empurrão no professor, que recuou, cambaleando, mas rapidamente recuperou o equilíbrio.

— Você me desmascara? Acho que não. Eu acho é que você não vai dizer nada a Gabriella, meu amigo, ou poderá sofrer um grave acidente na próxima vez em que for atravessar a rua. E imagino que nem você nem Gabriella gostariam disso. Sabe, uma destas coisinhas desagradáveis que acabam num quadril quebrado, num cérebro esmagado ou num atropelamento seguido de fuga. Tenho amigos bastante eficientes aqui.

— Você é um canalha sem-vergonha! — exclamou o professor, enfurecido. Steve era um sujeito iníquo e havia tirado vantagem da bondade e da ingenuidade de Gabriella. Só de pensar nisso o professor sentia-se mal.

— Ela foi boa para você. Não merece isso. Você já tirou tudo o que podia dela. Por que não a deixa em paz agora?

— E por que deveria? — perguntou Steve, malicioso. — Ela me ama.

— Ela nem mesmo o conhece, sr. Johnson, sr. Stevens... sr. Houston. Quem diabos é você além de um aproveitador de quinta categoria, um vigarista que explora mulheres? Você não é nada.

— Funciona para mim, vovô. Você não vê eu me acabando de nove às cinco, vê? É um ótimo emprego, quando se consegue.

— Seu merda nojento! — disse o professor, avançando para cima dele, mas era o mesmo que encarar uma naja.

Steve era perigoso demais para que o professor pudesse intimidá-lo, mas ele ainda não sabia disso. Acreditava que pudesse intimidá-lo e obrigá-lo a ir embora, o que era um erro fatal. Sem dizer uma palavra, Steve saltou para a frente e deu um empurrão violento no professor, arremessando-o para trás até que ele tropeçou e bateu com o lado da cabeça na mesa. Ao cair, havia sangue em sua têmpora. Quando Steve se curvou e o puxou pelo colarinho, o professor sentia-se totalmente atordoado.

— Se um dia me ameaçar de novo, seu velho patético, eu mato você, ouviu?

Mas, ante a sua própria raiva, o professor teve um acesso violento de tosse e, de repente, estava lutando desesperadamente para respirar, enquanto Steve continuava segurando-o, sufocando-o ao puxar o colarinho. O professor tentava, aflito, recuperar o fôlego, mas não conseguia; e então ali, suspenso no ar, seu rosto sofreu um espasmo. Era exatamente o que Steve queria, enquanto continuava a segurá-lo. Um ataque cardíaco teria servido perfeitamente a seus objetivos. Em vez disso, porém, algo ainda pior parecia estar acontecendo à medida que o professor sufocava e tartamudeava. E então perdeu a consciência nas mãos de Steve, que o deixou tombar no chão, ficando ali caído, aparentemente sem vida. Em seguida, Steve endireitou a mesa, percorreu a sala devagar, certificando-se de que tudo estava em ordem, e muito lentamente ligou para a telefonista. Quando a mulher atendeu, ele explicou freneticamente que um hóspede idoso da pensão onde morava estava inconsciente no chão, e ela prometeu que uma ambulância estaria lá em cinco minutos.

Steve recolheu as cartas comprometedoras do chão e as enfiou no bolso. Quando a ambulância chegou, disse aos paramédicos que encontrara o professor no chão e que este parecia ter batido a cabeça na mesa. Mas eles puderam ver quase de imediato que o caso era mais grave. O problema que notaram era muito provavelmente a *razão* da queda, não o contrário. Acenderam uma pequena lanterna diante de

seus olhos, verificaram os sinais vitais e colocaram-no numa maca, sem perder tempo discutindo detalhes com Steve.

— Ele vai ficar bem? — gritou Steve quando já saíam. — O que ele tem?

— Parece ter sofrido um derrame — gritaram de volta, e dois minutos depois tinham partido, com a sirene berrando, estridente. Steve tornou a entrar na casa com um sorriso no rosto e fechou a porta.

CAPÍTULO 21

Gabriella estava guardando uma pilha de livros novos quando o telefone tocou na livraria. Ian tinha saído para comprar o almoço, e ela desceu a escada correndo para atender. Ainda pensava nos livros que estivera olhando quando ouviu a voz de Steve e percebeu imediatamente que alguma coisa havia acontecido. Estava agitado e quase chorando.

— Algum problema? — Sua voz nunca tinha lhe parecido tão perturbada. As coisas entre eles andavam um pouco tensas ultimamente. Ambos estavam chateados por ele ainda não ter arrumado emprego. Gabriella não queria que Steve pensasse que o estava pressionando, mas ter de cobrir a despesa dos dois com o que ganhava a deixava sempre preocupada.

— O que foi?

— Ah... ah, meu Deus, Gabbie, não sei como lhe dizer... — Ele sabia o quanto ela adorava o professor, e uma pontada de terror atravessou o coração de Gabriella ao ouvir aquelas palavras. Não podia nem imaginar o que estava tentando lhe contar. — Foi o professor.

— Ah, meu Deus, Steve... diga logo...

— Cheguei em casa e o encontrei caído na sala de estar... parecia ter batido a cabeça... tinha sangue do lado, e ele estava caído perto de uma mesa. Não sei se ficou tonto e caiu, ou se tropeçou.

— Ele estava consciente? — perguntou Gabriella, ofegante... ou ainda pior, estava morto? Não conseguia nem mesmo pensar nisso.

— Não exatamente. Disse algumas coisas incoerentes quando o encontrei e depois desmaiou. Liguei para a telefonista imediatamente para que mandasse uma ambulância. Os paramédicos acham que ele deve ter sofrido um ataque cardíaco ou um derrame. Não sabiam ao certo. Acabaram de sair daqui. Liguei para você no minuto em que a ambulância se foi. Ele foi levado para o Hospital Municipal, no centro. Era um grande hospital público, e Gabbie não tinha certeza se ele seria

bem atendido lá. Havia meses ela, a sra. Boslicki e a sra. Rosenstein vinham implorando para que ele fosse fazer uns exames. Sua saúde vinha piorando desde o inverno anterior. Eles nunca mais haviam saído juntos, e o professor mal tinha condições de sair de casa, mesmo para caminhadas curtas. E a tosse debilitante persistia.

— Disseram que ligariam para nós assim que soubessem de alguma coisa. Vou ficar esperando aqui ao lado do telefone — disse Steve, prestativo, e Gabbie sentiu-se imediatamente grata por ele ter-lhe telefonado.

— Graças a Deus que você estava com ele ou que pelo menos o encontrou. Vou para lá assim que Ian chegar. Ele só saiu para buscar nosso almoço.

— Tudo o que queria era pegar a bolsa e sair dali, mas não fecharia a loja enquanto Ian estivesse na *delicatessen*, sem avisá-lo do que havia acontecido.

— Talvez seja melhor você esperar que eles liguem — sugeriu Steve, mas ela não lhe deu ouvidos. Não poderia ficar longe dele. O professor era a única família que tinha e queria estar ao seu lado.

— Eu não conseguiria ficar esperando o telefone tocar — disse Gabriella, ansiosa. — Vou para lá no minuto em que Ian chegar. — Ao dizer estas palavras, viu o gerente entrar e acenou para que ele se apressasse. — Ligo para você do hospital — disse ela, correndo, sabendo que Steve estaria tão aflito por notícias quanto ela própria, assim como os outros ficariam quando soubessem do acontecido.

Ela contou tudo às pressas a Ian e desculpou-se por deixá-lo sozinho, mas ele entendeu perfeitamente e desejou-lhe boa sorte quando Gabriella saiu pela porta da livraria carregando a bolsa. Ainda diante da loja, fez sinal para um táxi e, ao entrar, disse ao motorista o nome do hospital. Quando abriu a carteira para pagar, surpreendeu-se ao ver que havia ali muito pouco dinheiro. Tinha certeza de que no dia anterior havia mais do que aquilo e, nervosa e agitada, perguntou-se se Steve não teria mexido novamente em sua carteira sem permissão. Na maior parte do tempo, ficava tão constrangido em lhe pedir que agora simplesmente "pegava emprestado", sem nada dizer. Entretanto, às

vezes isso a deixava sem dinheiro quando menos esperava. Gabriella mal tinha o suficiente para pagar ao taxista.

Ao correr para a sala de emergência, esqueceu-se do assunto e precisou pedir informação a várias pessoas. Disse o nome do professor, e foi bastante confuso tentar entender o que estava acontecendo. Quase uma hora depois, ela conseguiu obter poucas informações sobre o professor, mas ao menos não falaram que ele havia morrido no caminho para o hospital. Quando o viu, porém, ficou chocada com o seu estado. O rosto dele estava cinza, e os olhos, fechados. Havia monitores ligados a todo o seu corpo, e uma equipe inteira estava à sua volta, num esforço para mantê-lo vivo. A fim de conseguir vê-lo, Gabriella teve de dizer que era sua filha.

Ninguém pareceu se dar conta de sua entrada na sala, enquanto a equipe médica trocava frases desconexas entre si. O professor estava recebendo oxigênio e soro na veia, ao mesmo tempo em que era submetido a um eletrocardiograma. O tempo todo Gabriella permanecia quieta num canto. Muito tempo se passou até que alguém a notasse e perguntasse o que fazia na sala. Não tinham ideia de quanto tempo ela estava ali, parada, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto, apavorada com a possibilidade de não conseguirem salvá-lo.

— Como ele está? — indagou à enfermeira que se aproximou.

— É seu avô? — perguntou a mulher, lacônica mas solidária.

— Meu pai. — Decidiu que era melhor continuar com a mesma história e sabia que o professor ficaria lisonjeado. Ele sempre lhe dizia que ele e Charlotte teriam adorado ter uma filha como ela.

— Ele sofreu um derrame — explicou a enfermeira da unidade de traumatologia. — Está com o lado direito paralisado. Ele não pode falar e não tem coordenação motora no lado direito, mas, quando está consciente, acho que nos escuta. Gabriella ficou chocada com o que a mulher lhe disse. Como uma coisa tão terrível assim podia ter acontecido ao professor Thomas? E tão depressa?

— Ele vai ficar bom? — Ela mal teve coragem para sussurrar as palavras, mas queria algum tipo de certeza.

— Ainda é um pouco cedo para dizer, mas o eletrocardiograma não está parecendo bom e a pancada na cabeça, ao cair, foi muito forte, o que agrava a situação.

— Posso falar com ele? — perguntou Gabbie, lutando contra o pânico.

— Dentro de alguns minutos — replicou a enfermeira, indo então juntar-se aos outros. Mas os minutos transformaram-se em horas à medida que faziam mais testes e ligavam mais máquinas a ele. Quando o levaram para a UTI, Gabbie já estava em pânico. Tinha visto tudo que eles fizeram e, sem dúvida, estavam tendo dificuldades em mantê-lo respirando. Finalmente, porém, deixaram-na vê-lo na UTI.

— Não fale muito e não espere que ele responda. Seja breve recomendou a enfermeira encarregada, enquanto Gabriella se aproximava da cama. O cabelo dele parecia ainda mais revolto do que o habitual, e os olhos estavam fechados, mas se abriram lentamente no instante em que a ouviu.

— Oi — disse ela, baixinho —, sou eu... Gabbie... O professor parecia querer sorrir para ela e seus olhos reconheceram-na imediatamente, mas não podia se movimentar nem dizer nada. Gabriella segurou-lhe a mão esquerda com delicadeza e a levou até os lábios, enquanto uma lágrima solitária corria pelo rosto do professor e caía no travesseiro. — Tudo vai ficar bem — tentou encorajá-lo, induzi-lo a lutar pela vida. — Foi o que os médicos disseram — mentiu ela, mas o professor não pareceu acreditar. Então, ele franziu a testa como se estivesse com dor e fez uma careta. Gabriella teve a sensação de que ele queria lhe dizer algo, mas não tinha como. Estava preso atrás de uma parede de pedra e tudo o que conseguia fazer era segurar a mão dela. Então ele soltou uns grunhidos, parecendo agitado, e a enfermeira responsável percebeu e disse que Gabriella teria de ir embora.

— Eu não posso ficar? — implorou ela com olhos suplicantes, e o professor apertou sua mão sem muita firmeza.

— Você pode voltar daqui a algumas horas. Ele precisa dormir — advertiu a enfermeira, desejando que as pessoas entendessem o que

era uma UTI. A presença de visitas ali era sempre inconveniente e perigoso.

— Eu volto mais tarde — sussurrou Gabriella, acariciando suavemente o rosto do professor. Ele fechou os olhos por um momento; depois, tornou a abri-los, emitindo um ruído gutural. Era óbvio que estava tentando dizer-lhe algo.

— Não tente falar. Apenas descanse. — Beijou seu rosto e falou o que ele já sabia. — Eu amo o senhor — disse ela, do fundo do coração. Tudo o que desejava agora era que ficasse bom.

Chorou no metrô durante todo o percurso para casa. Não tinha dinheiro suficiente para pegar um táxi e lembrou a si mesma de perguntar a Steve sobre o dinheiro em sua carteira quando chegasse em casa. Mas, ao entrar na pensão, todos estavam tão transtornados, que ela acabou esquecendo. Steve, a sra. Boslicki, a sra. Rosenstein e vários outros hóspedes esperavam por ela. Estavam sentados na sala de estar havia horas, aguardando notícias, enquanto Steve explicava repetidamente o estado do professor, onde o encontrara caído e o que achava que tinha acontecido.

— Como ele está? — perguntaram quase em uníssono, no instante em que a viram.

— Eu não sei — respondeu Gabriella, com sinceridade. — Ele sofreu um derrame e bateu a cabeça quando caiu. Não pode falar, e o lado direito está paralisado, mas me reconheceu. Ele fica tentando falar, mas não consegue, e parece muito perturbado. — Não queria dizer a eles como seu aspecto parecia horrível, mas, de qualquer maneira, isso estava escrito em seu rosto.

A sra. Rosenstein começou a chorar novamente tão logo ouviu a descrição de Gabbie, que então foi até ela, abraçou-a e tentou tranquilizá-la, dizendo que o professor ficaria bem, mas nenhum deles podia ter certeza agora.

— Como uma coisa destas foi acontecer tão de repente? — Steve irritou-se com o destino. Todos comentavam a sorte que havia sido ele ter chegado e encontrado o professor antes que fosse tarde demais. Se

isso não tivesse acontecido, o professor estaria morto agora. Disso ninguém tinha dúvida.

— Acho que há algumas vantagens em se ficar desempregado — disse ele, clinicamente.

Gabbie solidarizou-se com ele. Sabia como essa situação era constrangedora para Steve, mas ele vinha tendo muito azar, e ela entendia. Arrependeu-se de todas as queixas que andava fazendo ultimamente e da pressão que vinha exercendo sobre ele. Sentiu-se culpada agora, vendo o estado em que se encontrava o professor. Isso a fez pensar na velocidade com que a vida mudava e no quão facilmente podia-se perder as pessoas amadas. Tudo isso ela já tinha aprendido, porém. E, assim, os problemas entre ela e Steve lhe pareceram Insignificantes. Ele foi até ela e a abraçou.

— Eu sinto muito, Gabbie. — Sabia o quanto o professor significava para ela, ou pensava saber.

Na verdade, não sabia. O professor Thomas havia se transformado no símbolo último da família que ela nunca teve, a única pessoa a quem podia recorrer e com a qual podia contar sempre, além de Steve. Era o pai que jamais tivera, o confidente e o mentor adorado. Ele lhe dera a força, a esperança e o amor incondicional pelos quais ela sempre ansiara. Ele significava para Gabriella tanto quanto madre Gregoria, embora o conhecesse havia menos tempo. E tendo já perdido tanto e tantos, Gabbie sabia que perdê-lo agora iria destruí-la. Ele não podia morrer. Ela não permitiria.

Gabriella ligou para o hospital várias vezes, e a sra. Boslicki e a sra. Rosenstein forçaram-na a jantar. Ela mal conseguiu fazer com que a comida descesse quando Steve subiu as escadas para fazer alguma coisa lá em cima. Mas Gabbie comeu umas colheradas do ensopado e dois dos famosos bolinhos de massa da sra. Boslicki, apenas para agradar as duas senhoras. Assim que terminou, levantou-se da mesa.

— Vou voltar ao hospital agora — anunciou, procurando a sua bolsa. Então lembrou-se de que não tinha dinheiro. Foi correndo até o quarto.

Tinha guardado um envelope com dinheiro numa gaveta, debaixo das meias, e tirou-o depressa do esconderijo, mas se surpreendeu ao ver que estava vazio. Na manhã do dia anterior havia duzentos dólares ali, e para ela o paradeiro daquele dinheiro não era nenhum mistério. Não desejava confrontar Steve numa hora dessas, mas também não queria pegar o metrô à noite. Desceu as escadas até o quarto de Steve e o encontrou lá, lendo algumas cartas que tinha escrito.

— Eu preciso de dinheiro para o táxi — disse ela, sem cerimônia.
— Não tenho nada, benzinho.

— Sinto muito. Tive de comprar umas coisas na papelaria hoje e as fotocópias do meu currículo custaram uma fortuna. — Parecia estar se desculpando com sinceridade, mas ela não estava disposta a aceitar suas desculpas agora.

— Ora, vamos, Steve, você pegou duzentos dólares do meu envelope e quase tudo que eu tinha na carteira. — Ambos sabiam que mais ninguém poderia ter feito isso.

— Honestamente, amor, não peguei. Só apanhei quarenta dólares ontem à noite para as fotocópias. Desculpe por ter me esquecido de lhe dizer. Ia contar hoje à noite, mas com tudo que aconteceu, acabei me esquecendo. Só tenho dois dólares. — Abriu a carteira para mostrar-lhe, e ela ficou ainda mais aborrecida por ele estar mentindo. Sabia que se sentia constrangido por estar pegando dinheiro dela e que às vezes mentia sobre o assunto. Mas as histórias dele não pagariam a corrida do táxi.

— Steve, por favor, preciso do dinheiro. Não tenho um centavo para chegar ao hospital e agora só recebo na sexta-feira. Você tem de parar com isto. — Ultimamente, todas as vezes em que abria a carteira para pagar alguma coisa, descobria que estava vazia. Mas esta não era hora para as tolices dele.

— Eu não fiz nada — afirmou Steve, imediatamente parecendo ofendido e irritado. — Você está sempre me acusando de alguma coisa. Então não vê como isso é difícil para mim? Acha que eu gosto de fazer isso?

— Não posso discutir esse assunto agora — disse ela, sentindo o pânico dominá-la outra vez. Só queria voltar para junto do professor.

— Pare de me acusar por tudo. Não é justo.

— Desculpe. — Sempre tentava ser justa com ele, mas as circunstâncias desiguais entre eles fazia com que ambos ficassem irritadiços. — Com certeza não é a sra. Rosenstein que está fazendo isso — disse, procurando manter-se calma. — E alguém está levando todo o meu dinheiro. Eu não queria ter sido rude com você.

— Está desculpada — disse ele, indo beijá-la. — Quer que eu vá com você? — Parecia mais terno depois dos pedido de desculpa, embora ainda estivesse visivelmente magoado.

Gabriella sempre se sentia péssima depois de acusá-lo de alguma coisa. Talvez não fosse mesmo Steve. Ela muitas vezes deixava a porta do quarto destrancada. Poderia ser um dos outros hóspedes e, fitando o rosto de Steve, começou a acreditar naquilo.

— Não, está tudo bem. Se alguma coisa acontecer, eu telefono. — Desceu correndo as escadas, depois de beijá-lo novamente, e, constrangida, pediu à sra. Boslicki o dinheiro do táxi emprestado.

Sem hesitação, a senhoria tirou uma nota de dez dólares da bolsa. Era a primeira vez que Gabriella lhe pedia algo, e ela não ficou surpresa. Todo mundo sabia que a menina estava sustentando aquele malandro. A essa altura todos já estavam fartos dele, de suas historinhas sobre a Stanford e a Yale e das desculpas por não arrumar trabalho. Não conseguiam entender, já que todo mundo arranjava. Talvez achasse que era bom demais para os empregos que lhe ofereciam. Recebia inúmeros telefonemas, e estes tinham de ser por alguma coisa. A sra. Boslicki agora se arrependia de ter empurrado Steve para Gabbie no Natal. Achava que a menina poderia arrumar algo muito melhor.

— Ligue para nos dizer como ele está — pediu a sra. Boslicki, e Gabriella saiu correndo pela rua para chamar um táxi.

Tão logo ela viu o professor, sentiu que as coisas não iam bem. Parecia inquieto e com dor, e todas as vezes em que olhava para Gabbie, ficava agitado e encarava-a tão fixamente, que ela se assustava. Por fim

as enfermeiras pediram que saísse novamente, mas ela resolveu ficar no hospital mesmo e dormir no sofá do corredor da UTI, para o caso de alguma coisa acontecer.

Ao amanhecer, voltou a sentar-se ao lado dele. A enfermeira de plantão lhe disse que o professor estava acordado, e ele parecia um pouco mais tranquilo.

— Oi — sussurrou Gabbie, sentando-se perto dele. — Todo mundo da pensão mandou lembranças. — Havia esquecido de dar o recado na noite anterior, mas tinha certeza de que ele já sabia daquilo. — E a sra. Rosenstein me pediu para lhe dizer que tome o remédio e não fique criando caso. — Ela havia mesmo dito aquilo, enxugando os olhos com um lenço. — Todos nós o amamos — disse ela, com toda sinceridade. Passara a noite inteira pensando em pedir uma licença para cuidar do professor quando ele fosse para casa. Tinha certeza de que Ian entenderia, pelo menos por algumas semanas. De qualquer maneira, suas férias estavam chegando, e não havia nada no mundo que desejasse mais do que ficar com ele. Começou a lhe contar sobre uma história que escrevera na semana anterior e falou que Steve adorara. Ao dizer aquilo, o professor franziu o cenho outra vez, levantou a mão esquerda e lentamente sacudiu o dedo para ela. Estava muito fraco e mal tinha forças para levantar a mão boa. Gabriella sorriu ao ver o que a sra. Rosenstein chamava de "o famoso dedo". Ele estava sempre apontando e brandindo o dedo para alguém, com o intuito de enfatizar uma opinião ou advertir a pessoa de alguma coisa. Gabbie achou que a estava repreendendo por não escrever com mais frequência.

— Eu vou — prometeu, pensando ter compreendido, mas sem de fato entender. — Só que tenho estado tão ocupada com o trabalho e tentando ajudar Steve. É difícil para ele ainda estar desempregado — disse ela, suavemente, enquanto o dedo tornava a se agitar, e ele parecia prestes a chorar. — Não tente falar — admoestou Gabriella. — Vão me mandar sair de novo se o senhor ficar exaltado. Quando for para casa, faremos a revisão de algumas histórias juntos.

Não conseguira vender nenhum conto depois do primeiro, mas sabia que não estava escrevendo com tanta dedicação quanto deveria.

Os outros aspectos de sua vida a estavam deixando muito perturbada. E agora isso. Não podia se ver escrevendo uma única palavra enquanto estivesse preocupada com o professor. Tudo que queria fazer agora era instigá-lo a viver e ajudá-lo a recuperar a saúde. Era a única coisa que importava para ela.

O professor tornou a fechar os olhos e dormiu por algum tempo, mas era um sono agitado e todas as vezes em que abria os olhos e via Gabbie sentada a seu lado, encarava-a fixamente, como se quisesse que ela soubesse o que estava pensando. A enfermeira de plantão naquele dia foi compreensiva quanto a deixá-la ficar ali. Todas as outras faziam-na seguir as regras da UTI, obrigando-a a sair do quarto regularmente. Esta, entretanto, deixou-a ficar ali sentada num canto, em silêncio, vendo o professor dormir e rezando por ele. Desde os tempos no convento, Gabriella não rezava com tanta veemência e por tanto tempo. E pensou nas irmãs e em madre Gregoria, lembrando-se da comunidade de que fizera parte, de sua força silenciosa e da certeza absoluta que tinham de que seu Deus sempre as amaria e protegeria. Era isso que pedia agora: poder recorrer à fé que a ajudara a sobreviver a tudo. E queria que o professor também a sentisse.

Ele ainda estava cochilando quando Gabriella finalmente o deixou naquela tarde para ir em casa tomar banho, mudar de roupa e dar notícias aos outros. Seu estado parecia ter se estabilizado, e ela acreditava que ele ficaria bem por um tempo. Gabriella beijou-o suavemente no rosto antes de sair, mas ele não se mexeu dessa vez. Enfim mergulhara num sono profundo, e Gabbie virou-se da porta, sorrindo. Ele iria ficar bom. Era forte, e Gabriella podia sentir que estava lutando para manter-se vivo. Foi o que tentou dizer aos outros. A sra. Rosenstein ia visitá-lo naquela tarde, e a sra. Boslicki já falava dos pratos que prepararia para ele quando voltasse para casa. Steve não estava, mas deixara um bilhete. Tinha ido jogar beisebol com um amigo, alguém que sabia de um trabalho para ele, e prometeu vê-la mais tarde.

Gabbie ficou debaixo do chuveiro por um longo tempo, deixando a água quente correr sobre o corpo e pensando no homem que lutava pela vida na UTI, e tudo o que ele representava para ela. Era muito mais do que um simples amigo. Agora fazia parte de sua alma, e Gabriella

sabia que não podia perdê-lo. Faria o que fosse preciso para mantê-lo vivo, verteria sua própria vida nele se necessário. Deus lhe dera o professor, e ela não deixaria que ele se fosse. Não permitiria que Ele o tomasse dela.

Não tinha esse direito. Havia levado tantos. O seu senso de justiça lhe dizia que não o perderia. Quando voltou ao hospital, a sra. Boslicki e a sra. Rosenstein estavam de saída. As duas tinham lágrimas nos olhos e contaram a ela que o professor tivera uma espécie de recaída. A paralisia do lado direito parecia pior, e ele estava respirando com dificuldade. Por fim, fizeram-lhe uma traqueotomia e ligaram-no ao respirador. Quando Gabbie o viu, ao entrar no quarto profusamente iluminado, ele parecia exausto.

— Ouvi dizer que não se comportou muito bem hoje — disse ela, enquanto se sentava. — Já me falaram que o senhor fica beliscando todas as enfermeiras. — Os olhos do professor sorriram levemente, e ele continuava a fitá-la com intensidade. Mas o dedo não se agitava mais, e ele não emitia qualquer som. Não podia, com o respirador. Parecia mais fraco, mas estava um pouco mais corado. Gabbie tagarelou com ele, sabendo que podia ouvir o que ela dizia, e falou sobre as coisas que fariam quando fosse para casa. Fingiu reclamar que ele não a levava para jantar fora havia séculos. — O fato de Steve estar na minha vida não quer dizer que não possamos sair. Ele não tem ciúmes do senhor, embora devesse ter. — Beijou novamente seu rosto e os olhos se fecharam. Ele parecia estar enfrentando uma batalha terrível. Gabriella contou que Steve tinha ido jogar beisebol naquela tarde com alguém que sabia de um emprego, e os olhos do professor abriram-se novamente, encarando-a, embora o quarto estivesse repleto de silêncio. O ruído das máquinas que o mantinham vivo e monitoravam o seu estado era o único som entre os dois.

Gabbie passou toda a tarde com ele e estava pensando em ir para casa à noite, mas acabou ligando para a pensão e dizendo a Steve que decidira ficar. Ele falou que ia jantar com os rapazes com quem tinha jogado beisebol. Haviam tido um dia ótimo, e seu time havia vencido. Eram bons rapazes e todos trabalhavam em empresas da Wall Street. Parecia um contato excelente para ele, e Gabbie ficou aliviada ao ver

que estava ocupado e não se importava que ela ficasse no hospital. Vinha sentindo-se culpada por abandoná-lo e, depois que desligou, ela se perguntou como Steve pagaria o jantar. Ainda pensava no assunto quando voltou à UTI e sentou-se na cadeira habitual ao lado do professor.

Ele passou quase toda a noite tranquilo. O respirador parecia mantê-lo mais calmo. Não precisava mais lutar para respirar. E, no meio da noite, procurou a mão de Gabbie com a que estava boa, segurando-a com suavidade.

— Eu amo o senhor — sussurrou ela. Às vezes imaginava se ele não estaria pensando que ela era Charlotte. Havia uma expressão serena em seus olhos sempre que os abria. Na maior parte do tempo mantinham-se fechados, mas, às vezes, quando Gabriella abria os seus, via que o professor estava olhando para ela. Mais tarde, durante a noite, ela teve a estranha sensação de que ele estava feliz. Talvez também soubesse que ficaria bom, pensou Gabriella. Talvez sua força houvesse sido transmitida a ele, motivo por que ela desejava ficar ali com ele.

Ambos dormiram durante algum tempo, de mãos dadas, enquanto a cabeça de Gabbie pendia e ela pensava em muitas coisas. Naquela noite teve sonhos esquisitos com Joe, o pai, Steve e o professor. Pensava nele quando acordou. O céu estava ficando cinza, e havia riscas cor-de-rosa surgindo no horizonte. Era o começo de um novo dia, e a luta continuava. Mas Gabriella não tinha mais dúvida de que o professor sairia desta e, quando se virou para ele, seus olhos estavam fechados e o queixo, caído. Parecia completamente relaxado. A máquina respirava por ele de forma ritmada, e, ao olhar para o respirador, um dos monitores soltou um gemido agudo e outro começou a apitar. Gabriella não teve nem tempo de se perguntar o que estava acontecendo; imediatamente duas enfermeiras entraram correndo. Uma luz azul acendeu-se, e dois enfermeiros chegaram, afastando Gabbie e dando início aos procedimentos de ressuscitação cardiopulmonar, apertando com força o tórax do professor, enquanto contavam em silêncio as compressões. O quarto de súbito encheu-se de gente, e Gabbie, tomada pelo pavor, ouvia o que diziam e começava a entender o que havia acontecido. O respirador ainda respirava por ele, mas o coração parara.

A equipe médica trabalhou freneticamente durante um tempo. Depois um dos homens balançou a cabeça, e uma enfermeira falou gentilmente com Gabbie.

— Ele se foi... Eu sinto muito... — Gabriella ficou parada, olhando para eles sem acreditar. Sabia que estavam mentindo para ela. Tinham de estar. Ele não podia fazer aquilo. Estivera ali ao lado dela... olhara para ela... ela própria segurara sua mão e desejara com toda a sua força que ele vivesse. Não podia morrer agora. Não podia. Ela não deixaria. Mas ele tinha morrido. Havia deixado a vida serenamente e seguido ao encontro de Charlotte, a quem tanto amava.

Em seguida, desligaram o respirador e deixaram o quarto. Gabbie permaneceu ali, quieta, olhando para ele, recusando-se a acreditar no que acabara de acontecer. Sentou-se perto dele outra vez, pegou sua mão e falou com ele como se ainda pudesse ouvi-la.

— O senhor não pode fazer isso comigo — sussurrou, enquanto as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. — Eu preciso demais do senhor... não me deixe sozinha aqui... não vá embora, por favor... volte... — Mas sabia que ele não voltaria. Estava em paz agora. Tivera uma vida plena.

Oitenta e um anos. E não lhe pertencia. Nunca pertencera. Havia sido apenas emprestado a ela por um tempo curto, insuficiente. Ele pertencia a Deus e a Charlotte. E, assim como todos os outros, ele a deixara. Sem maldade, sem raiva, sem acusações ou recriminações. Ela não fizera nada para magoá-lo ou para obrigá-lo a ir embora. O professor não a culpava por nada. Só aconteceram coisas boas entre os dois. Mas, ainda assim, ele tinha ido embora, em seu tempo, para outra dimensão, outro lugar, onde ela não podia estar com ele.

Uma enfermeira apareceu e perguntou se precisava de alguma coisa, mas ela sacudiu a cabeça. Só queria ficar com ele pelo tempo que pudesse. E então perguntaram-lhe sobre as providências a serem tomadas.

— Eu não sei. Terei de ver o que ele queria. — Nem sabia a quem perguntar. Talvez à sra. Rosenstein. Ele não tinha família, filhos ou parentes, apenas os hóspedes da pensão onde vivia fazia quase vinte anos e Gabbie. Era um triste fim para uma vida tão plena e uma grande

perda para todos. Ele dera tanto a ela... tanto amor, tanta sabedoria, tanto domínio sobre sua escrita. Não sabia o que faria sem ele.

Finalmente levantou-se e o beijou pela última vez, percebendo que ele de fato se fora. O espírito havia alçado voo. Apenas o corpo ficara, enfraquecido, cansado e sem importância. O melhor dele já não estava mais ali. E, ao pousar a mão do professor suavemente sobre a cama, sussurrou:

— Dê lembranças minhas a Joe... — Em sua cabeça não havia a menor dúvida de que estariam juntos. Gabriella saiu lentamente da UTI, pegou o elevador e desceu, saindo no sol brilhante de julho. Fazia um lindo dia, e não havia nuvens no céu.

As pessoas entravam e saíam do hospital, e lhe pareceu estranho ouvi-las falar e rir. Era tão esquisito que a vida devesse continuar, que o mundo não tivesse parado, mesmo que brevemente, para acusar a passagem dele. O peso que sentia no coração lembrou-lhe o dia em que deixara o convento. Quase pôde ouvir uma porta se fechando às suas costas ao começar a caminhar lentamente para a pensão onde morava, na parte alta da cidade. Não podia pegar nem táxi nem metrô dessa vez, mas não se importava. Não tinha dinheiro na bolsa, mas queria um pouco de ar e tempo para pensar nele sozinha e, enquanto caminhava devagar sob o sol de verão, quase podia senti-lo ao seu lado. Ele não a abandonara, afinal. Havia lhe deixado tantas coisas, tantas palavras, sentimentos e histórias. Embora tivesse ido embora, como todos os outros, Gabbie sabia que dessa vez era diferente.

CAPÍTULO 22

Para grande surpresa de todos, o professor Thomas deixara os seus negócios extremamente bem ordenados. Ele sempre parecera um pouco reticente a todos, e Gabbie esperava encontrar tudo confuso, mas, ao contrário, ele deixara fichários organizados, um testamento selado e instruções detalhadas. Queria um pequeno culto fúnebre, e não um funeral pomposo, de preferência ao ar livre, e desejava que lessem uma passagem de Tennyson e um pequeno poema de Robert Browning que sempre o fizera lembrar-se de Charlotte. Tinha um cofre num banco no centro da cidade e um arquivo enorme cheio de correspondências.

A sra. Rosenstein estava arrasada e comportou-se como uma viúva aflita. Mas a sra. Boslicki e Steve foram muito prestativos, tomando as providências necessárias. Foram a uma casa funerária das redondezas e escolheram um caixão escuro. O professor deveria ser enterrado em Long Island, onde estava Charlotte. E fizeram tudo precisamente como ele havia pedido.

Alguns hóspedes da pensão foram ao enterro em Long Island em uma limusine alugada. Gabriella ficou parada durante muito tempo ao lado do túmulo e deixou uma rosa vermelha solitária sobre o caixão. O único acréscimo ao que o professor solicitara para o enterro foi um poema que Gabbie havia escrito para ele e que ela própria leu, com a voz tremendo de emoção. Steve manteve-se a seu lado, segurando-lhe a mão, e ela tentou não pensar em Joe enquanto lia. Era grata à presença de Steve em sua vida e à força que ele lhe dava agora. Ele fora maravilhoso com todos e até se redimiou junto à sra. Boslicki.

O professor Thomas foi enterrado com seu único terno escuro, e o restante de seus pertences foi doado em caridade. Saiu um pequeno obituário no The New York Times, e acabaram por descobrir que a carreira acadêmica do professor fora repleta de honrarias e prêmios de que nenhum deles ouvira falar. Foi feita uma leitura formal do testamento na sala de estar, conduzida por um dos hóspedes, que era

um advogado aposentado. Ele os instruiu sobre o que deveriam fazer, e o testamento foi aberto pela primeira vez na presença de todos. Estava escrito com a caligrafia caprichada e cuidadosa do professor, e era mais uma formalidade do que uma circunstância legal séria, já que todos sabiam que ele tinha muito pouco.

Entretanto, o que o advogado leu deixou todos estarelecidos e, à medida que lia as doações, seus olhos iam se arregalando, assim como os de todos os outros. O professor tinha juntado e discretamente investido muito dinheiro. Havia morado na pensão não por necessidade, mas apenas porque gostava dali. Para cada uma de suas boas amigas Martha Rosenstein e Emma Boslicki, ele deixava a quantia de cinquenta mil dólares, com amor e gratidão pela bondade que lhe haviam dispensado ao longo de tantos anos de amizade. Também deixava para a sra. Rosenstein o relógio de ouro, que era a única joia que possuía, e sabia que significaria muito para ela.

A mulher chorou quando o advogado leu essas palavras. Quanto ao resto de seus bens materiais, a única coisa que tinha valor para ele era a biblioteca, e esta ele deixava inteira para sua jovem amiga e protegida, Gabriella Harrison, assim como também o que restava de suas contas bancárias e dos investimentos, que, quando de sua morte, somavam pouco mais de seiscentos mil dólares. Houve um súbito arquejo na sala, quando o advogado fez uma pausa para respirar e olhou para Gabriella. As cautelas das ações aparentemente estavam todas no cofre do banco e tudo parecia em ordem. Mas Gabriella não podia acreditar no que o advogado acabava de dizer. Era impossível, uma piada. Por que deixaria tudo aquilo para ela? Mas isso ele também explicava na carta. Achava que ela usaria o dinheiro de maneira inteligente e que ele a ajudaria a iniciar uma carreira literária séria sem o peso da preocupação financeira, que poderia, de outra forma, retardar seu progresso. O professor achava que ela era jovem o bastante para que o dinheiro fizesse uma diferença real em sua vida e que este lhe daria o tipo de segurança que não tivera nos últimos tempos, se é que um dia a tivera. Disse também que a considerava a filha que nunca teve e lhe oferecia tudo aquilo com o amor, o afeto e a grande admiração que sentia por ela como escritora e pessoa. Depois, agradecia e desejava felicidade a

todos, e assinava a carta de maneira formal: Professor Theodore Rawson Thomas. A carta encontrava-se devidamente datada e assinada, e o advogado assegurou a todos que estava legalmente correta e em ordem.

Houve um silêncio de perplexidade na sala quando o homem terminou; depois, um murmúrio de vozes, exclamações e parabenizações a Gabbie. Estavam sinceramente satisfeitos por ela e não invejavam a sua sorte. Ela se sentia uma herdeira e, ao olhar para Steve, viu que sorria para ela. Era fácil ver que estava feliz por Gabbie, e ficou aliviada ao constatar que ele não parecia zangado ou com ciúmes. Ninguém parecia. Todos achavam que era merecido.

— Imagino que agora vá nos deixar — disse a sra. Boslicki, triste, a Gabbie. — Afinal você pode comprar sua própria casa falou, sorrindo entre as lágrimas, e Gabbie a abraçou.

— Não seja boba. Não vou a lugar algum. — Ainda não podia acreditar. Estavam todos estupefatos com a notável fortuna discretamente acumulada pelo professor. Ninguém jamais suspeitara de que ele tivesse mais do que a sua aposentadoria, mas isso de fato explicava sua frequente generosidade em levar Gabbie para jantar fora. O testamento explicava muitas coisas, principalmente o quanto gostava dela.

Gabriella só lamentava não poder lhe agradecer. Entretanto, os únicos agradecimentos que ele desejara dela era que seguisse a carreira de escritora, e agora ela tinha intenção de fazê-lo, tanto em homenagem ao professor, quanto por seu próprio *prazer*.

— E agora, princesa, uma limusine ou férias em Honolulu? — brincou Steve, enquanto a abraçava. Mas mesmo ela tinha de admitir que aquele dinheiro com certeza reduzia os seus problemas. Mudava muitas coisas, e Gabbie só estava triste por não poder compartilhar a notícia com madre Gregoria e as irmãs do São Mateus. Talvez houvesse de fato um aspecto positivo em todas as coisas. Se não lhe tivessem fechado a porta do convento, isso jamais teria acontecido. Fora um ano extraordinário para ela, e era difícil acreditar que apenas dez meses haviam se passado desde que deixara o convento. O professor escrevera

o testamento em junho, como se tivesse um pressentimento de que sua hora estava chegando. Mas com a sra. Rosenstein adoecendo naquela primavera e sua própria saúde tornando-se mais delicada, ele quis fazer conhecer a sua vontade, o que acabou sendo providencial.

Naquela noite todos saíram para jantar, e Gabriella oficialmente pagou a conta, embora a sra. Boslicki tivesse de lhe adiantar o dinheiro. Quando voltaram à pensão, Gabbie foi silenciosamente ao quarto do professor e examinou a biblioteca que herdara. Havia ali belos livros, inclusive os que ela própria lhe presenteara no último Natal. Depois, ela se sentou à escrivaninha, olhou os fichários, abriu uma das gavetas para ver se tinha mais papéis e reparou numa pilha ordenada de cartas com a etiqueta "Steve Porter". Ficou surpresa por vê-las ali e as retirou da gaveta. Eram cópias de toda a correspondência que o professor mostrara a Steve na semana anterior. As cartas para a Stanford e a Yale com suas respostas, além de uma série de outras cartas enviadas por vários departamentos de correção. Ao olhá-las e ler uma por uma, cuidadosamente, os olhos de Gabriella arregalaram-se de horror.

Descobriu naqueles papéis um homem que jamais havia conhecido, vários deles, um "monstro", como o professor o chamara. Gabriella leu a lista dos muitos nomes falsos, os crimes, as sentenças e o tempo que tinha passado em várias cadeias e penitenciárias, na maior parte das vezes por falsificação e extorsão. Tirara dinheiro de mulheres em vários estados, e era bem conhecido por seu estilo: tinha um caso com elas e então as usava de todas as maneiras até esgotar suas economias.

Ocasionalmente também vendia pequenas quantidades de droga. Fazia o que fosse preciso para extorquir dinheiro de todo mundo. Gabriella percebeu numa carta, baseada na entrevista de uma assistente social com Steve na cadeia, que ele não concluíra nem o curso secundário. Quanto mais frequentar Yale e Stanford. Mas as implicações daquilo para ela eram mais assustadoras do que a falta de um diploma. De repente se deu conta do que vinha acontecendo nos últimos sete meses e o que ele estava fazendo. Ele a usara de forma cruel e impiedosa, não dava a mínima para ela nem se importava com quem ela era. Não havia acontecido nenhum acidente ou noivado.

Seus pais tinham morrido quando ainda era criança, e ele crescera em lares de adoção e instituições estaduais. Não havia nenhuma mãe doente em Des Moines, e seu pai não morrera no ano anterior. Todas as coisas que lhe dissera para conquistar sua simpatia e aproximar-se dela eram mentiras. Todas. Até o nome que usava não era o seu de fato. O Steve Porter que ela conhecia e acreditava amar não passava de uma invenção. Isso era pior do que qualquer coisa que lhe acontecera antes, pior até do que perder Joe. Aquilo havia sido doloroso, mas era real, e Gabriella sabia que ele a amava. Já este homem era um vigarista e um criminoso.

Havia mentido, roubado e tirado vantagem dela de todas as formas possíveis. De repente se sentiu enjoada e suja. Sentiu-se mal só em pensar nele e nas coisas que fizera com ela, nas intimidades que tinham compartilhado. Sentiu-se como uma prostituta, embora fosse ele o prostituto. Na verdade, era pior do que isso. Ficou ali sentada muito tempo com as cartas na mão e então tornou a guardá-las na gaveta, trancando-a. Não sabia o que dizer a ele, como fugir dele. Depois, com uma sensação de pavor, perguntou-se se o professor não o teria confrontado, se Steve não saberia o que o professor descobrira e se, de alguma forma, não o tinha machucado.

Aquela ideia fez Gabriella tremer. Ela sentiu-se mal ao pensar em tal hipótese, mas de repente soube que alguma coisa terrível tinha acontecido. Deixou o quarto do professor em silêncio e voltou ao seu. Estava sentada na cama, tentando pôr ordem no emaranhado de seus pensamentos, quando Steve entrou no quarto e a viu.

— Você está bem? — Parecia estranha, mas tivera um dia difícil. Era um verdadeiro prêmio pelo qual ele nunca esperara. Achava que o velhote era pobre, e que teria de continuar vivendo com o salário de Gabriella e suas magras economias. Aquela herança caíra do céu, e Steve não tinha a menor dúvida de que tinha Gabriella na palma da sua mão.

— Eu estou com uma dor de cabeça horrível — disse ela, parecendo atordoada. Estava chocada com as coisas que descobrira na

escrivaninha do professor e virou-se para olhar Steve como se fosse um estranho. E era. Nada do que sabia sobre ele existia.

— Ora, meu amor — disse ele, loquaz e de bom humor —, você pode comprar um bocado de aspirina com seiscentos mil dólares. O que acha de jantarmos fora amanhã para comemorar? E quem sabe depois irmos a algum lugar... Paris... Roma... Atlantic City... — As possibilidades eram infinitas. Agora tinha de trabalhá-la de verdade, e a Europa seria o lugar perfeito para isso.

— Não consigo pensar nisso agora, Steve. Além do mais, não posso simplesmente deixar Ian de uma hora para outra. E o professor queria que eu usasse o dinheiro para escrever. Não posso sair por aí gastando tudo, não seria justo com ele. — Nem sabia por que estava perdendo seu tempo em se justificar com ele, mas tinha de dizer alguma coisa.

Precisava ganhar tempo até resolver o que ia fazer. Entretanto, o simples ato de olhá-lo agora já era doloroso, principalmente se ele tivesse mesmo alguma participação no "acidente" do professor, ou em sua morte, como ela agora suspeitava.

— Deixe eu lhe dizer uma coisa — falou ele, parecendo divertir-se com suas dores de consciência — O professor nunca vai saber o que você fez com o dinheiro. É seu agora.

Ela concordou com a cabeça, incapaz de pensar em alguma coisa para dizer a ele. Sua verdadeira natureza começava a se mostrar. Naquela noite, como sempre, dormiram no quarto de Gabriella. Steve usava o dele apenas como escritório e para guardar suas coisas. Ela tornou a lhe dizer que estava se sentindo mal. Se tentasse tocá-la, ela iria bater nele. O abuso praticado por Steve era de um tipo que Gabriella não conhecia, mas, não obstante, se tornara transparente para ela. Não era menos sórdido do que o praticado pela mãe, não era físico, mas, à sua maneira, era igualmente ofensivo.

Pela manhã, Gabriella fingiu ir ao trabalho só para livrar-se dele, mas ligou para Ian de uma cabine telefônica e disse que estava doente. Depois foi para o parque e sentou-se num banco, tentando decidir o que fazer. Sabia que Steve sairia para almoçar com amigos. Naquela manhã falara novamente sobre irem para a Europa, mas Gabriella fingiu estar

entretida demais em vestir-se para responder, e ele não tinha motivo nenhum para suspeitar de nada.

A sra. Boslicki também ia sair naquele dia. Disse que tinha de comprar uma cama nova, pois um dos últimos hóspedes havia posto fogo no colchão. E a sra. Rosenstein tinha consulta com o médico. E todos os outros trabalhavam. Gabriella sabia que, se esperasse até a hora do almoço, poderia ficar sozinha para examinar o quarto do professor. Queria ver se havia mais documentos incriminando Steve e depois falar com o advogado para ver o que deveria fazer. Mas se havia uma coisa que sabia era que queria Steve longe de sua vida o mais rápido possível. Não pretendia passar nem mais uma noite com ele ou deixar que a tocasse.

Queria pedir à sra. Boslicki que o expulsasse. Ele não pagava o aluguel havia meses, e Gabriella sabia que, se ela não o pagasse, ele não o faria. Mas mesmo isso levaria tempo, pelo menos semanas. Não sabia como conduzir a situação nesse meio tempo. Não havia ninguém com quem pudesse se aconselhar. Voltou a casa ao meio-dia, sabendo ter esperado tempo suficiente. A pensão estava silenciosa quando entrou. Todos tinham saído, e ela correu pelas escadas até o quarto do professor, deixando a porta aberta. Não havia ninguém ali para ver o que estava fazendo. Abriu a gaveta da escrivaninha, retirou a pilha de cartas novamente e, ao lê-las dessa vez, viu que eram ainda mais horrendas do que pensava.

Estudou cuidadosamente cada detalhe, os nomes falsos, os crimes e a lista de mulheres que ele usara por todo o país. Tendo em vista sua idade, ele andara bastante ocupado. Gabriella ainda estava absorta na leitura quando subitamente ouviu um barulho às suas costas. Virou-se e viu Steve sorrindo para ela da porta.

— Já está contando o dinheiro, Gabbie? Ou está querendo encontrar mais? Não seja gananciosa, benzinho. — Sorria de maneira estranha, e Gabriella deu um pulo ao vê-lo. Seu rosto empalideceu de imediato e ela não sorriu. Não conseguia.

— Eu só queria dar uma olhada em algumas das coisas dele. Ian me deu um intervalo grande de almoço. — Steve não disse nada ao

caminhar lentamente em sua direção. Ela se perguntava se ele cancelara o almoço, se aquela era ainda mais uma de suas mentiras ou se tudo era apenas uma armadilha e ele sabia exatamente o que ela estava lendo. Talvez soubesse o tempo todo. Gabriella não sabia o que pensar agora.

— Leitura interessante, não é? — Ele apontou para a pilha ordenada de cartas, e Gabriella soube, pela expressão de seus olhos, que ele as tinha visto antes. E não ligava para o que ela sabia agora. Estava interessado apenas no dinheiro.

— Não sei do que você está falando — disse ela, evasiva, virando uma das cartas para esconder as outras.

— Sabe, sim. Ele conseguiu lhe contar antes de morrer? Ou você simplesmente as encontrou? — Steve voltara à pensão para procurar cópias das cartas que ainda poderiam existir. O velhote era o tipo de pessoa que se precaveria.

— O que você acha que eu encontrei? — Estava brincando de gato e rato com ele, e ambos sabiam disso.

— Meu pequeno histórico. O professor fez uma pesquisa bastante meticulosa. É claro que há mais coisas, mas ele conseguiu reunir todos os pontos altos.

Parecia ter orgulho de tudo aquilo e estar tão confiante que Gabriella se sentia mal só de olhá-lo. Quem era aquele homem? Não era nada para ela. Um completo estranho.

— Nós tivemos uma conversa no dia em que ele... ah... caiu — disse ele com ênfase estudada, e os olhos de Gabriella faiscaram quando ela se levantou para encará-lo.

— Foi você, não foi? Seu cafajeste. — Jamais chamara alguém assim, mas ele merecia. — Você bateu nele? Ou simplesmente o empurrou? O que foi que fez a ele, Steve? — Ela queria saber.

— Absolutamente nada. Ele tornou tudo muito fácil. O velhote ficou tão perturbado que fez quase todo o serviço por mim. Eu só ajudei um pouquinho. Ele estava muito preocupado com você. Mas estou vendo o motivo agora. Eu não sabia que você era a herdeira dele. Foi

uma sorte e tanto, não acha? Para nós dois. Ou você já sabia, e aquela surpresa toda na frente dos outros era só encenação?

— É claro que eu não sabia. Como poderia?

— Talvez ele tivesse contado a você.

— Eu vou dizer a todos o que você fez — falou Gabriella, com ousadia, convencida como sempre de que o bem prevaleceria sobre o mal.

Tudo o que se precisava fazer era manter-se firme e conhecer a verdade, e então o diabo fugiria de você. Mas não este. Tampouco sua mãe, antes dele. — E depois de contar a eles, vamos chamar a polícia. É melhor você dar o fora da cidade e rápido, ou pode se arrepender. — Ela tremia de ódio ao fitá-lo. De uma maneira ou de outra, mesmo que indiretamente, sabia que ele matara o professor.

— Acho que não, Gabbie. — Ele a olhava, tranquilo. — Não acho que a gente vá contar nada a ninguém. Pelo menos você não vai. Talvez eu, sim. Poderia dizer à polícia que você sabia exatamente o que ele ia lhe deixar de herança, que me falou muitas vezes sobre isso e queria que eu o matasse. E claro que eu me recusei e a convenci a não fazer isso. Você até me ofereceu dinheiro. Cinquenta por cento. Trezentos mil dólares. Bastante convincente. E tudo o que fiz foi falar com o homem, e ele teve um derrame. Não se pode ir para a cadeia por isso, mas pode-se ir por tramar o assassinato de alguém, especialmente quando se vai herdar uma bolada desta pessoa, sim. Na verdade, se eu testemunhar contra você e a entregar, eles vão dar proteção para mim e de dez a quinze anos de cadeia para você. O que acha?

Aquilo era horrível e ela não podia acreditar no que estava ouvindo. Ficou momentaneamente estupefata e sem fala.

— E juro que é isso que vou fazer se você não concordar em me dar quinhentos mil dólares agora. Esta é a minha hora, Gabbie. É um preço pequeno pela sua liberdade. Pense bem. De dez a quinze anos. E a cadeia não é um lugar nada bom para uma garota como você. Eu sei. Já estive lá.

— Como é que você pode fazer isto comigo? — perguntou ela, com os olhos subitamente cheios de lágrimas. — Como pôde? — Ele dissera que a amava. Tinha fingido tantas coisas, e agora a estava chantageando, ameaçando destruir sua vida, por causa de meio milhão de dólares.

— É fácil, meu amor. É nisto que o mundo se resume: dinheiro. É uma coisa maravilhosa, quando temos. E estou deixando cem mil para você. Nem pode reclamar. Você não precisa de muito. É melhor se decidir logo. Se ficar embromando, acabo levando tudo. Acho que agora seria um bom momento para ligar para o banco e para o advogado.

— Como vai explicar o fato de eu estar dando tudo isso para você? Não tem medo das suspeitas que vai levantar?

— Vamos encontrar uma boa explicação. As mulheres fazem um bocado de maluquice por amor, Gabbie. Tenho certeza de que você já sabe disso. — Afinal de contas, ela se apaixonara por um padre e ficara grávida dele. Aquilo já era uma grande maluquice.

— Eu não acredito que você faria isso.

— Bem, é melhor acreditar, Gabbie. Quinhentos mil dólares, seiscentos se não se apressar, e estou fora da sua vida para sempre. O Lobo Mau vai embora, e você pode chorar por mim, encolhida na parte inferior da cama para o resto da vida, tendo pesadelos e gemendo pelo Joe e pela mamãezinha. — Usara todas as suas confidências contra ela.

— Seu cafajeste! — xingou pela segunda vez e, instintivamente, avançou em sua direção a fim de esbofeteá-lo. Ele matara o professor e agora estava destruindo sua vida, reduzindo-a a farrapos, sem ter a menor consciência disso. Matara um homem, um homem que ela amava e respeitava profundamente, uma pessoa maravilhosa que havia sido sua única salvação no último ano. E agora ameaçava colocá-la na cadeia, acusando-a de tentar tramar o seu assassinato. Um horror absoluto àquilo tudo tomou conta de Gabriella, e de repente ela soube que não poderia fazer o que ele queria.

— Pode me matar se quiser. Conte o que bem entender à polícia. Não vou lhe dar nem um centavo, Steve Porter, ou seja lá qual for o seu

maldito nome. Você tomou tudo que eu tinha nos últimos sete meses. Você me enganou, fazendo com que eu acreditasse que me amava, me usou, mentiu... não vai tirar mais nada de mim. Nunca mais!

Ele pôde ver nos olhos de Gabriella que ela estava falando sério, mas sabia que era mais forte. E, sem dizer uma só palavra, foi até ela, agarrou-a pelos cabelos e puxou-lhe a cabeça para trás.

— Nunca mais fale comigo dessa maneira, Gabbie. Não me diga o que vai fazer ou não vai. Vai fazer exatamente o que estou mandando ou eu mato você. — Os olhos dela arregalaram-se ao fitá-lo. Aquelas palavras lhe soavam como um eco. — Eu quero o dinheiro. Agora. Entendeu bem? Ou é mais idiota ainda do que pensei? Não vou bancar o bobo nesta história.

— Agora ligue para o advogado. — Apontou para o telefone e esperou que ela recobrasse o juízo.

— Não vou ligar para ninguém — disse ela, calma, embora seus joelhos tremessem. — O jogo acabou.

— Não acabou, não — retrucou ele, imaginando o quanto mais precisaria engrossar para ela perceber que ele estava falando sério. Não muito, provavelmente. Ela tinha medo até da própria sombra. — O jogo só está começando. O romance é que acabou. A conversa fiada. O fingimento. Não preciso nem mais dizer que te amo para conseguir o que quero. Tudo que preciso é dizer o que vou fazer, se não conseguir. Ficou claro agora?

Ela não respondeu e ficou encarando-o a uma pequena distância, lutando com seus próprios demônios silenciosos.

— Ligue para o banco, Gabbie. Ou vou telefonar para a polícia. O velho morreu. Você ficou com o dinheiro. Você só tinha a ganhar. É claro que vão acreditar em mim.

Gabriella queria matá-lo com as próprias mãos e a fúria cega que ele acendeu nela quase a dominou. Ela tirou o fone do gancho e discou o número da telefonista, enquanto ele olhava.

— O que está fazendo? — Pareceu preocupado de imediato. — Estou ligando para a polícia por você. Vamos acabar logo com isto.

Ele puxou o fone de sua mão no mesmo instante e desligou; depois, com um gesto único, arrancou-o da parede e entregou o aparelho para ela.

— Sejam os razoáveis. Ou você quer passar a tarde inteira discutindo? Por que simplesmente não vamos ao banco e pegamos o dinheiro? Simples e prático. Depois eu tomo um avião para a Europa e está tudo acabado.

— Para você. Para mim, vai estar apenas começando.

— Como vou saber que você não vai falar para a polícia que eu lhe paguei por ter matado o professor? — Era exatamente a prova de que ele precisava, e ela podia ver agora que nada o deteria.

— Não vai saber e, aliás, essa não é uma má ideia. Mas você vai ter de confiar em mim. Não tem escolha. Se não me der o dinheiro, eu posso matar você. Até que valeria a pena depois de todo aborrecimento que você me causou.

De repente era sua culpa novamente... era ela... ele tinha de fazer isso porque ela havia sido uma menina má... não era culpa dele... ele não queria aquilo... ela o obrigava...

— Então me mate — disse Gabriella, bruscamente. Não tinha mais importância. Havia sempre alguém, alguma coisa, tentando machucá-la, culpando-a por tudo. Era sempre sua culpa, e haveria mais alguém para magoá-la, abandoná-la, mentir para ela e ameaçá-la de morte, de corpo e espírito. À sua maneira, já a haviam matado, e tinha consciência disso.

— Você é uma idiota — disse ele, aproximando-se, ameaçador. Não se deixaria vencer por essa mulher, essa tonta com quem vinha morando e dividindo as ninharias que ela ganhava, tendo de roubar notas de cinco dólares escondidas em envelopes debaixo do colchão. Tinha vivido tempo demais à base de migalhas. Agora queria o bolo inteiro. — Não brinque comigo, Gabbie. — Mas podia ver nos olhos dela que não estava conseguindo nada e não tinha mais tempo a perder. Os outros logo estariam de volta, e ele queria o dinheiro. O seu dinheiro. Era dele agora. Fizera por merecer.

Sem dizer palavra, agarrou-lhe o pescoço e começou a sacudi-la, enquanto ela ficava ali parada. Gabriella deixou-se ficar ali, passiva... como sempre havia feito... simplesmente ficou ali. Era a menina boazinha que sempre fora.

— Eu vou matar você, sua puta desgraçada! — gritou Steve. — Não está entendendo? — Mas havia uma força nela com a qual ele não podia competir, um lugar insondável que ele não conseguia alcançar e que ninguém jamais alcançara. Teria de matá-la para conseguir, e ele sabia disso. Mas queria o dinheiro mais do que jamais quisera outra coisa em sua vida e não deixaria que ela o detivesse.

— Eu odeio você — disse ela baixinho, falando não só para ele, mas para um coro formado por todos os outros... — Eu odeio você, Steve Porter.

Então ele a esbofeteou, e a familiaridade daquilo era aterradora. Ela conhecia aquele ruído, aquela sensação e a força do golpe. Cambaleou para trás, batendo com as costas na quina da escrivaninha. Vendo-a começar a cair, Steve agarrou seu braço e a puxou em sua direção, golpeando-a mais uma vez, agora com o punho. Desferiu um murro violento na lateral de sua cabeça, e ela ouviu um barulho como sacos de areia caindo no chão, mas já não tinha tímpano que ele pudesse danificar. Não havia nada que ele pudesse fazer que já não lhe tivessem feito antes.

Vivera o mesmo pesadelo durante os dez primeiros anos de sua vida, e ele não podia atingi-la. Então Steve a arremessou do outro lado do quarto. Desfechou golpe após golpe, socando-lhe o rosto e o corpo. Depois bateu sua cabeça contra o chão, e ela só conseguia ouvi-lo à distância, falando algo sobre o dinheiro. A essa altura, ele perdera completamente o controle; ela era um animal que devia ser destruído, o monstro que queria impedi-lo de ter tudo aquilo com que sempre sonhara e que sabia merecer. Steve a puxou para que ficasse novamente de pé e, quando a jogou contra a parede, ela soube que quebrara o braço. Mas não ligava mais para nada daquilo. Aquele homem não levaria nada seu, e a vida que ele queria tirar já não significava nada para ela. Houvera mentiras, dores, sofrimentos e perdas demais. Ele era

apenas um a mais. Gabriella finalmente viu uma luz branca envolvendo-a, enquanto Steve chutava seu corpo caído, gritando para ela telefonar para o banco, para lhe dar o que ele queria e dizendo que ela era detestável e ordinária, e que nunca a amara. Suas palavras fulminavam-na com o mesmo rancor que as pancadas e, enquanto olhava para ele, Gabriella pensou ver Joe, depois, o professor e finalmente a mãe, todos lhe dizendo alguma coisa... Joe falava que a amava e não podia ficar com ela... O professor implorava para que não deixasse Steve fazer isso, e a mãe lhe dizia que era tudo culpa sua, que ela era mesmo ordinária como ele dizia e que merecia isso. Entretanto, ao ouvir todos eles, Gabriella soube qual era a verdade do que diziam. Que não era ela, mas eles... era culpa deles, e não sua... Steve era o vilão... Steve matara o professor, e agora ela... e reunindo uma força da qual não se julgava mais capaz, pôs-se de pé, cambaleante, ficando frente a frente com ele. Tinha sangue por todos os lados, e o rosto estava completamente deformado. Agora não havia como levá-la ao banco, como ligar para a polícia ou fazer outra coisa que não fugir sem o dinheiro. Com um último ímpeto de fúria, Steve a atacou e tentou arrancar o que ainda lhe restava de vida. Ele a sacudiu até o quarto girar em torno de Gabriella e, ainda assim, ela continuava firme, agarrando-se a ele, arranhando seu rosto e agora reagindo. Não deixaria que fizesse isso com ela. Ninguém jamais faria isso de novo. Ela se recusava a desistir da vida, enquanto ele tentava sufocá-la. Depois, por fim, deixou-a tombar no chão, chutou-a uma última vez e se foi.

Caída no chão, Gabriella não sabia se vencera ou perdera. E não importava. À sua maneira, todos haviam tentado matá-la... Joe... a mãe... Steve... o pai... tentaram e não conseguiram. Havia chegado até onde podiam dentro dela, tentando destruir seu espírito, extingui-lo como se fosse uma chama fraca. Mas este estava sempre fora de alcance, muito além deles, e por essa razão odiavam-na mais ainda. Gabbie rolou, ficando deitada de costas, fitou o teto e, com olhos cheios de sangue e dor, viu Joe lá em cima, olhando para ela, dizendo-lhe que sentia muito. E, dessa vez, quando ele estendeu a mão para ela, chamando-a com um gesto, Gabriella virou-lhe as costas e lentamente dirigiu-se sozinha para a escuridão.

CAPÍTULO 23

No fim daquela tarde, a sra. Rosenstein viu Gabriella caída no chão, ao passar pelo quarto do professor, a caminho do seu próprio quarto. Havia sangue por toda parte, a mobília estava revirada e, a princípio, ela não a viu. Gabriella parecia uma boneca de pano largada no chão. Seu rosto estava irreconhecível, os cabelos grudados pelo sangue, o pescoço coberto por hematomas, e a posição do corpo era tão esquisita que parecia óbvio à sra. Rosenstein que Gabriella estava morta. Tinha de estar, parecia nem respirar mais. E todos na casa acorreram quando ouviram os gritos da sra. Rosenstein.

Um dos pensionistas ligou para a telefonista imediatamente e viu que o fio do telefone fora arrancado da parede no quarto do professor, um dos poucos hóspedes que tivera uma linha telefônica privada. Todos na casa ficaram ali reunidos, chorando, enquanto esperavam a chegada da ambulância. Um dos novos pensionistas procurara o pulso de Gabriella e informara que continuava viva, mas que a pulsação estava muito fraca. E era impossível saber a extensão do dano causado à jovem, dado os óbvios golpes que levara na cabeça. Era inteiramente possível, sussurrou um dos pensionistas, que ela pudesse ter sofrido um dano irreversível no cérebro... tão jovem... tão bonita... Que coisa horrível... murmuravam todos, enquanto a sra. Boslicki soluçava e eles perguntavam uns aos outros quem poderia ser o responsável. Por um momento, a sra. Boslicki conjecturou se Steve teria feito aquilo e fugido, mas, quando alguém olhou em seu quarto, viu que seus pertences estavam todos lá. Começaram a ficar apreensivos, antecipando que teriam de lhe contar o que acontecera.

Estavam todos à volta de Gabriella, como num velório, quando os paramédicos chegaram e entraram correndo na casa. Depois de um olhada nela, levaram-na para a ambulância às pressas e, menos de dois minutos depois, já haviam partido, com as sirenes ligadas. Mas dessa vez Gabriella nada ouviu a caminho do hospital. Não teve nenhuma visão. Não ouviu qualquer voz. Ela entrara em coma pouco depois de

Steve deixá-la. Encontrava-se agora num lugar distante, livre de qualquer dor.

A equipe inteira da unidade de traumatologia trabalhou nela a tarde toda: o braço foi imobilizado na posição correta; os ferimentos, suturados. Os hematomas eram assombrosos e, dessa vez, quase todas as costelas haviam sido quebradas. No entanto, eram os ferimentos na cabeça que os preocupavam. Fizeram vários eletroencefalogramas, mas o verdadeiro teste seria o cérebro sobreviver à inchação. No fim, um cirurgião plástico veio trabalhar em seu rosto. Havia um corte comprido no queixo e outro no supercílio esquerdo. Mas, quando terminou, o médico ficou satisfeito com o trabalho reparador. Ele não pôde deixar de notar também os hematomas no pescoço e deixou a sala de cirurgia, abanando a cabeça. Então, parou para conversar com o chefe da equipe de traumatologia, um médico jovem com o qual trabalhara antes. Era o chefe do departamento, Peter Mason.

— Fizeram um belo trabalho nela — observou o cirurgião plástico, fazendo suas anotações na ficha. Ela passara por duas cirurgias naquela noite. Uma com ele e a outra com o ortopedista, para colocar um pino no cotovelo. — A moça deve ter deixado alguém muito aborrecido. — Era de fato surpreendente que não a tivessem matado.

— Talvez ela cozinhe mal — replicou Peter, sem sorrir.

Era o tipo de humor que os fazia seguir em frente. Viam um imenso número de casos assim, acidentes de automóvel, pessoas que pulavam de janelas e sobreviviam, por mais que se esforçassem em contrário, e espancamentos quase fatais. O que Peter mais odiava era ver as crianças. A unidade de traumatologia não era um lugar que lhe permitisse ter muitas ilusões.

— A polícia já deu uma olhada nela? — perguntou o cirurgião plástico, casualmente, devolvendo a ficha a Peter.

— Tiraram muitas fotos depois que imobilizamos o braço. Não foi nada bonito. — E ainda não era. Nenhum deles tinha como avaliar a aparência anterior da jovem.

— Acha que ela vai sobreviver?

Peter Mason deu um assovio antes de responder. Sua roupa branca ainda estava coberta pelo sangue dela, a lista de lesões parecia interminável, e as radiografias mostravam um número considerável de lesões anteriores, talvez devido a um acidente de automóvel, era difícil dizer. Mas o que fizeram com ela dessa vez estivera muito perto de ser fatal. O fígado e os rins estavam em péssimo estado graças aos chutes, e parecia que não havia uma só parte de seu corpo que não houvesse sofrido algum dano.

— Gostaria de crer que ela vai conseguir sobreviver — afirmou Peter Mason, otimista, mas na verdade não acreditava nisso. Os ferimentos na cabeça só vinham acrescentar mais uma complicação. O resto já teria sido suficiente para matá-la. Até mesmo um dos olhos fora afetado.

— Espero que peguem o filho da puta que fez isso — disse o cirurgião plástico, afável, e foi para casa jantar.

— Provavelmente o marido dela — murmurou Peter para si mesmo. Já havia visto isso também. Maridos ou namorados ciumentos ou bêbados, ou que chegavam em casa enfurecidos por uma *razão* qualquer que para eles fazia sentido e parecia justificar o ato de tirar a vida de alguém a fim de aplacar seus egos. Tinha visto muitos casos assim nos últimos dez anos.

Estava com trinta e cinco anos, divorciado e temia estar se tornando um homem amargo. A mulher o deixara, dizendo que não podia mais suportar aquela vida. Ele nunca estava em casa, sempre de sobreaviso, e, mesmo quando estava, sua presença não era completa. Vivia sempre pensando nos pacientes ou saindo correndo pela porta para salvar as vítimas de um acidente de automóvel. Ela aguentou durante cinco anos e então o trocou por um cirurgião plástico que só fazia *liftings* faciais. E Peter não tinha muita certeza se a culpava por isso.

Ele verificou o estado de Gabbie pessoalmente várias vezes nessa noite e parecia tudo estável. Ela estava na UTI de traumatologia, ao lado de uma mulher que saltara de uma janela no terceiro andar, caindo em cima de duas crianças e causando a morte de ambas, e de um

dependente químico, que tomara uma overdose, caindo sobre os trilhos do metrô, e que não iria sobreviver. Mas Gabbie ainda era uma incógnita. Ela poderia sobreviver, se tivesse vontade e lutasse por isso, e se saísse do coma.

As enfermeiras contaram que várias pessoas haviam telefonado da pensão onde ela morava, pedindo notícias dela, mas que não havia parentes próximos e nenhum marido. Parecia que só um namorado, que, porém, não entrara em contato. Peter se perguntou se não teria sido ele o responsável por aquilo e concluiu que essa hipótese era mais do que provável. Estranhos não espancam alguém com tanta violência. Esse cara tinha feito tudo que podia e ido longe demais. A única coisa que não fez foi atear fogo nela.

— Alguma alteração? — perguntou ele à enfermeira na UTI, e esta abanou a cabeça negativamente.

— Ela está se aguentando.

— Vamos torcer para que continue assim — disse o médico.

Já era meia-noite, e ele resolveu tirar um cochilo enquanto estava tudo tranquilo. Nunca se sabia o que viria a seguir. Trabalhavam em turnos de 24 horas na UTI, e o seu turno estava apenas começando.

— Me chame se acontecer alguma coisa. — Eles trocaram um sorriso. Ela gostava de trabalhar com ele. Era um bom sujeito e mais atraente do que ela admitiria para o marido. Tinha um ar descuidado, cabelos castanhos rebeldes e olhos castanho-escuros, cor de chocolate. Mas também sabia ser exigente, e nem sempre era fácil trabalhar com ele. Mas era um excelente médico.

Ele desapareceu no quarto que usava quando precisava dormir um pouco. Era um depósito, onde guardavam medicamentos e uma maca extra, mas era muito útil. Pelo restante da noite, os enfermeiros mantiveram Gabriella em observação. Ela não se agitou, não se moveu e mal parecia respirar. Os monitores, porém, mostravam que seus sinais vitais permaneciam constantes. Pela manhã, fizeram outro

eletroencefalograma, que pareceu normal, mas ela ainda não saía do coma.

Na pensão, o estado de espírito era sombrio. A sra. Boslicki transmitiu as notícias a todos, à medida que iam saindo para o trabalho, e prometeu ligar para eles se houvesse alguma alteração no estado de Gabriella. Aquela era a pior coisa que tinha acontecido na sua casa, além da morte do professor. Estavam todos cientes do fato de que Steve não voltara para casa nessa noite e que também não havia telefonado. De manhã, a sra. Boslicki informou a polícia sobre o seu desaparecimento.

Os policiais tinham conversado com todos na noite anterior e feito muitas perguntas sobre Steve. E fora interessante se dar conta do quão pouco todos sabiam sobre ele: que frequentara Stanford e Yale, que morava ali fazia oito meses, que estava desempregado e que era namorado de Gabriella. Afora isso, nada sabiam. Mas os policiais haviam levado uma pilha de recados telefônicos que a sra. Boslicki estava guardando para Steve na cozinha. No entanto, quando ela falou com a polícia nessa manhã, nem esta sabia de coisa alguma.

Naquela tarde, as notícias do hospital eram desanimadoras. Não havia mudanças no estado de saúde de Gabriella, e quando a sra. Rosenstein falou com o dr. Mason, ele não pareceu nada otimista. Disse que o prognóstico para ela era "cauteloso", independente do que isso significasse. Seu estado ainda era considerado crítico, e ela continuava em coma. Nada mais havia a dizer, mas ele prometeu ligar se surgisse alguma novidade.

O plantão de Peter devia terminar naquela tarde, mas o médico que deveria substituí-lo telefonou dizendo que a mulher entrara em trabalho de parto e que ele se encontrava no andar de cima, na maternidade, assistindo o parto de seu primeiro filho. Assim sendo, Peter concordou em tirar o plantão para ele, o que significava que ficaria ali mais 24 horas. Estava acostumado a isso; além do mais, não tinha mais nada para fazer. Entretanto, fora exatamente por isso que sua mulher se separara dele.

— Alguma novidade? — perguntou Peter na recepção, quando voltava da cantina, e foi informado de que dois pacientes haviam chegado: um garoto de dez anos transferido para a unidade de queimados, depois de um grave incêndio no Harlem, e uma senhora de oitenta e seis anos, que caíra de uma escada de mármore. Em outras palavras, nada de muito excitante.

Mais por rotina do que porque estivesse acontecendo alguma coisa, ele resolveu ir dar uma olhada em Gabbie. Ficou observando os monitores por um ou dois minutos e então a examinou delicadamente. Mas, ao fazê-lo, viu uma expressão de dor cruzar o rosto da jovem, e parou para observá-la. Tornou a tocá-la e viu a expressão se repetir, e era difícil dizer se ela estava começando a sair do coma ou se aquilo era apenas um reflexo. Ele olhou a Ficha, leu o nome dela e aproximou-se um pouco mais.

— Gabriella?... Gabriella... abra os olhos se puder me ouvir. — Nada aconteceu. Então pôs um dedo na mão dela e fechou-lhe os dedos em torno do seu, falando: — Aperte meu dedo, Gabriella, se estiver me ouvindo.

— Esperou um instante e estava prestes a retirar o dedo quando percebeu um movimento mínimo dos dedos da jovem. Ela o ouvira, e ele não pôde deixar de lhe dirigir um sorriso. Eram essas vitórias que davam sentido à sua vida; por elas desistira de um casamento e da maior parte da sua vida. Não era muita coisa, mas era o que fazia sua vida valer a pena.

Ele tentou novamente e, dessa vez, o aperto parecia mais forte. — Pode abrir os olhos para mim? — indagou ele, suavemente. — Ou piscar. Aperte os olhos ou então os abra... Eu gostaria de vê-la.

Por um longo momento, nada aconteceu, e então, devagar, os cílios tremeram, mas os olhos não se abriram. No entanto, isso significava que ela o ouvira e que seu cérebro parara de inchar. E também que o trabalho deles estava apenas começando. Fez sinal para uma das enfermeiras e, quando esta se aproximou, ele contou o que havia acontecido.

— Já demos o primeiro passo. Por que você não conversa com ela um pouco e vê o que acontece? Volto mais tarde para vê-la. Então ele foi verificar como estava a senhora que caíra na escada de mármore e a encontrou num estado extraordinariamente bom. Estava revoltada por ter de ficar ali — quebrara a bacia e uma das articulações do quadril — e exigia ser mandada para casa imediatamente. Disse que tinha uma hora marcada com o cabeleireiro na manhã seguinte.

Peter ainda sorria quando saiu do quarto dela. Era uma senhora terrivelmente rabugenta e aristocrática, e podia imaginá-la batendo nele com a bengala, se tivesse uma à mão. Prometera lhe dar alta assim que ela pudesse caminhar com o auxílio de um andador. Mas, na manhã seguinte, ela precisaria submeter-se a uma cirurgia no quadril.

Depois de preencher algumas fichas, já era quase meia-noite quando ele voltou para ver Gabriella.

— Alguma novidade com a Bela Adormecida? — perguntou ele, bem-humorado, à enfermeira, que deu de ombros.

Não houvera qualquer outra resposta da parte dela até ali. Talvez tivesse sido um reflexo ou talvez ela tivesse sido tão espancada que não se interessasse mais pelo mundo. Ela se retirara para um lugar onde ninguém podia alcançá-la. Às vezes isso acontecia.

Ele se sentou na cadeira ao lado da cama, e a enfermeira saiu. Peter tornou a colocar o dedo na mão da paciente, mas nada aconteceu. Mais do que nunca, ela parecia estar num coma profundo. Ele estava prestes a desistir, quando a viu mover o braço e estender dois dedos em sua direção. Os olhos dela estavam fechados, mas ele sabia que ela ouvira sua voz.

— Está falando comigo? — indagou ele, com delicadeza. Que tal me dizer alguma coisa? — Precisavam saber se ela era capaz de falar e, mais, de raciocinar. Nesse momento, porém, uma palavra, um olhar, um som teria sido suficiente para ele. — Que tal cantar uma musiquinha para mim?

Ele conseguia manter o humor e a naturalidade com os pacientes nas piores circunstâncias, o que fazia com que tanto pacientes quanto

enfermeiras o adorassem. E sua extraordinária habilidade em trazer as pessoas de volta à vida, quando estavam praticamente mortas ou bem perto disso, fizera-o merecedor do respeito de seus colegas.

— Vamos lá, Gabriella, o que me diz? Que tal o hino americano? Ou quem sabe Twinkle, Twinkle? — Ele cantarolou para ela, baixinho e bem desafinado, e uma enfermeira, que passava por ali, sorriu para ele.

Apesar de ser meio desvairado, eles o adoravam. Ou que tal o ABC? E a mesma melodia, você sabe. Eu canto ABC e você canta Twinkle, Twinkle, está bem? Enquanto ele tagarelava com ela, de repente ouviu um gemido baixinho e um ruído que não parecia humano.

— Qual era essa? — perguntou ele, pressentindo a vitória acenar-lhe e querendo agarrá-la rapidamente. — Era o ABC ou Twinkle, Twinkle? Reconheci a música, mas não entendi muito bem a letra.

Ela tornou a gemer, dessa vez mais alto, e ele soube que ela estava voltando para eles. Isso não era reflexo. E dessa vez os cílios dela tremularam, e ele pôde perceber que Gabriella estava tentando abrir os olhos, mas estes ainda estavam muito inchados. E, muito delicadamente, ele estendeu a mão e tentou ajudá-la. No momento em que a tocou, os olhos dela se abriram devagar. Tudo que ela conseguiu ver foi um borrão, mas dava para perceber a silhueta de alguém ali de pé. Não pôde ver as lágrimas nos olhos dele, enquanto a observava. Peter queria gritar: "Conseguimos!" Pela simples vontade, se nada mais, eles a haviam arrebatado dos negros recessos da morte. E talvez, apenas talvez, ela fosse sobreviver.

— Olá, Gabriella. Seja bem-vinda. Sentimos a sua falta.

Ela tornou a gemer. Seus lábios ainda estavam inchados demais para que pudesse falar com clareza, mas ele percebia que ela estava tentando. Havia muitas perguntas que queriam lhe fazer, sobre o que lhe acontecera e quem fizera isso com ela, mas ainda era cedo demais.

— Como está se sentindo? Ou será que essa é uma pergunta muito estúpida?

Dessa vez ela assentiu com a cabeça e em seguida fechou os olhos. Mexer a cabeça era muitíssimo doloroso. Ela tornou a gemer e abriu os olhos um minuto depois.

— Aposto que sim. — Mais tarde ele poderia lhe dar um analgésico, mas, tendo acabado de sair do coma, não queria dopá-la por enquanto. Ela teria de suportar a dor um pouco mais. Acha que pode me dizer alguma coisa?... Isto é, outra coisa que não seja cantar Twinkle, Twinkle? — Podia ver que ela estava tentando sorrir para ele, mas a careta que conseguiu fazer era por demais dolorosa.

— Dói — foi a palavra que ela por fim conseguiu pronunciar. Era um misto de gemido e sussurro.

— Posso apostar que sim. — Ele sequer podia imaginar onde doía, tantas eram as possibilidades. — A cabeça? — É... — sussurrou ela, e sua voz soou um pouco menos gutural.

— Braço... rosto... — Não havia muitos lugares em seu corpo que não houvessem sido machucados. Mas agora tinha coerência suficiente para fazê-lo lembrar que havia outras perguntas que precisava lhe fazer. A polícia viria no dia seguinte de manhã. Estavam acompanhando de perto o estado dela. Aquela era a pior agressão que tinham visto em anos e queriam agarrar o sujeito que fizera aquilo.

— Sabe quem lhe fez isso? — perguntou ele, cauteloso, e ela não respondeu. Gabriella fechou os olhos, mas ele insistiu. — Se souber, gostaria que me dissesse. Você não quer que ele faça a mesma coisa com outra pessoa, quer? Eu queria que você pensasse nisso. — Ele então se calou e ficou sentado em silêncio.

Ela abriu os olhos e olhou para ele, parecendo pensar no que ele dissera. Ela sempre os protegera, todos eles, mas mesmo nos negros recessos de onde acabava de voltar, ela sabia que dessa vez era diferente.

— Sabe quem foi? — Se fosse um estranho, ela não saberia dizer. Mas Peter desconfiava que esse não era o caso. E ela não respondeu a sua pergunta. — Podemos conversar sobre isso mais tarde. Ela piscou, concordando, e então tentou falar novamente.

— Nome...

— O nome da pessoa que a espancou? — Ele agora estava confuso, mas Gabriella franziu a testa e pareceu aborrecida por ele não compreender o que ela dizia. Então, apontou um dedo para ele, mal erguendo-o de sobre o lençol. Ela queria saber quem ele era.

— Peter... Peter Mason. Sou médico. Você está no hospital e nós vamos curá-la e mandá-la para casa, mas queremos que esteja em segurança lá. É por isso que queremos saber quem fez isso.

Ela então se limitou a dar mais um gemido e fechou os olhos, exausta. Mergulhou no sono, e ele ficou ali mais um minuto, observando-a, e então saiu. Decididamente, ela estava pensando com clareza. Respondera a tudo que ele dissera e quisera saber quem ele era. Aquele era um grande começo, e Peter sentiu-se encorajado. Ele dormiu pouco nessa noite e veio vê-la de manhã. Parecia mais animada do que na noite anterior; conseguia falar de maneira mais clara, ainda que num sussurro, e lembrou-se de que o nome dele era Peter. O eletroencefalograma parecia bom, assim como a resposta de todos os monitores. Ela estava decididamente se recuperando, pelo menos segundo os critérios dele, para os quais não era preciso muito. E ele ainda estava com ela quando a polícia chegou. Ficaram satisfeitos ao saber que a jovem saíra do coma, e o que queriam agora eram informações.

Peter advertiu-os, quando se aproximaram da cama, de que fossem com calma. Ela só recuperara a consciência na noite anterior. Os policiais fizeram-lhe as mesmas perguntas que Peter, embora com menos delicadeza. Disseram a ela que queriam fazer tudo que pudessem para ajudá-la e protegê-la, mas que isso só seria possível se ela lhes contasse quem a agredira. Nesse momento, ela pareceu muito pensativa. Parecia estar pesando o que eles lhe diziam, refletindo sobre as suas palavras. Era quase como se estivesse ouvindo, atenta, alguma coisa.

— Você não pode deixar que isso se repita — disse Peter, sereno, de pé ao lado da cama, olhando-a com compaixão. — Da próxima vez, pode não ter tanta sorte. Quem quer que tenha feito isso com você

queria machucá-la, Gabriella. Ele fez tudo que pôde para feri-la e matá-la. — O sujeito a havia machucado, chutado, quebrado seus ossos, tentado estrangulá-la. Para ele, isso não tinha sido um acidente, nem mesmo um crime passional. Fora uma tentativa violenta de destruí-la. E chegara bem perto do êxito, ela sabia disso. — O que ele fez foi proposital.

Agora precisa nos ajudar a prendê-lo, para que isso não volte a acontecer. Você não estará em segurança até ele ser colocado na prisão, que é o lugar dele. Pense nisso. Era obviamente o que ela estava fazendo, e Gabriella olhou para eles, movendo os olhos de um para o outro. Ela passara a vida toda protegendo outras pessoas, ocultando seus crimes, inventando desculpas para estes, dizendo a si mesma que merecera aquele castigo, mas de repente não acreditava mais nisso. Ela não merecia aquilo. Ele, sim. Gabriella abriu a boca para falar e então tornou a fechá-la insegura. O suspense os estava matando. E, finalmente, quando Peter tinha certeza de que ela não falaria, Gabriella olhou diretamente para ele e fez um gesto afirmativo com a cabeça. Alguma coisa dita por ele a tocara, abrindo a porta, e ele estava ciente disso.

— Vamos, Gabriella... conte para a gente... você precisa. Você não merece isso.— Ela não merecia, sabia disso. Assim como sabia, no momento em que ele a espancava, que ele não tinha o direito de fazer aquilo, não tinha o direito de fazer o que sua mãe fizera, assim como ela também não tivera. E foi exatamente o que ela disse a Steve. Isso tinha acabado. Ela nunca mais deixaria que acontecesse. Ninguém nunca mais a tocaria, não desse jeito, não para machucá-la. Ela não deixaria.

— Steve — sussurrou ela, de forma quase inaudível a princípio.— Steve Porter. — Mas ela sabia que precisava explicar outras coisas também, e mal tinha força suficiente para fazê-lo. No entanto, eles ouviam bem perto dela, enquanto um dos policiais tomava notas. Sabiam que Porter era o namorado dela e que morava na pensão, como haviam informado os outros pensionistas.

— Outros nomes... cartas na mesa do professor... nomes diferentes... já estive preso.

Ambos os detetives ergueram os olhos, ao mesmo tempo. Isso iria ser fácil. Bingo!?

— Você lembra quais eram esses outros nomes, srta. Harrison?

— Steve Johnson... John Stevens... Michael Houston. — Lembrou-se de todos eles surpreendentemente sem esforço. E agora queria colaborar com a polícia. Devia isso a si mesma, depois de todos esses anos, estava ciente. Ninguém iria machucá-la outra vez. Ou destruí-la. E Steve merecia tudo que lhe acontecesse.

— Ele já esteve preso no Kentucky... no Texas... na Califórnia...

— Sabe onde ele está agora? — perguntaram-lhe, e ela disse que não. — Ele não esteve aqui, esteve? — Olharam para o médico, que balançou a cabeça em negativa. O homem não era tão louco assim. — Sabe por que ele fez isso com você? Estava com raiva? Com ciúmes? Você estava tentando romper com ele ou saindo com outro homem? — Essas eram as razões habituais.

— Ele queria meu dinheiro... Eu vinha lhe dando dinheiro há meses — murmurou ela, além de furtar de sua bolsa, mas não tinha força suficiente para dizer isso. Poderia lhes contar o restante mais tarde.

— E um amigo me deixou uma herança... Ele queria que eu lhe desse todo o dinheiro, ou a maior parte... ou então diria que eu tentei convencê-lo a matar o professor... Foi ele quem me deixou o dinheiro. Steve queria tudo... queria ir para a Europa... disse que me mataria se eu não lhe desse tudo. — E quase cumprira a promessa. Nesse momento, ela acrescentou a tudo que já havia lhes contado a gota d'água: — Acho que ele matou o professor... tentou matar... ele o machucou... e então o professor teve um derrame... ele me deixou o dinheiro. — Ela falava um pouco truncado, mas os dois detetives concluíram que poderiam saber do resto com a senhoria e os outros hóspedes da pensão, e haveria tempo de sobra para fazer outras perguntas a Gabriella mais tarde, quando ela se sentisse melhor.

— Ele usou algum objeto para bater em você? — perguntaram-lhe então, e ela se surpreendeu com a pergunta.

— Só as mãos.

— Que cara legal! — O policial fechou a caderneta, ambos lhe agradeceram e disseram que voltariam quando ela estivesse melhor, acrescentando que esperavam ter boas notícias para ela em breve. Gabriella ficou surpresa ao perceber, quando fechou os olhos, que não lamentava o que acabara de fazer. Fora a coisa certa, tinha certeza. Era hora de deter as pessoas que a magoavam. Algumas não podiam evitar, como Joe e madre Gregoria... mas sua mãe... e talvez até mesmo o pai... eles não precisavam ter feito aquilo... e Steve... tudo que ela podia fazer agora era detê-lo. Era tarde demais para os outros.

Gabriella tornou a abrir os olhos depois que eles foram embora e admirou-se de ver Peter ainda de pé ao seu lado, observando-a. Ele estava tentando adivinhar seus pensamentos, se ela amara de verdade aquele homem e se estava sofrendo muito com o que aconteceria. Não parecia que fosse assim. Ela aparentava estar feliz, até mesmo aliviada. E ele podia quase adivinhar que, debaixo de todos aqueles ferimentos, hematomas e curativos, ela devia ser bonita. Teria gostado dela de qualquer forma, percebeu. Uma espécie de força emanava dela. Tinha atravessado o inferno e estava ali, sorrindo para ele.

— Bom trabalho — disse ele.

— Uma pessoa má... terrível... matou meu amigo.

— Ele quase a matou. — E isso era mais importante para Peter. Ela era sua paciente. — Espero que o prendam.

— Eu também.

O desejo de ambos foi satisfeito. A polícia voltou às seis, naquela tarde, pouco antes de Peter finalmente deixar o plantão. Haviam encontrado Steve às quatro da tarde, num cassino, em Atlantic City. Tinha ficha no FBI, e as policias tanto do Texas quanto da Califórnia foram muito prestimosas. Ele negara tudo, naturalmente, dissera-lhes que estavam loucos, que Gabbie era psicótica e que o ameaçara. No entanto, no estado em que ela se encontrava, não havia a menor chance de alguém acreditar nele. Estava tudo acabado para Steve. Tinha violado a condicional em três estados e, ainda que não houvesse

encostado a mão nela, teria penas a cumprir por todo o país. Era um milagre que não o houvessem apanhado antes. Se isso tivesse acontecido, talvez ele não a houvesse machucado. Depois do que ele fizera a Gabriella, porém, ficaria na cadeia por muito tempo. Os policiais leram seus direitos legais e o prenderam na mesma hora. Ele foi acusado de tentativa de assassinato, e a polícia iria tentar provar sua participação na morte do professor, incriminando-o por homicídio culposo. No fim, Steve tinha mesmo *razão*. Essa era a sua hora. Gabbie ouviu com assombro o que eles contavam.

— Ele vai ficar preso? — perguntou, ainda através de sussurros. Estava sem forças, e ainda doía demais falar num tom mais alto. Suas costelas rilhavam todas as vezes em que se mexia ou falava, ou até mesmo sussurrava.

— Por muito tempo — asseveraram-lhe, e ela assentiu.

Gabriella lamentava que tudo aquilo tivesse acontecido. Era tudo tão feio, tão terrível, e ainda se sentia pesarosa por causa do professor. Preferia tê-lo a ter seu dinheiro. Antes de irem embora, os detetives lhe disseram que a pensão estava em alvoroço naquela noite e que todos lhe desejavam melhoras. Até ali, porém, ela não tinha permissão para receber visitas. O pessoal da pensão viria assim que os médicos permitissem.

— O culpado sou eu. Eu sou o malvado. Você precisa descansar — disse-lhe Peter depois da saída dos policiais. — Como está se sentindo?

— Parecia preocupado. Ela havia passado por muitas emoções desde a manhã. A decisão de denunciar o ex-namorado não devia ter sido fácil para ela; e muito menos saber das consequências de sua decisão. Era uma coisa difícil saber que era a responsável pela ida de alguém para a prisão, ainda que essa pessoa merecesse. E o conflito devia ser ainda maior, já que Peter supunha que ela o amava. De certa forma, ela de fato o amara, mas tinha sido mais um vínculo doentio, uma dependência. Ela não soubera como sair daquela relação, como parar de lhe dar dinheiro, principalmente depois que ele começara a pressioná-la nesse sentido. Steve era um vigarista e a manipulara, e ela

fora presa fácil para ele. Mas agora sabia que nunca o amara de verdade.

— Tudo bem com você? — perguntou Peter outra vez, e ela assentiu.

— Acho que sim. — Ela ainda não tinha certeza do que sentia. Era tudo tão confuso.

— Deve ser difícil. Você acreditou que ele era seu amigo. Peter podia apenas imaginar que o sentimento de traição fosse desmedido.

— Não creio que tenha chegado a conhecê-lo. Não sei quem ele era — disse ela baixinho, e ele viu algo em seus olhos que o comoveu. Então Gabriella o olhou e perguntou: Quanto tempo vou ficar aqui?

— De repente, ela o fez lembrar-se da senhora que caíra da escada na noite anterior e queria ir ao cabeleireiro de manhã.

— Você tem hora marcada no cabeleireiro? — indagou ele com um sorriso.

— Não exatamente. — Os cabelos dela estavam perdidos em meio às ataduras. Ele sequer podia imaginar de que cor eram; não havia prestado atenção.

— Só queria saber. — Ela falava com muita suavidade.

— Algumas semanas. Pelo tempo suficiente para voltar ao sapateado ou seja lá o que você faz. Trabalha em quê? — Ele sabia pela ficha que ela estava com vinte e três anos, era solteira, não tinha família, morava numa pensão e trabalhava numa livraria. Nada além disso.

— Estou tentando ser escritora — respondeu ela, timidamente.

— Já publicou alguma coisa? — perguntou ele com interesse.

— Uma vez. Na The New Yorker, de março.

Era uma revista de grande prestígio, e ele ficou impressionado.

— Deve escrever muito bem.

— Ainda não — replicou ela, com modéstia. — Mas estou me esforçando para isso.

— Bem, não escreva sobre esse caso por enquanto. Vamos fazer com que fique boa antes de voltar ao trabalho. Onde foi que conheceu esse cara? Numa convenção para ex-presidiários?

Ela sorriu. Gostava dele. Tinha sido bom para ela, e Gabriella percebia que ele se importava com o que lhe acontecera. Todos tinham sido muito bons para ela ali; tanto os médicos como os enfermeiros.

— Ele morava na mesma pensão que eu.

— Talvez fosse bom você pensar em alugar um apartamento. Por falar nisso — disse ele, consultando o relógio —, estou prestes a me transformar numa abóbora. Tente não se meter em muita confusão. Vou me ausentar por dois dias. — E com isso ele deu uns tapinhas de leve na perna dela, por cima do lençol. — Cuide-se, Gabriella.

— Gabbie — corrigiu ela. Quisera fazer isso antes, mas acabara se esquecendo. Gabriella parecia formal demais depois de tudo que haviam passado juntos. Ela lamentava vê-lo ir embora. Era o seu único amigo ali. O médico acenou ao deixar o quarto.

Quando voltou dois dias depois, Gabriella foi a primeira paciente que ele foi ver em sua ronda. Ficou impressionado com o seu progresso. Ela já estava falando com a voz quase normal, mas ainda sentia dor ao rir, e, portanto não se arriscava a fazê-lo com frequência. Eles a sentavam duas vezes por dia na beira da cama, e ela agora já conseguia fazer isso sem desmaiar, o que tinha acontecido da primeira vez. E tinham-lhe prometido que, no final da semana, ela poderia se levantar, coisa que a Gabbie parecia uma tarefa impossível. A sra. Rosenstein e a sra. Boslicki tinham ido visitá-la. Todos os outros mandaram cartões e presentinhos, e as duas senhoras trouxeram-lhe rosas. Eles ainda estavam transtornados por causa de Steve, e fora publicado no jornal um extenso artigo sobre ele e os crimes de que era acusado.

— Imaginem só, ele estava morando conosco! — exclamou a sra. Rosenstein, horrorizada. Além disso, todos se sentiam perturbados também com a possibilidade de que ele pudesse ter machucado o professor. Era difícil de acreditar. Gabriella nada sabia sobre Steve e esperava nunca mais saber. A lembrança de ter dormido com ele, vivido com ele, de que o sustentara, ainda fazia revirar seu estômago. Um dia

teria de enfrentá-lo no tribunal, o que não seria nada fácil, e Gabbie tinha certeza de que elealaria mentiras sobre ela, mas quando chegasse a hora, estaria mais fortalecida e em melhores condições de enfrentá-lo.

Ian Jones tinha telefonado da livraria, dizendo-lhe que esperariam o tempo necessário para que ela se recuperasse e voltasse ao trabalho. Ela queria continuar no emprego, apesar do dinheiro herdado. Adorava trabalhar na livraria, e o emprego lhe dava bastante tempo para escrever. Tampouco tinha planos de se mudar da casa da sra. Boslicki. Agora que Steve não estava mais lá, ela se sentia segura.

— Então o que esteve aprontando durante a minha ausência? — perguntou Peter depois de examiná-la. — Saiu para jantar? Dançar? O de sempre?

— O de sempre. Alguém veio lavar meu cabelo e ainda não me deixam ir ao banheiro. — Ela riu. Seus progressos eram ainda muito pequenos, mas estava contente em vê-lo.

— Talvez possamos mudar isso. — Ele fez uma anotação na ficha, examinou-lhe o braço e verificou o progresso do trabalho do cirurgião plástico. Ela estava indo muito bem. Então ele perguntou sobre o que o deixara curioso quando vira suas radiografias. Você já sofreu um acidente de carro, Gabbie? Parece que já teve alguns ossos quebrados antes. Suas costelas parecem ter atravessado uma guerra. — Além disso, ele tinha visto cicatrizes no couro cabeludo quando verificava se não havia inchações na cabeça.

— Mais ou menos — respondeu ela, vagamente, com uma expressão estranha nos olhos. Ele percebeu o seu retraimento imediato. Era uma mulher com muitos segredos.

— É uma resposta interessante. Teremos de conversar sobre isso qualquer hora dessas. — Mas agora precisava visitar outros pacientes.

Mais tarde, naquela noite, ele voltou e trouxe um refrigerante para ela e uma xícara de café.

— Vim ver como está. Acabei de jantar. Eles mantêm uma bomba estomacal na cantina para o caso de envenenarem alguém. É usada pelo

menos quatro vezes por noite. — Ele sentou-se na cadeira, e Gabbie riu de sua brincadeira. Percebeu que parecia cansado nessa noite e se deu conta do quanto ele trabalhava ali.

Peter perguntou sobre seu trabalho e onde ela estudara. Ele era do sudoeste e, em certos aspectos, achava que ele se parecia com um caubói. Cruzava os corredores com passos longos e elásticos, e observara que ele usava botas de caubói com as roupas brancas de médico. Peter tinha notado a intensidade do azul dos olhos dela e que, à medida que diminuía o inchaço do rosto, exatamente como ele havia suspeitado, ela ia se mostrando muito bonita. E muito jovem. E, ao mesmo tempo, muito velha. Era uma mulher de muitos contrastes. Havia um quê de sabedoria e de tristeza em seus olhos que o fascinava, mas outra vez ele pensou que ser espancada até quase a morte pelo homem com quem morava não devia ser uma coisa fácil. Ele perguntou um pouco mais sobre o namorado, e ela não parecia ansiosa por falar dele. Uma das enfermeiras lhe mostrara o artigo no jornal, mas ele não o mencionou a Gabbie.

— Então, onde você foi criada? — perguntou, descontraído, curioso sobre ela, enquanto bebericava o café. Era bom conversar com ela.

— Aqui. Em Nova York. — Mas ela não mencionou o convento. Descobriram que eram ambos filhos únicos. Ele estudara medicina na Universidade de Columbia, motivo por que tinha ido para Nova York e um ponto em comum entre eles. Em muitos aspectos, porém, eram muito diferentes. Ele era muito descontraído e franco, e tinha visto muita crueldade na vida, mas nunca a sentira na carne. Alguma coisa nela sugeria-lhe que havia visto mais coisas do que a maioria das pessoas da sua idade ou do que muitos bem mais velhos. Havia portas que ele sabia estarem fechadas para ele, mas Peter não sabia onde encontrar a chave para destrancá-las. Ela parecia pensar muito. E então, por mera coincidência, ele mencionou que um de seus amigos de escola tornara-se padre e que ainda eram muito ligados. Ele parecia gostar muito desse amigo, e Gabriella sorriu, enquanto ouvia. Ele pensou que ela estivesse zombando dele e tentou convencê-la de que os padres também são gente.

Ela não pôde resistir e contou que tinha sido postulante e que havia crescido num convento. Mas não contou sobre Joe nem nada do que acontecera no ano anterior. Ele ficou fascinado com sua história e com o fato de ela ter sido quase freira, e por fim perguntou-lhe o que a fizera mudar de ideia.

— É uma longa história — replicou ela com um suspiro, ignorando a pergunta.

Ele precisava voltar ao trabalho e prometeu vê-la no dia seguinte. Mas voltou naquela mesma noite, certo de que ela estaria adormecida, já tendo passado da meia-noite, e ficou surpreso ao vê-la desperta. Gabbie estava deitada na cama, quieta, com os olhos abertos. Havia algo de muito tranquilo e sereno nela — Posso entrar? — Pensara nela a noite toda e sentiu-se atraído ao seu quarto, quando passara por ele, ao terminar de verificar os pacientes.

— Claro. — Ela sorriu e se ergueu, apoiando-se no cotovelo são. Havia uma pequena lâmpada acesa no quarto, mas este estava quase totalmente escuro e aconchegante. Ela estava ali deitada, pensando nos pais. Vinha pensando muito neles nos últimos tempos, especialmente no pai.

— Você me parece muito séria. Você está bem?

Ela assentiu. Na verdade, estava mesmo, considerando-se tudo que tinha acontecido. Steve desaparecera de sua vida como um sonho. Era quase como se ele nunca tivesse existido. De uma maneira ou de outra, todas as pessoas de quem ela gostara haviam desaparecido. Ultimamente, porém, ela parecia estar encarando isso com mais tranquilidade.

— Estava pensando nos meus pais — admitiu ela, e ele se sensibilizou. De acordo com sua ficha, ela não tinha parentes próximos. Ele imaginou que os pais houvessem morrido e perguntou-lhe quando isso tinha acontecido. Gabbie hesitou antes de responder.

— Não morreram. Acho que meu pai está em Boston e minha mãe mora na Califórnia. Não o vejo há quatorze anos; e minha mãe, há treze. Ele parecia perplexo.

— Você foi uma menina levada? Fugiu com o circo? — perguntou Peter, e ela sorriu com aquela ideia.

— Não, fugi para o convento — mas ele já sabia disso. — É uma longa história, mas meu pai saiu de casa quando eu era pequena, e então minha mãe me deixou no convento e nunca mais voltou. Parecia uma história bastante simples, mas ele desconfiava de que não fosse.

— Isso é um pouco estranho. Por que não podiam ficar com você? Você fez alguma coisa grave para aborrecê-los?

— Eles achavam que sim. Não gostavam muito de crianças.

— Parecem pessoas encantadoras — comentou ele, observando-a, querendo chegar mais perto dela. Mas estava trabalhando, e era sua paciente. Já estava passando muito tempo com ela, e não queria provocar comentários.

— Não eram — disse Gabriella suavemente, chegando à conclusão então de que não tinha nada para esconder dele. Sentia-se estranhamente segura conversando com ele. E aquele era um segredo sinistro tanto dos pais quanto dela. Sempre sentira muita vergonha daquilo, mas agora não sentia. — Foram eles o acidente de carro sobre o qual você me perguntou. Ou, melhor, ela foi. Ele era apenas a testemunha casual.

— Não sei se estou entendendo. — Parecia perturbado ao dizê-lo. Não queria entender, não podia conceber o que ela estava dizendo.

— As costelas quebradas. Foram um presente de Natal de minha mãe, vários anos seguidos. Na verdade, era o presente favorito dela. Ela me presenteava com ele com frequência. — Tentou amenizar o que dizia, mas era um assunto difícil de suavizar.

— Ela espancava você? — Peter parecia perplexo. — Foi isso que vi nas radiografias?

— Provavelmente. Nunca quebrei nada de outra maneira. Ela passou dez anos sempre me espancando antes de me abandonar. — Seus olhos estavam arregalados e tristes, e ele estendeu a mão e a tocou. Ficou segurando-lhe a mão. Não podia imaginar o que ela passara.

— Gabbie... que coisa horrível... Ninguém ajudou você ou a deteve?
— Isso era ainda mais inconcebível para ele; que ela tivesse sido uma criança sem amigos.

— Não. Meu pai costumava presenciar as agressões, mas nunca dizia nada. Acho que tinha medo dela. E, no fim, não conseguiu mais suportar, e a deixou.

— Por que não levou você com ele? — Aquela era uma pergunta em que ela nunca tinha tido coragem de pensar, mas nesse momento se fez a pergunta e deu de ombros ao levantar os olhos para Peter.

— Não sei a resposta para essa pergunta. São muitas as perguntas sobre eles sem respostas. Venho pensando nisso desde que tudo isso aconteceu.

Entendo por que Steve fez o que fez. Estava tudo muito claro. Eu o deixei com raiva. Queria dinheiro, e não lhe dei. Pelo menos ele foi franco. Quanto aos meus pais, porém, eu nunca soube por que me odiavam tanto. Nunca entendi isso. Sempre diziam que eu era muito má... terrível... que, se eu não fosse tão má, eles não precisariam agir daquela forma. Mas como uma criança pode ser tão má? - Era uma pergunta que se fazia ultimamente.

— Nunca má o bastante para que alguém quebre os seus ossos. Eu também não compreendo. Você já perguntou isso a eles?

— Nunca mais vi nenhum dos dois. Uma vez, há um ano, liguei para o meu pai. Tentei ligar, mas não consegui encontrar o seu nome em nenhuma lista telefônica de Boston.

— E quanto à sua mãe? Ela me parece uma boa pessoa para se afastar tanto.

— E era mesmo — disse Gabbie com sinceridade, as cordas da lembrança ainda vibrando no seu íntimo. O fato de Steve tê-la quase matado despertara muitos sentimentos antigos, e agora era difícil quietá-los.

— Fico me perguntando se ela estará diferente agora, se mudou, se poderia me dar uma explicação, se se arrepende agora, depois de tantos anos. Aquilo quase arruinou a minha vida, deve ter quase arruinado a

dela também. — Os olhos de Gabbie fitaram-no com tanta sinceridade que ele quase ficou sem ar, tão franca, honesta e corajosa ela era.— Sempre quis saber por que ela me odiava tanto. O que havia em mim que fazia com que me odiasse? — Era importante para ela entender isso.

— Alguma doença que ela tem na alma, eu diria — afirmou ele, pensativo. — Não poderia ser nada em você, Gabbie. — Ele tinha visto vítimas de violência infantil na unidade de trauma antes, e sempre se compadecia delas, daqueles olhos aterrorizados e os corpinhos machucados, dizendo que não tinha sido culpa de ninguém, que ninguém fizera aquilo a elas, e protegendo os pais. Eram tão indefesas, vítimas de pessoas doentes e violentas. Fazia apenas dois meses que ele perdera uma criança ali no hospital, espancada pela própria mãe até a morte cerebral. Para ele, aquilo era inaceitável, e tudo que queria fazer na noite em que a criança morreu era sair correndo do quarto e matar a mãe. No momento, ela estava presa, à espera do julgamento, e seus advogados estavam pleiteando a condicional.

— Não sei como você conseguiu sobreviver — disse ele com gentileza. — Ninguém a ajudou?

— Nunca. Não até eu ir para o convento.

— Foram bons com você lá? — Ele esperava que sim, não podia suportar pensar no que sua vida devia ter sido antes disso. Embora mal a conhecesse, aquela história despertou nele o desejo de protegê-la. Mas tudo que podia fazer nesse momento era ouvir.

— Foram muito bons comigo. Eu adorava morar lá, e fui muito feliz.

— Então, por que saiu? — Havia tanto a saber sobre ela. Queria descobrir tanta coisa.

— Tive de sair. Fiz uma coisa horrível, e elas não puderam me deixar ficar. — No ano anterior, ela aprendera a aceitar aquele fato, embora soubesse que nunca seria capaz de se perdoar completamente.

— Que coisa tão horrível assim foi essa? — perguntou ele, num tom alegre. — O que foi que você fez? Roubou o hábito de outra freira?

— Um homem morreu por minha causa. Fui responsável pela sua morte. Isso é algo com que terei de viver. Sempre. Por um momento, ele não soube o que dizer.

— Foi um acidente? — Devia ter sido. Ela jamais mataria alguém. Por menos que a conhecesse, sabia que não faria isso. Mas ela o estava olhando intensa e demoradamente, perguntando-se até onde podia confiar nele. Por alguma estranha *razão*, ela sabia que podia confiar totalmente nele. Sentia e via isso em seus olhos, enquanto ele a olhava.

Ele cometeu suicídio por minha causa. Era padre, e estávamos apaixonados. Eu estava grávida dele. Peter olhou-a em silenciosa perplexidade. Ela fora ao inferno e voltara, e fora um pouco além.

— Há quanto tempo foi isso? — Embora ele não tivesse muita certeza de que isso tivesse importância.

— Há um ano. Onze meses, para ser precisa. Não sei como foi acontecer.

Eu nunca tinha olhado para um homem antes. Não creio que nenhum de nós compreendesse o que estávamos fazendo, até que era tarde demais. Durou três meses. Íamos morar juntos. Mas ele não pôde. Não podia deixar a igreja. Era a única vida que ele conhecia e, além disso, tinha de conviver com seus próprios demônios. Não conseguia forçar-se a sair nem me abandonar. Então se matou e me deixou uma carta explicativa.

— E o bebê? — perguntou o médico, apertando a mão dela, desejando desesperadamente abraçá-la.

— Eu o perdi. — Agora tudo não passava de uma névoa, uma impressão surrealista de tragédia que sempre a fazia sentir como se alguém estivesse apertando seu coração.

— Foi em setembro passado.

— E agora isso. Este não foi um ano muito bom para você, Gabbie, não é? — Também não fora uma vida muito boa para ela antes disso. Pais que a espancavam e a haviam abandonado num convento, e um homem que se suicidara em vez de ficar ao seu lado e do bebê. Era

muito para se suportar. Peter estava assombrado que ela tivesse sobrevivido.

— Agora foi diferente — disse ela, referindo-se a Steve. — É engraçado, mas foi mais honesto. Eu me senti usada e traída por ele, e doeu terrivelmente quando descobri, mas não creio que o tenha amado de verdade. Eu simplesmente estava numa situação muito difícil. Agora percebo que ele preparou uma armadilha desde o início.

— Você era uma presa fácil para ele — afirmou Peter, com sensatez, fitando-a, admirando quem ela era e o que tinha passado. Espero que ele pegue uma pena bem longa. — Sentia-se aliviado por saber que a polícia parecia pensar que isso era mais do que provável. — O que você vai fazer agora? — perguntou, pensando nela.

— Não sei... escrever... trabalhar... recomeçar... ser mais esperta... Eu tinha muito a aprender quando saí do convento. Nunca tinha enfrentado o mundo antes; lá dentro, é um mundo tão irreal tão protegido e seguro. Acho que foi isso que apavorou Joe. Ele não sabia como sobreviver sem isso. Peter, no entanto, não via o suicídio como uma opção. Joe a deixara sozinha para aguentar as consequências e ser culpada pela sua morte. Era uma solução somente para um homem fraco e egoísta, e Peter não o admirava por isso, embora não comentasse a respeito com Gabbie.

— Você precisa de tempo para ficar boa — disse ele, com serenidade —, e não só dos ferimentos, mas de tudo isso. Você já viveu umas dez vidas. — E nenhuma delas fora fácil.

— Escrever me ajuda nesse sentido. Tem feito maravilhas por mim. O professor de que lhe falei me ajudou de verdade. Abriu portas que eu nunca soube existirem, para o meu coração e a minha mente, para os lugares dos quais preciso falar, principalmente nos meus textos.

— Não estou muito certo de que outra pessoa possa fazer isso por você. Acho que todas essas coisas estão dentro de você, Gabbie, e provavelmente sempre estiveram. Talvez ele só tenha lhe mostrado onde estava a chave.

— Talvez — disse ela.

Alguns minutos depois, uma das enfermeiras chegou. Tinha havido um acidente de automóvel com uma criança de quatro anos, sem cinto de segurança.

— Ai, meu Deus, odeio quando isso acontece — afirmou ele, olhando-a, ansioso. Gostaria de ficar ali conversando com ela para sempre. Saiu do quarto, dizendo que voltaria pela manhã.

Depois que ele saiu, Gabbie ficou deitada, pensando nele, surpresa com as coisas que tinha lhe contado. Agora ele sabia de tudo. E tinha sido tão fácil contar-lhe.

Mais tarde, naquela mesma noite, passando pelo quarto dela, ele deu uma espiada e viu que ela dormia profundamente. Ficou ali parado, olhando para ela, por muito tempo, e então voltou para o depósito a fim de se deitar na maca. Mas as coisas que ela lhe contara impediam-no de dormir. Ele se perguntava como um ser humano podia suportar tanta dor e decepção, e por que coisas assim tinham de acontecer. Era uma pergunta que ela se fazia com frequência e para a qual nenhum dos dois tinha resposta.

CAPÍTULO 24

As semanas de seu restabelecimento pareceram longas para ambos, mas o tempo que passavam conversando era agradável tanto para Gabbie quanto para Peter. Ela precisava fazer fisioterapia no braço, e as costelas levaram muito tempo para se recuperar, assim como alguns dos ferimentos na cabeça. Mas, ao fim de quatro semanas, ele já não tinha desculpas para mantê-la no hospital. Estava praticamente recuperada. E, em sua última manhã no hospital, Peter veio vê-la, trazendo flores, e lhe disse o quanto sentiria a sua falta. Na verdade, vinha querendo perguntar-lhe uma coisa, mas precisaria de muito tempo para criar coragem. Nunca tinha feito uma coisa assim antes, e era estranho para ele, enquanto Gabbie estava internada, pois era um de seus pacientes. Uma vez tendo alta, porém, não havia restrições que o impedissem de vê-la.

— Eu estava pensando — começou ele, sem jeito, sentindo-se de repente muito jovem e idiota —, o que você acharia de... se você... se nós saíssemos para jantar um dia... ou para almoçar... ou para tomar um café... — O apartamento dele não ficava muito longe da pensão dela, depois da Rua 80, ao leste.

— Gostaria muito — disse ela, com reservas. No entanto, vinha pensando muito nesses últimos dias, e havia uma coisa que sabia que precisava fazer primeiro, para o seu próprio bem. Quando viu que ele estava perturbado pela sua hesitação, tentou falar sobre o assunto. — Vou tentar encontrar meus pais.

— Por quê? — Depois de tudo que lhe contara, não queria que ela fosse vê-los, e sentiu uma necessidade premente de protegê-la deles. Gabbie era muito mais bonita do que ele imaginara a princípio, mas também muito mais delicada e, em alguns aspectos, muito frágil. Havia nela uma força que a sustentava e ao mesmo tempo uma vulnerabilidade que o levava a temer por ela. — Tem certeza de que é uma boa ideia? — perguntou ele, parecendo preocupado.

— Talvez não. — Ela sorriu, com muita coragem, muito mais do que ele achava que seria prudente.

Mas isso era parte do que Peter gostava nela. Gabbie estava disposta a fazer valer os seus direitos, a manter-se firme naquilo em que acreditava. Até ali, porém, essa sua atitude lhe custara vários golpes que quase a tinham matado. Peter sabia melhor do que ninguém que ela precisava de alguém para protegê-la. Suspeitava que soubesse disso melhor do que ela própria. Ele era doze anos mais velho do que ela, tinha experiência do mundo, e agora compreendia o que ela precisava. E desejava saber se seria capaz de lhe dar isso. Ele também cometera erros na vida, e fracassara no seu casamento, mas aprendera muito com isso e queria ser uma pessoa melhor do que antes, por causa de Gabbie.

— Mas eu sei que tenho de fazer isso, Peter — explicou ela, referindo-se ao seu desejo de rever os pais. — Se não fizer, se nunca conseguir deles as respostas, uma parte de mim vai estar sempre faltando.

— Talvez você já tenha essas respostas, Gabbie. Talvez elas estejam dentro de você e não com eles. — Também não tinha certeza disso, mas não queria que voltassem a magoá-la. Aquilo tudo agora ficara para trás, e Gabbie tinha muito por que viver. Mas ela sabia disso. Ele também passara a significar muito para ela. E desejava dedicar-se inteiramente a ele, sem ter uma metade sua vivendo no passado, perguntando-se por que os pais nunca a tinham amado.

— Preciso fazer isso. — Resolvera telefonar para madre Gregoria e ver que informações esta estaria disposta a lhe dar. Gabbie, porém, sabia que até mesmo isso seria doloroso. Se a freira se recusasse a atender a seu telefonema, então lembraria novamente o quanto havia perdido ao deixar o convento. Elas nunca mais tinham se falado desde o dia em que aquela porta se fechara às suas costas, e Gabriella sabia que não deveria telefonar-lhe. Mas agora sentia que tinha de fazê-lo e pensou que madre Gregoria iria compreender.

Peter planejava ficar no plantão pelos próximos dois dias, e estava preocupado com ela. Disse-lhe que telefonaria naquela noite. Quando

ligou, ela ficou feliz em falar com ele. Admitiu que estava se sentindo cansada e que subir a escada até o seu quarto tinha sido difícil.

Percebeu, ao entrar, que o quarto parecia repleto de lembranças de Steve e que não desejava ficar ali. Algumas coisas haviam mudado nesse último mês. O quarto do professor fora alugado e os livros que ele deixara para Gabbie estavam guardados em caixas no porão. O quarto de Steve também já estava alugado. Ela contou que a sra. Boslicki tinha sido muito boa com ela e que levava o jantar em seu quarto. Ele odiava imaginar Gabbie lá e, de repente, tudo que queria era estar com ela.

Depois da facilidade de vê-la todos os dias no hospital, parecia tão estranho agora ficar longe dela. Mas Gabbie mantinha uma certa distância entre os dois. Queria ir em busca de seu passado, e ainda não estava pronta para o futuro.

Gabbie acordou várias vezes durante aquela noite, pensando, ansiosa, nos telefonemas que precisava dar. Ao acordar no dia seguinte, ligou para madre Gregoria. Quando pediu para falar com ela e deu o seu nome, teve medo de que lhe dissessem que a madre superiora não poderia falar com ela. Houve uma longa espera, e Gabbie ficou pensando que não se lembrava da voz da freira que atendera ao telefone. E, então, finalmente, esta disse que iria transferir a ligação. Uma breve campainha se fez soar, e de repente Gabriella a ouviu. Seus olhos encheram-se de lágrimas no momento em que ouviu aquela voz que amava e de que sentira falta por tantos meses.

— Você está bem, Gabbie? — Madre Gregoria lera a notícia no jornal e precisara de toda a sua força para respeitar seus votos de obediência e não telefonar para Gabbie. No entanto, ligara para o hospital até que lhe confirmassem que Gabriella saíra do coma.

— Estou bem, madre. Um pouco machucada e com escoriações, mas já estou acostumada — disse ela, suavemente, mas ambas sabiam que dessa vez tinha sido muito pior.

Então Gabriella explicou por que estava telefonando. Queria saber os últimos endereços que madre Gregoria tinha de seus pais. A madre superiora hesitou por um longo momento; sabia que não deveria dar-lhe os endereços, de acordo com a instrução da mãe de Gabriella. Mas

fazia cinco anos agora que não tinham notícia da mulher, e, no fundo, madre Gregoria não via mal algum no pedido da jovem. Talvez fosse bom para Gabbie entrar em contato com a mãe . Entendia perfeitamente por que Gabriella queria fazer isso. E então lhe deu o último endereço da mãe em San Francisco, de cinco anos atrás, e um endereço ali perto do convento, do pai.

— Em Nova York? — Gabbie parecia perplexa. — Ele está aqui? Eu nunca soube disso.

— Ele só ficou em Boston por alguns meses, Gabbie. Ele sempre esteve aqui.

— Então por que não foi me ver?

— Não sei a resposta a essa pergunta — disse a velha freira, gentilmente, embora tivesse suas desconfianças.

— Alguma vez ele telefonou para a senhora?

— Nunca. Mas sua mãe me deu o endereço dele para o caso de eu um dia precisar, se alguma coisa acontecesse a ela. Mas nós nunca precisamos procurá-lo.

— Ele nunca deve ter sabido onde eu estava. — Agora, em retrospecto, isso parecia terrível. Ele estivera a apenas algumas quadras de Gabbie, e ela o tempo inteiro pensando que ele estivesse em Boston.

— Você mesma pode lhe dizer isso agora. — Madre Gregoria fornecera — lhe o endereço do escritório e o de casa, assim como os respectivos números de telefone, embora aquelas informações tivessem mais de doze anos. Pelo menos, era um começo. Telefonaria para ele o mais rápido possível, e torcia para que alguém num daqueles números soubesse onde o encontrar agora.

— Obrigada, madre — disse Gabriella com brandura, e então acrescentou, com cautela: — Tenho sentido muito a sua falta. Tantas coisas haviam lhe acontecido.

— Rezamos sempre por você. — E então ela sorriu, orgulhosa. — Li sua história na The New Yorker. É maravilhosa. — Gabbie, então, contou sobre o professor e o dinheiro que ele lhe deixara, o quanto ele fora bom para ela. E a madre superiora fechou os olhos, enquanto ouvia,

regozijando-se com a voz que ela tanto amara, da criança a quem quisera tanto bem, agradecida por ao menos uma pessoa ter sido generosa com ela depois de sua saída do convento, onde ainda era proibido pronunciar seu nome.

— Posso escrever para a senhora contando o que aconteceu com meus pais? — perguntou Gabbie, hesitante, e fez-se uma pausa triste antes que a madre respondesse.

— Não, minha criança. Nenhuma de nós pode fazer isso. Deus a abençoe, Gabbie.

— Eu amo a senhora, madre... Sempre vou amar... - afirmou Gabbie, engasgando-se com um soluço.

— Cuide-se bem — sussurrou madre Gregoria, incapaz de dizer qualquer outra coisa, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela parecia mais velha do que há um ano. A perda custara-lhe muito.

Gabbie tinha a intenção de lhe contar sobre Peter, mas não teve coragem. Ainda havia muito pouco para dizer. Talvez ele a esquecesse, agora que ela deixara o hospital, ou pensasse melhor, ou talvez ele só conversasse com ela pela facilidade, por ela estar ali, perto dele. Gabbie aprendera que não podia confiar em que nenhum homem não fosse magoá-la ou abandoná-la.

— Deus a abençoe, minha criança — tornou a dizer madre Gregoria, e ambas estavam chorando quando desligaram. Gabbie não tinha a menor ideia se um dia voltaria a falar com ela. Era insuportável pensar que nunca mais voltaria a ouvir a voz da madre superiora, mas sabia que era mais do que provável que isso acontecesse.

Gabriella esperou alguns minutos para que sua respiração voltasse ao normal e discou o número do escritório fornecido por madre Gregoria. Não queria esperar até ele chegar em casa àquela noite para telefonar. Sabia que o número era antigo, de treze ou quatorze anos atrás, e que ele poderia não trabalhar mais lá. No entanto, quando ela pediu para falar com John Harrison, pareceu-lhe que sabiam de quem estava falando. Pediram-lhe que aguardasse e, sem muita demora, ele atendeu.

— Gabriella? — disse ele de um só fôlego, parecendo bastante surpreso. Mas sua voz era exatamente como Gabbie se lembrava, e tudo em que pôde pensar foi na imagem que ainda tinha do pai, de quando achava que ele se parecia com o Príncipe Encantado.

— Papai? — Sentiu-se com se tivesse outra vez nove anos, ou bem menos.

— Onde você está? — Parecia preocupado.

— Aqui em Nova York. Acabei de conseguir o seu número, depois de todos estes anos. Pensei que estivesse em Boston.

— Voltei há treze anos — disse ele, de modo casual, e Gabbie não podia sequer imaginar o que ele estava sentindo. Provavelmente o mesmo que ela. Era-lhe inconcebível que não fosse assim.

— Mamãe me deixou num convento — falou ela, de repente, ainda se sentindo como uma criança, querendo explicar onde estivera durante a ausência do pai.

— Eu sei — replicou ele, parecendo tranquilo. — Ela me contou. Escreveu para mim de San Francisco.

— Quando? — Gabriella agora estava confusa. Então ele sabia? Por que não telefonara ou fora vê-la? O que poderia tê-lo impedido de ligar para ela?

— Ela escreveu para mim assim que chegou lá. Nunca mais tive notícias dela. Mas queria que eu soubesse onde deixara você. Creio que ela se casou outra vez — disse ele, calmamente.

— Você sabia há treze anos? — Gabriella parecia confusa, e o que ele disse em seguida não lhe ofereceu a resposta que ela desejava.

— A vida segue em frente, Gabriella. As coisas mudam. As pessoas mudam. Aqueles foram tempos difíceis para mim — replicou ele, como se esperasse que a filha entendesse. Mas aqueles tempos tinham sido ainda mais difíceis para Gabbie. Mais difíceis do que ele queria saber, considerar ou dar importância.

— Quando posso vê-lo? — perguntou ela, bruscamente.

— Eu... — Ele não esperava que ela lhe pedisse aquilo e perguntou-se se seria dinheiro o que ela queria. John não tivera uma carreira brilhante, mas fora moderadamente bem-sucedido na área de investimentos bancários. — Tem certeza de que essa é uma boa ideia? — Sua voz soava insegura.

— Eu gostaria muito — afirmou ela, muito nervosa.

Ele não ficara tão entusiasmado ao receber notícias suas como ela esperara. No entanto, quatorze anos era muito tempo para não se ver uma pessoa, e ela não o avisara de que iria telefonar. Gabriella ponderou se não teria sido melhor entrar de repente no escritório dele e fazer-lhe uma surpresa.

— Posso ir hoje? — Ainda tinha um pouco da exuberância da infância e, desde o momento em que ouvira a voz do pai, sentia-se como se tivesse a idade da última vez em que o tinha visto. De repente, era difícil lembrar-se de que se tornara adulta.

Novamente ele hesitou e, do outro lado da linha, John mostrava uma expressão sofrida. Não tinha a menor ideia do que dizer a ela. Então, ela acabou conseguindo o que queria.

— Por que não me encontra no escritório hoje à tarde? — Ele queria acabar com aquilo de uma vez por todas. Seria um encontro doloroso para ambos. Não tinha sentido adiá-lo ainda mais. — Às três horas está bom?

— Estarei aí. — Ela estava radiante ao pousar o fone no gancho. Gabriella passou a tarde com os nervos à flor da pele, pensando nele, imaginando que aparência teria, o que diria, como explicaria tudo que tinha acontecido. Precisava perguntar isso a ele. Sabia que era culpa da mãe, mas queria ouvir dele agora por que tudo tinha acontecido, e por que ele a deixara.

Gabriella vestiu seu melhor terninho de linho azul-marinho, que às vezes usava para ir ao trabalho, e deu-se ao luxo de ir de táxi até a esquina da Park Avenue com a Rua 53, onde ficava o escritório dele. Tratava-se de um edifício comercial de aparência notável, e quando ela

subiu, viu-se num escritório impressionante. Ele trabalhava para uma firma pequena, mas de excelente reputação.

A secretária informou que ele estava à sua espera, e, exatamente às 15:01, Gabriella foi conduzida por um corredor comprido, até uma sala de canto, com um amplo sorriso no rosto. Estava tão feliz por revê-lo que mal podia se segurar e, por mais nervosa que estivesse, sabia que seus terrores se dispersariam no instante em que o visse.

A porta foi aberta muito devagar pela secretária, que então deu um passo para o lado, enquanto Gabriella entrava numa sala com uma linda vista. Ali de pé, por trás da mesa, ela o viu. A princípio, pensou que ele não mudara nada, que estava bonito como sempre, mas quando olhou com mais atenção, viu que havia algumas rugas no seu rosto e alguns fios de cabelo grisalhos. Podia calcular facilmente que ele acabara de completar cinquenta anos.

— Olá, Gabriella — disse ele, olhando-a intensamente, surpreso ao ver o quanto estava bonita e graciosa. No entanto, não se parecia em nada com a mãe ; puxara mais a ele. Tinha a mesma beleza loura, e os olhos, a cor exata dos seus. E, enquanto a olhava, não fez qualquer movimento para aproximar-se dela. — Sente-se convidou ele, pouco à vontade, apontando uma cadeira do outro lado da mesa.

Estava louca para dar a volta à mesa e tocá-lo, abraçá-lo e beijá-lo, mas o ambiente de repente pareceu-lhe muito intimidador. Então se sentou na cadeira que ele indicava, deduzindo que o pai viria beijá-la mais tarde, depois que houvessem se colocado a par da vida um do outro, e ele a conhecesse um pouco melhor.

Gabbie viu que havia fotografias de crianças sobre a mesa, quatro, ao todo, todas em molduras de prata: duas moças que pareciam ter sua idade, talvez um pouco mais velhas, e dois meninos bem mais novos, que obviamente ainda eram crianças. As fotos pareciam recentes. E via-se uma fotografia maior de uma mulher com um vestido vermelho, parecendo um pouco severa e não muito feliz. Gabriella percebeu imediatamente que não havia fotografias suas quando criança, mas isso era compreensível, pois, pelo que podia se lembrar, eles nunca tinham tirado fotos suas.

— Como tem passado? — perguntou ele, formalmente, parecendo um pouco aflito, e ela imaginou que devia estar se sentindo culpado. Afinal, ele as abandonara. Tinha de ser difícil para ele, ou pelo menos assim ela imaginava, e então não conseguiu conter o impulso de perguntar:

— Esses são seus filhos, papai?

Ele assentiu com a cabeça, em resposta.

— As duas moças são filhas de Barbara, os meninos são nossos filhos. Jeffrey e Winston. Estão com doze e nove anos agora. — E então olhou para ela, ansioso por acabar logo com aquilo e ir direto ao motivo da sua visita. — Por que veio aqui?

— Eu queria vê-lo. Não sabia que estava aqui em Nova York. — Ele estivera o tempo todo tão perto, com uma família, levando sua vida totalmente à parte da filha. Sem outros esclarecimentos, esse era um fato doloroso.

— Barbara não gostou de Boston — disse ele, como se isso servisse de explicação. Mas, na verdade, para Gabriella, não explicava nada.

— Se você sabia que eu estava lá, por que não foi me ver no convento? — No momento em que fez a pergunta, viu no rosto dele uma expressão de que se lembrava da infância, uma expressão indefesa, encurralada, que dizia que ele não se sentia em condições de enfrentar a situação. Diversas vezes ele havia exibido aquela mesma expressão, vendo-a ser espancada, parado à porta.

— Qual o sentido de ir visitá-la? — indagou ele, penosamente. — Todos nós tínhamos péssimas lembranças de meu casamento com sua mãe. Tenho certeza de que você também. Achei que seria melhor se fechássemos aquela porta e tentássemos esquecer tudo. — Mas como ele podia esquecer a própria filha? — Ela era uma mulher muito doente. — E, em seguida, acrescentou um comentário que a deixou verdadeiramente chocada: — Sempre pensei que ela acabaria matando você. — Sua voz saiu engasgada.

Antes que pudesse evitar, Gabbie lhe fez uma das perguntas cuja resposta esperara toda a sua vida.

— Por que você não impedia que ela fizesse aquilo? — Gabriella prendeu a respiração, aguardando a resposta. Era importante para ela saber isso.

— Eu não poderia tê-la impedido. De que maneira? — Força, ameaças, separação, divórcio, a polícia, eram muitas as opções. — O que eu poderia fazer? Se eu a criticasse pelo que ela fazia com você, ela seria ainda pior para nós dois; para você, principalmente. Tudo que eu podia fazer era ir embora e começar uma vida nova em algum lugar. Era a única solução para mim. E quanto a mim?, queria gritar para ele. Que vida nova havia para mim?

— Achei que você ficaria melhor com as freiras. E sua mãe nunca teria me deixado Ficar com você.

— Você perguntou isso a ela, depois que me deixou lá? — Gabriella queria saber de tudo. Eram essas as respostas que precisava obter dele. Eram a chave para uma nova vida agora.

— Não, não perguntei — respondeu ele com honestidade. Barbara teria recusado. Você fazia parte de outra vida, Gabriella. Seu lugar não era conosco. — E, em seguida, ele desferiu o golpe final: — E continua não sendo. Nossas vidas tomaram rumos separados há anos, é tarde demais para retomar agora. E, se Barbara soubesse que eu a vi hoje, ficaria furiosa comigo. Veria isso como uma traição aos nossos filhos.

Gabriella estava horrorizada diante do que o pai estava dizendo. Ele não a queria, nunca quisera, e simplesmente a havia abandonado, deixando-a à mercê de seu próprio destino.

— Mas e quanto às filhas dela? Elas não moravam com vocês?

— É claro, mas isso era diferente.

— Diferente em quê?

— São filhas dela. Naquela época você era para mim uma recordação ruim, um lembrete de um pesadelo do qual eu queria escapar. Eu não podia levá-la junto comigo. Assim como não posso agora. Gabriella, nossas vidas estão separadas há muitos anos. Já não

temos nada a ver um com o outro. — Mas ele tinha dois filhos, duas enteadas e uma mulher. Ela não tinha ninguém.

— Como pode dizer isso? — Havia lágrimas em seus olhos, mas Gabriella se recusava a deixá-las vencerem-na.

— Porque é verdade. Para nós dois. Todas as vezes em que você me olhasse, lembraria da dor que lhe infligimos, das vezes em que fui incapaz de ajudá-la. Com o tempo, viria a me odiar por isso. Isso já estava começando a acontecer. Ele não era nada daquilo que ela sonhara. Tinha sido fraco no passado e ainda o era. Não tinha a coragem de ser seu pai.

— Como é que você pôde sequer me telefonar em todos esses anos? — indagou ela agora, à beira das lágrimas. Mas já não lhe importava o que ele pensasse dela. Era um homem indiferente e cruel, e a havia decepcionado por completo. Não sentia absolutamente nenhum amor por ela e não tinha nada a oferecer a ninguém. Era egoísta e fraco. E, da mesma forma como fora dominado pela mãe de Gabriella anos atrás, agora era dominado por uma mulher chamada Barbara.

— O que eu tinha para lhe dizer, Gabriella? — Ele a fitou, do outro lado da mesa, exasperado. Estava claro para ela que o pai não a queria ali. — Eu não tinha vontade de vê-la. — Era simples assim. Ele não tinha nada no coração para lhe dar, possivelmente a ninguém, nem mesmo àqueles meninos bonitos nas fotografias. Gabriella sentiu pena de todos eles e, principalmente, do seu pai, por tudo que ele não era. Não era nem mesmo uma pessoa. Estava mais para uma figura de papelão.

— Você algum dia me amou? Algum de vocês? — perguntou ela, engasgando com um soluço.

Ele achou aquela demonstração de sentimentos detestável. Parecia agoniado com aquilo, e Gabriella sabia que ele gostaria que ela desaparecesse. Mas não estava preocupada com isso. Estava fazendo aquilo por si mesma, não por ele. O que tinha acabado de saber era tudo que ela precisava levar para o seu futuro. Ele não respondeu, e ela o fitou com olhos que não davam trégua.

— Eu lhe fiz uma pergunta.

— Eu não sei o que sentia naquela época. É claro que devia amá-la. Você era uma criança.

— Mas não me amava o suficiente para me querer ao seu lado pelo resto da vida. Tudo que eu tinha eram nove anos. Por quê?

— Porque foi tudo um fracasso. Mais do que isso: foi um desastre. E você era um símbolo desse desastre.

— Eu fui uma vítima dele.

— Isso foi uma infelicidade — disse ele, com tristeza, admitindo tacitamente. — Fomos todos vítimas.

— Mas vocês nunca foram parar no hospital, eu sim. — Agora ela estava implacável em sua busca da verdade. Por mais doloroso que fosse, sentia-se satisfeita por ter vindo.

— Eu sabia que você iria nos odiar por isso. Eu disse isso a ela. Sua mãe não tinha nenhum controle sobre si mesma.

— Por que ela me odiava tanto? — E por que você me amava tão pouco?, foi a pergunta que ela não fez. Agora, porém, sabia que ele não tinha capacidade para isso e, provavelmente, nunca teria.

Ele suspirou e afundou na cadeira de couro, parecendo exausto.

— Tinha ciúmes de você. Sempre teve. Desde o instante em que você nasceu. Não creio que ela tivesse vocação para ser mãe. Não fazia a menor ideia disso quando me casei com ela. Creio que devesse ter suspeitado.— E ele não tinha vocação para ser pai, independente do número de fotos que houvesse sobre sua mesa. Então, olhou para ela, ansioso para pôr fim àquele encontro. — Isso é tudo, Gabriella? Respondi a todas as suas perguntas?

— Quase todas — replicou ela, triste, embora se desse conta nesse momento de que algumas jamais teriam resposta. Ele simplesmente não tinha as qualidades necessárias para ser pai. Era uma pessoa ainda pior do que ela havia imaginado. Mas, talvez, no íntimo, Gabriella tivesse sempre sabido disso e nunca tivesse querido enfrentar a realidade.

Talvez, como sugerira Peter, as respostas estivessem dentro dela. Seu pai então se levantou e a fitou. Ele não deu a volta à mesa, vindo até ela, como a princípio ela pensara que faria. Não se aproximou e a abraçou ou tentou tocá-la. Manteve-se o mais distante possível e, mesmo de posse do que agora sabia, isso ainda a magoava.

— Obrigado pela visita — disse ele, indicando que o encontro havia chegado ao fim. Apertou um botão na mesa, e a secretária tornou a aparecer e ficou ali, segurando a porta aberta para Gabbie.

— Obrigada — replicou Gabriella. Dessa vez ela não o chamou de "papai" nem tentou beijá-lo. Não havia sentido nisso. Se o homem do qual se lembrava tinha sido ruim, esse era ainda pior. E o que quer que ele fosse, ou que tivesse sido para ela no passado, aquele não era mais o seu pai. Tinha desistido desse papel fazia quatorze anos, abdicando dele por completo. Isso estava totalmente claro agora. O pai que ela conhecera, tal como ele era, tinha morrido no dia em que as abandonara.

Ela parou no vão da porta por um último momento e o olhou, querendo lembrar-se dele, e então deu meia-volta e se foi, sem lhe dirigir outra palavra. Não havia mais nada a dizer. Estava tudo definitivamente acabado.

E tão logo a secretária tornou a fechar a porta, ele deu a volta à mesa, com uma expressão agoniada. Era como olhar através de uma janela e ver o passado, lembrar-se de todo aquele sofrimento. Era uma moça bonita, mas ele nada sentia por ela. Havia fechado aquela porta muito tempo atrás e não tinha como reabri-la. Ele sempre soubera disso. E tentando não pensar mais nela, e na expressão daqueles olhos que o queimavam como carvões em brasa, ele abriu o armário, serviu-se uma dose reforçada de Martini e ficou olhando pela janela, enquanto bebia.

CAPÍTULO 25

Quando Gabriella saiu do escritório do pai naquela tarde, seguiu imediatamente para a loja de uma companhia de aviação na Quinta Avenida e comprou uma passagem para San Francisco. Ao comprá-la, ainda estava pensando no encontro com o pai. Nada havia transcorrido como ela esperara. Por um lado, sentia-se triste; por outro, aliviada. Percebia agora que o que tinha acontecido não fora culpa dela, por ela ter sido má, mas sim por falha deles. Aquilo não se devia ao que ela era na ocasião, mas a quem eles não eram. E Gabbie estava apenas começando a compreender isso.

Seu pai era um homem tão vazio, tão frio, tão covarde, tão incapaz de enfrentar a realidade ou as emoções sinceras. Ainda se sentia perplexa por ele não tê-la tocado uma só vez durante todo o tempo que ficara em seu escritório, e sabia que ele teria recuado se ela tentasse fazê-lo. Não a queria em sua vida; e era assim fazia anos. Na cabeça dele, ela ainda tinha uma ligação muito estreita com a mãe. Mas pelo menos agora Gabriella compreendia uma coisa sobre ele. Quando a abandonara, ele não a tinha privado de algo que como pai tinha para lhe dar. A verdade é que ele nunca tivera coisa alguma a lhe oferecer; talvez nem mesmo à sua mãe. E ele também tinha razão sobre um fato: era tarde demais agora. Por mais que tivesse ansiado por ele durante todos aqueles anos, e sonhado com ele e dito a si mesma que ele viria em seu socorro se soubesse onde ela estava, Gabriella agora sabia que o tempo todo ele tinha conhecimento de seu destino, mas não se dera ao trabalho de ir vê-la. Ele não a amava nem a queria, não havia como negar esse fato agora.

Doía reconhecer isso, mas, de certa forma, também a libertava. Era quase como se o pai tivesse morrido havia quatorze anos, e só agora ela pudesse dar descanso ao seu corpo. Durante todos aqueles anos, ele estivera apenas desaparecido e agora ela tinha um corpo para enterrar. Ainda podia visualizá-lo, observando-a sair de seu escritório. E quando voltou à pensão, Gabriella soube que Peter tinha telefonado para ela do

hospital. Ela ligou, pediu que o chamassem e lhe contou sobre o encontro.

— Está se sentindo melhor agora? — perguntou ele, parecendo preocupado.

— Pode-se dizer que sim — respondeu ela, com franqueza.

Ainda lhe doía o fato de o pai não ter querido nem abraçá-la ou beijá-la. Mas afinal ele fora sempre assim. Ele também não a tocava quando ela era criança, agora Gabbie se lembrava. Ao vê-lo, muitas lembranças voltaram à sua mente, nenhuma delas agradável. A única vez em que se lembrava de ele ter sido terno com ela, ou pelo menos algo próximo disso, foi na noite de sua partida. E provavelmente porque, sabendo o que ia fazer, se sentia culpado.

— Você tinha *razão* numa coisa — disse ela a Peter. — Acho que algumas das respostas que estou procurando estão em mim mesma. Eu só não sabia disso.

Sentiu-se aliviado com aquelas palavras. Estava preocupado com essa odisseia ao passado em que ela havia embarcado. Tinha a suspeita de que seria muito dolorosa para Gabriella, e não o regresso ao lar que ela desejava.

— O que você vai fazer agora? — quis saber ele. Estava sendo solicitado outra vez no hospital e sabia que não podia ficar conversando muito tempo com ela.

— Vou para San Francisco amanhã.

Ele não sabia por que, mas teve a sensação de que deveria ir com ela. Sabia, porém, que ela não aceitaria. Estava determinada a matar seus dragões sozinha, não importando o quanto isso fosse perigoso ou doloroso. E ele a admirava por isso.

— Você vai ficar bem indo até lá sozinha?

— Acho que sim — disse ela, sincera. Ainda se sentia amedrontada diante da perspectiva de ver a mãe. Mas sabia que precisava fazer isso.

Era ela quem tinha as verdadeiras respostas para lhe dar. Principalmente aquela à pergunta final: Por que nunca me amou?

Gabriella sentia-se como uma criança num conto de fadas, procurando respostas debaixo de cogumelos. Alice no País das Maravilhas ou Dorothy, em O mágico de Oz, e foi o que disse a Peter.

— Se esperar mais um pouco, posso ir com você. Tenho alguns dias livres no final da semana, e talvez seja mais fácil para você.

— Preciso fazer isso agora — explicou ela, prometendo telefonar-lhe de San Francisco.

— Cuide-se, Gabbie. — E, então, inesperadamente: — Estou com saudades.

— Eu também — disse ela, suavemente. Era um prelúdio de coisas melhores por vir entre os dois, mas não até que ela resolvesse por completo seu passado. Sabia que, sem aquelas respostas, não teria nada para oferecer a Peter, e ele nunca conseguiria alcançá-la totalmente. O sofrimento de sua infância e da consciência de que não fora amada estaria sempre entre eles. Nunca teria confiança nele e ficaria à espera do dia em que ele a abandonaria, exatamente como os outros. E o terror que ela viveria com essa espera destruiria a ambos, ou pelo menos a ela.

— Ligue para mim quando chegar lá — pediu ele, ansioso, e então teve de desligar para ir ver seus pacientes.

Ela subiu a escada, pensativa, dirigindo-se ao quarto para arrumar a mala, e, como na noite anterior, achou o quarto deprimente. O ambiente estava repleto demais de Steve, de sonhos ruins e terríveis pesadelos. Passou a noite insone, pensando na viagem a San Francisco, mas era muito esforço descer quatro lances de escada para telefonar para Peter, e então ficou lá deitada, esperando amanhecer.

Todos ainda dormiam na pensão quando ela saiu, deixando um bilhete para a sra. Boslicki, informando aonde estava indo. "Vou para San Francisco ver minha mãe." Essas palavras prenunciariam algo agradável, pensou Gabbie, se se tratasse de outra mãe.

O voo para San Francisco transcorreu tranquilamente, e no aeroporto Gabriella embarcou num ônibus para a cidade, levando sua mala com poucos pertences. Surpreendeu-se com o frio que fazia,

embora estivessem em agosto. O dia estava nublado, um vento revigorante soprava, e a temperatura estava decididamente fria, o que todos diziam ser típico de um verão em San Francisco.

Ela parou para comer alguma coisa, em seguida ligou para o número que a mãe lhe dera e então se deu conta do quanto fora tola em não telefonar antes de tomar o avião. E se eles estivessem viajando de férias? Em vez disso, porém, o que ouviu foi uma gravação informando que aquele telefone fora desconectado. Não sabia o que fazer. Tomou um táxi e seguiu para o endereço, mas, quando tocou a campainha, disseram que ali não morava ninguém com aquele nome. A essa altura, Gabriella já estava à beira das lágrimas, e o motorista do táxi sugeriu que parassem numa cabine telefônica e ela ligasse para o serviço de informações.

Tudo que sabia era que o nome do homem com que a mãe se casara havia anos era Frank Waterford. Lembrava-se dele vagamente, como um homem bonito que nunca lhe dirigia a palavra. Mas com certeza agora ele o faria. Resolveu seguir o conselho do taxista, que veio a ser proveitoso. O endereço de Frank Waterford, que constava da lista, era na Avenida 28, numa área que o motorista disse chamar-se Seacliff.

Ela discou o número obtido no serviço de informações. Uma mulher atendeu, mas não era a voz de sua mãe. Ela pediu para falar com a sra. Waterford e foi informada de que eles tinham saído e que às quatro e meia estariam de volta. O que queria dizer que ela só tinha uma hora para esperar. Gabriella debateu consigo mesma se deveria telefonar antes ou simplesmente aparecer lá, e decidiu-se por fim em ir sem se anunciar. Pararam diante da casa exatamente às quatro e meia. Via-se um Bentley prateado parado à entrada. Segurando a mala numa das mãos, Gabriella tocou a campainha com a outra. Era a mesma mala surrada que recebera ao sair do convento. Muito embora seu guarda-roupa houvesse melhorado no último ano, a bagagem não. Essa era a primeira viagem que fazia.

— Pois não? — Uma mulher num suéter de cashmere amarelo abriu a porta.

Ela usava um colar de pérolas e tinha cabelos louros, cuja cor se mantinha graças à "ajuda" da tintura. Parecia ter cinquenta e poucos anos, e recebeu Gabriella com amabilidade. — Posso ajudá-la? — Gabbie parecia uma fugitiva com os cabelos louros embaraçados pelo vento, os olhos azuis imensos e a velha maleta, e parecia ter menos do que os seus vinte e três anos. A mulher que atendera à porta não tinha a menor ideia de quem era Gabriella, quando esta perguntou educadamente pela "sra. Waterford", ficando então perplexa quando a mulher apresentou-se como tal. Então ela viera à casa errada; era óbvio que eram outros os sr. e sra. Waterford que moravam ali. — Sinto muito — disse a mulher, com simpatia, quando Gabriella contou que estava procurando a mãe, no momento em que um homem alto, com um bom físico e cabelos ficando grisalhos, surgiu por trás dela. Aquele era o Frank Waterford de que ela se lembrava, só que treze anos mais velho do que quando o vira pela última vez.

— Algum problema? — Ele aparentava interesse, e então viu a jovem com a maleta parada à porta. Parecia perdida, porém inofensiva.

— Esta jovem está procurando a mãe — explicou amavelmente sua mulher —, e veio parar no endereço errado. Eu estava tentando ajudá-la a resolver o que fazer agora.

— Gabriella? — perguntou ele, franzindo a testa, confuso. Ele a ouvira dizer o nome, e ainda se lembrava deste, embora mal a tivesse visto algumas vezes e ela agora estivesse muito diferente. Tornara-se uma mulher.

— Eu mesma. — Ela assentiu. — Sr. Waterford?

Ele sorriu para ela, então, mais do que surpreso em vê-la.

— Eu gostaria de falar com minha mãe.

O casal Waterford se entreolhou, agora compreendendo.

— Pelo que vejo, ela não mora aqui.

— Não, não mora — disse ele, com cuidado. — Por que não entra um minuto? — Parecia muito mais feliz em vê-la do que seu próprio pai, e parecia bem mais generoso. Convidaram-na a deixar a maleta no chão e segui-los até a sala de estar. Ele ofereceu-lhe alguma coisa para beber,

e ela disse que ficaria satisfeita com um copo d'água, e a mulher loura foi buscá-lo.

— O senhor e minha mãe estão divorciados? — perguntou Gabriella, parecendo um pouco nervosa, e ele hesitou. Mas não havia como esconder a verdade dela e tampouco motivos para isso.

— Não, Gabriella, não nos divorciamos. Sua mãe morreu faz quatro anos. Eu sinto muito. — Por um momento, Gabriella ficou muda pela surpresa.

Então ela se fora, levando com ela todos os seus segredos. Gabbie soube instantaneamente que agora nunca se sentiria livre. — Eu estava certo de que seu pai iria lhe contar. Ele tinha um leve sotaque sulista arrastado, do qual ela agora se lembrava, e ocorreu-lhe que tinha ouvido a mãe dizer que ele vinha do Texas. — Eu mandei uma cópia do obituário para ele, para que soubesse, e imaginei que fosse lhe dizer.

— A situação era confusa para ele até Gabriella explicar tudo.

— Vi meu pai pela primeira vez, depois de quatorze anos, ontem. Ele não me disse nada. Mas eu também não lhe disse que viria aqui.

— Mas você não morava com ele? — Frank Waterford parecia desconcertado. — Ela me disse que tinha aberto mão da sua guarda em favor de seu pai a fim de se casar comigo e que ele nunca mais a deixou ver você. Ela nem colocava fotos suas em lugar algum, dizendo que seria doloroso demais.

Eram pessoas interessantes, seus pais. O que haviam feito com ela não fora por acaso; exigira deles um esforço considerável. Ela deixou escapar um suspiro e então lhe respondeu, pasma diante das mentiras que os pais haviam contado à mulher e ao marido, tudo com o intuito de abandoná-la.

— Não havia fotografias minhas, sr. Waterford, eles nunca as tiraram. E ela me deixou no Convento de São Mateus, em Nova York, quando foi para o Reno. Ela jamais voltou. Nunca mais tive notícias dela. Simplesmente chegava um cheque todos os meses para pagar pela minha hospedagem, e estes cessaram assim que completei dezoito anos. E isso é tudo.

— Ela morreu um ano depois — explicou ele, juntando finalmente as peças daquela história. — Ela sempre me disse que aquele dinheiro era um donativo de caridade, que as freiras daquele convento certa vez tinham sido boas para ela. Nunca tive a menor ideia de que você morava lá. — De repente ele se sentiu como se lhe devesse desculpas, como se tivesse feito parte daquela perfídia, mas Gabriella sabia que não era assim. Fora tudo obra da sua mãe e aquilo era bem próprio dela.

— Como foi que ela morreu?

— De câncer no seio — respondeu ele, olhando para Gabriella. Havia uma tristeza tão grande nos olhos daquela jovem, que ele sentiu vontade de abraçá-la. — Não era uma mulher muito feliz afirmou, diplomaticamente, sem querer ofender a filha ou destruir as ilusões que ela pudesse ter em relação à mãe. — Talvez sentisse saudades suas. Tenho certeza que sim.

— Foi por isso que vim aqui — explicou Gabriella em voz baixa, pousando o copo sobre a mesinha. — Eu tinha algumas perguntas para fazer a ela.

— Talvez eu possa ajudá-la — prontificou-se ele, enquanto sua mulher ouvia com compaixão e interesse.

— Não creio. Eu queria perguntar a ela por que me abandonou e porque... — Gabriella viu-se lutando contra as lágrimas diante daquelas pessoas que eram estranhas para ela e sentiu-se constrangida, mas estavam sendo gentis com ela, e esse era um momento difícil. — Eu queria lhe perguntar por que fez tantas coisas antes de me abandonar.

Ele pôde ver facilmente que as perguntas eram dolorosas e começou a desconfiar que havia mais coisas naquela história do que ele poderia sonhar. Resolveu então ser franco com ela. Agora era tarde demais para agir de outra forma. E sentiu que Gabriella merecia pelo menos isso dele. Era tudo que ele tinha para lhe dar.

— Gabriella, vou lhe dizer toda a verdade. Talvez não goste do que vai ouvir, mas isso pode ajudá-la. Fui casado com sua mãe durante os piores nove anos da minha vida. Estávamos falando em nos divorciar quando ela adoeceu, e eu não achei que fosse certo deixá-la naquelas

circunstâncias. Achei que devia ficar ao seu lado, e foi o que fiz. Mas ela era uma mulher fria, difícil, colérica, maldosa e vingativa, e não creio que houvesse nada de bom nela. Não sei que tipo de mãe ela foi para você, mas eu me arriscaria a dizer que não foi melhor com você do que comigo, e talvez a coisa melhor que tenha feito a você foi deixá-la no São Mateus. Ela era uma mulher detestável. — Ele dizia essas coisas com imparcialidade, e a mulher afagava-lhe a mão, enquanto ele falava.

— Lamento que ela a tenha abandonado — prosseguiu —, mas não posso imaginar que você pudesse ser feliz com ela, mesmo eu estando por perto.

"Quando eu estava saindo com ela em Nova York, ela me proibiu de falar com você, e eu nunca pude compreender. Você era a coisa mais bonitinha que eu tinha visto, e eu adoro crianças. Tenho cinco filhos no Texas, mas, depois que me casei com ela, eles não vinham aqui nem me visitar".

Ela os odiava, e eles também a odiaram até a sua morte, e não sei bem se os culpo por isso. Quando ela morreu, eu também não estava caído de amores por ela. Era uma mulher sem muitas qualidades. Seu obituário foi o mais breve que já vi, pois ninguém conseguia pensar em algo agradável para dizer a seu respeito — falou ele.

E então, revendo o passado, lembrou-se de algo que tinha esquecido.

— Sabe, ainda em Nova York, ela tentou me dizer que você tinha destruído o casamento dela com seu pai. Nunca consegui entender o que ela quis dizer com isso, mas fiquei com a impressão de que ela sentia ciúmes de você e que por isso havia cedido sua guarda ao ex-marido. Ela não a queria por perto, minha querida. Mas eu nunca imaginei por um só segundo que ela a houvesse abandonado. Não teria me casado com ela se soubesse disso. Uma mulher capaz de fazer uma coisa dessas... bem, isso já lhe diz algo sobre ela... Mas sabendo como sua mãe era, acredito que fosse capaz de fazê-lo. É impressionante que durante todos aqueles anos eu nunca tivesse sabido nada a respeito. Simplesmente concluí que era doloroso para ela falar sobre o fato de tê-la deixado com seu pai e então nunca tocávamos no assunto.

Aquela era de fato uma história impressionante. Todos eles tinham se esquecido dela, enterrando-a com o passado, tanto sua mãe quanto seu pai. Ela fora verdadeiramente abandonada por eles. Gabriella então começou a contar aos Waterfords como fora a sua vida, o que a mãe fizera com ela e como o pai deixara tudo aquilo acontecer — as surras, os hospitais, os machucados, o ódio, as acusações. Sua história era longa, e ela levou muito tempo contando, mas, quando chegou ao fim, os três estavam chorando. Frank Waterford segurava-lhe a mão, e a mulher, Jane, a abraçava. Eles eram as pessoas mais bondosas que ela já conhecera, e sabia, sem a menor dúvida, que sua mãe nunca o tinha merecido. Ela simplesmente tivera sorte, e ele pagara um preço alto pelo prazer de sua companhia. Ainda parecia sombrio quando falava sobre ela, mas o mesmo acontecia a Gabbie.

— Eu queria perguntar a ela — disse Gabbie, em meio às lágrimas, sentada ao lado deles — por que nunca me amou. — Para ela, aquela era a chave de tudo. A resposta final. E agora jamais saberia. O que havia nela que os impedia de amá-la? O problema estava nela ou neles? Era como se esperasse que a mãe pedisse desculpas, que implorasse o seu perdão, que lhe dissesse que a amara, mas que nunca soubera demonstrar esse sentimento. Qualquer coisa teria sido melhor do que o ódio violento que Gabriella tinha conhecido nas mãos da mãe e visto em seus olhos durante os dez anos que suportara antes de a mãe abandoná-la. Agora, porém, já não poderia lhe fazer aquela pergunta.

— Há uma resposta muito simples para isso, Gabbie — afirmou Frank, enxugando os olhos. — Ela não era capaz de amar ninguém. Não tinha nada para dar. Lamento falar mal dos mortos, mas ela era podre por dentro, venenosa como uma cobra. Havia alguma coisa errada com ela. Nenhum ser humano pode ser tão rancoroso. Eu sempre pensei que fosse culpa minha.

Durante os primeiros cinco anos do nosso casamento, pensei que o erro estivesse em mim, que eu a houvesse decepcionado de alguma forma, ou que não fosse bom o bastante, que tivesse falhado com ela. E então percebi que não tinha nada a ver comigo. O problema era ela. Foi muito mais fácil depois disso. Eu sentia pena dela, mas ainda assim não era fácil conviver com sua mãe.

"O que ela lhe fez é imperdoável, e você terá de viver com essas cicatrizes pelo resto da vida. Terá de decidir se você tem no coração a capacidade de perdoá-la ou se deseja simplesmente dar-lhe as costas, como ela fez com você, e esquecê-la. Mas, qualquer que seja a sua decisão, precisa saber que o que ela fez não tinha nada a ver com você".

Qualquer outro ser humano no mundo, exceto esses dois de quem você nasceu filha, teriam-na amado. Foi puro azar seu. Você acabou caindo nas mãos de pais desprezíveis. Talvez essa resposta seja simplista demais para você, mas acho que foi isso o que aconteceu. Ela era uma pessoa terrível. Faltava nela uma coisa muito importante, e sempre faltaria. Se estivesse aqui hoje, também não poderia lhe dar as respostas que você procura. Desde o dia em que a conheci, seu coração nunca teve nenhum amor. Era muito bonita e, no começo, às vezes era muito divertida, mas isso não durou muito tempo. Sua mesquinhez veio à tona rapidamente, tão logo nos casamos. E foi assim até o dia de sua morte. Não tinha nada a ver com você, Gabbie. Você estava no lugar errado, na hora errada, na fila errada no céu, no momento em que designavam os pais.

Então era isso?, perguntou-se ela. Simples assim? Mas, ouvindo-o, ela sabia que era verdade, que aquilo tudo não tinha nada a ver com ela, nem agora, nem no passado. Encontrara a resposta. Foi tudo um acidente do destino, uma aberração da natureza, uma colisão entre dois planetas que nunca deveriam ter coexistido lado a lado, e ela, Gabriella, fora atingida pela explosão resultante. Não havia resposta para a pergunta que ela tantas vezes se fizera. Por que a mãe nunca a amara? Eloise Harrison Waterford jamais gostara de pessoa alguma. Não tinha amor para dar, nem mesmo para a própria filha. E Gabbie sentia-se estranhamente em paz agora, enquanto ouvia as palavras de Frank. Sabia que afinal chegara ao fim da estrada, e que agora podia ir para casa. Chegava ao fim de uma odisséia que levava vinte e três anos para completar. Outras pessoas levavam mais tempo. Mas ela tivera coragem suficiente para enfrentar a dela. Tinha querido saber as respostas. E tinha tido a coragem de passar pelas provações que lhe custara chegar ali. O tempo todo eles tinham *razão*, todos eles. Ela era mesmo forte. E

agora também sabia disso. Não podiam mais machucá-la com isso. Gabriella conseguira sobreviver a eles.

Convidaram-na a ficar para o jantar, e ela adorou a companhia dos dois. Pensar que Frank tinha sido seu padrasto durante treze anos e que nunca o conhecera de alguma forma a comovia. E Jane era uma mulher adorável. Era viúva também, e os dois haviam se casado fazia três anos, e era óbvio que se amavam. Jane contou que Frank estava arrasado quando ela o conheceu e, graças a Eloise, começava a odiar as mulheres, mas que ela o havia recuperado. E ele riu com a versão da história contada pela mulher.

— Não acredite numa só dessas palavras, Gabbie. Ela era uma viúva solitária, e eu a salvei, roubando-a bem de baixo do nariz de um rico tolo de Palm Beach. E me casei com ela antes que o homem soubesse o que o tinha atingido — disse ele, com um sorriso largo.

Eles sugeriram que Gabriella passasse a noite ali, mas ela não queria impor a sua presença e disse que se hospedaria num hotel no aeroporto e que voltaria para casa de manhã. Mas os dois queriam que ela ficasse.

Frank disse que lhe devia pelo menos isso por não tê-la tido por perto durante aqueles anos todos. E Gabriella não pôde deixar de pensar o quanto sua vida teria sido diferente se tivesse vivido ali. Mas a mãe estragaria tudo, de qualquer forma, e chegou à conclusão de que provavelmente ele estava certo. A melhor coisa que Eloise tinha feito por ela fora abandoná-la. Aquela acabou sendo a causa de sua salvação; Gabriella não poderia sobreviver aos espancamentos para sempre.

Os Waterford lhe deram um lindo quarto de hóspede, com vista para a baía e para a Golden Gate Bridge, e pela manhã uma empregada lhe serviu o café na cama. Sentiu-se como uma princesa. Resolveu ligar para Peter antes de ir para o aeroporto. Dessa vez, para variar, ele estava de folga e ficou entusiasmado com seu telefonema. Gabriella contou sobre os Waterford, e ele ficou feliz que tudo tivesse corrido tão bem, e também que a mãe dela não estivesse mais lá. Assim como Frank Waterford, tinha certeza de que nada teria mudado e que a mãe encontraria algum meio de magoar Gabbie. Ele não se surpreendeu com

nenhuma das coisas ditas por Frank e sentiu-se muitíssimo aliviado que a sua busca tivesse chegado ao fim. Ela parecia muito tranquila. Disse que voltaria para casa naquela noite, mas, ao ouvi-la, Peter teve uma ideia melhor. Tinha quatro dias de folga, extraordinariamente, e disse que adorava San Francisco.

— Por que não espera e eu vou encontrar você aí? — sugeriu ele. Ela hesitou por um longo instante, incerta sobre o que responder. Esse era só o começo para eles. Mas pelo menos tinha a sensação de que finalmente deixara todos os fantasmas para trás. Por fim, fizera as pazes com eles. Joe, Steve, até mesmo com seus pais. Agora compreendia melhor o que lhe acontecera. Frank tinha razão num certo sentido. Ela não tivera muita sorte na hora de designarem seus pais. Era como se tivesse sido atingida por um raio. E, durante todos aqueles anos, ela acreditara que a culpa era toda sua. Dos espancamentos, da crueldade, do fato de terem-na abandonado, até mesmo de não a terem amado. Ela aceitara, passivamente, a culpa por tudo. E agora percebia que não tinha sido inteiramente responsável nem mesmo pelo que acontecera a Joe. Afinal, ele tomara sua própria decisão.

— O que acha? — tornou a perguntar Peter sobre sua ida até lá, e ela abriu um lento sorriso, enquanto olhava pela janela do quarto de hóspede dos Waterford.

— Acho que é uma boa ideia — respondeu Gabriella, disposta a se permitir aquela chance, pronta para deixá-lo entrar em sua vida. Não sabia o que iria acontecer entre os dois, mas, se fosse algo bom, e certo para eles, parecia possível agora que ela merecesse. Gabriella já não se acreditava amaldiçoada ou destinada a ser castigada por toda a eternidade. Fora por isso que procurara sua mãe, para se aliviar dos fardos com os quais haviam-na condenado a viver, e ela finalmente conseguira. Sua pena perpétua tinha sido suspensa.

— Vou tomar o avião hoje à tarde. Posso encontrá-la em algum lugar e então me hospedo num hotel — disse Peter, entusiasmado. Mas, quando ela contou aos Waterford que Peter ia encontrá-la e que ela iria se transferir para um hotel, o casal insistiu em que ficasse ali com ele.

Eram as pessoas mais gentis e hospitaleiras que Gabriella já havia conhecido e pareciam desejar sinceramente que ela ficasse com eles.

— Quero dar uma olhada nesse meu novo genro antes que você cometa um erro — brincou Frank. Ela lhes contara como tinha conhecido Peter e o que acontecera com Steve Porter, ou qualquer que fosse o seu nome. Os dois ficaram horrorizados com aquela história, mas ansiosos por conhecer Peter.

Depois de ela tomar um táxi para o aeroporto, Frank disse à mulher o quanto lamentava por Gabbie, comentando o inferno que deveria ter sido sua vida quando criança. E ele culpava-se por não ter visto aquilo ou o monstro que fora Eloise. Sentia-se bem agora fazendo o que pudesse para compensar Gabbie de alguma forma. Ficou satisfeito em ver que ela tinha uma cabeça boa. Para ele, era extraordinário que tivesse sobrevivido a tudo por que passara.

— É uma boa menina — disse ele a Jane, que concordou. E enquanto passeavam pelo jardim, admirando a vista de que tanto gostavam, Peter aterrissava no aeroporto.

CAPÍTULO 26

O avião pousou suavemente na pista, enquanto Gabriella observava. Estava contente por vê-lo, mas ainda se sentia um pouco nervosa. Eles haviam conversado tanto no hospital, mas ela não o vira mais desde então, aqui fora, no mundo real. Parecia difícil acreditar que estivesse fora do hospital havia somente três dias. Tantas coisas tinham acontecido, tantos fantasmas finalmente tiveram descanso. E sentia-se tão feliz que ele houvesse ido vê-la. Ela e Peter aceitaram passar o final de semana com os Waterford, e, então, ele tinha de voltar ao hospital e ela queria retornar à livraria. Gabriella estava de pé, um pouco afastada, quando ele desceu do avião, e assim Peter não a viu de imediato. Estava olhando para a frente e abriu um amplo sorriso quando ela de repente deu um passo adiante, surpreendendo-o. Quando ele a olhou, com seus olhos azuis, os cabelos louros brilhantes, sentiu uma vontade irresistível de beijá-la. Mas, em vez disso, passou o braço em torno de seus ombros e os dois começaram a atravessar devagar o aeroporto. Ela falava com desembaraço sobre o que tinha acontecido desde a sua chegada ali, as descobertas que fizera, e seus olhos pareciam felizes como ele nunca os tinha visto antes. Ainda havia neles aquela gravidade que Peter amava, e que primeiro o tinha atraído para ela, mas Gabriella já não parecia tão angustiada. E então, enquanto ouvia o que ela dizia, ele parou e a fitou, sorrindo, feliz em vê-la.

— Senti sua falta. A unidade de traumatologia não é a mesma sem você. — Nada mais era igual sem ela. E ficara aflito desde a partida dela para a Califórnia.

— Também senti a sua falta, Peter. — Ergueu o rosto para ele, sorrindo, vendo-o com os olhos de uma mulher. Olhos sábios, olhos fortes, olhos corajosos, olhos que não tinham medo de vê-lo. — Obrigada por vir até aqui.

— Obrigado por ir parar na unidade de traumatologia — e por recuperar-se, por sobreviver a toda a droga de vida que levava até ali.

Ele estivera à sua espera, havia anos, só não sabia disso. Durante todo aquele tempo nunca houve alguém que ele amasse de verdade, ninguém que fosse perfeito para ele, ninguém que tivesse a coragem de ficar ao seu lado, mas, por algum motivo, sabia que Gabriella era essa pessoa. Ela não tinha medo de nada e, se tivesse, ele estaria sempre ao seu lado, para ajudá-la a superar esse medo. Assim como sabia que ela faria o mesmo por ele. Eram ambos o tipo de pessoa que tinha a coragem de fazer o que fosse preciso, de buscar o que queria, de se prontificar a ajudar o outro. Os dois haviam aprendido isso da maneira mais difícil. A estrada não tinha sido fácil para eles, principalmente para Gabbie. Ela era a verdadeira heroína daquela história; tinha ido até o inferno, voltado e sobrevivido, e agora estava ali, sorrindo para ele, com toda a coragem que ela mesma procurara a vida toda. As sombras agora haviam desaparecido.

Ele segurou-lhe a mão com firmeza e lentamente começaram a se dirigir para a saída. Ele levava a bolsa pendurada no ombro; e ela, a liberdade. Não tinham um lugar especial para ir, e tampouco estavam com pressa de chegar lá. Tinham tempo e uma vida inteira à frente deles, e já não havia fantasmas para assombrá-los. Tudo de que precisavam agora era um do outro e de tempo para desfrutar dessa companhia. E Gabriella não precisava mais procurar respostas. Agora estava livre.

E, já fora do aeroporto, enquanto caminhavam sob o sol de agosto, de mãos dadas, ele baixou os olhos para ela, que lhe sorriu. Tudo parecia tão fácil. A estrada que os levara até ali tinha sido tortuosa e, às vezes, lhes parecera interminável. Agora, porém, olhando a paisagem que se descortinava do topo da montanha, a estrada não parecia assim tão cheia de pedras. Tinha sido muito dura. E muito longa. Mas, onde quer que estivesse agora, Gabriella sabia que chegara em casa.

Fim

Disponibilização do arquivo doc:

